

1871

O FABORDÃO



1871 DE MARÇO
D. GARNIER, FIZELER EDITOR.

LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF ILLINOIS
AT URBANA-CHAMPAIGN

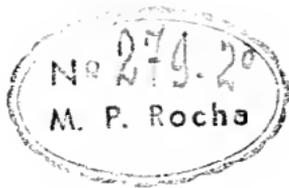
869.9

R356fa

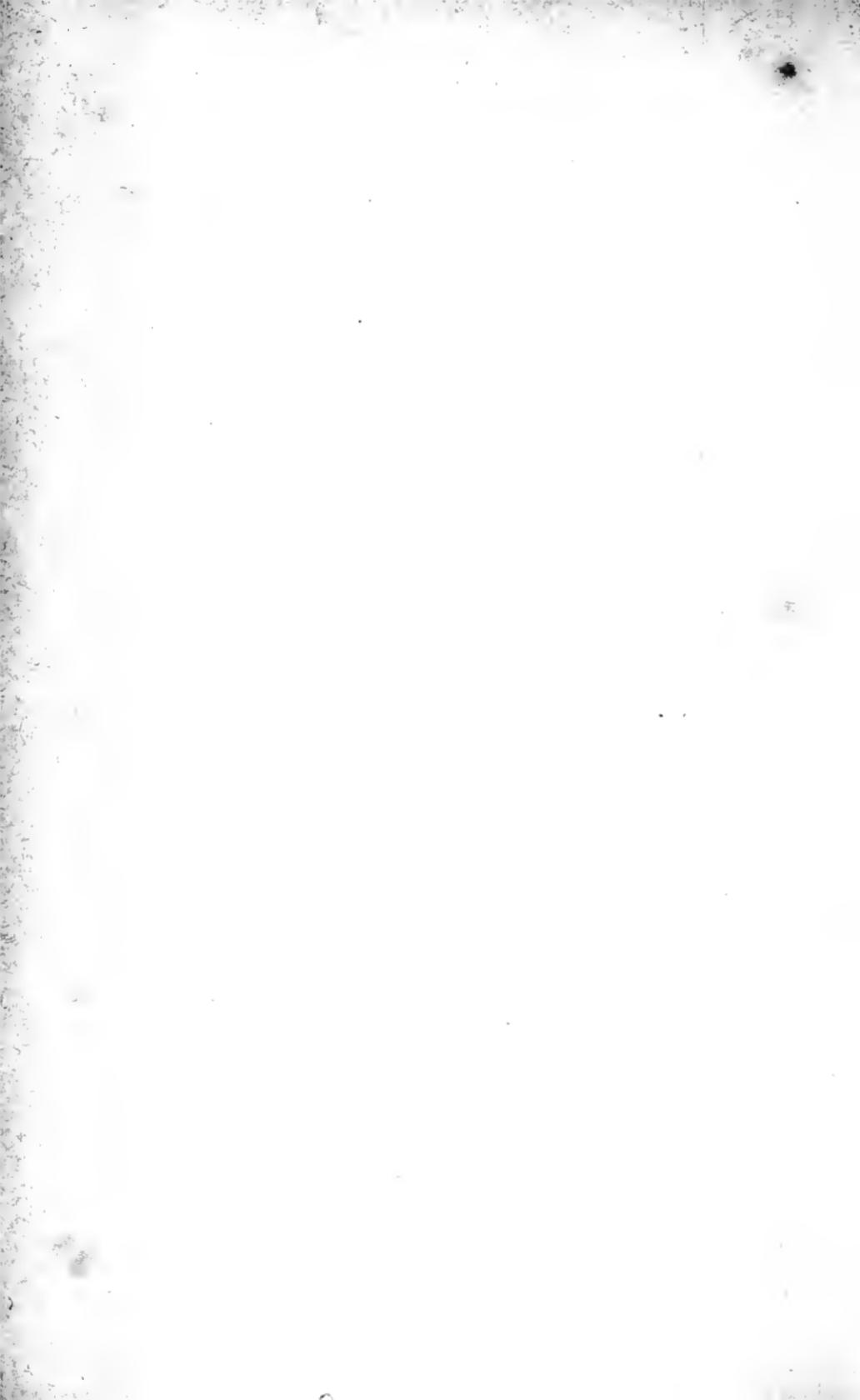
1910







O FABORDÃO



JOÃO RIBEIRO



O FABORDÃO

Cronica de vario assunto



1ª ed. detida

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1910

10

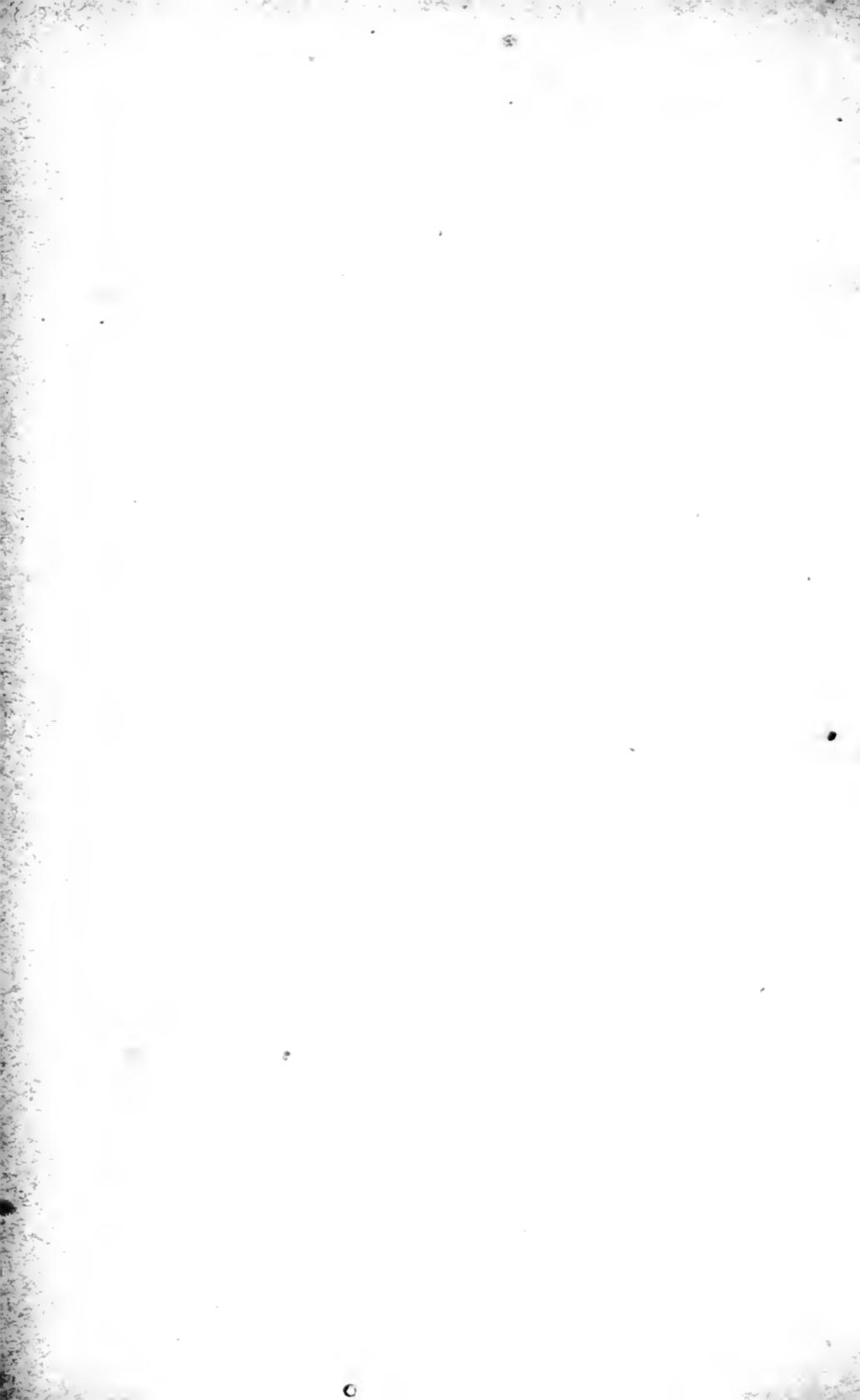
869.9
R356fa
1910

Fabordão é uma serie de pequeninos estudos de bibliografia, *folklore*, filologia, critica documental e outras contribuições menores de vário assunto.

Aparecerá por intervalos incertos e longos, embora trazendo titulo geral diferente, mas esperando sempre os mesmos e poucos leitores que ha de ter agora .



A CIENCIA DA LITERATURA



DARWINISMO E LITERATURA (1)

I

Nenhuma doutrina foi tão universal nem absorveu jamais a ciência das coizas em tamanho grau, como o darwinismo. Coizas e seres que vivem e se perpetuam pelos elos da sucessão ou da prole, acharam n'aquella hipoteze científica a expressão cabal e nitida que lhes explicava o progresso ou o declinio.

As hipotezes antigas explicavam os fenomenos no espaço ; esta, vinha explicar-os no tempo. Era a metafizica da historia.

Doutrina, zoolojica, ao principio, desde logo se generalizou ao mundo vegetal, á cosmogonia dos mundos e á propria sociedade.

O “ *struggle for life* ” o “ *survival of the*

(1) A proposito da uma teoria da literatura dramatica do Prof. Matthews Manly de Chicago e da doutrina alemã do Prof. de Vries, acerca da seleção natural. (*Die Mutations Theorie*).

fittest " a *Evolution* tornaram-se expressões mundiaes que se deparam a cada trivio da complicada cultura de hoje.

É certo que esse despotismo solido e compacto pouco e pouco se foi destramando por alguns dos seus fios mais tenues e fracos. Desde logo se percebeu que a sociedade, a historia, a relijião, a arte não são organismos nem são animaes ou plantas, e que fôra pagar-se de palavras tomar as meras anolojias da vida moral com a fizica como relações exatas e identidades precisas. Simplificar, anelo de toda a hipoteze, não é confundir.

Comtudo, essa facinação, verdade, tramoia ou sofisma, foi sempre irrezistivel : por que dava um aspeto vizual e mais comprehensivo ás coizas do espirito e adaptava-as a desenvolvidos sistemas, a complicadas contruções sociolojicas. Era uma metafora como as outras que geraram a linguaagem e conseguintemente tornaram possivel um curso mais longo do pensamento, da mesma arte que os sinais aritmeticos possibilitaram a inconciencia segura dos longos calculos.

Surjiram assim ás mil teorias darwinicas de segunda mão, a *evolução* da arte, a *evolução* da literatura, a do direito, a da critica, etc., etc., sempre acompanhada da respectiva retorica da *adaptação ao meio*, a *luta pela vida...* com exemplificações faceis e eloquentes.

Sem embargo d'este abuzo notorio, verdade é que já hoje não podemos ter a exata noção de tudo quanto comprehendamos na categoria do

tempo, de tudo que seja suscetível de historia, sem essa hipoteze irrezistível da evolução.

O darwinismo, e foi uma das condições do seu exito, incorporou e reuniu em si um grande numero de verdades ou de idéas comuns antiquissimas. Desde a antiguidade greco-romana a sociedade tem *orgãos* e cada emprego é uma *função* e é coiza corriqueira o pensamento de que as coizas se estragam como se compoem e se formam por um *processo de variações* graduaes. Ninguem ja mais ignorou que o *meio* altera os individuos e que a *adaptação* era uma verdade e até para os proprios que em Roma involuntariamente se faziam romanos.

A hipoteze darwinica não fez mais que dar a formula de equilibrio d'esses fragmentos que já gravitavam com seu antiquissimo ritmo.

Ha pois no darwinismo alguma coiza de superior á mesma verdade : é elle certamente a lojica mesma do espirito, é a nossa perspectiva intelectual do universo. É elle a verdade maxima subjectiva, é a nossa intelligencia mesma.

Mas, compendiando essa intuição, os darwinistas ainda mais estremados que o proprio Darwin, pormenorizaram todos os esconderijos e recantos do universo e com apparencias frustras baldaram por algum tempo a seriedade e o credito da teoria nova.

Eil-o, um dos cazos que por se ter passado nos dominios da literatura aqui relatarei brevemente.

II

Um estéta, professor da Universidade de Chicago, John Matthews Manly, preocupa-se desde algum tempo com a ciencia da literatura, e especialmente com as orijens medievais e a historia do drama na arte moderna. Acreditava elle como toda a gente (e bem o confessava), que as coizas novas deviam surjir das antigas segundo o processo *darwinico*, isto é, por uma longa e *imperceptivel* differenciação ou quazi insensivel serie de modificações das formas anteriores.

Ao cabo de algum tempo, essas modificações em cumulo perfaziam um novo tipo e criavam uma especie nova.

Na pratica, porém, dos seus estudos literarios, lonje de achar a verificação d'essa suposta lei de acumulação produtiva, ao contrario topava sempre com criações subitaneas e inexplicaveis.

Variações, sim, elle as notava sempre e numerosas como botanicos e zoologos tambem o conhecem, mas todas improdutivas, de curta elasticidade sempre retornantes, e incapazes de gerar uma especie distinta.

Estudando as formas modernas do drama desde os primordios da idade media, teve a ocazião de observar que as formas *não dramaticas* variavam sempre extensa, futil, e esterilmente sem produzir o drama que surjiu de repente :

There was (diz elle) a large amount of variation of non-dramatic form which however wide the variation never resulted in drama; and then with absolute suddenness came the drama, created at one moment, created without any reference to the futile variations that had preceded. »

É preciso talvez aqui explicar que o drama moderno não teve orijsens classicas greco-latinas, foi criação popular alheia á erudição que só retor-nou com a renacença.

Principiou na idade media e foi por assim dizer amamentado pela igreja na variedade primitiva dos seus ritos. Do ritual cristão é que naceram as formas dramaticas.

Os tipos do genero dramatico na idade media são muito definidos e claros : houve a principio o *Misterio*, a representação do *Milagre* e a *Moralidade*. Podemos assinalar com aproximação razoavel as epochas d'essas formações *respectivè* nos seculos IX, XI-XII e XV, e esses tipos vieram até o lumiar da idade moderna. Qualquer estudante da historia da lingua conhece estas especies.

As formas primitivas derivavam de *tropos*, como assim lhe chamavam, isto é, interpolações muzicaes ou literarias sempre autorizadas na liturgia e que tinham o tipo do dialogo e contribuiam para a beleza do culto; ainda hoje um d'esses *tropos* dialogais é de uzo na igreja no domingo de Ramos.

Parece certo que veiu dos ritos da missa oriental. Uma das inserções e antifonas mais singular, era esta, cantada alternadamente por dois coros :

Int (errogatio). Quem quæritis in sepulchro, ó christicolæ ?

R (esponsio). Jesum Nazarenum crucifixum, ó cælicolæ !

— Non est hic ; surrexit, etc.

Foram medrando essas inserções ou *tropos* liturgicos até que em fim ao *Quæritis in sepulchro* succederam as representações ou cenas e passos do antigo e novo testamento, meio de vulgarização da historia biblica, então o unico adequado ás condições mentaes do medieuo.

O *folk lore* guarda ainda muitas d'essas especies embrionarias (1). Sem entrar aqui em pormenores que mais interessariam ao especialista, baste certificar que esse primitivo tropo de forma lirica, antifonica e coral, de subito aparece com as *dramatis personæ*; dezaparece o coro, dois sacerdotes incarnam os anjos que guardavam o tumulo sagrado e tres outros figuram no papel das *tres Marias*. Esse foi um dos primeiros dramas medievais.

O Professor Matthews Manly notou com extranheza a falta de gradações insensiveis : o tipo novo vinha subitaneo, á forma lirica succedia a dramatica, d'um lance. Eis a orijem do *Misterio*.

Outra combinação que surjiu de um rasgo foi o *Milagre* ou *Lejenda* dos santos. O costume anterior era a recitação do martirio dos eleitos da igreja, como epistola e assim o faziam as corpo-

(1) Vel-o-emos em outro lugar d'este livro.

rações medievais a respeito dos seus santos patronos. E eis que a epistola que nem sequer teria o caracter definido de monologo aparece de um só arremço dramatizada na representação dos *Milagres*, sem que se podesse notar a aproximação gradual da forma anterior nem do drama tropico e liturgico.

Na *Moralidade* as pessoas são alegoricas e as individualidades são sem tempo, abstratas : a *Inveja*, a *Justiça* etc. não se confunde com os caracteres e a *ação atual* dos heroes do drama ou da *comedia*.

É certo que são frequentes as confuzões para esses diversos tipos da literatura dramatica. O que importa estabelecer é que jamais um derivou do outro por evolução ou por *modificações graduais* que se iam avizinhando do tipo superior.

Não ha uma só prova d'essa aproximação ou d'essa perfectibilidade, e quanto se pode saber da historia da literatura tudo comprova a criação subita dos tipos definidos do drama.

O professor Mathews Manly entra na analyze d'essas formas medievais da literatura europea e mórmente ingleza com minudencias que não podemos aqui repetir.

Basta aqui ponderar para o cazo da nossa litteratura que, por exemplo, o *verso branco* ou *solto* que é uma especie, não foi precedido de formas graduais aproximativas ; não só o *verso solto* não precedeu a *rima*, que é mais complexa, como até nem sequer foi precedido pelos *versos*

toantes que, depois do uzo geral da rima, ser-lhe-iam uma aproximação sensível. Muito ao contrario para o cazo da nossa literatura no seculo dos quinhentistas já em Sepulveda os versos brancos se misturam aos rimados, e os *toantes* só apparecem no seculo seguinte, de seicentos.

Esta falta de aproximação se verifica na literatura ingleza e nas outras literaturas modernas.

Assim, pois, sem negar a evolução gradual sempre esteril das formas, ha d'estas que são verdadeiras creações que emergem perfeitas, subitas, qualquer que seja a elaboração invizível e oculta que as precede.

Estava n'este ponto, ha poucos anos, o professor Mathews Manly sem muita coragem de afrontar e negar o principio evolutivo que todos os darwinistas admitem inflexível e universal. Não era elle um zoologo ou botanico, e não queria opôr á corrente caudal das ciencias exatas alguns fatos de ordem literaria, que, afinal, podiam ter sido mal examinados.

Foi então n'essa emergencia que appareceu a obra de um naturalista olandez, o professor De Vries, que combatendo excessos e erros do darwinismo tratava muito particularmente d'esse ponto importante da *criação gradual* das especies (1).

Os trabalhos do professor De Vries foram e continuam a ser combatidos pela lejião dos cien-

(1) De Vries. *Die Mutationstheorie*.

tistas, como também foram aceitos e cada vez mais no meio de sabios naturalistas.

Sustenta *De Vries* que absolutamente as variações internas da especie não levam á criação de outras. Fundado em inumeras observações e experimentos que eu não saberia reproduzir, verificou que as *variações graduais* se realizam dentro de estreitos limites e retornam sempre ao tipo primitivo sem poder fujil-o, ou excedel-o.

A sua teoria nova consiste em admitir as variações que Darwin admitia : as *fluctuating* (das quaes o mesmo Darwin fazia sair gradualmente as especies novas) e as *Chance variations*, que por extravagantes ou raras Darwin considerava futeis, estereis e perdidas. *De Vries*, ao contrario, sustenta que as especies podem só derivar d'essas raras, mas subitas *Chance variations* ou como lhes chama *Mutações* de tipo (1). O aforismo será : *Natura facit saltus*.

O professor Matthews Manly reporta em breves palavras a teoria da *mutação* em biolojia :

Mutation forms a special division of the kinds of variation. It does not occur *flowingly*, but in *steps*, *without transitional stages*, and it occurs less frequently than do the common variations, which are continuously and constantly at hand. The contrast between the two kinds at once appears if one conceives

(1) Definem os biolojistas as diferentes unidades que compõe em um organismo a especie. Unidades novas aparecem por *mutação* e não por aproximação. A natureza só se enriquece e se diferencia, por saltos.

that characteres of an organism are made up of definite elements or units, sharply distinguished from one another. These units combine in groups, and in related species similar groups recur. *Every addition of a unit to a group constitutes a step*, originates a new group, and separates the new form sharply and definitely as an individual species from the one out of which it has been produced. The new species is at once such, and originates from the former species without apparent preparation and without gradation. Each attribute or character of course arises from one previously present, not by normal variation, but by one small yet sudden change.

É este o caso de muitas das formas literarias que se não podem explicar por aproximações insensíveis.

E é afinal o que vemos na vida quotidiana. Os balões, invenção recente, tem sofrido constantes e estereis variações e logo houve um salto para o *aeroplano* que é já uma *mutação*, fecunda ou futil, pouco importa a demonstração do futuro. Mas não houve caracter de aproximação progressiva entre o principio do *menos pesado* e o oposto do *mais pesado* que o ar. São, a essa luz, duas *especies* diferentes e antinomicas.

De Vries institue *sete leis* ou principios que se observam nas *Mutações* das especies, ou nas *Chance variations* notadas e menosprezadas por Darwin. O professor Manly procura recordal-as nas analogias de literatura, e verifica a sensatez e a concordancia de muitos fatos.

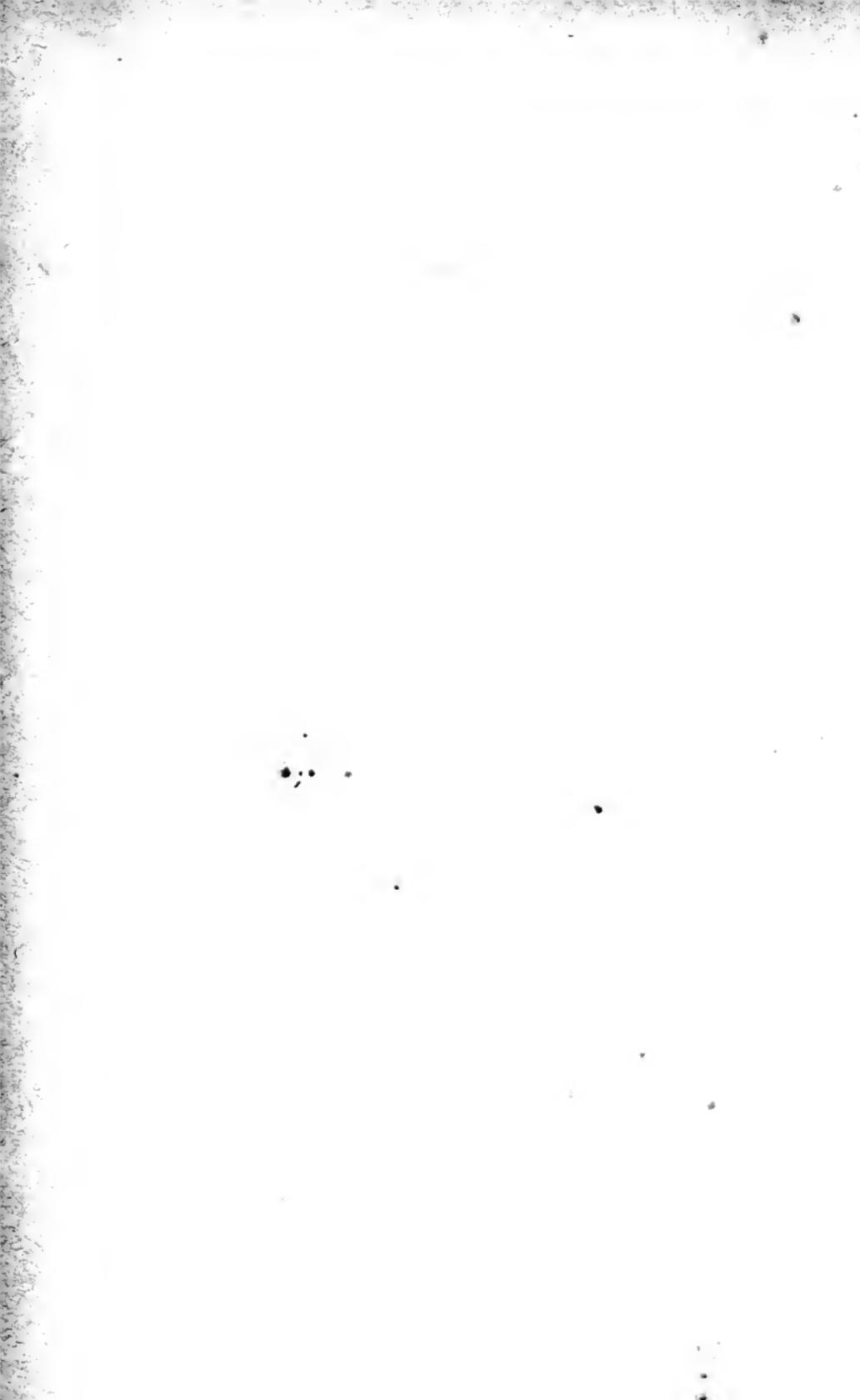
A *selecção* natural pois não é um processo

director e impulsivo. Não ha literalmente *seleção* que é, em ultima analyse, uma finalidade inconciente. As variações internas de uma especie, aquellas que nos habilitam a distinguir os individuos entre si, não têm projenie que exceda os limites do seu tipo incoercivel.

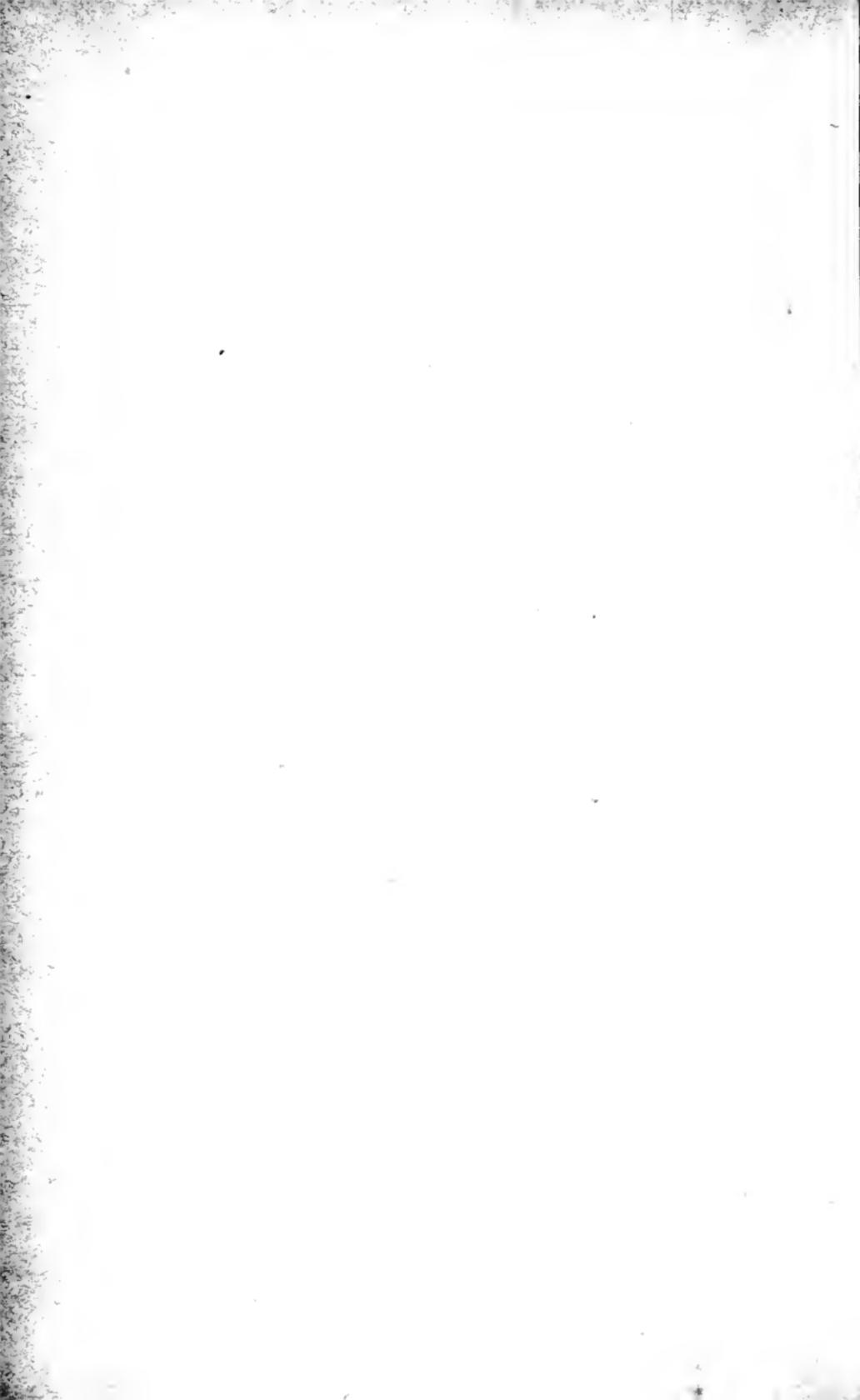
Os gregos zurziam e castigavam os costumes na *comedia* ; os romanos tambem o fizeram na *satira* ; mas nem a *satira* naceu de qualquer forma dramatica e nem sequer os gregos a conheceram ; foi a criação independente dos camponios da antiga Italia. Eis aí uma especie nova e independente.

Os tipos *especificos* da arte são irreductiveis. Não ha por onde difundil-os e obscurecel-os, torcendo-lhes as linhas antigas em fizonomias novas. A *criação* pode ser uma verdade obscura ou inintelijivel, mas é uma verdade.

Novembro, 1908.



FREDERICO NIETZSCHE



FREDERICO NIETZSCHE

(1896)

Ha já alguns anos, negra loucura obscureceu o genio de Nietzsche, do homem de mais fero orgulho que jámais houve, do sonhador da humanidade futura e do « homem solitario e forte como a aguia » o *Adlermensch*, que virá, um dia, substituir o homem atual e ridículo, o homem-macaco, *Affenmensch*.

O filozofu que sonhara o tipo do prohomem (*übermensch*) onipotente, fóra da moral e das convenções, realizando, na plenitude de toda a liberdade, toda sua força individual, paixões, instintos ou talentos, ei-lo caído em imbecilidade lobrega e terrível, perdida a razão e a palavra e o senso comum. Todos os amigos, senão um, lhe fujiram. Alguem apenas em desveladas noites, acompanhava esse funebre epilogo de vida, no canto de um hospicio, e era a sua pobre

mãe, carinho e inexgotavel de ternura. Esse ultimo raio ainda agora lhe sonegaram as inclemencias da sorte. A mãe de Nietzsche morreu. A unica palavra que o louco balbuciava, *mamma*, unico e ultimo vestijio do entendimento, já não se applica a coiza alguma.

Não é meu intento traçar aqui uma exposição da filozofia de Nietzsche. Outros já o fizeram com paciente e castigado lavôr, mas todos tambem com demazias e exajeros. Dificil era achar a unidade n'aquelle caos aparente. Por que em verdade foi Frederico Nietzsche um grande e entra-nhavel inimigo dos sistemas. Elle queria a decomposição de tudo; e a seu grado, o mundo voltaria a ser todo atomos e particulas como o sonhara Epicuro, antes do *clinamen* fatal que gerou o turbilhão da vida. Sistema? Não tinha essa preocupação. É muito difficil extrair dos seus livros uma intuição geral do mundo, ou uma syntaxe do universo que elle queria sem gravitações e sem obediencias. A sua natureza era essencialmente fragmentaria e liberrima.

Póde dizer-se que elle pensava como escrevia: em pequenos quadernos, habito que lhe tornava inuteis a meza e a escrevaninha, e era mais propicio ao flagrante dos seus lampejos. Ensaios e aforismos. Não é difficil apanha-lo em contradição, como o faria uma critica estreita e mesquinha; o mais certo seria e é, apanha-lo em progresso e inconstancia.

Tomava o seu espirito todas as atitudes; era

filologo, erudito, era literato e artista genial da palavra, poeta e filozofu.

Póde-se de algum modo liga-lo a Schopenhauer, mas nem essa comunhão o obriga, e ei-lo, em breve, um inovador idealista. Schopenhauer verificava a miseria animal e não achava outro remedio ou conselho sinão no *Nirvana*. Ao contrario, Nietzsche sonhava evolução nova a do sobre-homem, mas já não pelo processo darwinico ou goethiano da fome e do amor, mas por uma seleção nova, guerreira sem duvida, e todavia intellectual. Para Nietzsche a luta pela vida não se faria mais pelo pedaço mesquinho de pão, mas, ao contrario, pela vitoria do superfluo, da riqueza, da arte e do genio.

Os vencedores hão de ser, como heróes da renascença, os Medicis magnificos e os Borjias afrontadores da vida. « Poder cada vez mais » eis o verdadeiro lema. Assim, o grande heróe moderno era Napoleão, o inimigo da *fraternidade* revolucionaria de 89, o renovador da sociedade conquistadora antiga.

O futuro será, de alguma maneira, uma obra napoleonica.

Esse carater da vida futura exclui necessariamente a moral de hoje. Sobretudo, o grande obstaculo, dizia Nietzsche, é o Cristianismo, relijião dos humildes e dos fracos, relijião dos pobres e vagabundos; e as suas consequencias diréttas ou indiréttas: o socialismo, que é a vitoria das massas proletarias; a democracia, que é a vitoria

das massas burguezas... Em fim, o rebanho contra o pastor, a grei contra o chefe.

Nenhuma vitoria de multidão. A multidão será no futuro imoral. O carater do futuro é o triunfo napoleónico, isto é, do individuo que, como Bonaparte, objectiva e realiza todas as suas forças, semeia-as, fá-las florir e fructificar, sem embargo de etiquetas, regras, revoltas, prejuizos e costumes. Homens, como Borjia, Napoleão, são os precursores do *pro-homem*, do *homem-aguia*, vencedor do *homem-macaco*. E a fantazia intrepida e diabolica do filozofa tira todas as concluzões d'esse extremo individualismo.

Nietzsche queria, pois, a *inversão de todos os valores*, como elle dizia. Até agora na cristandade a tudo quanto existe de forte se affectou o signal negativo; é mister inverter. Guerra aos fracos, guerra aos pobres, guerra aos doentes; glorias á vocação de rei, glorias a quem póde e maiores a quem póde mais.

Mas, como disse, não é intento meu nem tenho no momento os elementos de perspetiva indispensaveis para dar um escorço siquer de toda a obra de Nietzsche, que, embora fragmentaria, é todavia volumosa e extraordinaria.

Aqui neste ambito da vida alemã em que momentaneamente me acho, os entuziasmos por ardentes e numerosos, sufocam.

O fato de haver morrido a pobre mãe de Nietzsche, induz-me a conversar com os leitores sôbre o que Nietzsche pensava acerca da « Mulher »,

tema sempre debatido dos psicologistas, maximos e minimos, e que não é raro encontrar dezenvolvido, assim em um *auditorium* alemão como em uma modesta sociedade literária da Cidade-Nova.

Seja como fôr, parece que a unica coisa apurada a respeito da mulher é essa banalidade profunda, a saber : que ella é um enigma. Todos os matizes são de si mesmos sutís, difíceis e ás vezes impenetraveis, e é por isso que, seguindo Stirner, o homem conhece hoje melhor o cavalo do que a mulher.

A diferença do sexo introduz no ser feminino uma serie de novos desarranjos sanguineos, que pela nossa impossibilidade de sentir estamos impossibilitados de compreender. Um hermafrodita perfeito que tenha consigo a função da perpetuidade da especie pudera dizer *ex cathedra*; mas desde que o homem está lascado em dous, agora aí ficam duas particulas incomensuraveis e inintelligiveis.

O *feminino* na animalidade não é só o carater de alguns órgãos, mas vai até cada uma das células em todos os seres; a soma de caracteres cellulares é que pode decidir do sexo, porque todos os seres, em regra, são hermafroditicos.

Cuidado com a equação pessoal !

Para Nietzsche que préga o egoismo, o amor é a suprema fraude.

É sabido que o filozofu se comprazia melhor na companhia das mulheres que na dos homens, que elle evitava.

Nietzsche acreditava que no amor havia o *auto-engano* (e não é minha essa híbrida expressão) e o engano recíproco. A idéa de igualar dous entes, transfundir-se um no outro, não tem outro impulso que o medo. E é isso o que faz de todo o amor, por mais sublime que seja, uma questão de comedia (*Schauspielerei*). O essencial na paixão é a sêde egoistica de posse e tão absolutamente egoistica, que o amoroso verdadeiro e extremado pensa sempre em matar a amante, isto é, em fazer cessar a possibilidade de qualquer alienação da sua posse.

D'ahi essa comedia conciente ou inconciente de sacrificios, de dedicação e até de indignidades. No amor ha parcelas feminimas de ambas as partes, no homem e na mulher, que se medem e se cotejam nos obscuros equilíbrios da natureza.

Mas esse é o amor do homem infimo, isto é, do homem atual. No futuro os impulsos sexuaes cederão a uma serena amizade, e o casamento será, como diz o filozofa, « um longo dialogo ». Não se pense, porém, que haja uma grande santidade nessa doutrina. Ao contrario, o *pro-homem* é essencialmente livre e essencialmente voluvel; para elle nada ha definitivo, nem sequer duradouro; não ha laços nem liames que o tolham. Não ha posses exclusivas, nem ha subordinações sinão ocasionaes. O pro-homem não tem habitos, porque os « habitos são fios tenuissimos que se transformam em cordas, que nos fazem prisioneiros e nos obrigam a viver do proprio sangue. »

Tudo isso se exclue no reino do *homem-aguia*, solitario e forte.

E para falar a linguagem do proprio Nietzsche, no futuro serão as mulheres nobres e liberaes. (*edlen und freigesinnten Frauen*).

Não é isso um mero eufemismo? E por que não instituir logo como no antigo Oriente o hetairismo sagrado? Si a sua função é a da especie, porque roubando-a á especie e á tribu entrega-la a um individuo sempre pouco para substituir a horda?

A impossibilidade maior contra a intuição do carater femil resulta no presente de que o homem espiritualizou a mulher, aniquilou-a quazi, tornou-a volatil, ideal e pouco terrestre, conservando-a, entretanto, barbara e quasi um ente inferior. Entrando na familia, esterilizou-se. Arrancou-se-lhe o ovario aos ventos carregados de polen, para o fecundarem no seco e estúpido laboratorio artificial das alcovas monogamicas. Nietzsche disse uma vez : — O homem, de uma costella de seu Deus, fez a mulher.

Esse aforismo paradoxal é mais significativo do que parece á primeira vista.

O homem fez da mulher alguma coiza de divino, fê-la quasi uma relijião, nos tempos da gaia cavallaria e em todos os tempos da poezia, na arte antiga e na moderna, outr'ora e hoje. O ateismo inverterá todos esses valores, com a derrocada de todas as divinizações e apoteozes antigas.

Mas em suma a filosofia de Nietzsche não dá á mulher sinão um character antipatico, ainda que exalte os fulgores e as radiações da sua beleza.

Para o filozofa, tudo de quanto é capaz a mulher resente-se da sua função maxima e axial.

Todos os atos da mulher participam de sua natureza hetairiana : ama por quarenta annos, *omnia vicit*, e si parece succumbir tem a aptidão de chorar e desfalecer, isto é, de tornar dolorozas e rapidas as vitorias do homem.

O homem julga-se um fim, mas não é para ella sinão um meio, e instrumento da maternidade, embora ella viva em completa subordinação domestica e social. Mas á honestidade d'ella destruiu-a, depois de fazê-la escrava. A monogamia, como outr'ora o pelourinho, serviu um momento á paz publica e foi o alicerce de uma civilização. Foi um erro que, como o de Ptolomeu, por alguns seculos equilibrou o universo.

Em outro lugar, na *Gaia ciencia*, define o filozofa a differença entre o *amor* da mulher que é inteira renuncia e abdicção de si propria e o *amor* do homem que absorve e faz da mulher uma mera parcela na soma dos seus instinctos de proprietario. A concluzão evidente é que a *fidelidade* é essencial na mulher, pois toda ella passa e se incorpora á vontade viril, mas é virtude futil e duvidosa no homem, senhor ilimitado e que talvez ainda mais se robustece com as parcelas conquistadas.

Os pensamentos de Zarathustra acerca da

mulher acham formulas schopenhauerianas e realmente brutaes, como esta :

« Alles am Weibe ist ein Rätsel, und Alles am Weibe hat Eine Lösung : sie heisst *Schwangerschaft*. » *Zarath.* 95.

D'aí o odio da mulher pelo amante imperfeito. É o odio, diz elle, do ferro que diria ao magnete : odeio-te porque me atraes, mas não tens força bastante para atrair-me até converter-me em ti.

N'estas e em outras teorias taes ha o excesso *tendenciozo* da fizioleojia hoje demaziado entremetida na ciencia do homem. A civilização de nada valeria se não houvesse criado outros estimulos menos bestiais.

Um dos passos mais curiozos da opinião do filozofa e do poeta sobre as qualidades feminis é a sua teoria da beleza. Considera a beleza como expressão estatica da fórma humana. Os orgãos de aggressão e defeza no homem reclamam violencia de movimento, na mulher apenas os leves gestos, a quasi quietude. Por exemplo, o olhar do homem está habituado a produzir o medo e os sinais da enerjia e do mando; o da mulher é veludozo e educa-se em attrai-lo. A violencia e o exercicio no homem criam as asperidades de superficie do corpo pelo desenvolvimento de ossos e musculos. A maternidade ou a sua predestinação avoluma as fórmas no ventre, nos seios e nos membros inferiores.

A vizão d'essas fórmas, sem claro-escuro, não tem angulozidades, e é suave como a do céu ou a

de um lago, e gerou toda a estetica; por que o que nós chamamos belo é aquillo que pelas curvas ou por outras associações remotas nos lembram fórmãs e estímulos genezicos, por menos que o pareçam. A beleza por mais abstrata que seja é sempre erotica; todas as coizas belas são proxima ou remotamente afrodisiacas.

Essas differenças não seriam bastantes para explicar a beleza feminil que se origina do *costume*: o tipo feminino é o tipo estavel, o mesmo da antiguidade e de hoje, o tipo que guarda e mantém a fórmula da especie; o tipo masculino, ao contrario, é vario e tranzitorio, diverso hoje do de hontem, ligado aos exercicios profissionaes, sem tradição plastica assentada.

Mas este é apenas um aspecto da filozofia desse louco genial e um epizodio da sua obra que é toda voltada contra a solidariedade humana, e contra o cristianismo.

Afinal, o cristianismo (que foi o grande mal da historia humana para o filozofista) era coiza inevitavel.

Pouco importam o nome e os pormenores da leyenda cristã, a verdade mais profunda é que o *cristianismo* é uma grande faze da especie que se abriu quando ella atinjiu a madureza heleno-romana. O homem greco-romano estava preparado para ser incoercivelmente cristão. Ao ideal da força e da expansão egoistica de todos os instintos, dejeneradores e morbidos como a propria sociedade, sucedia tranquilamente a reação humanitaria e mizericordioza da justiça e da compaixão pelos

humildes e vencidos e escravos que eram afinal a quazi unanimidade do mundo.

O cristanismo não foi apenas a vitoria dos puzilhanimes e da multidão, foi a propria confissão de incapacidade dos triumphadores do gentilismo, combalido pelos mesmos miasmas da vitoria. Os cristãos eram os abstemios contra os ebrios, os castos contra os tizicos da sensualidade, equilibrio da pobreza contra as aritmias morbidas da pluto-cracia antiga.

O cristanismo era, pois, como se annunciara, a redenção; não a redenção dos judeus e dos misticos, mas a que o instinto mais profundo da especie acordava no homem como premio da vida na aniquilação da antiga sociedade anarquizada e agonizante.

N'este sentido, quazi por assim dizer sob essa luz antropologica, todos nós, os mesmos ateus, somos cristãos : isto é, continuamos a ter sêde de justiça e trabalhamos, com amor e fé e esperança, pelo ideal da igualdade.

Pouco importa, se dezaparece a lejenda poetica do Cristo e com ella todos os dogmas das religiões cristans; ainda menos importa que outras doutrinas se levantem para substituir o labaro do proximismo e da caridade. O grande e o maior significado é que a bandeira da justiça no Gollgota ou em qualquer acropole do ocidente, será ainda por muitos seculos o grande simbolo da civilização.

Berlim, 1896.



INTERVALO DE REPOUZO



INTERVALO (1)

(1902)

Dominus vobiscum.

Muitas das excelencias dos antigos sobre os modernos se explicam, nas coizas literarias, pelo demorado vagar com que compunham, poliam e adornavam as suas obras.

O maior segredo d'essa perfeição, porém, consistiu sempre na soledade e no retiro espiritual que necessitava a vida antiga, tão diferente da de hoje. Estavam divididas as classes, os mistéres e as corporações. As solidariedades eram naturais e portanto faceis.

Não se fazia mister que o artista fujisse ao mundo; bastava que não fujisse ao seu mundo.

As sociedades modernas trouxeram incalculáveis beneficios, mas para que lhes não faltassem defeitos, criaram e produziram essa anarquia e confusão de homens, idéas e coizas.

(1) Foi um rapido resfolegar em polemica de imprensa.

Hoje para servir á perfeição ou á vaidade, nasceu e fórmo-se uma classe de entes parазitarios, miúdos e estereis que vivem a esmiuçar e a fazer microscopicos arabescos em todas as obras que envolvem alguma criação e alguma coisa mais que o lavor do escaravelho, dijestor *post intestina*.

Mas a condição para suportar esses pequeninos seres providenciais é a da consciencia do equilibrio indispensavel ao mundo e é a benvolencia com que se poupa ao verme a sua irrefreival voracidade.

O progresso, que é sempre abençoado em tudo, trouxe essa doce fraqueza que é a tolerancia, virtude propria do cepticismo e das corrutas Babilonias.

E é pela tolerancia apenas e só por ella, que se consegue um pouco da tranquillidade essencial á meditação e ao estudo.

Para ser pois comprehendido o caracter da litteratura moderna, áquelle ar de incongruencia, de duvidas e contradicções que lhe dão matizes, feições e variedade que não possuiam as litteraturas antigas, basta imaginar a existencia d'esses factores de dezordem cuja é a mais cabal expressão o jornalismo contemporaneo.

O jornalista é em geral o vaidozo das letras, mas da vaidade efemera das modas, do dia, da actualidade. Para o jornalista o *amanhã* é um martirio inutil e desprezivel. E a sua gloria muito mais ambicioza que todas as outras é a de fazer parar o sol antes do primeiro anoitecer. O *livro* governa como o sol, de lonje, por facinação newtoniana;

o *jornal* governa de perto como a alavanca, imediata e premente,

É muito natural, pois, que esteja em perpetua guerra e não conheça outro deleite que o de diminuir os homens, reduzil-os ao nível de mar ajitado, em quanto pompeia, ás vezes navio ou bussola, marcando os rumos, apontando a salvação e o porto.

Comtudo, nem o jornalista dispõe de tamanho poder, e nem é bussola n'esse seu curso de cabotagem, de terra á vista.

É um vaidoso dentro do nevoeiro das suas vaidades tomando o imprecizo da nevoa proxima pelo imprecizo do distante infinito.

A grande condição do trabalho é a paz. No meio das tribulações da vida ou de tormentos occultos ou ignorados, é coiza inutil e vã imaginar-se que se vai construir alguma coiza de solido e eficaz.

Os proprios sentimentos se necessitam hermeticos como os perfumes ou tel-os-emos perdidos na atmosfera comum. A vida moderna, com as suas mesclas e confuzões, faz-nos perder muito tempo e gastar inumeros cuidados, nesse atrito constante com o que nos enfastia ou nauzeia, com seres e orgãos cuja função obsoleta os vai atrofiando, como esses enormes e estorvadores elefantes que sem embargo da grande e inutil mole são só buscados e estimados... por causa dos dentes.

Então para todos os que trabalham se impõe

uma filozofia do exilio que é tambem uma filozofia do estomago que se não apraz em revoltas de enjôo.

Esta indisposição e molestia das sociedades modernas rezulta não das más companhias, que com justiça se não devem dizer más, porém das companhias contraditorias, absurdas e impossiveis.

São camaradajens ficticias que se dissolvem ao primeiro sopro; cimentadas talvez pela espectativa de qualquer egoismo inconciente que se aproxima, logo se diluem como as muralhas de Jericó ao clangor da primeira tempestade.

Mas, a benevolencia é ainda aqui um remedio.

Kant, o grande filozofa, foi talvez o homem mais refractario á tolerancia d'aquella especie.

Era tamanho o seu amor á tranquillidade, e d'ella tanto fazia depender o trabalho e meditação, que por vezes criou desafetos e inimigos.

De uma feita, conta o seu biografo Cuno Fischer, tentou e não conseguiu comprar o galo de um seu vizinho, galo altiloquo e incommodo.

Para que uma habitação lhe fosse agradavel era de mister que o silencio a rodeiasse num longo raio e lhe pozesse como um jardim de mudez; essa era uma condição difficil de realizar-se em cidade de tanto movimento como Koenigsberg; e por isso esteve sempre o grande filozofa a mudar de casa.

Tão caro custa o silencio!

Afinal, adquiriu uma propriedade, quazi fóra de muros. Proxima havia a prizão da cidade onde faziam aos presos cantar alguns salmos e hinos

religiosos, no intuito de os edificar na fé e na santa doutrina de que se haviam desgarrado.

Mas esses cantos de religião eram quazi que a unica *pandega* daquelles pobres detentos, de modo que quando soava a hora de louvar ao Senhor, entoavam enfaticamente a algazarra (infernall se não fôra divina) com todos os pulmões, descompassada e dezafinadamente.

E com essa acanalhada muzica é que ouvimos muitas vezes a voz de alguns sacerdocios modernos.

Através das rexas do carcere, vinha o sagrado alarido até aos ouvidos do filozofô preocupado como sempre andava com os seus categoricos imperativos e outras meditações da moral metafizica.

Não se conteve o sabio que não escrevesse ao seu amigo Hippel, governador da cidade e inspector das prizões, a seguinte carta :

« Peço-vos encarecidamente que nos liberteis a nós moradores do logar, das orações stentoreas que hipocritamente entôam os prezos. Não digo que careçam de motivos para se lamentarem; assaz devem tel-os. Mas creio que lhes bastaria o ouvirem-se a si proprias, fechando as janelas; e a salvação de suas almas não correrá maior perigo se cantarem um pouquinho mais baixo. Se o que esses mizeros prezos querem é apenas um certificado do carcereiro de que são homens tementes a Deus, não creio que seja necessario elevar esta usta supplica a uma vozeria e celeuma que não é

costume praticarem os que rezam em casa e silenciosamente. Uma palavra vossa poria um termo a essa dezordem e aliviaria de grande importunação aquelles por cuja tranquillidade vos tendes incomodado tão repetidas vezes. » (1).

A fortuna, toda nossa, é que não temos um Kant. E é duvidoso que o tivéssemos numa grande cidade americana, tumultuoza, anarquica e progressiva.

Qualquer de nós por humilde que seja, e menos se proponha a altas filozofias, terá de cortar pela tranquillidade e renunciar ao repouzo moral.

Quem escapará, por mais ateu que seja, a uma ladainha estentorea da vizinhança?

Quem, por mais benevolo ou menos presumido, em pequenas coizas que apenas valem um ceutil, evitaria a assuada invejoza e atrabiliaria, grosseira e estúpida, dos nossos espontaneos detratores?

Quem aparece acazo, que lhe não seja logo feito o convite de saudar o primeiro mestre e á primeira esquina?

Assim é, e assim vai o mundo. Mas para esses deuzes efemeros ha felizmente ateismo sobejo.

E morrem á primeira blasfemia.

Requiescant in pace.

(1) Não conheço o orijinal da carta. Transcrevo-a d'uma tradução.

DISCURSO DE RECEPÇÃO

NA ACADEMIA BRAZILEIRA



DISCURSO DE RECEPÇÃO

DO SR. JOÃO RIBEIRO (1)

Senhores :

Eu não poderia começar sem que as minhas primeiras palavras fossem para vós. A grande distinção que me acabais de dar recebendo-me na vossa companhia alterou-me por assim dizer as forças mesmas do meu espirito. Enobrecido e exaltado por ella, sinto que se apagou de mim o pessimismo — aquella parte infima da alma, que é a substancia dolorosa e cobarde do nosso ser, aquella que nos grandes momentos de humilhação se entre-mostra em desesperos inertes e em estereis renuncias e se reabsorve afinal na indiferença irremediavel. Ao mesmo tempo sinto que ella edificou e deu relevo

(1) Foi pronunciado ha doze para treze anos na Academia Brasileira,

a tudo quanto meu espirito possuia de forte e varonil e concentrou numa só converjencia as minhas esperanças, as esperanças maiores que de tempo imémore venho laboriozamente preparando, acreditando sem fé numa vida superior.

Criastes-me assim essa doce superstição que como um deus lar augmentará de uma voz o dialogo sereno ou inquieto da minha vida...

O afago da vossa voz deu-me a grande responsabilidade de trabalhar ainda para o merecer e de transformar este aceno da vossa condecendencia em um gesto mais intenso de benção pelos meus esforços ou pelas minhas audacias.

Muitas são as distincções que podem enobrecer o espirito e dellas vangloriar-se o homem ; nunca as mereci e por isso mesmo passei por ellas, quero dizer, d'ellas passei ao través sem inveja, sem terror e sem emoção ; esta porém a nenhuma outra se compara, porque era esta a que eu queria, temia e dezejava, porque esta é a que nos produz esse alto sentimento de paz, que é o termo de todas as carreiras e é, para mim, o começo da grande tranquillidade final. Merecel-a é como se me dissesse : — Já posso estar seguro de mim mesmo. Nada mereço, mas os que merecem vieram a mim. Quanto errei já me perdoaram. D'ora em diante trabalharei e serei compreendido.

Calculaes acazo o que isso seja para uma alma agreste e rude como é a minha, que viu a luz na aridez do dezerto, não viveu sinão sob o clima provinciano e cupido da barbaria e só uma vez, tarde

e para mal seu, sentiu o terror panico da grande civilização ?

Eu vos digo : quaesquer que sejam as probabilidades de erro dos calculos humanos, a vossa escolha teve de certo alguma significação ; porque nestas couzas não podeis errar. Quizestes significar que esse é tambem o logar dos humildes e que entre vós não ha desdem pelos timidos ; tambem entre as esferas de fogo dos astros poz a natureza intervalos providenciais e obscuros « pois que, no dizer do poeta (1), a continua perpetuidade da luz seria exauriente e mortal ».

Póde a ignorancia entrar na ciencia como a noite entra na computação do tempo e entram as iluzões e os sonhos de permeio entre os elementos solares da realidade. Entro para o vosso seio para me enriquecer dos vossos tezouros, para me apropriar da emanção da vossa sabedoria, para respirar essa atmosfera que de lonje e de fóra sentia eu como se sente á porta das igrejas o halito lonjinho das flores que semi-mortas agonizam nos altares. Que piedade humana haverá na terra que me pudesse dar essa definição da minha vida, dizer-me (e ella m'o diz) « como eu devo viver ? e para que eu devo viver ? »

Essa, a minha grande alegria ; mas, — para que oculta-o ? — ella está penetrada pela tristeza de uma grande humilhação, — a que me cabe de suceder áquelle suave e melodiozo poeta que foi Luiz

(1) João Paulo Richter.

Guimarães Junior. Sinto agora que estelogar deveria ser ocupado não por um estudioso nem por um espirito voluntarioso talvez, porém amargo e rude — mas por outro grande poeta como elle o foi, por outra grande estrella capaz de salvar do caos o seu sistema agora sem equilibrio, abismado na inercia anarchica e insondavel... Eu sinto que vou falar do poeta sem a dignidade necessaria, sem a capacidade mesmo de o sentir e o compreender.

◆ Eis a minha primeira e grande humilhação.

A grandeza e sublimidade da poezia está em que ella repelle quazi o concurso arido e esterilizante das coizas; ella é, toda ella, sonho e emoção; — emoção e sonho que para os outros desmaiam, se esvaem, ao primeiro sopro da vida, mas que para o poeta, na agonia do poeta, por um misterio veemente e subito, se petrificam tomados pela surpresa tempestuoza do ritmo que age como um estranho cataclisma. Então, tais coizas vãs e fluidas coagulam-se em formas éneas e marmoreas. Das paixões que para nós outros são aereas, intangiveis e fugazes, elles, os poetas, fazem catedraes goticas, cheias de muzica, complicadas e imorredouras. Arquitetos do imponderavel tem elles a sua perspectiva que nos sufoca em vertijens mortaes.

Elles teem o dom de subjugar o gemido ao numero, de subordinar á medida as dôres incomensuraveis, de infiltrar a mocidade ou a velhice humana na primavera ou no inverno do mundo, e fazer assim coincidir a dôr propria com a dôr universal.

O poeta é pois o grande Interpretete, o grande Explicador do mundo, da illuzão inevitavel. Ou nos fale da perfidia do « riço inumeravel » dos mares como Eschilo ou como Schiller nas *Palavras da Iluzão* nos diga que a terra jamais pertencerá ao homem de bem — vê-se que para o grande Interpretete toda a face do planeta é a expansão superficial de uma perfidia intima e irreductivel que é o elemento primario do universo. O que os distingue, desde Homero, é esse desprezo inexoravel pelo solo que pizam, onde rastejam reptilizantes as mizerias do mundo. E são nisso como os homens do mar habituados ás grandes viajens e aos grandes itinerarios. Os homens do mar não olham as ondas que sulcam, sinão o ceu. É do ceu e não das vagas, é das nuvens e das estrelas que lhes veem a tempestade ou o porto, a orientação ou a perda.

Eu acredito que sem o dom da poezia ninguem possui o senso estetico, a faculdade propria de a conhecer. Sinto e penso como um critico notavel que se póde ter nm justo desdem pela ciencia, e que a primeira condição para compreender-se, por exemplo, uma planta seria a de ser-se igualmente uma planta como ella o é (1). O botanico provavelmente não conhece da planta sinão os aspetos vitaes que podem não ser os aspetos superiores e essenciais do ser. Para o botanico a planta vale pouco, porque quasi não tem razão ou intelligencia; mas para a planta é possivel que a intelligencia seja uma

(1) Rud. Steiner.

aptidão á desgraça, qualidade inferior e tal que aos olhos della desmoralize o homem. Creio igualmente que a poezia é uma dimensão nova que está talvez oculta á minha perspectiva do mundo. Ser-me-ia preciso sair fóra de mim mesmo, sair fóra da vida como eu a entendo para achar a grande significação do enigma, do mesmo modo que é preciso sair fóra da terra para achar o ponto arquimediano donde levantar-a.

Para sentir o segredo de todas essas emoções interiores em todo o revelo e plenitude, para sentir todas essas reações de forças secretas e intimas, de todo esse turbilhão vital, de todos esses elementos imperceptiveis carregados de misteriozo fluido que convulsionam a alma, inflamam, corroem, clarificam, turbam, explodem fragorozos ou fervem em silencio, seria preciso ter a constituição orijinal e propria desses seres, a mesma densidade ou a mesma fluidez que lhes é propria. Isso, eu vos asseguro, está vedado ao vulgo profano.

Frederico Nietzsche (1) via na tragedia grega a forma mais veemente e mascula da poezia classica e a tragedia era o consorcio do elemento epico e do lirico, da ação e do côro; era a identificação do elemento *apolineo*, plastico, sereno e escultural com o elemento *dioniziaco*, feito de dôr, de subjetivismo e de muzica. Em suma, era a conjugação da palavra á muzica, a subordinação da narrativa ao ritmo. Supunha assim o filozofô achar a misterioza cor-

(1) *Orijem da Trajedia.*

relação organica que ha entre as emoções e as ondas sanguineas do coração ; e pois que a continuidade da paixão produziria a diastole ininterrupta daquelle musculo, a necessidade de respirar, salvando a vida, creou o instinto do ritmo. O verso é a emoção pontuada, o regimen vital da emoção, sem o qual uma asfixia passional seria inevitavel. *Numerus regit orbem.*

Em Luiz Guimarães Junior desde cedo se revelou esse grande segredo ritmico das emoções; assim foi atravez da vida; e a sua mesma morte, episodio apenas de uma grande paixão, não lhe interrompeu a continuidade; e o seu livro, a sua mumia ahí ficou como a desses grandes reis egypticos atestando a morte comprehensivel e ao mesmo tempo conservando o enigma de hieroglifos indecifraveis.

Desde a primeira faze de sua vida foi o poeta mal comprehendido; as suas dezordens, e suas fantazias, primeiros sintomas da grande Doença, afrontam o juizo inexoravel dos animaes domesticos » (1) que julgamecontituem o mundo. Depois essa tempestade foi serenada ao clarão de um amor inmortal como o de Laura e Petrarca.. Daí data a sua grande faze. Então foi que o Caos penetrado pela palavra inicial da edificação, pelo *fiat* divino da Arte, terminou assim a sua semana do Pentateuco, « semana da criação, da tortura e da grande expiação terrivel ».

(1) Fred. Nietzsche.

É que não se pôde crear sem destruições pre-
vias e não ha vida sem o preço e o concurso inces-
sante da morte. Ah! é dolorosa a compreensão in-
teira da vida! Cada um de nós vive dos despojos
proprios, da dissipação das emoções do outro tempo,
do fluido anterior das nossas idades; e tudo é
assim no universo; o mesmo planeta que habita-
mos com todos os seus progressos gigantescos,
esse planeta que se arroja comnosco cheio de cla-
ridade lunar atravez dos espaços, como um peli-
cano monstruozo, alimenta-se tambem das suas
proprias arterias, das velhas carbonizações das
suas entranhas, violentamente arrancadas agora
do seio e do sub-solo de outras eras, profundas e
esquecidas!

A maxima significação da vida é que ella é o
preço e o triumpho dos grandes exterminios e é a
primeira metempsicose de cada *ruina*.

Senhores.

Desculpai se interrompo, ás vezes, o panejirico
do poeta. É que elle é profundamente sugestivo,
nos obriga todo o momento a pensar — é que o
seu lirismo nos arrasta á meditação de todos os
problemas. Eu principiei, aliás, confessando que
não poderia de todo comprehendel-o e entendel-o
— porque uma coiza é sentir o contacto lateral
e fujitivo de um ser e outra é abranjer-lhe o con-
teudo e a esfera ilimitada da sua radiação. Para
mim, como para muitos, os grandes poetas são
como esses astros de elipse longa que parece não
obedecerem ao sol comum e que se não pôde con-

templar sem um secreto terror e sem assombro. Delles eu conheço a superstição sem conhecer a verdade dos seus longos destinos. É a minha culpa? Mas dentre vós aquelles que sois poetas (e os maiores dos nossos poetas estão entre vós) bem o compreendeis e sentis.

Deante deste cujo panejirico incumbistes á minha ignorancia e inexperiencia, sinto uma responsabilidade tremenda e incoercivel que me inabilita prégoal-o, elogial-o, louval-o. Li-o vinte vezes para me penetrar das suas paixões, para adquirir o contajio da sua alma enamorada e pura, para me embeber das suas ideias e do « seu modo de entender a vida ». Perscrutei as suas alegrias e os seus dezalentos e vi gerar-se da evaporação das suas lagrimas, agora batidas do sol da gloria, o arco-iris cambiante das suas emoções. Tentei comprehendel-o; senhores, confesso-vos que fiz essa experiencia mortal e saí della edificado. Della trouxe, se não a voz, ao menos o eco dejénere, o vajido elementar do seu grito adulto e valorozo. Mas ah! tudo isso é inexprimivel e não é com a minha prematura velhice que hei de traduzir aquella sua grande e harmonioza mocidade!

Renuncio á tarefa de fazer a critica do poeta, hoje que é dia do seu louvor. Mas posso dizer que tão cedo não soará uma voz como a sua. O segredo dessas modulações d'agora em deante ficará eclipsado até um talvez remoto futuro. Virão outras vozes fortes, mais fortes e indispensaveis; mas a sua voz, ou uma voz como a sua, nunca mais!

Elle foi o interprete incorruptivel e delicado dessa *camada humana* que precedeu a babel das raças novas; elle foi um dos ultimos druidas da nossa autoctonia barbara, agora caldeada entre homens adventicios, novos, fulvos e dominadores. Hoje não fazemos nós mais do que passar como eunucos tristemente, sem estirpe e sem posteros. Hoje a civilização é excessiva para a nossa insuficiencia, é sabia de mais para a nossa ignorancia, é humana e universal de sobejo para a nossa mesquinhez nacional, é emfim livre em demazia para a nossa servidão habitudinaria; agora tem ella o aspecto de um dom de Zeus-piter, quando outr'ora era um modesto dom de Prometheu; agora é ella a dignidade dos Deuses, quando outr'ora nos bastava a dignidade de rezistir aos Deuses. O novo clima não poderá jámais recompôr a flora antiga; flores alpinas succederão ao lirio do vale; a disciplina branca extinguirá os nossos hysterismos morenos; a atmosfera nova e acetica repellirá as antigas fragancias eroticas e o novo diluvio abafará nos derradeiros cimos as vozes altas e ultimas dos ultimos naufragos.

Aqui, teria eu concluido, si concluísse pensando em mim. A verdade porém, e verdade agradável é que poucos e raros dentre vós estarão penetrados do meu dezanimo. Acreditar no futuro é uma grande coiza, a melhor da vida e talvez mesmo o verdadeiro signal della. O grande poeta olimpico deste seculo, o poeta absoluto, o grande Goethe, diante do espetaculo da sociedade revolucionaria, no fim do

poema idílico de Hermano e Dorotéa, diz pela boca de um exul estas palavras sublimes de serenidade : « Se feliz, tu; eu, vou-me embora. Hoje a terra toda estremece e principia a desagregar-se. As velhas leis do povo caem em ruina; as antigas herdades passam a novos senhores; o amigo se parte do amigo e o amor do outro amor... Já se disse uma vez e agora dir-se-á com razão maior, que o homem é um estranjeiro no seu solo natal; a nossa terra nos evita; as riquezas deslocam-se e derivam errantes; das cazas e das igrejas os ouros e as pratas que guardavam as fórmulas antigas e santas fundem-se na inercia igualitaria das barras; e estrutura já consumada do universo parece voltar ao caos para desse sonho noturno e agitado sair e despertar numa grande e nova resurreição.

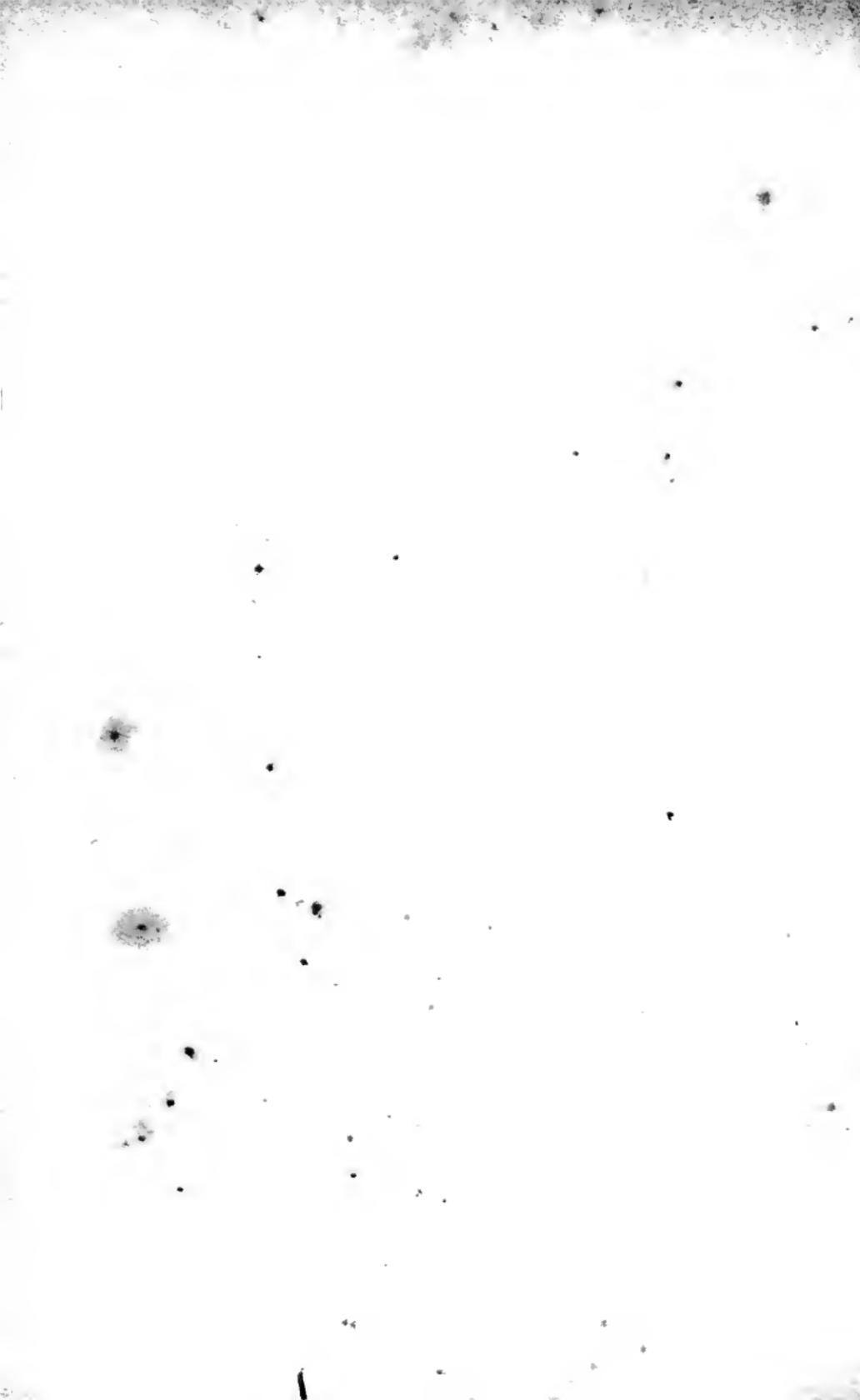
« Sê immovel, diz ainda o poeta, sê immovel e sereno dentro da eversão universal. O menor movimento de cada um augmentaria e propagaria a catastrophe. Aquelle, porém, que se conservar tranquillo poderá na solidão e de si proprio criar um mundo. »

Por isso, eu digo : — a vida, talvez o progresso, é o preço e a vitoria de todos os exterminios e é a primeira metempsicose de cada ruina. Aproveitemos o tempo para celebrar os nossos demiurgos e compor-lhes as ultimas feições na immortalidade. Não sei: não me julgo bastante convencido de que a civilização seja « a obra das aristocracias intellectuaes », e seja a flor da laborioza evolução do patriciado humano. Não o será, ao menos por todo

a parte, nem em todos os tempos. Penso, todavia, que a literatura tem uma grande significação humana e civil, e que o prestígio da idealidade pura basta para aniquilar todos os desdens dos profissionais, todas as ironias infecundas dos homens praticos. A nós cabe defendel-a desses ultrajes vulgares e preparar-lhe um azilo no meio de todas as convulsões da vida. Sinão um azilo, ao menos um tumulto digno.

BAGATELAS LITERARIAS

O poeta Chiado. Gregorio de Matos
e o padre Manuel Bernardes, etc.



I

ALGUNS DITOS DO POETA CHIADO

O illustre e fecundo escritor portuguez Alberto Pimentel vulgarizou as *Obras* do poeta Chiado em edição popular e estimavel (1). Não poude havel-as, todas mas nunca deixou passar o ensejo de pesquizar-as e tornar mais completa e acabada a sua empreza. Assim, publicou mais tarde algumas investigações novas sobre a vida e escritos do famoso poeta (2) e sabemos ainda que atualmente se occupa da edição do auto ultimamente achado e que se julgava perdido o *Auto da natural Invenção*.

Pouco falta agora á edição das obras completas do Chiado : um fragmento de importancia o *Auto de Gonçalo Chambão* ; mas é bem possivel que seja encontrado em qualquer das bibliotecas portuguezas ou peninsulares, pois teve sabidamente

(1) *Obras do poeta Chiado*, colijidas, anotadas e prefaciadas por A. P. — Lisboa, 1889.

(2) A. P. *O Poeta Chiado* — Lisboa.

tres edições, em 1613, 1615 e 1630 e talvez outras ainda.

Na epoca de Camões foi o poeta Chiado a mesma personagem desenvolta e temida, como o havia de ser Bocage, tres seculos depois. Com a diferença porém, de que o Chiado era frade e na sua epoca os tribunais da Inquizição exerciam despotica autoridade sobre todos os homens.

Quando, ainda não ha muitos anos, aceitei a tarefa de dirijir uma modesta reimpressão da *Arte de Furtar*, escrevi, de caminho, que no livro hoje assaz raro *Divertimento de Estudiosos*, especie de anedotario escrito e publicado por Jozé Marques Soares (1) se deparavam alguns ditos do Chiado, naturalmente colhidos da tradição popular.

Como os passos d'esse curiozo livrinho quazi desconhecido podem contribuir para caracterizar na lejenda ou na historia a fizionomia jogralesca do frade poeta, aqui os transcrevemos.

I (Pj. 37. — n.º 81 do segundo tomo) :

— Estando o Chiado á janela, passava um amigo seu, criado de certo Cavaleiro muito escasso, e pediu-lhe que subisse. Respondeu-lhe elle que ia para S. Braz e que não se podia deter. Disse-lhe o Chiado : — *Ora subi, subi, que em quanto viverdes n'essa caza, seguro estaes de vos afogardes.*

II (Pj. 133, n.º 342) :

Um homem que havia chegado de Castela estava contando que as compozições de certos letrados se

(1) Lisboa — na Of. de Domingos Gonsalves MDCCI.

havam com elles queimado por hereticas. Achava-se presente o Chiado e disse : — *Sempre entendi que as obras d'esses homens haviam de sair a lume.*

III (Pj. 134, n° 344) :

O *Chiado*, sendo frade, entrou em uma loja da rua Nova, ficando fóra o companheiro, a quem o mercador disse que entrasse tambem; mas o Chiado não o consentiu, dizendo-lhe : — *Deixe-o que está por boia, para que por elle me busquem.*

IV (*ibid.*, n° 345) :

Encontrando um pescador cego de um olho com um solho na mão, disse-lhe : *Quanto quer por ess' olho?*

V (*ibid.*, n° 346) :

Estando o Chiado com um amigo, lhe perguntou este que casta de juizo teria um homem que viam ao lonje. Respondeu-lhe o Chiado :

Chamemol-o que elle *no lo* dirá (1).

II

O PADRE MANOEL BERNARDES E O POETA
GREGORIO DE MATOS.

Na sua incomparavel *Nova Floresta* refere-se o oratoriano portuguez a uma das mais belas composições do poeta baiano.

(1) Como era da moda a lingua castelhana, o equivoco ou trocadilho devia ser de facil intelijencia.

Gregorio de Matos gozava de segura reputação em todo o Portugal onde corriam manuscritas e se conservavam de memoria os seus versos e os seus repentes. Mas é possível que atendendo ás liberdades e ouzadias dos versos não raro feccininos e torpes do poeta, não quizesse Manoel Bernardes nomeal-o aforradamente.

O místico autor da *Floresta* refere-se apenas vagamente ao poeta sem lhe declinar o nome, e em termos que quazi ajudam o retrato fisico de Gregorio :

« Conhecemos aqui em Lisboa *um homem* que glossava motes (por difficultozos e paradoxos que fossem) sem deter-se mais do que emquanto corria a mão pelo bigode torcendo-o na ponta. Uma vez lhe propoz o Marquez de Fronteira o seguinte mote :

A mais formozza que Deus.

E elle lavantando os olhos pensativos, e fazendo a ação costumada, saiu logo com a seguinte *glossa* :

Com duas donzelas vim,
 Hontem d'uma romaria :
 Uma feia parecia,
 Outra era um serafim.
 E vendo-as eu assim
 Sós, sem os amantes seus,
 Perguntei-lhes : Anjos meus,
 Quem vos poz em tal estado?
 Disse a feia, que o pecado,
 A mais formozza, que Deus. »

Nova Floresta — IV, 48.

A versão do manuscrito que possúo é diferente e não é inutil registral-a porque os versos são realmente mais perfeitos :

A mais fermoza que Deus.

Gloza.

Eu com duas damas vim
De uma certa romaria :
E uma, feia em demazia,
Sendo a outra um serafim.
E vendo-as eu vir assim
Sós e sem amantes seus,
Lhes perguntei : Anjos meus,
Quem vos poz em tal estado?
Disse a feia — que o pecado —
A mais fermoza — que Deus.

fol. 66 v.

Este excerpto do Padre Manoel Bernardes presta-se ainda a algumas inferencias curiozas. É sabido que Bernardes não pode acompanhar a impressão desta sua obra : começada a imprimir se em 1706, logo dois anos depois perdera o autor a luz da razão e caíra n'aquella lobrega agonia que só havia de terminar com a morte. O trecho que inclue a gloza de Gregorio de Matos saiu postumo, no IV volume da *Floresta* em 1726. .

Sabe-se pelos editores da obra que a *Nova Floresta* teve duas sucessivas redações; na primeira o contexto era abreviado, na segunda houve grandes ampliações que Bernardes estendeu até o titulo *Dadivas* que figura exatamente no tomo quarto.

Tudo faz crêr, porém, que o trecho referente a Gregorio de Matos veio composto desde a primeira redação manuscrita. Gregorio de Matos repatriou-se e voltou ao Brazil em 1681 já de idade madura e depois de ter em Lisboa adquirido grande popularidade. Ora, de pouco antes devia datar aquele *conhecimento* pessoal de Lisboa de que fala o grande classico porque Bernardes acabara os seus estudos em 1674 e só entre 1674 e 1680 é que ambos se podiam ter visto.

Mais tarde, ao refazer o texto da *Nová Floresta*, o que seria pouco antes de dal-o aos prelos em 1708, já o discurso de tempo era assaz longo, e nem é plauzível que na congregação do Oratorio ou alhures, quizesse ou pudesse manuzeiar algum manuscrito do poeta.

As variantes da gloza em Bernardes não passam acazo de pequenas infidelidades da memoria.

Foi Gregorio de Matos acerrimo desprezador de *parvenus*. E com o seu genio a que não escapavam os ridiculos do tempo, nada lhe poderia melhor afiar a veia satirica que a fidalguia improvisada dos adventicios que no Brazil enriqueciam subitamente e do mesmo passo garatujavam pergaminhos e falsificavam prozapias honradas.

A terra é para os bizzarros
 Que vem da sua terrinha
 Com mais gorda camizinha
 Que um traquete...

.

Sendo dois anos corridos
 Na loja estão recostados
 Mais doces e afidalgados
 Que os mesmos Godos.

I, 103.

D'esses *mazombos* é que se forma a prole cal-deiada, ainda mais insolente e altiva e cheia de fumos pela antiguidade dos avós... que quazi todos dormem aí em *igaçabas* funereas no romoto e bravo sertão.

Como quer que seja, nada então como hoje melhor conviria á satira do que os mulatos afidalgados e os barões góticos de formação indijena.

Foi de certo a um d'estes que enderençou Gregorio de Matos o seu famoso soneto, entremeiado de vozes indijenas e que tanto correu mundo.

D'elle conheço varias versões em escritores portuguezes : a que foi publicada na Hora de Recreio de João Batista de Castro (1742 e 1750); outra que se depara em ineditos do Bispo do Grão Pará, e varias reproduções de menor credito.

A estas ajunto a lição de um manuscrito que possúo, por letra do seculo XVIII, onde se reuniram composições do poeta, do seu amigo Tomaz Pinto Brandão e de alguns poetas seicentistas.

A *Hora de Recreio* é uma obra curioza em que se encontram á primeira mão varias produções até aquelle tempo inéditas. N'ella saíram pela primeira vez alguns excerptos da Arte de furtar e ainda o soneto de Gregorio de Matos que em seguida reproduzimos : .

Ha coiza como ver um *Payayá*
 Mui prezado de ser *Caramurú*,
 Decendente do sangue de *Tatú*
 Cujo torpe idioma é *Cobepá?* (1)

A linha feminina é *carimá*
Moqueca, *petitinga*, *cararú* (2),
 Mingau de *puba*, vinho de *cajú*
 Pizado n'um pilão de *Pirayá* (3).

A masculina é um *aricobé*
 Cuja filha *Cobé* um branco *pai* (4)
 Dormiu no promontorio de *Passé*.

O branco era um marau que veiu aqui,
 Ella era uma india de Alaré (5)
Cobepá, *aricobé*, *Passé*, *Pai* (6).

A genealogia do fidalgo fica assim estabelecida :
 era do tipo do cabocolo e mameluco e só por afi-
 nidade aparentado com um marau branco (ultimo
 terceto).

Os vocabulos exóticos que ocorrem no soneto

(1) Manuscrito *Cobessá*.

(2) Variante do *Manuser*.... *carorú*.

(3) Var. *Pilado* n'um pilão de *piraquá*.

(4) O manuscrito diz *Pahy* n'este e no ultimo verso, o que talvez indique a pronuncia do indio. Em qualquer cazo, ficam defeituozos os dois versos que, todavia, deveriam ser agudos atenta a rima aqui do ultimo terceto.

(5) Assim está na versão da *H. de recreio*. Mas é erro de leitura do manuscrito. Deve ler-se *Maré* e refere-se aí o poeta á ilha da *Maré*. São nomes locais *Passé* e *Pirajá*.

(6) O manuscrito diz de novo — *cobessá*, por erro do copista ; e ambas as versões incluem *cobé* no ultimo verso depois de *aricobé*, o que não pode ser.

são tupís, do que daremos aqui um pequeno glossario.

Payayá É o *pajé* ou *piaga* tão frequente nas poezias de Gonçalves Dias e de outros escritores de quando foi moda o *indianismo* na literatura. A forma *piaga* é de defeituoza leitura. Significa o feiticeiro, indio velho e de autoridade na sua tribu.

Caramurú. Peixe conhecido, especie de enguia. O nome tornou-se proverbial e historico por haver sido a alcunha de um dos primeiros povoadores da Bahia, Diogo Alvares. Mais tarde (e ainda hoje) os mamelucos, que timbravam decender das melhores e mais antigas familias, diziam-se netos do Caramurú.

Tatú. É o nome de um edentado das nossas florestas; e como era comum, entre os indios podia ser o nome de qualquer d'estes. E talvez se refira o poeta a um famoso principal dos indios que foi conhecido pelo nome de *Porquinho*, segundo a tradição, (de Fr. Vicente do Salvador na sua *Historia* do Brazil) de *tatú* ou *caitetú*, na epoca do governador Luiz de Brito.

Cobepá. É o nome que no tempo e lugar se daria ao dialeto da tribu *Cobé* que habitava as cercanias da cidade. *Pá* é a propozição ou antes propozição afirmativa = sim. Essa expressão ainda foi uzada por Gregorio de Matos em outros versos seus. Uza-se nas interrogações.

Carimá ou *carimã*. É o bolo feito da mandioca

puba, isto é, posta de molho. Utilizada para o *mingão*.

Moquéqua. Iguaria de peixe cozido ou guizado.

Petitinga. Uma especie de peixes pequeninos, quazi sardinhas.

Cararú e carurú. Erva comestivel e tambem a iguaria que d'ella se faz com outros condimentos.

Puba, mole ou amolecida. Veja acima *carimá*.

Pirajá é um lugar da Bahia.

Aricobé e Cobé. Nones dos indios projenitores do *Payayá* a que se refere o poeta.

Maré. A ilha da Maré na Bahia; e não, *Alaré*, como está em varias lições.

O soneto de Gregorio de Matos obedece ás regras de uma formula antiga que tem a sua historia. Não ha a menor duvida de que das saladas comestiveis é que se tiraram por metáfora as *saladas* mais ou menos literarias, como a destas enjoadas pajinas.

Com tudo, o sentido é menos translato do que comumente se acredita. A *salada* verdadeira não é tam composita e variegada: apenas uma hortaliça partida em pequeninos, com o respectivo tempero. A verdade é que os tecnicos da arte poetica antiga applicaram a denominação de *salada* a uma especie outr'ora em voga de entremeiar versos em varias linguas n'uma só composição, em redondilhas:

Dejadle llorar
Orillas de la mar,

Este belo infante
 Pue veis reclinado
En el portalejo...
Dejadle llorar
Si vous pleurez pour moi
Pleurez, pleurez;
 Não choreis meus olhos,
 Depois chorareis...
 Etc.

Este exemplo está em Bluteau que o tomou da *Arte Poetica* de Juan Diaz Rengifo (ocorre a pjs. 138-140). Os espanhoes denominam *Ensalada* essa especie e d'elles passou a moda aos portuguezes.

O soneto de Gregorio não é precisamente o exemplar tipico.

Como quer que seja é evidente o mau gosto de taes composições.

Ficou assim a expressão *salada*, muito applicavel a quaesquer composições mal compostas de elementos sem congruencia.

E creio mesmo que de *salada* é que facilmente se formou o sentido igual de *salsada*, tal se vê do poema heroi-comico da *Agostinheida* :

Verás que em vil, torpissima linguaem,
 Comporá outra *metrica salsada*
 Que chamará poema ou Burricada....
 Canto ix, pj. 148.



SOBRE A INTELIJENCIA

DE ALGUMAS FRAZES CLASSICAS



I

Correspondendo a sujestões que me foram feitas por eminentes escritores, pretendo nas linhas que se seguem, desenvolver, muito á flor, algumas considerações acerca de conjecturas que apresentei ao tratar de algumas frases vernaculas (1).

Uma d'ellas é o — *Não ha mais Flandres* — que apesar de obsoleta parece ainda capaz de rejuvenecer. Efetivamente, o mais copioso dos nossos dicionarios, o de Candido de Figueiredo, registrou (e foi o unico, supponho) aquella expressão colhendo-a de autor contemporaneo (2).

Alberto Pimentel teve, ha algum tempo, a gentileza de comunicar-me que achou a locução no *Auto* inédito do Chiado de que vae fazer edição, proximamente. Mas, não lhe pareceu que as minhas conjecturas n'este ponto bastassem para o esclarecimento do problema. Assim, voltei

(1) Nas *Frazes feitas* (I serie) 1908 — pjs. 228 e ss.

(2) O trecho que dá o *Novo Dicionario* foi tomado ao Fabulario de O' Neill : « Não ha melhor *flandres* ! vida alegre e dissipada para uns, e quem trabalha que pague os desvarios dos outros. »

Este uzo será talvez mera reminiscencia de leituras classicas.

a estudal-o um momento, e, de caminho, sugeri ao eminente homem de letras que verificasse se na antiga topografia de Lisboa havia qualquer lugar com o nome de Flandres.

Rezultava a sugestão de ter sempre havido mercados flamengos com trato em Lisboa, e ainda de um passo de poeta seicentista da *Academia dos singulares* que descrevendo varias ruas e lugares da cidade (o *Pocinho, Estrela, Oiteiro, Casa da India, Atalaia* etc.) ajuntava :

Será o *Canal de Flandres*

A sua bela garganta...

Acad. Sing.

Acredito, entretanto, ser este facto de nenhuma importancia para o caso.

A segunda locução ou antes simples vocabulo é o *ramerrão* ou *ram-ram* (como ha quem escreva) de etimolojia ainda não averiguada. Gonçalves Viana, a quem principalmente devia interesar a conjectura que propuz, tambem não a achou aceitavel e preferiu conservar a que elle já havia proposto nas suas *Apostilas*. O seu parecer, de subido quilate e sempre de valor para mim, incitou-me a examinar a questão, conforme se ha de ver a diante.

A terceira é ainda a ampliação de uma fraze hoje quazi em dezuzo, ainda que foi de constante meneio em outros tempos. Sugeriu-m'a um dos mais belos ornamentos do Brazil de hoje, o eminente escritor nosso, Alberto de Faria.

Reunindo-as aqui presto ao mesmo tempo modesta homenagem a aquelles tres intellectuaes que honram a literatura comum.

II

SOBRE A INTELIGENCIA DA EXPRESSÃO CLASSICA

Não ha mais Flandres.

Já tive a oportunidade de estudar esta fraze que se depara assidua nos quinhentistas e seicentistas, locução curioza de sentido fugaz e escorregadiço.

Disse, então, que devia significar *muito provavelmente riscos e perigos*. Era o que podia inferir dos exemplos que colhi pacientemente de varios autores da epoca.

Sem renunciar a essa explicação que me parece satisfatoria para os muitos e varios cazos em que se depara, convenio entretanto não bastava entendel-a para que a orijem historica se antolhasse clara e explicita.

Pesquisas ultteriores apontarm-me a resultados novos.

Desde o imperio de Carlos V foi Flandres para os peninsulares um campo de batalha. É claro que ali se corriam *riscos e perigos*, como dizia a minha glozá, mas tambem, e consequentemente, ali é que se ganhavam as glorias e a boa fortuna das grandes aventuras.

Ora, isto pode ser atestado pelo ditado caste-

lhano — *Meter una pica en Flandres* — que envolvia a mesma vangloria que *meter uma lança em Africa* — segundo a locução vernacula.

Na lingua nossa bastava e ainda basta dizer elipticamente — *uma Africa* — para indicar uma proeza, façanha, coiza difficil ou rara.

Da mesma arte se disse — *uma India* — e é claro que se aludia a qualquer feito heroico.

Isto posto, no tempo em que o castelhano é quasi domestico, a concluzão necessaria é que o ironico — *não ha mais Flandres* — equivale a dizer não ha maior proeza nem façanha, não ha mais aventura que admirar ou elojiar.

O exemplo já citado de Camões é particularmente expressivo nas palavras do amante ofendido.

E eu não quero mais Frandes

Mas ha outros. Na *Ulizipo*, encarece uma personagem :

E aveis que é isso pouco ; não
Queria eu mais Flandres.

pj. 196-Cf. pj. 251.

Nas *Obras* de Gregorio de Matos, que é do seculo seguinte, encontramos exemplo ainda mais favoravel á dedução do sentido :

Geralmente é mui *custozo*
— O conchego das mulatas,
Que se foram mais baratas
Não ha mais Flandres...

Isto é, a façanha seria nenhuma ou não seria nenhuma Africa.

De que *Flandres* aí representa como sempre o sentido de mór proeza e heroismo, ha a confirmação na ironia de um poeta da *Fenis renacida* que acha ridiculos os mil louvores dados a um fidalgo por haver matado um leão, e pergunta apropozi-tadamente :

Que *assalto em Flandres*, que rota em dique
Que expulsão de piratas d'esses mares?

.....
Se *fama* alançaer qués de *valorozo*
Rompa esquadões de mouros ás lançadas,
Não faça c'um bichinho tantos cocos.

V — 234

Em rezumo — *Flandres* é ouzada aventura, façanha, proezas e são tambem os riscos de quem as perfaz. E com esta concluzão que se deduz de todos os exemplos que reuni nas *Frazes feitas* e neste artigo, dou por esgotado o assunto (1).

III

RAMERRÃO OU RAM-RAM

Quando nas minhas *Frazes Feitas* (I serie, 10-11) propuz, conjecturalmente a orijem de *ramerrão*

(1) Nas *Migajas del Ingenio* reimpressão de *coleccion rarissima de entremeses* (de Em. Cortarelo) acho o antigo e decizivo trecho, p. 59 :

Pues para ser *hazaña* de las grandes
Basta haber sucedido junto a *Flandres*.

principiei por não aceitar que a palavra resultasse da soletração *r-a-m-ram*.

« A menção mais antiga (disse eu) que conheço está nas *Infermidades da lingua* registrada como palavra que « se deve emudecer ».

Não creio, pois, que seja anterior ao seculo de seicentos.

Suspeito que esta forma não é devida á soletração das silabas em ram (que aliás não são muito frequentes no discurso) para significar, o que de fato significa *ramerrão*: cousa trivial, repetida e corriqueira, habilitade comum, ao alcance de todos.

Não é possível que se escolhessem estas letras que constituem silaba pouco frequente — *ram* — para designar cousa costumeira e de todo o dia.

Julga Gonçalves Viana que *ram-ram* é a mesma palavra indiana registrada no glossario de Yule e Burnell; mas essa identidade é fortuita e não ha texto portuguez dos escritores que trataram da India, que abone a expressão.

A meu vêr, o *ramerrão* ou *ram-ram* que se pronuncia *rame-rame* é apenas uma leve corruptela da locução *ramã a rama*, isto é, *pelarama*, ou de modo rudimentar. Os versos do *Pranto da Maria Parda* dão uma das formas e sentidos da locução :

Que quando era o trão e o tramo
Andava eu de ramo em ramo
Não quero deste, mas deste

Aqui de *ramo em ramo* quer dizer de venda em venda, ou taverna, ou casa. E isto é que é o *ram-e-ram* e equivale ao trivial de varejo ».

A proposito, escreveu-me Gonçalves Viana, a seguinte e breve nota que peço venia para transcrever :

« Continuo a ter por boa a etimolojia que dei a *ramerrão* nas *Apostilas* (1) não obstante o vocabulo ser relativamente moderno, como (*loc. cit.*) dissera eu. Nunca que eu saiba se disse em portuguez *rame-rame* ou *ramo-ramo*, mas sim *ramerrão* unicamente.

« Ora, de *ramo* não poderia provir *rão*, seria uma deturpação insolita. Quanto ao *ramo* do *Pranto* de Gil Vicente é sabido que serviam a ainda em Portugal servem de taboleta á porta das tabernas (2) quer nas povoações, quer nas estradas e caminhos; andar de *ramo em ramo* é portanto « correr as tabernas » e isto nada tem que vêr com o sentido da expressão *ramerrão*, repetição costumeira, fastidiosa ».

Tambem, a meu turno, não acho as razões suficientes. Não se trata aqui propriamente de transformações foneticas no sentido comum, isto é, da alteração popular de expressões eruditas ou de vocabulos antigos no seu perpassar por muitas gerações.

A frase é moderna e popular e plebeia desde o berço.

Mas que a ella não opõe a fonetica-*amo-ão*, bastaria atentar em *Adão* de *Adamus Amsterdão*, *Abraão* (Abrahamus) e outros que seria fatigante espulgar; recorde-se o *trão* e *tramo*, aqui citado de G. Vicente.

(1) *Apostilas*-II, 337-339.

(2) Não digo coiza diferente, neste e em outros lugares.
Nota de J. R.

E é este o cazo; mas pouco excetualmente costume pôr de conserva muitas das razões amparadas na fonetica por serem um refugio conhecido e um *objectionable* lugar comum de contendores.

Não posso concordar com Gonçalves Viana quanto á orijem aziatica.

Até mais vêr, a expressão rejistrada no seculo xviii será do seculo xvii, quando já o imperio colonial portuguez se tinha quazi reduzido a coiza menhuma ou ao que é, hoje, no Oriente.

Em escritores que tão numerosos estiveram na Azia ou d'ella trataram, nunca, se me deparou o vocabulo.

E ainda mesmo no seculo xvii quando o *chavão* de todas as academias era o chiste, a facecia ou a graça burlesca, entretanto o vocabulo trivialissimo não dà o menor sinal de si.

A supor-se tal vida larvada e oculta durante seculos para emergir no xviii, melhor fora extirpal-o do arabico onde ha varias formas que se poderiam acazo lembrar: *rām* e mormente *rasm* que significa vezo, costume, habito inveterado.

Mas não ha etimolojia sem historia; do contrario haviamos de cotejar formas prezenciaes do chinez ou do grego logo ao primeiro desfolhar dos dicionarios.

Se viesse do arabe, devia ser mais antigo, ou havia de entrever-se em qualquer dos dialetos peninsulares.

A *priori*, tudo leva a supôr que *ramerrão* é um vocabulo idiomático, não foi importado de alem-

mar, e foi criado no seculo xviii ou pelos fins do xvii.

Não accitando a etimolojia de G. Viana, não quero com isto envolver a afirmação de que persisto na simples conjectura que propuz, rompendo lanças por um indicio apenas.

E ainda sob a sugestão do eminente filologo portuguez foi que me determinei a examinar, por outras faces, esse intrincado problema.

O *ramerrão* ou *ram'ram* significa realmente o habito vulgar e costumeiro, e tambem coiza trivial e facil; ou a pouca ciencia e as primeiras linhas de qualquer arte, os *elementos*, o *abecê*. « Sabe ou repete o seu *ramê-ram* ».

Sempre se disse com a mesma deprecição *saber* ou *andar de rama em rama*, superficialmente.

Considere-se a seguinte imajem :

Em quanto assim andardes *polas ramas* não tocareis no tronco do meu sentimento.

Eufrozina — fol. 8 e 8 v.

Da mesma arte que *pela rama* é por alto e mal, o contrario ha de dizer *sob a rama* :

Sou de sua mercê
Muito seu, de *sola rama*,
Prestes — 154.

Ainda de *ramo* derivou *rameiro*. O gavião *rameiro* era uma das especies conhecidas na antiga cetraria (Diogo Ferreira. *Arte da caça* — cap. IV).

Quando Gonçalves Viana opõe que o *ram-ram* da minha etimologia seria quando muito o « Correr as tabernas » que ha pelas ruas e estradas, pela minha parte não me deixa de impressionar o exemplo que acho em Figueiredo :

*Eu vou ca pelo meu ram
me-ram.*

Teatro — X — 235.

Vale aqui perfeito movimento.

Não fiquei satisfeito ainda com essa exploração e pois que a pesquisa é ainda mais agradável que a descoberta da verdade, tomei outro rumo.

Pareceu-me que a soletração *r-a-m rão* não era aceitavel por que esta silaba *ram* não é frequente, não podia, pois, servir de exemplar e tipo ao vezo das repetições.

Não sendo frequente, em principio, podia contudo sel-o ocasionalmente; por exemplo podia ser o estribilho de uma cantiga popular, ou alguma das silabas finais que por vezes no canto se repetem.

O ditongo *ão* é de si mesmo fastidioso, salvo o parecer de Conto Guerreiro pue o assemelha ao *ore rotundo* :

Eu não sei com que razão
Pertendem que o *ão* se esconda
Sendo uma terminação.
Que nunca pronunciarão
Senão com boca redonda.

Epigram. CXIV-pj. 397.

As cantarolas costumeiras de palavras ficticias não raro se expressam em *ã*o, como é o caso do *Filodemo* em Camões :

— Ti ri ri, ti ri *rã*o.

Ato. V — cena 4.

Mas nenhum d'estes cazos poderia servir, e um apenas deixou-me cuidoso e pensativo. Eil-o, breve.

N'estes mesmos começos do seculo xviii em que aparece rejistrado o vocabulo *ramerrão* (1) foi popularissima em Lisboa uma opera que anda com as do Judeu, a *Ninfa Siringa*, entremeiada como as peça do tempo de cantigas, arias ou modinhas.

A fama da *Ninfa siringa* ainda pode confirmar-se com a aluzão do tempo, que se depara no Anfitrião de Antonio Jozé.

É provavel pois que as arias (como hoje os *couplets*) fossem repetidas pelo povo ; e uma d'ellas diz o seguinte :

Senhor Có, *ess*, cos
C, ó, có, *ram me ram*
Não seja asneirão
Marmanjo tolaz...

Que o povo as repetisse não ha a menor duvida, não só porque está na ordem das coizas, como por- que d'essa universal popularidade dão atestado um pouco mais tarde os reformadores do teatro a

(1) Nas *Enfermidade da lingua*, 143.

franceza contra o que lhes parecia o mau gosto vulgar (1).

É *possível* pois que d'esse *rão rão* da cantiga nacesse o vocabulo popular.

É *possível*, digo eu. Como, porém, achar a prova pozitiva d'essa orijem?

Afinal não ha mais que sair de uma conjectura para outra.

N'esta metafizica das probabilidades pode talvez caber a ponderação do filozofa : *Ignorabimus!*

IV

VICTOR, AMIGOS!

Em excelentes *Notas a Marjem* consagradas a modesto livinho meu, pude avaliar o extranho e subido quilate do erudito escritor que é Alberto de Faria.

Vivendo em cidade remota, mas não alheia ao movimento intelectual (2) nem até ás intrigas costu-

(1) Figueiredo, por exemplo, que se insurge contra essas operetas zurze como ridiculas as arias do *Papão*, do *Anfitrião* (VI, 77, 55 e em repetidos lugares dos suas comedias que miravam a rejueneração do teatro).

É ainda digna de nota a reunião das palavras *chançoneta* e *coscorão* em uma das cartas de Don Francisco Manoel :

V. Mee me diga como está; se folgou
muito: como foi de *chançoneta* e *coscorão* que
é o que importa,

D. Francisco Manoel — *Cartas* — 517.

(2) Aí tambem escreveu recentemente Raoul Soares a sua erudita monografia — *O Poeta Crisfal* — (1909).

meiras, pode elle achar os meios de formar uma individualidade orijinal e a todas as luzes que se considere, de primeiro brilho.

As suas cotas lançadas sem filaucia desvaneceram-me, fossem emendas ou aditamentos, acrecimos, inspirações novas com que se erguia o véo de novas perspectivas.

Não ha nada mais agradavel do que essa colaboração simpatica, e serena, não enlaivada pelo aze-dume e pelos doestos obliquos da malquerença oculta.

Foi a respeito da fraze antiga *Victor, amigos*, que escreveu as seguintes considerações :

« Na linguaem pebleia rejistrada na INFERMIDADE DA LINGUA (1759) — *leva isto de victor amigos* prezumo que se dirivou de *inter amicos*. »

E em n. a m.^a pj. :

« Li algures (nos seus STUDIEN?) em Carol. Michaëlis a locução — *victus & amicus*, como tomada de Santo Agostinho ». (1)

Victus & amicos não fortalece a conjectura de que

(1) Das *Frazes feitas* (I serie) pj. 189. Indiquei a fraze de passajem e em conjunto com outros latinismos. O trecho de Carol. Michaëlis está efetivamente nos seus *Studien zur romanischen Wortschöpfung* (1876); citei de memoria e pouco apropozitadamente. A eminente doutora referia-se apenas á aparição das rimas na decadencia extrema do latim : *victus e amictus, erroribus terroribus* (pj. 26); provavelmente eu teria tomado nota que não pude verificar, pois aquelle excelente livro, um dos primeiros, mas já vigorozos da eminente Senhora, tem trezentas pajinas, mas sem capitulos e sem indice qualquer. Toda verificação de leitura ou nota ali colhida é difficilima e quazi impossivel, na multidão de fatos ali estudados (J. R.).

victor, em « *victor amigos* » (falta uma virgula após o primeiro termo), seja tradução macarronica de *inter*, de « *inter amicos* ».

Aliás, essa phrase attribuida ao doutor da Igreja podia abrir luz, que conduzisse a solução do problema, pelo adjectivo que a inicia, de *vinço* : o *victor* dos espanhoes e nosso não é mais nem menos que o sub. com. masc. latino assim escripto, de *vincere*.

Si o pesquisador fosse por ahi, ouviria como um canto de bom augurio o *Ritorna vincitore*, da AIDA...

O vocabulo, considerado plebeismo por M. Payva, o não sibyllino, mas sibilante *Silverio da Silveira e Silva*, tam bem me fez especie pelo emprego, quando o vi nas OBRAS COMPLETAS do poeta barbeiro Antonio Joaquim de Carvalho, publicadas em Lisboa no ultimo quartel do seculo XVIII.

Do t. I dellas transcrevo os exemplos infra reunidos, conservando-lhes a pontuação :

Victor serio, senão chamo o dos chuços, pg. 12.

Com voz fanhosa clama : Victor serio! pg. 12.

Ora, victor feição : basta de arengas, pg. 13.

Já todos gritam : Bravo, Victor velho, pg. 13.

Victor serio, Senhor, victor feição, pg. 25.

Um interessante cap. das TRADICIONES Y ARTICULOS HISTORICOS, de D. Ricardo Palma, Lima, 1899, esclarece bem o ponto.

O A. começa por falar da orijem :

« É aqui uma palavra (*vitores*) que alguns crêm limenhismo puro ; mas encontramol-a consignada no primeiro dictionario da lingua e nas edições successivas. Calderon e Lope de Vega a empregaram em suas comedias, pondo-a na bocca dos estudantes de Salamanca e Alcalá de Henares, e ainda a palavra *cola* applicada aos vencidos em um certamen. Dominguez affirma que, para suavizar a pronunciação se diz *vitores*, em vez de *victores*, e não acceta a voz no singular.

Fique a questão de pé, para que a decidam os academicos ». Pg. 217.

Percebe-se desde logo que *victor* era o *victorioso*, em opposição a *cola*, o *vencido*.

A expressão de que se trata passou dos estabelecimentos profanos aos religiosos, denominando um genero de poesia.

Nas eleições de abbadessas e abbades, o povo recitava coplas, em louvor dos pleiteantes vencedores, ou deslouvor dos vencidos, ao mesmo passo que fazia resoarem cascaveis, pandeiros e matracas.

Os *victores* pertenciam já, assim, ao *folk-lore*.

O escriptor peruano, sem poder determinar a época em que se introduziu o costume na sua patria, assegura, entretanto, constar que em 1617 se cantava alli, no mosteiro das bernardas da Trindade :

Vitor la madre abadesa,
Modelo de santidad!
Vitor la lega e profesa!
Vitor la comunidad!

As freiras clarissas tinham este villancico para certas estas internas :

Vitor, vitor las llagas
De nuestro padre San-Francisco!
Una, dos, tres, cuatro, cinco!

E as seculares, em côro :

Alegrémonos, alegrémonos,
Porque és bien que nos algremos.

Por ordem superior, de 31 de dezembro 1786, communicada ao vice-rei Croix, prohibiram-se os victores nas eleições de abbadessa.

Dos conventos femininos é que se transferiu o costume aos masculinos.

Em 1709, no capitulo dos agostinos, disputaram o triumpho os monges Alejandro Paz, sevilhano, e Pedro Zavala, biscainho.

Quasi se *desmanchou o capitulo*, tal a furia dos eleitores.

A um boato de que vencera o primeiro, os respectivos caudatarios extraconventuaes romperam atroadoramente :

« De Sevilla fué el olivo
Primeiro que vino acá.
Vitor, por Sevilla! Vitor!
Vitor, por el padre Paz ».

Mas, pouco depois, proclamou-se a verdadeira noticia, e então bradaram os sequazes do segundo :

« De Vizcaya la mui noble
nunca vino cosa mala
Vitor, por Vizcaya! Vitor!
Vitor, el padre Zavala ».

Em 1804, germinado já o sentimento de nacionalidade, viu-se eleito fr. Cipriano Gerônimo Calatayud, limenho. Festejaram-n'o assim :

« Vitor el padre
Calatayud,
Faro de ciencia,
Sol de virtud!

Vitor el padre
Calatayud!
Vitor, hermanos,
Por el Perú! »

As coplas de *victoria ou victores* desapareceram da republica sul americana desde cerca de trinta annos. »

Não ha nada que contraditar a essas curiozas e instructivas ponderações.

O que a mim, me surpreendeu, foi o não ter atentado na locução, que é comunissima nos seculos xvii e xviii; a todo o momento podia eu conhecel-a nos proprios escritores que me serviram de autoridades no texto das *Frases feitas*. Completo, aqui, essa lacuna.

Servirá ao dicionario historico e etimolojico da nossa lingua quando for feito e para o qual tenho contribuido de alguma sorte com as minhas enfiadonhas parlandas.

O *Victor, amigos!* era a interjectiva com que se aclamavam os oradores no seculo das academias. Começou, pois, com as letras de seicentos.

N'esse periodo é consideravel o numero de referencias.

Já entre os quinhentistas se depara uma ou outra formula diferente como a de — *Viva quem vence!* (da Ulizipo III, cena 6), que é um prelude da locução que havia de ser consagrada na peninsula. Dezenrolemos alguns exemplos caracteristicos; que confirmam as ponderações de Alberto de Faria.

Na *Academia dos Singulares* :

- Já cheguei ás treze coplas
Quando um *victor* não mereça...

I, 295.

Victor, senhor Presidente,
Vossê nesta casa orando?

II, 236.

Quem foi dizer *viva, viva*,
 Nesta ocazião os meninos,
 E tambem hoje o Congresso,
 Não me dirá *victor, victor*.

II, 279.

Victor, discreto Serrão,
 Se é que vos posso aplaudir.

II, 371.

Ora em fim, vençam pezares,
 Tenham *victor* neste dia.

II, 416.

Na *Vida de Ezopo*, de Antonio Jozé, a expressão
ocorre duas vezes :

(Gritam todos :)

— *Victor*, la vem o bebedor dos mares.

Esopaida I, cena V.

O segundo exemplo é mais carateristico :

— *Victor* Xanto!

— *Victor* Ezopo!

— *Victor* eu e *victor* amigos.

Ibid., I, V.

Os *Encantos de Amor* de Alexandre de Lima,
 opera incluída na coleção do *Teatro comico por-
 tuguez* (1) terminam por esta quadra :

Pois de aplaudir-vos já logram o fim
 Estes obzequios que a idéa formou,
 Um *victor* vosso mereçam aqui
 Hoje estes novos Encantos de Amor.

Teatro Com. III tomo, 371.

(1) A peça é um *arreglo* de outra espanhola. Cito a edição
 de 1760.

Em um *romance* da *Fenis renacida* :

Pois cada um dos que falta
De mil *victores* é digno.
Fenis, IV, pj. 197 (2.^a ed.).

E nas poezias de Tomaz Pinto Brandão :

Victor glossa : fechou com bem rigôr.
O lá, dêem de beber ao glossador.
Pinto Renacido, pj. 120.

Na peça *Assemblea* de Garção :

Victor serio, senhores! versos, versos!
Obras poeticas, II, 177.

Em Frei Lucas de S. Catarina a forma popular e plebeia que rezultou d'aquelle latinismo : De *victor*, pronunciado *victór*, o povo fez *vitró* ou *vitaró* :

Andavam os rapazes da vizinhança com os seus capacêtes de papel, em cavalos de cana; e, correndo, estrujiam a rua com o seu *vitaró*, *vitaró* : não havia quem se entendesse e era coiza de grande gosto.

Anat. Jocoço II, 179 (ed. 1753).

A expressão vulgarizou-se no seculo xvi com as academias e com o costume dos temas tratados em comum pelos poetas, um dos quaes, por vezes, levantava o premio de vencedor.

A aclamação caiu em ridiculez, logo depois.

Nos entremezes e farças de cordel, tão nume-

rozias no seculo XVIII, a todo o propozito com a mesma frequencia se depara esse modismo. Certificam-n'o os exemplos :

Do *Quem quizer rir pague e leia* ou os *Freguezes do Cais do Sodré* :

— A falar verdade, ellas têm razão, pois são de nós muito maltratadas.

— Amigo, *victor serio*; deixemos nós o cais do Sodré e voltemos para nossas mulheres.

In fine, pj. 16.

No *Alardo na Aldeia* (1) :

— *Victor serio! victor serio!*

— Vem rapaz e toma sentido para quando tiveres o meu cargo te saberes haver. (Pj. 13.)

Na *Mestra Abelha* :

— Ora sabe que mais? Não seja asno... ouviu?

— *Victor serio*. Nada de correaria. Eu bem sei que ninguém gosta que lhe chamem aquilo que é.

(Cena V.)

Recapitulando os diferentes empregos e applicões que recebeu o *modismo* parece que a principio era voz de aplauzo e aclamação e depois, voz de comando ou para impôr silencio a qualquer companhia ou ajuntamento; pois que, por facil translação, equivalia a dizer : *Está acabado, não ha que retrucar!*

(1) Por A. da S. L. (?) como se lê no frontispicio do *pliego suello*.

Conviria examinar se a expressão desapareceu de todo. No uzo assíduo e vulgar é certo que devia ter desaparecido; mas não de todo.

Quazi sempre no *folk lore* que é o mundo dos *survivals*, entre esquecidas camadas, lá se vai descobrir entranhada a fujitiva.

Vamos encontral-a entre as formulas e fechas das historias populares. Rejistrou-a o illustre etnologo portuguez, o Dr. Leite de Vasconcelos (1) sem todavia relacional-a á sua antecedente historica :

Victoria, victoria.
Acabou a historia.

ou ainda :

Adeus, ó *Victoria*,
Acabou-se a historia.

Com perdão de todos os fonetistas do mundo, esta *Victoria* é seguramente o mesmo *Victor* com que se dava grado a todas as justas oratorias.

(1) No vol. II dos *Ensaios etnograficos*, pj. 221.



GUSTAVO FREYTAG



GUSTAVO FREYTAG (1)

FRAGMENTO

Gustavo Freytag nasceu a 13 de Julho de 1816 em Kreuzburg na Silezia e descendia de uma familia de burgomestres e pastores. Ainda que a propria tempera dos silezianos seja alegre e jovial, era elle um triste e um melancolico; a adolescencia e a infancia nelle decorreram de modo pacifico e metódico e mais parecera que sua vocação como a dos avós seria a do funcionario provinciano. Não obstante, posto que não fosse nobre, elle tinha no mais alto grau o sentimento da dignidade pessoal e tinha-se mesmo na conta de aristocrata. Varios passos da sua vida poderiam demonstralo; o seu livro de recordações — *Erinnerungen aus meinem Leben* — está todo cheio desses assomos de amor

(1) A proposito da tradução portugueza do *Deve e Haber*, Rio, 1899 (A tradução feita sobre a franceza, é detestavel e sem nenhum merito literario).

proprio, sempre solícito em lembrar que seus pais eram *Honoratioren* e nunca podendo perdoar na sociedade o esquecimento da hierarquia. Comprehendemos nós outros no Brazil esse sentimento que sempre foi qualidade dos nossos oligarcas; os filhos de barões e viscondes, a todo sério, andam um palmo acima do solo e olham benevola e paternalmente para a galeria democratica.

Era este o cazo de Freytag.

Entretanto, a sua tempera era tão profundamente liberal que foi elle um dos que mais trabalharam para destruir a barreira posta pelos preconceitos entre a burguezia e a aristocracia de sangue e foi com esse espirito de prozelitismo que elle escreveu o *Deve e o Haver*, que é uma apolojia do trabalho do commercio e da vida burgueza.

Nada indicava em Freytag quando ainda adolecente que nelle havia de brilhar a centelha do genio. Nenhum prenuncio dos instintos do publicista ou do poeta; nenhuma precocidade, nenhum rasgo de paixão ou de cepticismo. Tudo nelle era a mediania, a mediocridade insignificante e apatica; assim atravessou a escola e os primeiros anos do ginazio.

Por esse tempo morava conjuntamente com um velho tio celibatario e essa solidão exacerbava a sua natural melancolia. Foi nessa epoca que lhe caiu nas mãos por acazo um romance de Walter Scott; o encanto que lhe produziu foi indescrriptivel e o grande mago escossez pareceu-lhe ser a unica alma humana que o comprehendia e o reve-

lava e com quem valeria a pena comunicar-se. Ainda porém esse entusiasmo foi esteril, e Freytag aos 19 annos entrava as portas da Universidade de Breslau como a numeroza prole dos filisteus, anonimo e desconhecido.

Aí porém se-lhe desenvolveu um grande ardor de erudição e de ciencia; dedicou-se á filologia classica, e com Hoffmann v. Fallersleben consagrou-se aos estudos da Alemanha medieval, ás antiguidades germanicas. De Breslau passou a Berlin onde encontrou um mestre em Lachmann como o ideava o seu coração, e aí concluiu os seus estudos com uma dissertação — *Sobre os começos da poezia dramatica entre os alemães*.

Este trabalho e mesmo a sua habilitação a *privat-docent*, aos 23 annos, de lingua e literatura aleman, e a qual não passou de simples titulo honorifico, apenas o recommendavam a pequeno circulo de eruditos ou de amigos. Não havia injustiça nesse olvido; a dilijencia e illustração de que elle era capaz podia ser disputada por grande numero dos seus conterraneos.

Os seus estudos da poezia dramatica aleman tentavam-lhe o espirito; convenceu-se de que poderia escrever uma obra d'arte nacional, conhecendo como elle conhecia toda a cultur-historia da sua patria.

Havia a intendencia do *Hoftheater* em Berlin instituido um premio; que se consignaria á melhor comedia que lhe fosse apresentada. Freytag concorreu a esse premio; não que o pretendesse;

mas já possuindo escrita uma comedia que elle temia dar á publicidade, entregou-a anonimamente a essa prova. A sua comedia *A' procura de noiva* (1) foi premiada, embora o concurso repelisse o genero historico, e teve um successo inesperado. Entretanto este successo todo popular não se justificava diante da critica. A obra traía o cunho juvenil da inexperiencia, ainda que nella superabundasse a vida e o movimento. Freytag reconheceu, como mais tarde elle proprio confessou, que uma obra dramatica não se faz apenas no gabinete; é preciso conhecer a cena, os segredos da tecnica do teatro e mesmo frequentar os bons actores. Sem esse commercio, toda a previdencia teorica falha absolutamente na execução; e disso era elle o melhor exemplo, porque ninguem melhor conhecia a literatura dramatica aleman, que estudava desde os primordios da sua carreira universitaria, mas estava na situação de um muzico que jamais poderia escrever uma opera sem conhecer os recursos varios dos instrumentos e das vozes.

Esta convicção impelliu-o a frequentar os circulos de artistas dramaticos em cuja sociedade encontrou afeições e simpatias.

Ao passo que no escriptor se evolviam e expandiam a sua força creadora e o fruto de sua erudição, lá fóra na vida nacional e politica da Alemanha a onda dos descontentamentos crecia temerosa e aproximava a crise revolucionaria do ter-

(1) Sob o titulo *Die Brautfahrt oder Kunz von der Rosen*.

ceiro estado. Depois do *Governo da libertação* se havia repetido o mesmo phenomeno de cansaço que succedeu ás lutas prolongadas da chamada *Guerra dos trinta annos*; o povo tinha-se empobrecido e caído em quasi miseria, de modo que as forças rezervadas ao trabalho e ás produções emigravam para as repartições publicas; todos queriam ser funcionarios, recurso comum dos povos pobres; qualquer emprego era a unica providencia celeste ou terrena da vida; mas a superabundancia mesma dessa miseria determinou novas energias e restaurou as forças, menos perdidas do que fatigadas. Os estadistas alemães não comprehenderam esse movimento restaurador que se orijitava da burguezia; mas Pariz em 1830 acabava de dar o exemplo e Pariz, facinação do mundo, exprimia bem a opinião publica universal. Á literatura, as escolas superiores haviam já preparado esse levantamento da vida nacional e o que faltava era a difusão dessas idéas. Á classe burgueza, motejada ha pouco, cabia o momento do panejirico.

Freytag teve nessa emergjencia a sua pozição definida. A sua tragedia nunca concluida — *O intellectual* — (*Der Gelehrte*) é um fragmento apenas; mas é a apolojia da nova politica : aristocracia e seleção, mas puramente intellectual, e sem patriciado; uma ou outra indiferentemente, mas nunca sem o povo. Entretanto a verdade é que elle não foi muito fiel ás suas proprias opiniões. É que estas sempre estão mais na ajitação externa do que no proprio ser; a opinião sobre-

tudo politica é uma onda, uma vaga que chega de fóra. Que culpa ha se o mar é tempestuozo e as vagas são muitas? Por isso elle era pelo direito de arrepende-se. — « Pois não devemos perdoar aos nossos inimigos? porque então não nos perdoarmos a nós mesmos? A coerencia é um dado do homem antigo, quando cincoenta annos eram apenas o suficiente para ler dois autores e ir á Italia com o risco de não voltar em vida. Medido o nosso pelo tempo desse homem primigenio, cada um de nós vive hoje tres ou quatro seculos ».

Elle se fez uzo não abuzou entretanto dessa doutrina. A sua coerencia, mau grado elle proprio, era mais intelijivel e profunda; antes de tudo elle amava o povo, detestando a popularidade; poderia *papalizar* como Gœthe, aproveitando-se do prestijio que o cercara ao menos em certo periodo da sua vida literaria; mas sempre se furtou á admiração dos seus admiradores; queria talvez ser o chefe, mas o chefe invizivel da sua igreja e dos seus sectarios. Por isso fujia ao tumulto e acabou até por fujir á cidade. A vida pastoril seduzia-o como a certos espiritos melancolicos e aos egoistas que preferem consagrar maior tempo a si mesmos do que aos outros. Mas a sua coerencia subsistia no fantasma creado por Jacob Grimm, a *alma do povo, Volksseele*; um e outro tinham essa convicção profunda de que cada povo tem a sua alma, diriamos hoje, a sua psicolojia individual, e que alma é a constante de que o progresso, os impe-

rios e as revoluções não passam de variáveis. Ainda mais com Jacob Grimm elle entendia que o segredo de toda a literatura estava nesse cerne da vida ethnica e que todas as obras falhas e vans deveriam ser aquellas que não impressionavam a vida da raça. A alma aleman para elles é eternamente a mesma, imutavel e eterna, é o residuo comum, o germano de Tacito e o alemão de hoje e que vibra sempre o mesmo tom a todos os sopros, sejam brizas ou tempestades. No seu conceito, a civilização não tem influencia sobre esse dote injenito dos povos (1). A alma de um povo não se civiliza. Mais tarde, Bastian vai repetir e reforçar esse conceito.

Quando falamos da *vivacidade* franceza, da *grandeza espanhola*, do *gemüt* allemão, nada fazemos senão levantar a ponta do veu que encobre o misterio ignoto e espirital. Revelações incompletas do enigma dos povos.

Hoje é essa idea popular n'uma ciencia nova entre nós mais conhecida pela expressão saxonica de *folk lore*. A alma do povo, as suas crenças e a sua intellectualidade, superam e explicam todas as singularidades nacionaes e devia ser o *alfa beta* de toda arte politica.

G. Freytag escreveu com essa prevenção os *Quadros do passado* e em seguida *Os avós* (2). Eu

(1) São as palayras mesmas do seu biographo Th. Pante-nius... « das Seelenben der einzelnen Nation, nicht von der Kultur, sondern von der ihr angeborenen Anlage fort und fort bestimmt würde. »

(2) *Bilder aus der deutschen Vergangenheit-e — Ahnen.*

disse *prevenção* para não escrever *preconceito* que de certo, não o é. Mas a « alma do povo » tem varias expressões, e a mobilidade da Alemanha na crize da sua unidade veiu demonstrar que essas restituições historicas só teriam successo efemero. A alma popular é eterna, mas são varios e contraditorios os seus interpretes. Ainda hoje se lêem esses « quadros » da vida jermanica animados por Freytag como ainda se lêem as restituições ejipticas de Ebers ou as medievais de Felix Dahn; são ainda populares ou antes provincianas na sua popularidade; para a Allemanha de hoje o *livro* literario, o romance, cedeu com a geração do proprio Freytag, de Auerbach, de Keller, de Paulo Heyse e Storm; na Inglaterra ainda é o romance, ou o livro, a expressão da alma nacional. Mas hoje no imperio germanico o primeiro papel cabe ao teatro e sem elle o escriptor não fundaria uma grande reputação. Sudermann, Hauptmann, Fulda, Max Halbe, E Hartleben, Adolfo Wilbrandt, E. Wildenbruch... são os romancistas e os nomes literarios de hoje e em parte ou exclusivamente o são do teatro, verista ou neo-classico. A formação das grandes capitaes, o prestijio da popularidade directa onde existe uma grande sociedade mundana e culta, impele todos os autores a tentar a cena onde ás *premières* aflue o escol de Berlim ou de Vienna (1).

(1) O teatro alemão, que outr'ora imperava no *Hofburg-theater* de Vienna e nas varias côrtes da federação, acha-se centralizado agora em Berlim e é representado pela gera-

No Brazil ainda menos que o *romance* o criterio da reputação litteraria provem do *livro de versos*. Pelo menos, para os nosos criticos.

Logo depois da poezia o romance tem conseguido criar alguns nomes nacionaes, o de Alencar por exemplo, Machado de Assis, Coelho Neto. O teatro, entre nós, não existe ou apenas se entrevê em futuro que não parece proximo...

O governo, nos ultimos tempos, tem-se occupado da nossa *intelectualidade* como reclamo no estrangeiro, sem nenhuma vantagem para nós proprios... (1)

ção de escritores orijinaes que acabo de citar e que conseguiram suplantar a influencia franceza de Dumas, Augier, Sardou, até 1887. A escola franceza ainda tem todavia seus representantes em Paulo Lindau, Oscar Blumenthal, Hugo Lubliner e Max Nordau (que fez uma tentativa n'este sentido com o seu *Felix Philippi*); o antigo successo dessa escola de 80 em diante empalideceu até desaparecer por completo, Entretanto um critico teatral, de nota, Otto Neumann Hofer diz que é uma curiozidade de Berlim ser a unica cidade que possui um publico de teatro internacional e onde em todas as estações se podem aplaudir composições de Praga, Rovetta, Echegaray, Pinero, Byörnson, Ibsen, Gogol, Tols-toi, Gallina, Becque, Rostan, Ancy, Jones, etc., e ouvir a Duse, ou a Judic, Booth (americano), Wyndham (inglez), Dalys Truppe, sem faltar na *tragædin* russa ou polaca nem das estrellas de toda a parte e ainda sem contar os reperto-rios classicos em que figuram Shakespeare, Molière, Calderon, Lope, Moreto, Beaumarchais, Sheridan e pelo menos uma vez Sofocles e Plauto.

(1) Aqui termina esse fragmento de critica. Completar-se-ia com um juizo desfavoravel da mal feita tradução do *Deve e Hacer*, de Freytag.



ORTOGRAFIA DA ACADEMIA



A QUESTÃO DA ORTOGRAFIA.

Questão velha era já em Portugal ou no Brazil a da simplificação da ortografia.

Pouco a pouco, a inconciente imitação franceza mórmente no seculo XVIII, e o ante-iberismo luzitano desde o seculo XVII haviam tornado a ortografia da lingua uma arte difficil e para poucos.

Procurava-se com essa falsa erudição honrar as oriens classicas latinas, segundo o velho erro e preconceito do tempo de que a linguagem moderna derivava das cultas formas literarias do seculo de Augusto.

Historiar o movimento da reforma sempre necessitada e reclamada levar-nos-ia a digressões n'este momento inoportunas.

Não quero aqui senão indicar as bases da reforma e da simplificação proposta pela Academia Brasileira.

Ao mesmo tempo, ajuntarei alguns comentarios

aos pontos principaes da reforma, sem nenhuma intenção de fazel-os completos como poderia o assunto exigir, em materia que levantou numerosas contestações.

A sessão de 11 de julho (1907) da Academia foi, escrevi eu, a mais importante das suas reuniões quando avaliada pelas consequencias sociais que vai ter.

A Academia votou naquele dia a simplificação da ortografia portugueza.

Não poderia haver assunto de interesse mais geral e pratico.

Para mim, o maior interesse estava no proveito e beneficio indefinido e inestimavel feito á educação popular.

A questão da ortografia ha muito pedia solução mais conforme ao espirito do nosso tempo. Outrora as *primeiras letras* eram apenas o primeiro passo que, em regra, se proseguia com o estudo das humanidades ou com os estudos universitarios. Ainda ha hoje muita gente do tempo em que se não fazia exame da lingua materna de cujos estudos era só absolvida pelo exame do latim. As *primeiras* letras eram efetivamente *primeiras* e o latim *das* nossas escritas infantis era apenas uma anticipação.

Hoje, ao contrario, para a *quazi totalidade* dos que estudam, as *primeiras* letras são as *unicas*. A extrema difusão do ensino, que ainda se pede maior, não faz do estudo vernaculo um primeiro

passo para as letras classicas : a escola popular ha de bastar a si propria. O cultivo ulterior do latim caberá talvez a um millesimo de quantos aprendem a escrever.

A solução que impõe o nosso tempo é portanto outra que não a antiga. Do contrario, teriamos como certos povos primevos e semi-barbaros a necessidade de duas escritas : uma *hieratica* e sagrada para os letrados e outra *demotica*, popular, para ignorantes e plebeus.

Acrece que a estas razões se junta a de que os proprios letrados não se entendem no seu hieroglifo comum. São demazido conhecidas as polemicas travadas por um ou dois *ll* e quejandas ques-tiunculas.

Compreendo as facinações do alfabeto, das letras etimologicas e a sensibilidade nervoza dos que veem em *omem* sem *h* um decapitado sonambulo e espectral. E, entretanto, o *arauto* que trazia a bandeira (*haraldus*) perdeu o *h* e não perdeu a bandeira.

É certo que o *h* dá altura e importancia : por isso é que fizeram *historia* e *Hispanha* quando havia já *estoria* e *Espanha*, mesmo no tempo em que se sabia e se escrevia mais latim do que hoje.

Fazendo obra para si a Academia discretamente finjiu não sentir a opinião publica. Mas a opinião estava com ela, como não podia deixar de estar.

As complicações estão hoje dezacreditadas. Ninguem ha que recuze o mais simples pelo gosto do que é complicado.

Sejamos simples.

Que nos importa o folhetim? O folhetim traz os guizos, as complexidades barrocas, e arlequinescas do reclamo; si não tine e chocalha, não presta.

Compreende-se que se possa motejar do Brazil inteiro, dos seus politicos, dos seus homens, da sua vida material e moral, de tudo, emfim. Pode-se ainda repetir a frase consagrada do pessimista — o Brazil é *uma choldra*.

Mas seja como fôr, aqui vivemos e havemos de aceitar o que ha e o que somos. E a Academia é a unica amostra organizada do nossa vida intellectual.

Si a Academia não presta, então o Brazil tambem não presta; e si ella não tem autoridade academica então os satiricos e os engraçados tambem não teem graça nenhuma.

Basta refletir em que não seria possivel, em dado momento e em ponto algum do Brazil, reunir vinte homens (e eram tantos os que compunham a sessão de 11 de julho) que tivessem maior prestijio literario que aqueles, suposto que tivessem igual.

Daqui a pouco, o exito da reforma desvanecerá todas as duvidas desta primeira experiencia.

Dezejada por ambos os povos que falam a nossa lingua, já em Portugal a simplificação da orthografia é praticada em parte da imprensa e por muitos dos seus escritores.

Na Academia, devemol-a ao espirito sintetico,

ao talento maravilhoso de Medeiros e Albuquerque que tomou a iniciativa da reforma, amparada pela perpetua juventude de Machado de Assis, e pela opposição liberal de Salvador de Mendonça que com uma palavra fina, gentil e brilhante, deu todo o encanto á discussão, e não acabou sem contribuir grandemente para o resultado final.

Tambem o nosso sabio confrade Silvio Romero fez algumas discretas reflexões.

Foi, pois, a obra comum do bom gosto, das letras e da ciencia.

Propondo-me a expôr aqui os principios gerais da reforma, devo dizer que ainda não existe uma informação official que poderá talvez diverjir do que irei dizendo, quanto a pormenores que não estão devidamente esclarecidos.

O proximo *Boletim* da Academia será o texto autentico (1).

Com este desconto, e com esta rezerva é que se entendem as afirmativas de menor vulto ou de pouca importancia, quanto aos cazos especiais ainda não rezolvidos: são todavia autenticas as regras de maior generalidade aqui expostas.

Um dos pontos essenciaes da reforma foi a simplificação dos chamados grupos gregos PH, TH, CH: *phonographo, theoria, chimica*.

Já nos ultimos tempos havia tendencia para a

(1) O *Boletim* foi publicado, mais tarde. Transcreveremos em appendice.

simplificação e ás vezes supressão dessas letras meramente historicas e já escreviamos :

asma—(asthma)
 tísica—(phthisica)
 enthusiasmo—(asthmo)

O emprego do TH levava a erros deploraveis: *thesoura* por *tezoura*, *theodolito* por *teodolito*, *Theresa* por imitação do francez em vez de Tereza (antigo, Tareja) *theor* em lugar de *teor*, *systema* por *systema*, *theatino* (do bispo de Teati, fundador da ordem) por *teatino*, e *thiara* em vez de *tiara* que é o certo; e assim metia-se grego onde o não havia nestas e em muitas outras palavras.

O mesmo sucedia ao *ch* : a redação grega dos livros sagrados por um certo tempo introduziu a grafia *Joachim*, *Ezechias* (como tambem *Joseph*, *seraphim*) que dezapareceu mas subzistiu em algumas palavras, em *cherubim*, por exemplo.

O uzo do *ch* em certas palavras era já arbitrario : *melancolia* e *melancholia*, *cholera*, em um cazo e em outro *colera*, as vezes *character* e outras vezes *caracter*, *sepulchro* e *sepulcro*, *eschola* e *escola*, *chrysol* e *crisol*, *parochio* e *pároco*, *Cipre* o *Chipre* e *Kipre*, *chamomilla* e *camomilla*.

O peor é que indo além dessas inconsequencias graficas se cometiam erros, confundindo o *k* e o *ch* : *kilo* (em vez de *chilo* e ao lado de *chiliada*) *cachexia* em lugar de *cakexia*, e uma vez por outra *charta* que era já erro grafico no latim.

No meu *Dic. Gram.* na 2ª e 3ª ed. pg. 188, escrevi : *kilometro* está em lugar de *chiliometro*.

O bom etimologista deveria escrever *chorda* e não *corda* e também *chrema* ou *chreme* do leite (é a mesma palavra que *chrísma*) e a forma franceza *cretino*, *chretino*, (que, quem o diria? deriva de *christão*, *christianus*; *cretino* é o pobre de espirito, é o homem de Deus e de Christo, o rude e o idiota).

No seculo XVII (em 1631) mandava o orthografo Ferreira de Vera que se escrevesse *maquina*, *monarquia*, *quimera*, com *qu* e não *ch* (1) e a razão que dava era excelente : « Assim como os gregos, latinos e arabes não conheceram esta nossa pronuncia *chinela*, *cheminé*, *marcha*, assim nós na nossa lingua materna não temos a sua de *ch*. »

E acrescenta, a meu vêr, com muito juizo : « Erram os que escrevem dições portuguezas por *ch* derivadas dos latinos e gregos, com que se embaraçam muitos que não sabendo diferenciar os nomes latinos dos vulgares pronunciam uns por outros, errando na pronunciação como no significado : como *coro* (por-ajuntamento) escrevem *choro* por se mostrarem latinos, não vendo que desta maneira significamos *pranto* ».

Pouco tempo depois, J. Franco Barreto na sua *Ortografia* (1.ª ed. 1671; pg. 118) confirmava a opinião do seu precursor, dizendo : « Advirto

(1) *Ortogr. portug.* 1.ª ed. 1631, pg. 10-11.

que os nomes que temos dos latinos escritos por *ch* devemos escrever sem elle, como *caridade*, *coro*, *carta*, e não *charidade*, *choro charta*, como alguns por se mostrarem latinos costumam fazer ».

É curiozo notar que esses ortografos censuram aquella exajerada mania de « parecerem latinos » aos seus contemporaneos. Era abuzo que vinha já da epoca da renovação erudita e o primeiro gramatico da nossa lingua Fernão d'Oliveira escrevia em 1536 em fraze rude a propozito do *h*. « Nós somos tão grandes *bujios* dos latinos que tomamos suas coizas sem muito sentir dellas quanto nos são necessarias ».

Quando os portuguezes deixaram de ser *bujios* dos latinos, passaram a ser dos francezes; no seculo XVII a ortografia grega dos *ch*, *th* etc., pode já considerar-se sem rival. E, comtudo ainda ha ortografos que concedem, hezitantes, as duplas grafias, *ch* e *qu*, como o faz por exemplo Freire da Cunha, permitindo que se escreva « com *h* ou sem elle » *caridade*, *eco*, ou *charidade* e *echo* (1).

O famoso Madureira que é do mesmo seculo faz as mesmas concessões no seu vocabulario: *charidade* ou *caridade*, *echo* ou *eco* ou ainda *ecco*, mas prefere o *ch* dos eruditos por que lhe não corre a obrigação de « acomodar-se á ignorancia do vulgo ».

Vê-se que a latinização da lingua gastou trez

(1) *Breve tratado da Ortogr.* Lisboa, 6.ª ed. 1788.

seculos para só criar dúvidas, dificuldades, inconsequencias, vacilações e erros.

O *th* orijinou os erros que ha pouco mostramos, e por outra parte, nem sempre foi observado com escrupulo e exatidão. Porque não escrevem os etimologos *thalo*? assim devia ser (*thallus*, *thallos*) e *theima* que vem de *thema*? e *thio* que vem de *thius* e *theios*? e *tholdô* e *tholdar* que vem de *tholos*? e *thomilho*, no latim *thymum*? e *thriaga* por *theriaga*? e *thriumpho* (de *thriambos*?) e na expressão por um *triz* por que não escrever, por um *thriz* (*thrix*-cabello?) e até mesmo *bothica* (apotheca), *bothicario*?

O resultado, pois, é que no uzo vulgar se escrevem com *th* palavras que as não teem (thesoura, Theresa, thiara) confundem-sé radicais diversos em *t* e em *th*: *systhema* por *systema*, *neurasthenia* por *neurasthenia* e *sthenographia* por *stenographia*, *therebentina* por *terebenthina*; e ao mesmo suprimem o *th* onde devia coerentemente estar *thio* e não *tio*; *tholdo* e não *tôldo*, etc.

O *ph* gerou as mesmas incertezas, porque apesar da helenização da nossa ortografia, já não era uzado em varias palavras (*desfacelar*; *fantasia*), e já se percebe, por influxo do francez e não por iniciativa nossa.

Que significa escrever *diaphano* e ao mesmo tempo escrever *fanal* ou *farol*? os radicais são os mesmos. Que inconsequencia enorme nas palavras todas da mesma orijem euphemismo, profeta, e blasfemia? o mesmo em relação a meta-

phora e *fosforo*? que significa escrever ora *phlogistico* ora *fleugma*? *phrenologia* e *frenetico*? São palavras identicas.

Com algum esforço poderia um etimologista mais exajerado escrever *pheijão* pois que deriva de *phaseolus*, e tambem escrever *pheltro* que é a mesma palavra que *philtro*.

Si merece credito a ouzada conjetura de Carolina Michaelis, havia de escrever-se *pharo* e *pharejar*; o *faro* dos cães é como o *pharo* dos navegantes, e daí é que se tomou a palavra.

As incertezas e vacilações no emprego do *ph* ou *f* sempre foram numerosas: *Felipe*, *Filipe*, *Philipe* ou *Philippe*, e *filipina*; *Filinto*, *Felinto* *Philinto* e *Philintho*; *serafim* e *seraphim*; *filomela* e *philomela*; *troféo* e *trophéo*, *farol* e *pharol*, *alfabeto*, e *alphabeto* *filtro* e *philtro*, *filarmonica*, e *philarmonica*, *foca* e *phoca*.

Por erro, escrevem *grypho* em lugar de *grifo*, pois que a palavra é germanica (*greifen*); e por abuzo dão o *ph* e *th* a palavras aziáticas, *sophá*, *sophi*, *muphti*, *theïna* de *thé* (melhormente *téchá*), *farizeu*.

É preciso saber que os latinos conservam o *ph* grego com a prozodia que tinha diferente do *f*, a tal ponto diferente que (diz D. Nunes do Lião citando Quintiliano) o *ph* grego tinha o soído brando e o *f* hórrido que quazi não parecia voz humana.

Os ortografos seicentistas repelem o *ph* grego (1).

(1) *Franco Barreto*, *Op. cit.*, 125, 127, 150. *Ferreira do Vera* — *Op. cii.* fol. 7 v. e 15 v permite as duas grafias.

Nunca foi possível estabelecer verdadeira coe-rencia e uniformidade no caso do *ph* como nos do *th* e *ch*; os codices latinos donde se tomaram os textos modernos são por vezes contraditorios (1).

Fez muito bem a Academia em suprimir todas essas duvidas, incertezas e até erros, adotando a ortografia sonica em todos os cazos em que ocorriam os chamados grupos gregos.

Ainda havia duas letras gregas introduzidas na escrita que pareceram inuteis : o *k* e o *y*.

O *k* quazi não tem uzo; a palavra em que mais vezes aparecia era *kilo* que felizmente é um erro grafico cometido pelos inventores do sistema metrico. Nos outros cazos já tinha sido quazi sempre substituida pelo *c* : *calendario* (kalendas) *catalogo*, *cada* e *cada* um, *cauterio*, *cacofonia* (cacografia, etc.) *eclesiastico*, *caligrafia*, *camelo* *canon*, *catecismo*, *concha*, *clinica*, *coral*, *cosmos*, *aristocrata*, *cripta*, *crize*, etc.

Foi a substituição do *k* grego pelo *c* já realizada no latim.

Restam hoje apenas quatro ou cinco palavras que conservam o *k* :

- a) *kaleidoscopio*, grafia contraditoria com as já conhecidas *caligrafia*, *calomelanos*, que conteem o mesmo radical *kalos*.
- b) *kinematica*, neolojismo extravagante, pois temos *cinematica*. •

(1) Veja Cl. Davsquii — *Ant. novique Latii Orthogr.* ed. 1632 pg. 241 (*fruges non Phryges*) e em outros lugares.

- c) *kisto*, em contradição com *cystite*.
 d) *kyrie* palavra que não tendo forma portuguesa, pode conservar a grafia propria. Gil Vicente entretanto escreve *creleison*.
 e) certo pequeno numuro de palavras que não são gregas : *knut*, *kirsch*, *kiosque*.

Uma vez que os etimologos não ouzam escrever *klinica*, *kada*, *kamelo*, *demokrata*, etc., pode dizer-se que a simplificação apenas generaliza a regra quazi sem exceção que elles proprios adotaram.

A outra letra é o *y* de muito maior uzo que o *k*.

Na escrita portugueza, a historia do *y* é como uma agonia lenta e sem treguas. Foi uzado no fim dos ditongos *Ley*, *Rey*, e desapareceu; foi ainda utilizado entre vogais *meyo*, *rayo*, *seyo*, e tambem perdeu esta função.

Ficou reduzido ás vozes gregas, mas ainda aí não conservou todo o terreno. O uzo mais comum começou a dispensal-o em *girar*, *gira sol*, *vira volta* (por *gyra volta*) *virar* (por *gyrar*) *cataclisma*, *crystal*, *laberinto* (labyrinthos) *sirtes*, *timbre*, (domesmo radical de *tympano*) *gryllo* (grullos) etc.

O mais grave, porém, é que foi uzado o *y* em palavras que o não podiam ter como *lyrio* (do latim *lilium*) *cyrio* (do lat. *cereus*) *Sylvio*, *Hyppolytho* (e outros compostos de *hippos*) *comboy*, *pleyades*, etc.

Fez muito bem a Academia Brasileira pondo um

termo a estes disparates e erros em que incorrem os mesmos letrados e eruditos.

As regras adotadas pela Academia neste particular das letras gregas, são as seguintes :

I. *O grupo CH, de origem greco-latina será substituído por c antes de A, O, U, e por qu antes de E, I.*

E' regra geral e nunca excetuada. Escrever-se-á monarca, pentateuco, distico, caos, corografia.

E parenquima, quimica, alquimia, quelonios, quilo (correspondente ás duas palavras anteriores kilo e chylo) quimera, quirografo.

O *ch* com o valor de *k* dezaparece da ortografia e por isso será ainda substituído por *qu* nas palavras que não são gregas; Maquiavel, maquiavelico, querubim, e por *c* na terminação dos nomes : Lamec, Melquizedec, Valaquia, almanac.

II. *O grupo PH será sempre substituído por F.*

Tambem é regra geral e sem exceção : fantazia, fizica, geografia, filozofia, afelio, fenomeno, sifon ou sifão.

Pelas mesmas razões do caso antecedente substitue-se o *ph* nas palavras de outra qualquer origem : Jozefa, sofã, nafta, naftalalina, farizeu.

O *ph* dezaparece, quando não sôa : tizica (*phthizica*), ditongo (*diphthongo*).

III. *Em grupo de consoantes etomologicas a que não sôa será suprimida.*

E' regra geral para todas as palavras e que tambem tem applicação quanto a certos nomes gregos.

Escreveremos *salmo* e não *psalmo*; *tizana* e não *ptisana*.

E' claro que devem escrever-se as letras que soarem: *psicologia*, *pseudonimo*, *pneumoncia*, *aptero*, *coleoptero*, *mnemonica*, *Mnemonia* (e comtudo, apesar de ser da mesma orijem, *anistia* e não *amnistia*), *ritmo*, *aritmética*, *logaritmo*.

IV. *O grupo TH será substituido por T, em todos os casos.*

Escreveremos: *teologia*, *ateu*, *labirinto*, *antiteze*, *hipoteca*, *terapeutica*, *trono*, *termometro*, *tirso*, *eter*, *Etiopo*.

Tambem será o *th* eliminado das palavras de orijem diferente: *teina*, *Mitridátes*, *Set*.

V. *O Y será em todas as palavras substituido por I.*

Escreveremos: *fizica*, *sinonimo*, *analize*, *lira*, *milo*, *misterio*, *sibila*, *Ulisses*,.

Será tambem eliminado das palavras que não são gregas: *Pirineus*, *vaivode*, *Ejito*, *Paraguai*, *Uruguai*, *iatagan*, *Moizés*.

VI. O *k* será substituído por *c* ou *qu*.

Escreveremos : *calendas*, *quilometro*, *quilograma*, *eucalipto* (e o do mesmo radical *biblio-clepta*).

As palavras doutra orijem seguirão a mesma regra : *quermes* (*carmin*), *quermesse* (*kerk*), *cobalto* (*kobalt*), *estoque* (*stock-bengala*).

E nada mais ha, com respeito ás etimolojias e letras gregas.

Quando passamos da consideração das letras e grupos gregos para o elemento latino, a questão reduz-se aos termos mais simples.

Não ha nem-uma das regras propostas que não tenha sido mais ou menos parcialmente adotada pelos mais autorizados escritores do seculo findo.

Apenas, uma, a do uzo das letras *geminadas* ou *dobradas*, sem embargo de ilojico e desnecessariamente complicado, ofereceu longa rezistencia aos inovadores de todas as epocas.

As letras *geminadas* ou *dobradas*, entretanto, foram constante orijem de erros e incongruencias na ortografia uzual.

Nos periodos mais antigos da lingua ocorriam as vogais dobradas : *doo*, *leer*, *veer* que ao depois se contrairam em *dó*, *lêr*, *vêr*. A primeira tendencia foi, conseguintemente, a da simplificação das vozes geminadas. Era outro uzo antigo o *rr* no começo das dições : *rrazão* ; *rreal* — era-o para distinguir um dos dois valores do *r*. A mesma coi-

za faziam com o *s* e escrevia-se : *ssaber* e *sser-vir* etc.

Si compararmos a doutrina de Duarte Nunes do Lião com a pratica contemporanea podemos avaliar o progresso da simplificação, a mau grado da tendencia cada vez mais acentuada da latinização da escrita. Nunes do Lião recomendava que se escrevesse *gotta*, *esgottar*, *verdette*, *piparotte* *abbreviar*, *afforar*, *gibba*, *aboccanhar*, *bocca*, *bagga*, *cebolla*, *ollaria olleiro*, *mellado*, *bannir*, *oppilação*, *appetecer*, *cappa*, *mocettona* (1).

Queria ainda que se respeitasse a geminação das letras em derivações como estas : *secco*, *secquidão*; *vacca*, *vacqueiro*.

E' inutil dizer que a mesma ortografia etimologica acabou por não seguir os exajerados conselhos daquelle mestre. Ninguem aceitou as grafias — *bagga*, *afforar*, *cappa* que por si mesmas se afundaram no olvido ou em merecido desprezo.

Entretanto, a mania da imitação latina levou muitos incautos a cometer erros indesculpaveis : (*matto* e *matta*, *collossal* e *collosso*, *sollicitar* e *sollicito*, *innundar*, *anniquilar*, *ommilir*, *sêllo* etc.) na convicção de que estavam com as verdadeiras fontes e ainda hoje apparecem exemplos tais apadrinhados por escritores de merito (2).

(1) *Op. cit.* pgs. 155, 158, 160—170.

(2) Em *solicitar* pode haver duvida, em vista da grafia lat. *sollicitare*; mas no mesmo latim é erro, por que o radical é *solum* (solo); *solicitare* é revolver a terra, n'um dos seus sentidos primitivos.

Qual a conveniencia, pois, de conservar um uzo que entre os latinos como entre os italianos de hoje, tinha verdadeiro fundamento na prozodia, mas que na nossa lingua não existe nem se faz valer, salvo em alguns documentos escritos da literatura classica?

Haveria comtudo que objetar á reforma da Academia o radicalismo extremo da simplificação proposta.

A geminação de letras nazais faz-se sentir na pronuncia. E' certo que basta ás vezes uma letra nazal para nazalisar as silaba's convizinhas (plano plãno) mas uma vez que se sente a nazal na silaba anterior conviria represental-a como fazem os espanhoes por *n* escrevendo: *inmortal, connum*. Generalizando este principio deviamos escrever: *inmenso, conmando ennevoar, anno, annual*.

Creio que esta modificação será aceita mais tarde, mas não é essencial nem indispensavel. E, por isso, não a seguimos, preferindo a autoridade da Academia a qualquer diverjencia esteril.

Outra modificação que poderia de ser adotada de futuro seria a da conservação do *s* com o valor de *z* quando entre vogais, como é de uzo na ortografia mais geral.

O valor de $s = z$ nunca desaparecerá, qualquer que seja a reforma feita, na ligação das palavras (*tres horas, dois entes, homens impios*) e esse valor é comum não só ás linguas romanas, como ainda á ingleza e á alemã. E', pois, uma singularidade a simplificação que propuzemos e que não

acha talvez exemplo em nem-uma das linguas cultas.

Alem disto, o *s* terá sempre o valor igual ao do *z*, no final das silabas, pois não ha, entre nós brazileiros, quem distinga pela pronuncia — *nós* de *noz* e *triste* de *triste* — o que prova não serem tão distintos, quanto se afiguram ser, os sons *s* e *z*; e poderiam, pois, ser representados, como foram sempre, pela mesma letras, *s*.

Não falamos aqui da vantagem da moderação que deve caracterizar todas as reformas que envolvem rezistencia a habitos antigos : a letra *s* é tão assidua quanto é rara a letra z que aliáz não é genuinamente latina, mas grega.

Estas reflexões parecem-me fundadas ; entretanto a simplificação neste cazo, ainda que foi radical, facilitou enormemente a escrita e poz um termo ao resto de reminiscencias latinas que inconvenientemente aí estão a sugerir alguns neografos de hoje com a ortografia *ês* em *mês*, *português*, etc.

Foi excelente o principio que adotou a Academia de respeitar as letras iniciais *g* e *h*, quando aquella foi transformada em *j* no meio das palavras e esta, no mesmo cazos, suprimida. Foi excelente, dissemos, porque convinha estabelecer um limite á extensão da reforma e desde logo se percebeu que convinha fazer concessão a uzos já inveterados que não seria facil destruir com simples razões de lojica ou de mera coerencia, mais faceis de presupor que de realizar.

As demais alterações propostas como as das ter-

minações agudas em *az ez* etc., a dos ditongos ou letras nazais *ão, ã*, já tinham tal ou qual fundamento na variedade de uzos que sempre acompanhou a ortografia dos nossos escritores brasileiros e portuguezes ; não merecem conseguintemente, exame circunstanciado. A distinção recentemente estabelecida entre as grafias *es, ez, is, iz*, é inteiramente desmentida pelo exemplo constante dos autores antigos ; seria enfadonho acreditar com provas coiza tão ao alcance de quantos manuzeiam os antigos escritores. A terminação em *z- ás, ez, os, uz* tem a vantagem pratica inestimavel de indicar imediatamente a silaba tonica final.

As regras adotadas (excluidas as que formulamos a propozito das letras de orijem grega), foram as seguintes :

1. O *h* medio será suprimido. Será conservado quanto inicial : *inabil, inerente, coerente, compreender*. Porém : *homem, hoje*.
 - a) Será ainda conservado nos grupos *lh, nh*, que tem neste cazo prozodia especial e inconfundivel : *lhano, palha, senhor, lenha*.
2. O *g* medio será sempre substituido por *j*. Será sempre conservado, quanto for letra inicial. Exemplos : *viagem, imajem, rejente*. Escrever-se-á, porém : *gelo, gente*,
3. As letras geminadas ou dobradas serão substituidas pela letra simples : *abreviar, adição, efeito, agravar, beleza, aparecer, etc*.
 - a) Estão excetuados os cazos dos *ss* e *rr* que

teem som distinto de *s* ou *r* simples. Assim, escreveremos : *carro*, *morrer*, *massa*.

b) Por aproximação, simplifica-se o grupo *mn*; *dano*, *condenar*.

c) Conserva-se o grupo *cc* si estas letras soarem distintas : *sucção*, *secção*.

Deve, porém, escrever-se : *distinção*, *extinção*.

4. As terminações *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz* serão assim escritas si são agudas : *rapaz*, *convez*, *matiz*, *retroz*, *alcaçuz*.

a) Adota-se a terminação em *s* nas vozes graves ou nas agudas do plural : *roz*s, *pás*s, *pés*s, *avós*, *nós*, *vós*, etc.

5. As variações *am*, *an*, *ão* das dezinencias nazais serão regularizadas com os seguintes precitos :

a) Nas terminações tónicas ou agudas, emprega-se o ditongo *ão* : *são*, *farão*, *amarão*.

b) Nas terminações atonas, *am* : *orgam*, *fizeram*, *disseram*.

c) Correlativamente as nazais *ã* e *an*, observam-se as mesmas regras; *ã* para a terminação aguda : *irmã* *manhã*; ou *an* para as terminações atonas ou graves : *órfan*, *íman* (1).

6. Suprimem-se na escrita as letras que não existem na pronuncia das palavras :

a) Suprime-se o *s* do grupo *sc* : *ciencia*, *cepticismo* (*scepticismo*); *crecer*, *nacer*.

(1) Alguns lexicografos e gramaticos portuguezes mandam pronunciar *imán*, e neste cazo, a grafia perferida deve ser a *do ã* : *imã*.

- b) O *ph* ou *p* em salmo, tizica (Veja-se o que dissemos a proposito das letras de orijem grega).
- c) A primeira letra quando fôr muda dos grupos *pt*, *ct*, *pc*, *çç*; cativo (captivo), escultura (esculptura), exato (exacto), ato (acto), ação (acção).

Esta é, de fato, a maior dificuldade da neografia academica. Como se ha de escrever *fato* ou *facto*, *carater* ou *character*; se for adotada a supressão do *c* nestes nomes, como não admitir a letra por ex. em *caracteres*, *facticio* ?

Todas estas duvidas só podem ser rezolvidas pelo *Vocabulario ortografico* em que seja fixada a pronuncia verdadeira ou autorizada.

Eis o comentario unico que se oferece a esta dificuldade. Acrece ainda que em tais cazos a prozodia portugueza europea muito difere da americana.

A estas regras ajuntou-se a declaração de que nem uma simplificação seria proposta provizoriamente quanto aos nomes proprios pessoais e geograficos (1).

Não nos parece que seja duvidozo ou problematico o exito desta reforma de simplificação.

Dentro de pouco tempo, estará de tal fôrma vulgarizada que o que se nos antolha agora dema-

(1) Não é verdade que tenha a Academia conservado o *y* das palavras tupis.

ziado ou excessivo deixará de excitar a critica ou reparo.

Habitos e preconceitos por mais arraigados que sejam, quando se não fundam na razão, ao cabo de algum esforço são extirpados e vencidos (1).

A Medeiros e Albuquerque devemos a iniciativa e o ardor com que propugnou por esta reforma; á Academia devemos a autoridade com que a amparou, autoridade contestada como todas as autoridades da terra, mas certamente a unica que temos.

(1) Estavam já escritas estas linhas quando o Snr. Ministro do Interior, da Justiça e da Instrucção, o dr. Tavares de Lyra, mandou que nos exames do Ginazio Nacional se tolerasse a ortografia adotada pela Academia de Letras. Foi um ato de esclarecida justiça.

TECNOLOGIA MEDICA



A LINGUAGEM DOS MEDICOS (1)

(1906)

Os nossos sabios até ha pouco tempo, escreviam mal e até faziam garbo da inabilidade com que escreviam.

Costumavam dizer que era a questão da linguagem coiza futil e mais para gramaticos.

Sem duvida se sempre houvesse solidez e substancia nos tratados scientificos, aquella doutrina ou opinião talvez não fosse impertinente.

Mas em verdade ha muito pouca ciencia e a que ha não chega para esse infinito escrever nem para a loquacidade de todos os sabios.

E na duvida, é sempre dezejavel e preferivel escrever bem.

A ciencia comtudo, é cosmopolita, e uma das suas vaidades inconcientes é falar mal todas as linguas.

(1) Notas de Terminolojia medica, pelo Dr. Placido Barboza, Rio, 1906.

Toda a algaravia tem lá as suas vantajens; quebra um pouco as fronteiras da incompreensão com o cortejo dos seus peregrinismos bebidos nos excursos didaticos, e literalmente, para entendidos, meia palavra basta.

Em outros seculos era o latim, e que latim admiravel ! a macarronea dos grandes pesquisadores da natureza. Felizmente, como já Voltaire observara, todo o latim é coiza possivel na ausencia providencial do seculo de Augusto.

Não era muito, pois, que pudesse falar a ciencia na lingua em que alguns escolares perpetravam hexametros verjilianos.

Com estas ideas foi que comecei a ler este livrinho das *Notas de terminologia da Medicina* escritas com o carinho e amor da nossa lingua, tan maltratada e esquecida por voluntario desprezo.

Os nossos medicos (excluidas algumas brilhantes exceções) não cultivam muito o dicionario, e muito pouco leem da literatura classica. Um pouco tambem sucede aos nossos homens de letras.

Não têm lazeres bastantes, e nem lhes apetezem essas ninharias, á sua delicadeza mental indijestas ou superfluas.

E inutil discutir ou contraditar essa atitude.

Os nosos criticos rezam *una voce* pela mesma cartilha. Silvio Romero e Araripe Junior, escritores de vulto, consideram a questão como insignificante e coerentemente nem curam de examinal-a. O snr. José Verissimo porém chama sempre a atenção dos nossos escritores para a boa linguajem;

mas não acreditem os leitores na sua afirmativa; já, uma vez, escreveu que eram *brancos, estúpidos ou ilejiveis*, Frei Luiz de Souza, Vieira e Castilho e aceitando um detestavel lugar comum disse que o seculo de seicentos era o da decadencia mental. Lembremos que o dizia do seculo de Souza, Vieira, Dom Francisco Manoel e Bernardes, isto é, dos maiores prozadores, que jámais houve, da nossa lingua.

Não faço e nem me importa fazer aqui nenhuma censura por essa opinião e parecer que tem muitos seguidores e acima de tudo acredito que é o unico sincero para este critico. Entendo, porém, que haveria maior clareza, coerencia e verdade em romper com os ultimos escrupulos e deixar essa attitude duvidosa e equivocada. E' algo extravagante que se já *profissional* de literatura da nossa lingua quem quèr que falta ao seu primeiro dever que é o da simpatia por ella.

O autor das *Notas de terminologia* é um medico.

Quazi sempre com exito propoz o estudo das formas antigas e idiomaticas do vocabulario da medicina e procurou substituir expressões barbaaras e inuteis que correm na linguagem da sua arte e ciencia por outras mais genuinas e proprias e que só tem o defeito de esquecidas pelo inconciente olvido de ignorantes ou perguizozos.

No exemplar que teve a delicadeza de oferecer-me, ajuntei algumas reflexões minhas, fastidiosas mas não de todo superfluas; escrevi-as sem pesar

as consequências, mais quiz o autor do livro que eu as publicasse.

Ai vão, para gaudio dos esmiuçadores de pequices e bagatellas. Rara é a vez em que discordo do autor e não ha pajina do seu opusculo que me não pareça bem inspirada ou bem escrita, com seguro criterio e sujestão sempre feliz.

É curiozo e interessante o estudo que faz o autor do termo proprio que deve substituir o francez *ballottement* e propõe o de *rechaço* que significa « reflexão de corpo elastico que, batendo n'outro, torna para donde veiu » (MORAES, e D. VIEIRA).

O achado é digno de nota, embora a palavra não tenha perfeita equivalencia.

O vocabulo foi tomado jogo da pelota, muito semelhante ou do mesmo genero do da *chaça* de que falam os escritores de quinhentos e seicentos e d'elle se não distinguem muito o *cachar*, *recachar* de que se utilizaram CAMÕES e outros.

Que quando estas damas taes

Me *cacham*, então *recacho*.

Amphitr., 4 pag. 236 da ed. de 1720.

Neste exemplo se verifica o sentido verdadeiro de *cachar* que não é senão o do francez *catcher*. A *cacha* era, no jogo de cartas, a dissimulação do parceiro que, vendo-se perdido, se finjia forte e provocava o adversario. Forma conjenere é o vernaculo *agachar*.

O que lhe não acode carta e cacha com ruim jogo.

CHIADO — 162.

Tambem não é menos franceza a forma antiga *chaça*, de *chaçar* (fr. *chasser*).

Na Arte de furtar atribuida ao Padre VIEIRA encontra-se o exemplo :

« O mundo todo é pequena pelóta para o bote ou *rechaço* de um lanço de mau governo. »

A. de f. — Cap. 31, pag. 264 da ed. de 1744.

É discreto a sete braças,

Nesta só palavra assomo

A porfia d'estas *chaças*.

CHIADO — *Obras*, 112.

Aqui, tendem a confundir-se as palavras *cacha* e *chaça* e os derivados respectivos *recacho* e *rechaço* que apparecem uns pelos outros em varios exemplos antigos.

Chaça e *chaçar* são de orijem franceza como vimos e de importação antiga (*chassér*), A segunda forma *recachar*, e *recachar-se*, acha-se traduzida nos antigos lexicografos latinos por — *se ipsum efferre; ensem erigere* (e *recacho* por *corporis elatio*); em Bluteau, e em Agostinho Barbosa e Bento Pereira citados pelo primeiro.

Ainda o verbo *recudir* tem o mesmo sentido de *recachar* e é talvez mais belo e eufonico. Ao *rechaço* da pedra que resalta quando atirada, ao de leve, e em angulo muito agudo, á superficie das aguas, chamam as creanças *tainhas* (ao norte do Brazil) os portuguezes chamam *chapeleta* e os espanhoes — *juego de los panes* — ou de *hacer puentes*.

E não falo aqui de numerosos termos *repique*, *repiquete*, *rebate*, *ricochête* (que se tomou do francez) *repulsa*, *respingo* (couce), etc.

Quer excelentemente o Dr. Placido Barboza que se não repudie o termo *sapinho* que é como o povo denomina o *muguet* dos francezes. Não ha razão para desprezar-se o vocabulo já consagrado pelo uzo, e se é de orijem popular não menos o é o *muguet* entre os francezes.

Aqui ajunto que ainda em portuguez em comum com o espanhol, existe para exprimir a mesma couza um antigo vocabulo arabe *alforva*, *alforra* ou *alhorre* « inflamación (diz YANGAS no seu *Glosario*) en el estómago de los niños que produce en la boca una especie de aftas; crosta de leche, enfermedad de los niños recién nacidos. »

Do arabe que foi a lingua dos Avicenas e Avérroes tomaram-se muitas palavras da ciencia e da pratica medica : *camfora* ou *alcanfôr*, *alcool*, *agua-raz'*, *enxaqueca*, *achaque* e ainda muitas que foram esquecidas *alferesia* (epilepsia), *amurco*, etc. (1).

O termo que lembra o Dr. PLACIDO BARBOZA

(1) No poema da *Vida de S. Antonio* por Francisco Lopes (1680) ocorre o vocabulo :

A dois de *Ippilensi* deu
Saúde e de febres mais.

(Aj. 282.)

Fala da epilepsia.

Com sentido raro e singular uza o autor da *Destruição de Espanha* do termo *hidropezia* quazi igual ao de furia (Canto VI — est. I).

(quando trata, a paj. 16, de *surmenage*) o *aguamento*, o *aguado* que se diz dos cavalos, notemos de caminho, que nada tem de comum com o latim (*aqua*, *agua*) mas deriva de *alguaxa* (*ungulæ læsio*, em Freytag) no espanhol *aguaxa* e *aguaja*, úlceras que aparecem nos cascos das bestas e por isso as inutilizam quanto ao movimento : dizem-se então *aguadas* (não cansadas, mas impossibilitadas de andar).

— A propozito de cera, *cevagem* (*gaver* e *gavage*) pajs. 6 et 7, ajunto que João de Barros já empregava o primeiro d'estes em sentido metaforico :

« Terra que sempre havia mistêr ser *cevada* com gente fresca. »

Dec. III, III, 3.

Os antigos medicos chamavam cévo á gordura « de dentro nos rins » em contrapozição da *gordura de fóra* que « é junto ao couro » ; assim as definia ANTONIO DA CRUZ na *Recopilaçam de Cirurgia* (ed. 1688, paj. 16). E applicava Simão Machado na *Comedia de Dio* :

Trazeis vós já *encevado*
O arcambuz.

Comed. — 29.

Os tecnicos romanos Columela e Plinio diziam *saginar*, *opimare*, *farcire* onde dizemos *cevar*. Do latim tomaram os eruditos a palavra *sajinar*, com

o mesmo sentido; d'esta é que se deriva *sainête* cuja significação propria é pequeno bocado de comer, isca, chamariz, o tutano que era costume dar ao falcão por fazel-o amigo, o azeite com que se untam as patas do gato, com o mesmo intento.

Tambem é excelente quanto diz o autor acerca das palavras *treinar e treinamento* muito uzadas outr'ora na arte de cetría ou altaneria, como se vê do antigo livro de Diogo Fernandes, vulgarizado na edição moderna de Luciano Cordeiro.

Muitos d'esses vocabulos são francezismos antigos como *remercear, reveria* (sonho) que estão nos antigos cronistas e fôra hoje difficil aceitar na linguaagem corrente.

Alguns, de certo, são classicos e de hom cunho e parecem entretanto galicismos, como *recidiva* (recaída) que está em Bernardes e outros autores (1).

— Não vejo necessidade de substituir a expressão tão clara e popular (como o confessa o autor) « bico do peito » pelo neolojismo mamila. E não só é aquella popular, mas ainda se depara nos bons autores, sem pecha de plebeismo :

« Elle se fez agora como *bico de peito* muito *vermelhinho*. »

Dom Francisco Manuel. — *Feira de Anexins*, 40.

(1) São galicismos de uzo *tratar* por assistir ou curar, *compressa* por cabeçal. A palavra *doença* foi inteiramente substituida pela de *molestia* que entretanto só era applicada aos sofrimentos moraes (como ainda hoje o adj. *molesto*).

— O Dr. Placido Barboza traduz *flamber* por *chamuscar*, o que está muito bem. Temos entretanto expressão mais convizinha á franceza, que é *afiambrar* e *fiambre*. Quevedo chamou ás donzelas *demi-vierges* de hoje — *doncellas fiambres* — pois que passaram pelo fogo e ficaram um pouco (se já não fora demais) tostadas ou ressequidas (1).

D'essa expressão uzada pelo poeta espanhol só conheço em vernaculo um unico exemplo, de Frei Lucas de Santa Catarina :

A *Donzela fiambre* tambem escreve
que tem saudades ao seu titere.

Anatomico Joe. I, 133.

— Como equivalente de *poussée* adota o autor a expressão *surto* já empregada pelo professor e escritor NUNO DE ANDRADE. Seria preferivel, a meu ver, o sinonimo *resurto* por que *resurtir* é « sair com impeto ao alto », mas duvido muito que qualquer d'essas expressões consiga divulgar-se. Em certos cazos menos geraes, *poussée* é o que o povo denomina pitorescamente o « *já começa* », pruido, coceira, comichão, cobrêlos. As traduções mais literaes, e ao mesmo tempo genuinas, de *poussée*, em diversa aceção, seriam *puxo*, *repuxo*, *empuxo*; e *puxavão*, corruptela de *pux' avante*.

— O autor propõe a criação dos verbos *secrecionar* e *excrecionar* que me parecem inuteis e

(1) A boa etimolojia é *fiambre* por metateze de *friame*, lat. *frigidamen* (C. Michaëlis).

não servem á clareza do vocabulario medico. N'este caminho não posso acompanhá-lo. Temos inumeros vocabulos de cunho popular ou literario que podem perfeitamente expressar os varios matizes d'essa idea, quer sob a forma de verbos quer de substantivos : *resudar* e *resudação* (que é de Galeno, *met.* 13, cap. 16) *fluxo*; *corrimento*; *purgar* e *purgação*, *curso* e *cursar* (muito usado dos classicos); *exalação* (de quaesquer humores), *baixa* (menos decente), *destilar* (muito uzado na *Cirurgia* de A. da Cruz), *reçumar* e acima de todos *revêr* que é verbo antigo (e uzado no Ceará — o liquido *réve* nas talhas de barro) e deriva de *revelir*. Os medicos antigos nunca tiveram necessidade de dizer — *excretar* ou *excrecionar* e nem se lhes póde arguir ignorancia n'este ponto.

— Aconselha o autor, pj. 32, a expressão popular *criança de peito*, e o faz com discreto gosto e conforme ao uzo dos classicos. *Menino de peito*, diz DOM FRANCISCO MANUEL, na *Feira de Anexins*. No tempo de Garcia de Rezende uzava-se o vocabulo *empetrinar* = dar de mamar :

As fadas que vos fadarom
As tetas que vos criarom
Que assim vos *empetrinaram*...

(Trovas de Afonso Valente.)

Na lenda do *Boi espacio*, segundo a versão de Silvio Roméro, ha a expressão *mamote* que indica o bezerro que ainda mama, e é a que empregara ODORICO MENDES quando anotou o seu *Vergilio*

brazileiro; DOM FRANCISCO MANUEL applicou-a ao homem no § 8 paj. 41 da obra citada:

- Você é de mama
- Mas eu não sou *mamote* como elle. »

E tambem Antonio Jozé no seu *Teatro* I, 17 (ed. Garnier).

Entre os livrinhos de *colportage* é bem conhecida a *Historia da Imperatriz Porcina* e lá se depara :

Até menino de teta
Que pouco maior seria...

(Paj. 14.)

Temos pois esse abundante numero de formas populares ou vernaculas que se não devem menos-prezar.

— Para substituir *écran*, a pj. 73, o autor propõe o espanhol *pantalha* ou o neologismo *umbraculo* preferiveis sem duvida ao vocabulo francez : ao mesmo intento poderiam servir — *paralume*, *quebraluz* que são formações modernas e literarias. Os italianos dizem *paralume* e *ventola*. Temos nós outros *biombo*, *tabique*, *bastida* e o termo antigo *azerve* se o anteparo é feito de ramos. Nas egrejas ha um pouco para dentro da porta maior o *guardavento*, que é o seu nome tecnico na arquitetura. Por essa abundancia, que não é tudo, bem se vê que o chamado *écran* só anda na boca dos *galicinarlas* como dizia o Filinto.

Aqui fico. São inumeras as observações excellentes que se deparam n'este livrinho, onde tanto esforço, diligencia, estudo ou talento se traduz em perfeito equilibrio e lucidez de espirito. Acredito piamente que este opusculo vale muito mais que uma duzia de novelas, contos ou versos, *razoa-veis*, d'esses que aumentam annualmente o esteril catalogo da nossa bibliografia. .

VIDA DE JORNALISMO



JORNALISMO (1).

Si eu tivesse de escrever a minha vida literaria na imprensa, rapida e precaria como foi, não sei de que modo haveria de travar as linhas dessa perspectiva que já se vai esmorecendo no passado. De lonje, os pormenores se apagam, e necessito ainda envelhecer (porque a velhice é uma especie de auzencia) para que tenha a perfeita compreensão das coizas.

E, comtudo, a minha passagem pelo tumulto dos jornaes foi apenas um breve momento, sem brilho.

Passei num trecho de planicie sem quédas nem elevações, mas levemente arrugada de pequenos arripios.

Corrêl-a, agora, a pospêlo, dar-me-ia a idéa de um romance ou de um livro de memorias. Mas, na imprensa, para que é um livro? Só as mulhe-

(1) Escrito no aniversario da Noticia (1906).

res, creio, sabem o segredo de ler um romance no jornal; só ellas sabem intercalar um dia entre dois capitulos e marcar com a fita aurea e diurna do sol a leitura interrompida.

Falar da vida de imprensa uma pessoa que não sentiu quazi nunca a paixão politica e nem se interessou pelos vaivens das questões sociais, é verdadeiramente um excesso que faz sorrir.

Não ha jornalismo para os que escrevem as seções mais ou menos literarias das folhas. Não ha ou não querem que haja. Muito mais jornalista será aquelle que chafurdou na lama dos negocios e se perdeu, do que o que passou limpo recontando os sonhos e as fantazias inúteis.

O jornalista é o que governa sem ser governo, é o juiz sem lugar entre os magistrados; é o tribuno sem cadeira nos parlamentos, é emfim um suplemento que a civilização deu ás suas mesmas formulas imperfeitas de escolha e de organização social.

Por isso d'elle disse Bismarck que era o demissionario por excelencia e o homem sem emprego.

A sociedade reclama-o.

É, pois, o homem necessario, ou é um sofista que *faz o seu negocio* á sombra das imperfeições humanas que explora em seu proveito.

O primeiro jornal que conheci foi o da minha terra natal. Era uma folha pequena, mal impressa, de caracteres ilegíveis; aparecia, ás vezes, em papel pautado. O redator passava por dezechilibrado e quasi doido; sem embargo desta circum-

stancia (que era verdadeira) a folha intitulava-se *A Voz da Razão* e foi longamente escutada. E não sei mais; as minhas reminiscencias perdem-se no tom atmosférico e lonjinho daquelles tempos.

De todos os jornalistas, porém, da minha provincia o tipo mais curiozo e bem acabado que jámais houve, foi o do Padre Felix. Era um abolicionista e talvez por essa cauza, de cá o conhecia o Imperador, como vim a saber mais tarde. Era porém jornalista venal, corruptissimo e perverso; o seu jornal, talvez util, era como o órgão fecundino da cidade por onde se dessoravam e escoavam as podridões morais.

A sua especialidade era o doesto e a descompostura por dinheiro. Tinha o vocabulario completo de todas as regateirices, ferramenta afiada do officio.

Sabia « escangalhar » um sujeito. Comtudo, afetava grande seriedade. (« Eu que sou um homem sério »... era a expressão predileta) e dava-se como rejenerador dos costumes.

Por isso mesmo exijia formulas quazi sagradas, rodeios cerimoniozos no trato das suas maroteiras. Não se lhe podia encomendar diretamente uma descompostura contra qualquer individuo. « Não, senhór! que não era elle instrumento de paixões alheias; a imprensa era sacerdocio e não balcão de afrontas ao genero humano ». A questão, pois, reduzia-se á observancia de certas formulas que os seus freguezes já conheciam :

— Padre Mestre, V. conhece o Manoel Gomes?

— Ora! ora! e quem é que não conhece aquelle patife! Estou com aquelle canalha até aqui (*e punha a mão fechada sobre a garganta*); estou só a espera de documentos, se V. os tem, é favor trazel-os...

De modo que chamava a si o primeiro papel, e transformava o mandante em mero cumplice. Nadá de ser instrumento vil...

Para o pagamento, as formulas eram mais amenas. Não vivia daquillo de jornal; podiam dar, si quizessem, alguma coisa para o doce das creanças. O padre Felix tinha uma duzia dellas e era assim que trabalhava na vinha do Senhor.

Morreu de apoplecia o padre Felix : integrou-se n'um grande vomito subito que o levou.

Apezar desses exemplos terriveis, felizmente raros, nunca deixei de ter entranhado amor pela imprensa. Nella vivi algum tempo e della me não julguei nunca separado; mas sempre percebi que a função litteraria nos jornais é meramente decorativa e ornamental : os jornais que a suprimem ou dispensam são, em regra, os mais lidos.

Aqui, no Rio, a cidade por excelencia, foi que vi a grandeza da imprensa e senti a grande facinação.

Foi Quintino Bocayuya o primeiro que me chamou e me deu um pequeno lugar no *Globo* (segunda faze); e, depois d'elle, Jozé do Patrocínio e Alcindo Guanabara na *Gazeta da tarde* e no *Correio do Povo*. E são estes os tres grandes mestres do jornalismo contemporaneo.

O do meio, o Jozé, era o de quem eu mais gostava, por mais familiar e alegre. Uma vez por outra, não nos pagava, não por avareza (que era em extremo largo e magnifico) mas por desordem : em compensação, mandava parte do devido e immediatamente *dobrar o ordenado*; e deste passo, dividindo a realidade multiplicava a esperança. A este excesso ideal, preferíamos a metade consoladora, tudo porém ficava em paz e em rizo, a questão de receber sendo aliás insignificante naquelle tempo em que (ai de mim! ainda hoje) todo o ganhado era para pagamentos...

Quando começaram as guerras civis, dezertei da impresa; era cenario grandiozo ou lugubre de mais para um pobre *suonatore di flauto*.

Passei a ser o constante leitor que até hoje sou, de todos os jornais; porém, o que por misteriosa simpatia mais me prende, é este em que escrevo, pelo tom, pela côr, pela feição artistica e ainda pela hora que coincide com a dos meus ocios; aqui leio nas seções literarias o que de mais delectoso se pôde ler e gozar: o Medeiros, talento excecional, multiplo, omimodo; o Bilac sempre poeta, cheio de frescor e mocidade; o Jozé Verissimo (e aqui não é o seu forte) sempre forte; o Artur Azevedo, o nosso maior escritor de teatro, o João do Rio, singular, raro e ellegantissimo; e outros.

Que mais é possivel querer?

Si eu tivesse, porém, o dever de mostrar até onde a imprensa me seduz, mostral-o-ia com a minha propria experiencia quando me vi lonje

deste mundo que é o meu, vivendo em terra de estranhos. Quando estive no velho mundo, cheio de saudades da patria, o jornal brasileiro que eu recebia era lido e relido até o *typ.* da linha final. E que portento! e que resurreição! nas pajinas impressas o Rio de Janeiro vivia enorme, vivo, palpitante, as noticias insignificantes avultavam e arrancavam á memoria os cenarios pitorescos, as aguas e as montanhas; moviam-se as gentes pelas ruas elegantes ou pelos bairros rixosos; o tumulto dos crimes, das festas, das eleições; as bandeiras, a navalha, uma candidatura estapafurdia de qualquer gloria nacional esquecida, protestos, decomposturas. Era bem a minha terra, e eu a via ao pé da bahia immensa onde tiniam as ancoras na lufa-lufa do trabalho, entre as boas vindas dos que chegavam e os longos adeuzes dos que partiam quando as gaiotas, as azas em V, pareciam ondas despregadas, agora aéreas, vivas e soltas; e eu entrevia de lonje a ambição dos politicos disputando aquelle ceptro babilonico, lá lonje, á beira do Atlantico...

FOLK-LORE

1. NANITA. — TEXTO DO SECULO XVIII

2. CONTOS DE APOSTA



I

UM TEXTO RARO E CURIOSO DO SÉCULO XVIII

Está no programa d'estes ensaios reimprimir alguns textos antigos que pela sua raridade aproveitem aos estudiosos da lingua e da literatura popular.

O que vamos adiante reproduzir é um curioso ensalmo e esconjuro catolico contra a tradição popular da *Nana e Petigongo* praticada nos claustros com escândalo de timoratos e escrupulosos.

Já apontamos n'este mesmo livro, a sobrevivencia das formas embrionarias do drama antigo no *folk lore*. Antes que se definisse o *Auto* com os variados tipos dramaticos que sucessivamente apresentaram, o germen primitivo do drama eram *tropos*, como lhes chamavam os antigos liturjistas, que desde o ritual sumptuoso do cristanismo no Oriente se haviam passado aos simples e rudes costumes da igreja primitiva.

Eram dialogos que da mistura e da escorralha das tradições populares revestiam aspetos novos e interessantes.

A *nana* do tradicionalismo espanhol, como diz o texto :

Nanita chamado em Espanha
Cheganças em Portugal,

não tem semelhança com as *cheganças* celebradas no Brazil desde os tempos coloniaes, mas com os *quicumbis* tambem conhecidos desde o seculo xvii, em algumas particularidades e pormenores da ação (1).

A *Nanita* é apenas um *tropo* e vestijio da forma primitiva do *Auto*. A *chegança* é já um *auto* caracterizado com a fisionomia da sua especie.

Na vida da claustra no seculo xviii havia, mais que relaxação, dezavergonhada soltura, devassidão de costumes, e o texto do *Romance catolico* é apenas um flebil gemido de consciencia menos corrompida contra o que ella chama um cazo demoniaco.

Não temos nenhum texto vernaculo d'estas *cheganças*, mas podemos estabelecer o paralelismo com outro peninsular que não deve diferir do portuguez.

Como se depreende do malamanhado romance em esconjuro, o *demonio Eco*

Que em forma de criança
Veu *Nanita* a ensinar,
E *Petigongo* tambem
Para a todos enganar

(1) O da morte e resurreição de *Mamêto*, filho da rainha V. Mello Moraes — *Festas e tradições*, 162-164.

Pois *Nanita e Petigongo*
Todos o applaudiam os mais...

o cazo é apresentado como insolito e assombroso.

A verdade, porém, que essas danças, folias, festas funções, no tempo de D. João V, se faziam assiduamente nos conventos de freiras, ponto e prazo de namoro e de libertinagem da epoca.

A essas freirinhas aconselhava um padre que não uzassem, luvas, nem leques, nem alvaiade na cara, nem tantos *alentos* descompassados e ridiculos e nem as estendidas caudas dos habitos (1).

E essa corrupção era inevitavel desde que os conventos se tornaram o refugio de mulheres erradas e levianas que, envergonhadas do mundo, para lá iam finjir de Madalenas improvisadas.

O romance é um *pliego suelto* dos muitos que se publicaram entre as *Relações* ou especies de gazetas avulsas do tempo. Foi impresso na *Officina de Domingos Gonçalves*. Lisboa, no ano de 1743, segundo as indicações ao pé da ultima pajina.

ROMANCE CATHOLICO

Em detestação dos perversos cantares, e viciosos estilos inventados pela malicia humana com

(1) *Portugal na epoca de D. João V.* por M. Bernardes Branco, pj. 41. Veja-se no mesmo livro um obsceno especimen de autos ou farças que se representavam em lugares sagrados pj. 45 47.

ajuda do Demonio, em que se dá brevemente noticia de hum horroroso caso succedido em Espanha na Villa de Cabra no Convento do Glorioso Patriarca São Domingos adonde appareceo o Demonio persuadindo aos Religiosos o Canto de Nanita, e Petigongo inventado por elle, e ensinando ás creaturas em figura de menino : o qual a força dos Exorcismos declarou chamar-se Eco o terceiro Juiz do Inferno, e que cá no Mundo lhe chamavão Nanita, e Petigongo, para confusão dos que cantão a vileza do estillo das Cheganças, vil no Canto, vilissimo no que se profere, e immensamente peccaminoso no que se diz com advertencia aos Pays de familias, para evitarem o seu culpavel descuido.

Peccadores, que engolfados,
 no mar do mundo andais,
 ás loucuras ponde termo,
 a Ley Divina observay :
 lastima he ó humanos,
 que seja alegria tal,
 que em lugar de honrar a Deos,
 tanto assim Deos offendais?
 mas ay que chegou a tanto,
 o vosso enorme peccar,
 que até por divertimento
 a vosso Deos tratais mal,
 Santo do Ceo suspendey
 o louvor, Anjos pasmay,
 que o que em vós he gloria a Deos,
 no mundo he pena infernal :
 attendei para estes homens,

no seu estillo de cantar,
chorareis com ancia amarga,
o seu dilirio, o seu mal!
chorareis? Porque ainda que,
na gloria ha gozo immortal,
tendes motivos pois vedes,
do canto o mundo abusar:
he o canto só devido
a Deos Trino; pois louvar
se vé sempre nesses Ceos,
de continuo sem ceçar:
e os homens tambem sempre,
no canto deve orar;
mas ay que trocado o culto,
ao demonio o vem dar?
já senão ouve no mundo,
mais que o demonio invocar!
e porque as culpas não bastão,
cantando o invocão mais:
ó desgraçados humanos,
que sendo do Ceo o cantar,
cegos louvando ao Demonio
o culto a Deos lhe roubaes
para assombro vosso, ó homens?
para pasmo do que obraes,
ouvi o seguinte caso,
soccedido em Hespanha já:
a trinta de Agosto em Cabra,
Villa em Hespanha principal,
entrou o demonio Eco,
a Religião a perturbar,
de São Domingos a tempo,
que hião Matinas rezar,
horrorosas vozes deu,
com que a todes fez pascar:
Exorcismarão o espirito,
se assim veyo a declarar

que era o terceiro Juiz
desse impio tribunal,
que em fôrma de criança
veyo Nanita a ensinar,
e Petigongo tambem,
para a todos enganar,
e como já por Hespanha,
o seu som cantavão já,
e só nas Religioens
he que lhe vinha a faltar;
que vinha áquella primeiro,
a persuadillo sagaz,
por evitar o seu canto,
que o fazia desesperar;
para no Coro tambem,
se ver Nanita acclamar :
pois Nanita, e Petigongo,
todos o aplaudião os mais :
Exorcismarão-no logo,
e com gritos desiguaes,
bramindo por esses ares,
foi ao inferno parar :
quem dirá, ó peccadores,
ó humanos quem dirá?
que as cheganças deste tempo,
não he canto infernal?
provéra o immenso Deos,
o chegára a declarar,
e verias como este canto
o inventou Santanás,
homens, que filhos, e filhas,
consentiz em cantar tal,
sabei que louvores mil,
ao demonio vem dar :
bastava a enormidade,
que proferem com dezar,
para que vileza tanta,

não houvessem de expressar,
vileza he do conceito,
a que chegão a proclamar,
pois nem discreto, nem justo,
aborrecimento dá :
só em gloria do demonio,
vem este canto a parar,
Nanita chamado em Hespanha,
Cheganças em Portugal :
por amor de Jesu Christo,
que he a Deos todo igual,
vos supplico peccadores,
queiraes tal erro emendar ;
pois com este tão vil canto,
vossas filhas insinaes,
á perdição por galhofa,
injuria da honra tal,
na loucura calhi todos,
em que assim cegos andaes,
deixay cantos do demonio
o louvor a Deos muday :
aprendey de seus espiritos
Celestes que sem cessar
cantão a Deos Santo Santo
tambem vós assim cantay :
nas seguintes coplas tendes,
com que a Deos gratificar,
as mercês que lhe deveis
disto não vos esqueçais ;
acabem-se desta vez
astucias de Satanás,
com que vem fero inimigo,
vosso dano procurar :
cresça a Deos Trino o louvor,
e a sua Mãy de Graça mar,
para que com seu auxilio
nos chegue á gloria a ellevar.

Padre Nosso.

Eterno Pay, e Senhor
clemente, e piedoso Deos,
louvores vos sejam dados.
Pay nosso que estaes nos Ceos
o teu nome em toda a parte,
o meu coração deseja,
que louvado sempre sempre,
e santificado seja :
a nós pobres miseraveis,
bem podeis ajudar vós,
vosso favor nos assista
o teu nome venha a nós
a gloria de teus perceitos,
sempre cumprida se veja,
no mundo executada,
no teu Reyno seja feita,
fazey piedoso Senhor,
vos adoremos em fim,
fazendo-se em todo o mundo,
a tua vontade assim,
louvores mil vos deseja
esta alma render, Deos meu,
sejais, meu Senhor louvado
na terra como no Ceo,
ostentando mais clemencia,
emparenos o favor vosso,
e pois famintos estamos,
daynos Senhor, o pão nosso
deste Celestial manjar,
de quem todo o inferno foge,
day-nos meu Deos, e Senhor,
cada dia nos day hoje :
veja-se em nosso favor,
vossas merces piedosissimas :

Senhor Deos misericordia,
perdoay-nos nossas dividas :
por santo perceito vosso,
os inimigos amamos,
perdoay-nos nossas culpas
assim como nós perdoamos
mil offensas cometemos
miseraveis peccadores
perdoay affavel a todos
aos nossos devedores :
guiados com vosso auxilio,
culpas nos fazey fugir,
livray-nos de offensas vossas,
e não nos deixeis cahir :
nosso inimigo astucioso,
nos percipita, ajuday-nos,
fazey Senhor não cayamos
em tentação, mas livray-nos.
De vosso Filho Unigenito
a triste morte de Cruz
seja o escudo que nos livre
do mal todo. Amen Jesus.

Ave Maria.

E Princeza do Ceo Senhora,
Estrella brilhante luzida,
as creaturas vos louvem,
com o Anjo, Ave Maria :
fostes para Mãy do Verbo,
do Espirito fecundada,
sois filha do Eterno Pay,
Senhora, cheya de Graça :
preservada abeterno,
foste sem culpa prodigio,
sede Senhora com nosco ;
pois o Senhor he contigo

a mais fermosa entre todas,
 nos olhos de Deos perferes,
 bendita sejais Senhora
 benta es tu entre as mulheres
 em tuas entranhas puras,
 hum inmenso Deos trouxeste,
 es do Eterno Pay escolhida,
 bento he o fruto do teu ventre :
 nestas miserias fatais
 que nos cercão cada dia
 favorecey-nos, rogay
 a Jesu, Santa Maria,
 o vosso favor pedimos
 continuo nos altos Ceos
 valey-nos auxilio nosso
 Virgem Santa, Mã y de Deos ;
 afflictos tememos sempre
 do inferno seus rigores
 delles nos livray Senhora
 rogay por nós peccadores.
 esta furia infernal,
 Serpente devoradora,
 deseja tyrannizar-nos,
 sempre agora, e na hora,
 mas a vossa protecção
 com vossa divina Luz
 sejão na vida o remedio
 da nossa morte. Amen Jesus.

Efetivamente, são conhecidas em Espanha varias d'essas *Nanitas*, escorços de autos liturjicos incorporados em fragmentos de lejendas ou tradições mouriscas. E como dizem os verros essas *cheganças* eroticas e semiafricanas correram em toda a peninsula passando do seculo á vida recluza das relijiões.

Nos *Cantos populares españoles* de Rodrigues Marin vem uma d'essas nanitas a duas vozes que Murguia compara a certas funções da Semana Santa de uzo em Santiago da Galiza.

Eil-a :

(Un rey moro tenia una cautiva cristiana, y ésta cantaba, mientras dormia un niño :)

1.^a voz. Cuando yo era niña,
 Al campo salía
 Tras las mariposas ;
 Cual ellas corria.
 Cuando yo era niña,
 Por el campo andaba
 Tras las mariposas ;
 Cual ellas volaba.
 Por el campo fui,
 Rosales sembré,
 Espinas cogí.
 Ea ! ea ! ea !
 Que no soy tan fea ;
 Y si lo soy, si lo soy, que lo sea.
 Eh, eh, eh,
 Si yo soy fea, ¿qué le importa á usted ?
 Duérmete, niño,
 Duérmete.

(El rey, que estaba escuchando, contesta :)

2.^a voz. Te quiero, niña mía ;
 Te quiero, duerme,
 Más que á las flores que nacen
 En el campo y el viento mueve.
 Más que al arroyo
 Del prado verde

Te quiero, niña mia;

Duerme.

Quiéreme, si;

Como á las flores

Te quiero a ti.

Duerme tranquila;

Duérmete, si;

Como al arroyo

Te quiero a ti.

1.ª voz. Nazarena soy,

Nazarena fui;

Si soy nazarena,

No soy para ti.

Al run, run, mi vida.

Así dormía su Niño

Santa María.

Y al ron, ron (*¿á la-ro-ro?*)

Dormía la Virgen

Al Niño-Dios.

Allá arriba en el monte Calvario,

Matitas de oliva, matitas de olor,

Restañaban la sangre de Cristo

Cuatro gilgueritos y un ruiseñor.

Nazarena soy, etc.

A beleza, candura e ortodoxia d'este sinjelo *tropo* muito difere das facecias de Frei Lucas de Santa Catarina representadas em Oudivelas.

O *quicumbi* é já uma depravação sensual das primitivas formulas dialogadas da *Nanita*, mais proxima do antigo *strambotto* :

Vengo di notte, e vengo appassionato...

Si ti risveglio un gran peccato faccio...

que passou ás serenatas da península.

II

CONTOS POPULARES DE APOSTA

Entre os contos populares brasileiros colhidos da tradição oral pelo fundador do nosso *folk lore*, Silvio Romero, nenhum é talvez mais expressivo da confusão em que podemos laborar quanto á complexa origem do nosso fabulario que este do *Kagado e o Teyú*.

Ao primeiro aspeto, parece indijena; e não falla aí o tipo de sagacidade o *Jaboti* ou *Kagado* que sobreleva a do rival, pois são ambas as personagens n'aquella historia precisamente dois rivaes que cortejam a mesma noiva.

Os animais que aí figuram são igualmente indijenas. Parece, pois, que o teor da fabula aqui se havia de formar.

A verdade é porém outra. O conto é literalmente africano, sem conter se quer nenhum novo elemento de assimilação, a não ser essa exterioridade das *dramatis personæ*.

É facil verificá-lo pela comparação dos textos. Eil-o, o conto brasileiro.

Foi uma vez, havia uma onça que tinha uma filha; o teyú queria casar com ella, e amigo kágado tambem. O kágado sabendo da pretensão do outro, disse em casa da onça que o teyú para nada valia, e que até era o seu cavallo.

O teyú logo que soube d'isto, foi ter tambem á casa da comadre onça, e asseverou que ia buscar o kágado para alli, para dar-lhe muita pancada á vista de todos, e partiu. O kágado, que estava na sua casa, quando o avistou de longe correu para dentro e amarrou um lenço na cabeça, fingindo que estava doente. O teyú chegou na porta e o convidou para darem um passeio em casa da amiga onça; o kágado deu muitas desculpas, dizendo que estava doente e não podia sair de pé naquelle dia. O teyú teimou muito: « Então, disse o kágado, você me leve montado nas suas costas. » — « Pois sim, respondeu o teyú, mas ha de ser até longe da porta da amiga onça. » — « Pois bem; mas você ha de deixar eu botar o meu caquinho de sella, porque assim em osso é muito feio. O teyú se massou. e disse: « Não, que eu não sou seu cavallo! » — « Não é por ser meu cavallo, mas é muito feio. « Afinal o teyú consentiu.

« Agora, disse o kágado, deixe botar minha brida. » Novo barulho do teyú, e novos pedidos e desculpas do kágado, até que conseguiu pôr a brida no teyú e munir-se do mangoal, esporas, etc.

Partiram; quando chegaram em logar não muito longe da casa da onça, o teyú pediu ao kágado que descesse e tirasse os arreios; se não, era muito feio para elle ser visto servindo de cavallo. O kágado respondeu que elle tivesse paciencia e caminhasse mais um bocadinho, pois estava muito incommodado e não podia chegar a pé.

Assim foi enganando o teyú até á porta da casa da onça, onde elle metteu-lhe o mangoal e as esporas a valer. Então gritou para dentro de casa: « Olá, eu não disse que o teyú era meu cavallo?! venham vêr! »

Houve muita risada, e o kágado victorioso disse á filha da onça: « Ande, moça; monte-se na minha garupa e vamos casar. » Assim aconteceu com grande vergonha para o teyú. (S. Romero).

Ora, o mesmo conto existe no *Kimbundo* e foi colhido quazi textualmente em Angola, por Heli-Chatelain nos seus *Angola Folk-Tales* (1) uma das mais belas e seguras contribuições para o estudo ou literatura popular africana.

Trazido pelos negros, quando estes domiciliados no Brazil, logo se vulgarizou, incorporando-se ao nosso *folk-lore*. É o conto a fabula *Nzamba ni Dizundu* (o elefante e o sapo) na versão dos negros de Loanda.

Tiveram grande parte as *mucamas*, é sabido, na nossa vida familiar e domestica; e eram ellas as escravas que muitas vezes acompanhavam as crianças e d'ellas cuidavam. Foi essa a circumstancia essencial que favoreceu a migração dos mitos e lejendas africanas.

A versão africana é a seguinte :

Je parle souvent de l'éléphant et de la grenouille qui faisaient la cour dans une maison.

Un jour la grenouille dit à la fiancée de l'éléphant :
— L'éléphant est mon cheval.

Quand il vint à la nuit, la fiancée lui dit :

— Tu es le cheval de la grenouille.

Mais tarde, em viagem para a caza da noiva o sapo (*grenouille*) recorre ao mesmo expediente do kágado, dá-se por doente, e não podendo caminhar,

(1) Reproduzido tambem na tradução e coleção de René Basset, donde fizemos os excerptos que adiante se encontram, por mais accessiveis aos leitores; os textos angolenses que não vem em Basset seriam de difficil comprehensão.

consegue o favor de cavalgar o elefante, e em seguida põe-lhe a *brida* :

— Grand père, je vais tomber. Laissez-moi chercher de *petites cordes pour l'attacher dans ta bouche*.

Ainda obteve licença para empunhar o chicote (*mangual*, no conto brasileiro) :

— Laisse-me prendre une *branche verte* pour chasser de toi les *moustiques*.

O final é quasi o mesmo com a só diferença de que o kágado victorioso ao chegar a caza da noiva logo anuncia que o *teyu* (respectivo, o elefante) é seu cavalo (« Eu não disse que o *teyú* era o meu cavalo » ?) ao passo que na versão local angoleza, é a propria noiva que primeiro o reconhece quando os avista e os saúda com as palavras seguintes :

— Eléphant, en vérité, tu est le cheval de la grenouille.

Ou no texto negro :

— *Eie, nga Nzamba. u kabalu muene ka ngana Zundu* (tu senhor elefante (és) o cavalo mesmo do senhor sapo).

O conto veio, pois, directamente da Angola e com os escravos negros que de lá, e desde o primeiro seculo da descoberta, foram trazidos para o trabalho agricola. Os elementos de adaptação são insignificantes e resumem-se na substituição de animais africanos por outros indijenas o

kagado sempre astucioso em lugar do sapo e o *teyu* em lugar do elefante.

Dentre todos os contos de índios sul-americanos colhidos por Couto de Magalhães, Hartt, Barboza Rodrigues e Ehrenreich nenhum tem qualquer parentesco ou afinidade com este.

A versão de *Heli-Chatelain* é apenas uma variante das muitas que se encontram no *folk lore* do grupo *bantu* ou *banta* africano.

De uma tribo *Niam-Uesi* do mesmo grupo ethnico ha uma historia do *Elefante* e da *Lebre* (que é o tipo essencial, entre os negros, da astucia) em que se aproveitam alguns elementos do conto que aqui consideramos. Trata-se igualmente de um casamento e na festa de bodas aparece a *Lebre* cavalgando vaidosa um asno, segundo a versão de F. Stuklman :

Da kam ein Hase, auf einem Esel reitend...

A substancia da historia é porém outra (1) aparte esse por menor que se repete.

Um estudo arrazoado das origens do nosso *folk lore*, cada vez mais fortalecerá a convicção de que muito pouco devemos ao indio, na formação do espirito nacional, e, pois o *indianismo* no romance e na poezia, especie de jacobinismo letrado, não passou de triste hurla patriotica e literaria quazi sem fundamento na alma popular.

(1) A SEIDEL. — *Das Geistesleben der afrik. Negeroölker* — 259.

III

Outra fabula que passa por ser indijena graças ao artificio de seus caracteres externos, é o da aposta de corrida do *jaboti* e do *viado*.

O *kagado* ou *jaboti* socorre-se ao estratajema de ocultar na floresta e pela raia do caminho outros *jabotis* apalavrados para a aposta. E é certa a victoria.

Este conto se ha de considerar uns dos productos mais primitivos e arcaicos da psychologia popular e pertence de certo á camada paleozoica do fabulario. O pensamento elementar é o da *astucia* que desde cedo se verificou, podia levar a melhor á força. Era o triumpho, raro mas fatível, do ser fraco e debil contra o gigante.

Nos contos arianos a *astucia* é mais intellectual e complicada, como a da *rapoza* fertil em expedientes.

Aqui, ella tem a sua forma primitiva e rudimentar; o primeiro recurso para baldar os fortes é fugir-lhes. A *fuga* ou a *carreira* é pois tambem uma força contra a força. D'ai essas apostas de corrida, no *folk lore* universal. Depois, outra *astucia* e expediente é o disfarce. Uma *tartaruga* ou *kagado* não se distingue de outro, pois que os membros vivos da fisionomia se lhes escondem na carcassa inexpressiva.

Esse expediente do disfarce ainda mais gros-

seiro, vemol-o em outra historia popular do *Compadre-folhajem*.

A historia, todavia, não é indijena, apesar d'esta personajem assidua nos contos indianos, o *jaboti*.

É uma fabula *africana*, trazida indubitavelmente pelos negros escravizados.

O estudo comparativo do *folk lore* africano fornece-nos grande numero de versões que correm entre as tribus bantus do continente negro.

Conheço pelo menos as seguintes :

A. A versão do Konde, proximo a Moçambique em que a aposta se trava entre o *Elefante* e o *Kagado* que diz capaz de saltar por cima do grande paquiderma.

O kagado conchava de antemão com a mulher que se vai ocultar entre as ervas do outro lado do elefante :

— Anda, diz o elefante, salta lá!

— *Hop!* faz o kagado finjindo saltar e escondendo-se nas ervas.

— *Hé!* exclama a mulher do kagado do outro lado.

O elefante verifica e convence-se do salto.

Essa aposta continúa com a de uma carreira com o *kagado* que dispoz previamente todos os parentes e aderentes pelo caminho. É até nos seus pormenores o mesmo conto brasileiro (1).

B. Outra versão do mesmo grupo ethnico africano é dada por Ferstl (*Yao-Erzählungen*); é a aposta

(1) O conto figura no livro de René Basset (*op. cit.* 277) tomado a *Schumann* — Grundriss einer Gramm. der Kondespr.

de corrida do leão e todos os animais que disputam por premio magnifico quatro prezas de marfim (paj. 102-103, em Ferstl, e 283 em R. Basset).

C. Versão dos *Duallas* do grupo bantu. A aposta é entre a lebre e o kagado. Este vae postando os filhos escondidos pelo caminho os quais devem gritar ao passar a lebre :

— *Lauf, Häslein, lauf!*

A lebre é assim enganada até o termo da corrida (Seidel — *Das Geistesleben der afrik. Negervölker*, 162).

D. Versão de Camerum, do mesmo grupo. Os parentes do kagado, pelo caminho, á lebre que passa rapida, incitam com a saudação ironica :

— *Guten Tag, Herr Hase!*

Os pormenores são ainda os mesmos do conto brasileiro (T. von Held — *Märchen und Sagen der afrik. Neger*, 98.)

E. Uma versão já muito complicada e diferente, a dos *Bassutos*, é a fabula do Leão que manda sucessivas embaixadas de varios animais ao Rei Koko por saber o nome de certa arvore. El rei Koko não oculta o arrevezado nome da arvore: *Motlatladianémotlata*, etc... Os animais, que sucessivamente trazem o recado e o vem repetindo pelo caminho topam com un formigueiro e...lá esquecem a palavra. E' ao mesmo tempo uma variante do conto universal de *Tom-*

tit-tot, que transpira em outras historias do nosso *folk-lore*.

Só o *kagada* consegue conservar a palavra, porque à vista do formigueiro repete, por exclamação, as palavras da mensagem: — *Tlatkadi-alla!* (JACOTTEF — *Contes pop. des Bassoutos*, 44).

Como se vê, não ha aqui uma aposta, mas a tartaruga consegue vexar o lião e os grandes animais, com a prova da propria superioridade.

Ao mesmo tempo, a fabula complica-se com o incidente de *repetir* palavras dificeis, *traba-lenguas* analogo aos que ocorrem no *folk lore infantil* de todos os povos.

Apoz este exame comparativo das fontes da fabula parece-me evidente não ser tupi ou braziliça. É, em todos os pormenores e minudencias, africana e do grupo bantu que habita o sul da Africa e donde vieram os escravos negros.

Não é menos certo como fiz de principio observar que a *astucia*, a força dos fracos, é uma façanha que não podia escapar á admiração desde os primeiros tempos. As fabulas arianas estão cheias d'ella, e o que mais dificulta o estudo das orijens é que aquella aposta da tartaruga já a encontramos em varios Izopetes medievaes.

The hare and the tortoise figura na coleção de l'Estrange, ingleza, e ainda entre as fabulas de Lafontaine (VI — fab. 10) *Le lièvre et la tortue*. Mas, apezar das apparencias, o apologo não é o primitivo e no seu fundamento essencial revela um estado de diferente e adiantada cultura. O *Ele-*

mentargedanke, na definição de Bastian, que convem antes de tudo discernir nas criações da imaginação colectiva não é o da *astucia*, mas o da culta *vaidade*, da filaucia ou do orgulho. De fato, na fabula de Lafontaine a lebre perdia a aposta porque por excessiva confiança deixara ir a tartaruga até

quand il vit que l'autre touchait presqu'au bout de la carrière...

com a vaidade de inda assim vencel-a. É pois uma fabula que nada tem de comum com a africana, a não serem os animais *adrede* escolhidos, segundo o andar veloz ou tardonho. Essa preferencia pelo *viado* ou pela *lebre* não envolve caracter moral da historia, mas inclue-se na mesma idéa da velocidade.

Cada vez mais se fortalece em mim a convicção de que o *indianismo* do nosso povo, sob seu apeto moral e psicologico, é um influxo levisimo e que deve ser, ainda mais do que o fez Silvio Romero, reduzido pela critica a muito menos que o que geralmente se acredita.

METROS BARBAROS

Uma inovação na metrica
dos versos portuguezes.



METROS BARBAROS

Recentemente, um dos poetas brasileiros de mais fino enjenho, Magalhães Azeredo, tentou introduzir na metrica portugueza os chamados *versos barbaros*.

Raros, mui raros, entre nós, possuem como elle a severa correção de forma, a elegancia e o sentimento da linguaagem, no que ella tem de mais expressivo e muzical.

Uma reforma ou inovação metrica d'aquella especie tentada uma vez ha um seculo por Jozé Anastacio da Cunha (na versão do Idilio XIV de Gessner), não logrou a aprovação de A. de Castilho que mais tarde examinou a questão, a propozito de outra tentativa de Nolasco da Cunha:

«É uma quimera, dizia Castilho, sem o minimo vislumbre de possibilidade ». Tratava-se então de naturalizar os hexametros e pentametros latinos.

N'este particular, é lastimavel que até hoje se não tenha publicado um manuscrito de Nolasco,

O *Homero moderno*, no qual expõe as suas teorias do hexametro portuguez e em hexametros traduz o canto V dos *Luziadas*; dentre suas obras publicadas, em metro latinos, algumas poezias saíram no *Investigador Portuguez* no ano de 1813.

Estes dous inovadores eram eruditos ou sabios e apenas mediocres poetas, o que pode explicar a má fortuna que acharam os insulsos hexametros de sua lavra.

O caso de Magalhães Azeredo é, porém, muito outro d'aquellas tentativas imperfeitas e inabeis. A inovação de hoje vem apadrinhada por um poeta elegantissimo, inspirado e eloquente.

Eis a justificação que apresenta da tentativa :

« Pretender que a nossa poética (diz elle) é já bastante opulenta de ritmos e não precisa de outros se me affigura temerario; não é menos opulenta a italiana e acolheu os *metros barbaros*. Essa razão de resto foi já invocada contra o alexandrino e não o impediu de vingar. Razão semelhante invocavam os músicos da escola melódica antiga contra as concepções de Wagner... Todos os misonismos se parecem nos gestos e nos argumentos.

« Como foi contestada a affinidade entre os meus versos e os hexametros e pentametros, prova-la-ei com alguns exemplos :

*Te meminisse docet, quae plurima voce peregi
Supplice, quum postî florea sertâ darem.*

TIBULLUS. — Lib. I, El. II.

*Namque agor, ut per plana citus sola verbera turbo
Quem celer assueta, versat ab arte puer.*

TIBULLUS. — Lib. I, El. V.

*Me miserum adspicite, et si vita puriter egi,
Eripite hanc poslem perniciemque mihi.*

CATULLUS. — El. LXXVI.

« Leiam-se esses disticos á maneira moderna : (da declamação antiga perdeu-se o segrêdo : acompanhavam-na geralmente os accordes da harpa, e ella devia assemelharse ao modo como se cantam hoje as letras dos trechos musicaes, em que se dá ás sillabas a duração de um ou mais tempos, conforme as exigencias da música). E veja-se como ha nestes meus a mesma sonoridade :

Lá, no castello tácito, as negras janellas abertas,
como órbitas sem olhos, fitam o parque, o bosque,

o cálido horizonte. Calmissima, a noite de estio
estende, sem um sôpro, tenues sendaes violaceos

sobre o arvorêdo grave. Na altura, é de puro azeviche
o ceu, mas constellado coruscante de joias.

« Em outras elegias o verso correspondente ao
pentametro é de tipo diverso :

Harpas eolias pendem dosaltos ramos?
Nec scire, utrum sis albus, an ater homo,

diz Catullo no célebre epigramma a Cesar.

« Ha innúmeros exemplos de pentametros que dão a mesma impressão dos nossos decasílabos :

*Ut cedant certis sidera temporibus.
E Berenice vertice caesariem.
Quam de virgineis gesserat exuviis* (1).

São do bello e famoso carne d'aquelle poeta a *Coma de Berenice*.

Eis ainda hexametros de cadencia differente, tirados das *Elegias* de Propercio :

*Perjuras tunc ille solet punire puellas.
Quam vacet alternus blandos audire sussurros
Non tribus infernum custodit faucibus antrum.*

Estes se lhes semelham :

Rouxinol que cantas escondido, e o fragil ninho
tens no cavo tronco de um carvalho centenario,
ou num muro ha vinte longos séculos erguido...

Quanto ao ritmo poético portuguez, supponha-se que eu escrevo esta estrofe :

O' Natureza augusta !
tu geras innúmeras vidas ;
e a cada instante sonhas
mil novas creaturas.
Mas todas destruidas,
as queres por tuas peçonhas

(1) A mesma cadencia acrescentamos nós, é propria dos iambicos. O verso de Catúlo

Phaselus iste, quem videtis, hospites
têm o mesmo ritmo de outros de Camões :

Noturna sombra e sibilante vento

ó pérfida Locusta,
de mãos impuras!

« Ninguém contestará serem genuinamente portuguezes os versos de que ella consta. Ora, os das minhas elegias são identicos, com a differença de serem agrupados em dísticos, dois a dois, o que não lhes altera a harmonia, tanto mais não havendo a simetria das rimas. A falta d'estas, em todo um volume não escasso, será talvez uma audacia, hoje, no Brazil; diga-se melhor, uma extravagancia... mas, por Deus! só faremos o que vemos fazerem os outros? »

De todas as inovações metricas menos antigas do portuguez a unica que logrou algum exito foi a dos *alexandrinos* com Figueirêdo no seu *Teatro*, em Bocaje e afinal em Castilho. O endecasylabo italiano dos quinhentistas rimado como em Camões, ou *branco e solto* como em Sepulveda e Ferreira, tornou-se o metro heroico.

O que se não pode negar é que os versos de Magalhães de Azeredo têm a mesma pompa, sonoridade e belleza dos de Carducci e podiam ser incluídos e exemplificados no excellente tratado de versificação recentemente publicado por Olavo Bilac e Guimarães Passos (1). Aqui damos por amostra d'estes versos novos a formosissima

(1) Foram-no, logo depois, no tratado que precede o *Dicionario de Rimas* de Mario de Alencar (ed. Garnier, 1906). Este tratadinho é um trabalho orijinal e o primeiro em que se estuda a formação dos nossos versos segundo a unidade do ritmo, *pé* ou *metro*, como na poetica grega e latina.

ESTATUA MUTILADA

De alvissimo pentélico as formas divinas refulgem.
 Certo, gerou-te a patria da Belleza,
 a Héllade eterna. O' corpo sublime, que bárbaras garras
 torpes te mutilaram atrozmente?
 Psiche, Afrodite ou Juno, quem quer que tu foste sem pena
 o martello sacrilego feriu-te,
 os brancos pés quebrou-te, rompeu-te os esplendidos braços
 (onde essas mãos lirias foram dispersas?)
 nivea petrina, seios em flor, bellos flancos polidos
 como urnas... nada, ah! nada te pouparam!
 Sômente o resto. Intacto, sereno elle brilha. Sereno,
 hierático, impassivel, e perfeito.
 Eram assim as Deusas. Tu és uma Deusa. Debalde
 te offenderam, de balde ignaras gentes
 aqui te relegaram supina nesta orla de bosque,
 numa rústica e sórdida morada.
 Debalde, anno após anno, por séculos lentos e escuros,
 entre almas incapazes de entender-te,
 de te sentir o arcano prestigio, dormiste em silencio.
 Tu sabias (as Deusas tudo sabem)
 que eu de longinquas terras viria, de terras selvagens,
 para te amar, ó Deusa, de joelhos...

Os italianos sempre buscaram imitar os metros
 latinos, acomodando-os não sem violencia á versifi-
 cação romana.

D'essas imitações latinas tivemos algumas mór-
 mente no periodo dos Arcades, quando se deu
 aquelle abuzo de *Odes mouras* (como lhes cha-
 mava por escarneo o Tolentino) arrevezadas e
 esdruxulas.

De todas as inovações do tempo, a estrofe

sáfica por mais simples foi a que teve melhor acolhida. Compunham-n'a sempre os nossos poetas de tres endecasilabos (os mais perfeitos com o acento na 4.^a silaba) seguidos de um verso menor. Algumas d'estas odes são entre nós fâmozas como a de Jozé Bonifacio aos baïanos :

Áltiva Muza, ó tu, que nunca incenzo...

e como esta, varias outras de Garção, Filinto e Bocaje (1).

Os italianos tentaram ainda outras formas estroficas, a *alcaica* e a *asclepiadea*, mas sempre sem exito.

A esta serie das suas tentativas é que se veiu a ajuntar a dos *hexametros*, isto é, a dos *disticos* da poezia grega e da latima.

Propriamente, o *distico* se compõe de um *hexametro* e um *pentametro* segundo a formula mais comum em Ovidio.

(1) O tipo horaciano é de tres versos *saficos* e um *adonico* menor, segundo o squema :

$$\begin{array}{ccccccc} - & u & | & - - & | & - & u & u & | & - & u & | & - & u & | \\ & & & - & u & u & | & - & - & | \end{array}$$

Poucos seriam os versos portuguezes que sofreriam o cotejo com estes. O verso quinario menor, na *Ode* de Jozé Bonifacio é sempre de *sete* silabas e nenhum dos endecasilabos tem o ritmo dos *saficos* horacianos. Poderiamos de certo imital-os dizendo :

Longo | sendal | lucido | feito | d'ouro, |
Rápido—correu. |

Mas com tamanhas prizões e dificuldades seria quiz impossivel a arte da poezia, sem sacrificio da espoonta idade.

Em verdade são versos compositos, como o indica a cesura :

Sempre mi sta innanzi | quell' ultima notte funesta
Che il fin condusse | de' brevi giorni tuoi.

ou ainda :

Quando alle nostre case | la diva severa discende
Da lungi il rombo | de la volante s'ode.

são estes os exemplos que transcrevi de um dos tratadistas.

Nos tempos classicos da literatura italiana era o endecasilabo o herdeiro unico do hexametro greco-latino, e como entre nós, o verso heroico e dos grandes assuntos (1).

Mais tarde appareceram inovadores por excesso do mesmo *classicismo*. Na Italia, Leon Battista Alberti e logo outros com a azeção significativa de Anibal Caro. Em França, Desportes fez tentativas infelizes em lingua de todo inapta a essas tardias resurreições (2).

Em Portugal tentaram-n'o, dissemos, J. Anastacio da Cunha e Vicente Pedro Nolasco nos primeiros decenios do seculo passado.

A este metro pertence entre outras produções a

(1) No antigo *Rimario* de Ruscelli já vinha declarado: « Comunque sia che degli antichi, ò dé moderni sia stata questa d'invètionè di *Versi sciolti* ella si vede acconcissima a rappresentar la forma de *Versi Essametri latini* ». Referia-se ao v. *solto* endecassilabo.

(2) Giovenale Sacchi — *Della divisione del tempo nella*

Elejia ao General Moreau, publicada no *Investigador portuguez*, de 1813, a qual assim começa em hexâmetros alternados com pentâmetros, segundo a metrica dos gregos e latinos :

Veos funebres da Morte, que fulgurando nos astros,
 Cá sobre a terra palida sombra cobre,
 Dai-me que subindo ás fontes da etherea vida
 Mystérios sonde, que avido o Ceo recata
 Da humana sorte os quadros notando medonhos.
 Fluctua a Mente, pavidó o seio treme,
 Fins occultando mostra a Providencia meios
 Que aos mortaes olhos cega vereda traçam,
 Por ella a Razão marchando, vacilla, tropeços
 Acha de verdade na escurecida rota.

musica, nel balo e nella poesia. Milano-1770; paj. 150 e seguintes. Dos versos do Tolomei cita os seguintes :

Orna il colle vago, Parnaso, or adorna la fronte
 Quinci di santi rami, quindi di fronde sacre
 Qui spargi intorno, con calta amaranto viole
 Colma d'odor tutta spiri la bella via.

De Dionigi Attanagi est' outros :

O' del tutto vani degli uomini folli desiri
 O' cure fallaci, ô lubrico stato loro!
 A che s'ordiscon quaggiù pur nuove speranze,
 Se quaggiù nulla pur ora breve dura.

Na metrica antiga dos cancioneiros e dos poetas peninsulares não houve jamais versos que alcançassem a extensão silabica dos antigos hexâmetros. Cf. os estudos de Fried. Hansen e o que, acerca dos mesmos, escreveu Carolina Michaëlis de Vasconcelos no *Cancion. da Ajuda II*. Com esta e com G. Baist, estou pela minha vez persuadido de que a simples contagem de silabas não basta para caraterizar os versos portuguezes.

Da sordida Cubiça, da Tyrania cruenta
 Cahir nas garras a Integridade vemos.
 Com torpe jubilo folgando o Crime triumpho
 E em pranto, e ferros a humanidade geme.
 Na horrenda alluvião de males que a terra desolam.
 Náufraga a virtude quasi que o termo toca.
 Feios mais que Egypcia treva, de lucto cobertos
 Os tristes dias da Escravidão negrejam.
 Ja curvo de crueis Tyranos á ferrea vara
 O genero humano vira de pranto dias.
 Nesses, que inda a Magoa aponta, de Emacia campos
 Onde hostes patrias crua peleja abriram,
 Ao Crime jus, triumphos á Infamia dando,
 Co' insulto a Sorte quiz macular os evos.
 O rigido inimigo da Prepotencia dura
 O censor fero d'horrídos arbitrios,
 Catão firme expira; e co' a liberdade caindo
 Resigna os foros d'alta nobreza humana
 Não menos em crimes fertil; mais negra no lucto.
 A idade nossa fez Tyrania crua.

São versos mal feitos, mesquinhos de inspiração e estropiados quanto á forma.

Imajinem a *Iliada* de Homero vazada n'esse molde.

A metrica d'esta elejia é diversissima da formula italiana adotada por Magalhães Azeredo com outro primor de expressão. Quando se examinam porém os *versos barbaros* sem nenhuma prevenção mizoneista, o defeito que se logo n'elles descobre é o do excessivo longor. É mera proza ritmica, ainda que, n'este cazo, do melhor quilate.

A metrica popular é contraria aos versos longos

antipáticos ou inconciliáveis com o canto. O mesmo endecasilabo já quasi excede o sentimento lirico e serve melhor, como a proza, á declamação. Mas não ha nenhuma fraze viva e sentimental que necessite quinze silabas, sem descorar e amortecer a comoção que a produz.

Os *metros barbaros* serão um instrumento da eloquencia, nunca o da verdadeira poezia.

Entretanto é possível que me engane. No seculo xvi não faltou a reação contra o verso italiano, mas o endecasilabo logo cedo venceu todas as resistencias opostas pelos poetas da *medida velha*.

Mas, ainda até hoje, a *medida velha* é a unica que se pode dizer popular e não foi nunca dezamparada pela muza do povo de todos os tempos.

Na poezia trovadoresca que aliás pouco se argamçou pela tradição dos seculos classicos, não é difficil encontrar versos que aparentemente excedem os proprios alexandrinos, como estes de D. Diniz :

Madre, moiro d'amores que mi deu meu amado
Quando vejo esta cinta que por seu amor trago.

Ed. Lang. — 75.

Mas são versos duplos, apostos, como são afinal os hexametros de Magalhães Azeredo.



GRAMATIQUICES

O Dr. Silvio de Almeida e as
suas *Palestras filológicas*.



PROLOGO

Uma das coizas que se devem contar entre as menos agradaveis, Deus me perdôe, é a de sustentar polemica com os gramaticões de velho tipo, mórmente se estão colericos e irados ou se se dão por ofendidos, em suas tolas vaidades.

Os homens que *faute de mieux* analisam Camões, revolvem participios, espulgam os *tranzitivos* e os *bi-tranzitivos* formam uma casta realmente temeroza, e intratavel.

O peor, porém, é que o numero de gramaticos curtos, rudes ou ignorantes é assombrozo. Dir-se-ia ser a *gramaticà* o espojadoouro onde vão cair todas as vocações erradas, ou o esgoto que recolhe a atrabilis e a revolta de todos os dezechilibrios mentaes.

Eu teria muitas razões para, n'esta materia, conservar-me silenciozo.

Não quero e nem devo falar de mim mesmo; creio, porém, que não peguei jamais da pena para levantar polemica, o que só se poderia explicar por estimulos da vaidade.

Certamente, que importância haverá para o mundo ou para mim, que saiba eu mais, ou menos ou tanto como qualquer individuo?

Por isso é que em geral para os meus confrades n'essa torva e minima occupação de coizas de linguaagem a que por deficiencia de outros meritos me afeiçoei, caindo na regra comum da esterilidade e da insignificancia, tenho só palavras benevolas, faceis e até excessivas.

Se levemente asperas, sempre as minhas expressões revelam uma pequenina desforra de aggressões longas, azedas ou perfidas, quando é de mister algum dezabafo á atmosfera de odientas e ridiculas recriminações.

Sempre aceitei os ensinamentos uteis dos mestres, e as vezes até os dos tolos, porque como disse o poeta,

Un sot quelque fois ouvre un avis important.

Ha mais ainda.

Os meus estudos de linguaagem são meramente *objectivos*. É raro que me entregue a questões de saber o que é *melhor* ou o que não é *bom*.

O publico mais comum, por preguiça ou por falta de informação, não distingue aquella differença de metodo e confunde todos os studiosos das origens e da historia da lingua e da literatura sob esse aspecto, com a classe dos que lejislam sobre *O que é correcto* ou o *O que é errado*.

É inutil, porém, estabelecer essas distincções

"Linha Saludar, 245."

que, levadas á onda comum, passam por subtilidades...

Na bela e culta cidade de S. Paulo vive domiciliado um gramatico, jornalista, cançado talvez de haver escrito em meu louvor algumas palavras (que aliás não mereci nunca) e esperando uma reciprocidade que infelizmente se não deu na medida a que se julgava com direito.

Mudou, então, de rumo e começou uma *campanha*. Já se vê, para o homem perdi todos os agrados. A minha omissão logo se transformou em ofensa. Alguma leve falta, da minha parte, veiu estimular-lhe o *virus* gramatical que logo verteu em formulas de apodo ou disfarçada injuria.

Frazes torcidas ou dubias, larachas perfidas, com borriscos de lama, vinham todos os dias esparrinhar aos meus pés.

O triste foliculario tomava o cuidado e a despeza de m'as carrear até á minha porta para que tivesse bem a segurança de que a espurcicia havia logro alcançar o seu destino.

Que fazer?

Por minha parte, eu não dava resposta alguma; não me aprazia duplicar o lameiro.

Por vezes sorria eu de tamanha e inesperada indignação, com essa sarcastica impiedade com que ás vezes nos rimos dos *rompimentos* e d'esses trejeitos de colera, de certos criticos e jornalistas cujos moveis são sempre ocultos mas tambem sempre viziveis.

Aprazia-me, então, a lembrança de que o azedo zoido era o mesmo homem que pouco tempo antes cabia na especie d'aquelle que como dizia Gregorio de Matos

De um sacritão faz um Nuncio

quando as conveniencias ou a fraude lh'o aconselham. É sempre a mesma demazia de boca, concava ou convexa, conforme o rumo dos vapores internos.

Quando, em 1908, vieram a lume as *Frazes feitas*. não cuidava eu que esse livro destinado a dar sono aos insones viesse tiral-o a quem quer que fosse.

Desde tres ou quatro anos mais ou menos, publica o snr D^r Silvio de Almeida por uma folha de S. Paulo as suas *Palestras filologicas*, nas quais procura explicar vocabulos, modos de dizer, brazilismos. Sem livros a não ser alguns dicionarios, sem leitura suficiente de autores, sem nenhuma educação teorica ou pratica, era muito natural que as suas *Palestras* não lograssem mais que o favor de meras curiosidades inventivas ou de repetições sedições de coizas vulgares e sabidas.

O *diletante*, sem embargo das suas investidas pelos arraiais da ciencia da linguaagem, não tinha e nem podia ter outro metodo senão o do falecido Castro Lopes.

As *Frazes feitas* vieram destruir, (e não era nenhuma Africa) grande numero d'essás toleimas e explicações estapafurdias do autor das *Palestras*.

Mas nem havia aluzão a esse obscuro folhetinista e menos o propozito (o que seria um disparate) de *critical-o*.

Eu conhecia apenas alguns dos seus folhetins. Achava-os curiozos, ainda que pobres de documentação e meramente inventivos, como não podia deixar de ser o trabalho de um *erudito* sem livros, sem o material conveniente, sem informação bibliografica se quer, entregue ao sabor do talento especulativo...

Alguns dicionarios e meia duzia de classicos mais triviaes não bastam para o estudo da historia da lingua.

Repetiam-se, pois, com o D^r Silvio de Almeida a mesma tentativa e o mesmo intento frustrado já realizado pelo D^r Castro Lopes. Um e outro ofereciam algum interesse de sugestão ou curiozidade, não ha negar; mas nenhum d'elles podia ser tomado ao serio.

O D^r Castro Lopes, porém, tinha uma grande superioridade. Não foi nunca um copiador de obras alheias.

II

BOCADINHOS DE OURO

Não quero, agora, dizer que ao Doutor Silvio de Almeida falta a invenção propria ou a originalidade.

Ao contrario, é um *orijinalão* e ás vezes da força do famoso Calino.

Permito deixar ao leitor, e sem comentario, a critica de algumas das suas *explicações* que me parecem dezopilantes e inauditas.

Ver-se-á, então, a qualidade e o *metro* das suas chamadas pesquisas, e se devo eu perder tempo em comental-as.

Poderiam figurar no volume popular das *Bernardices* do antigo doutor *Nada-lhe escapa* do tempo de D. João V.

Eil-as em varias amostras. O autor dispõe-n'as em grãosinhos, segundo o conselho do padre Manoel Bernardes. Está convencido de que são bocadinhos de ouro.

Este, por exemplo :

De popa a proa, de bombordo a estibordo, correspondem a—em toda a extensão do navio, de extremo, á extremo, de lado a lado.

Da cabeça aos pés applica-se de preferencia ao homem.

Dirão que é de Calino ou do Simplicissimus.

Pois enganam-se é do Silvio de Almeida, deste doutor iluminado e eruditissimo.

« Bengala, segundo o cardeal Saraiva... »

(Incomodar um cardeal por tão pouco...)

Bengala, bastão, segundo o cardeal Saraiva, proveiu, por abreviatura, de « canna de Bengala », a conhecida possessão portugueza da India, do mesmo modo que *pinga de aguardente* deu simplesmente *pinga*. »

Mas, que pinga pulha de doutor. Se o não sou-

besse sobrio e abstemio, diria que na pinga estava elle !

Leiam esse especimen de sabedoria :

Na *Arte de furtar* se diz que « a corda quebra pelo mais fraco », por isso « todos os passaros comem trigo e quem paga é o pardal ».

Parece um disparate morbido.

Ou est' outro que ninguem sabia :

Joanete saliencia do pé nada tem com o nome proprio *João* !

E ainda :

Parlapatão é um composto evidente (sic) de *parlar* e *patão*, augmentativo de *pato*.

Pode imaginar-se acazo maior parvoice ? Valerá a pena proseguir ?

Ainda outra :

O *dar dois dedos de prosa* é locução mulheril (sic) propria de costureiras (!) e d'ái tiraram os eruditos o *saber dois dedinhos de grammatica*.

É realmente assombrozo ! São tão descabeladas estas sandices que tenho até a suspeita de que os leitores não acreditem textuais. Entretanto, são transcritas *ipsis litteris* das *Palestras filologicas* d'esse celeberrimo *Mal das vinhas*.

O nosso gramatico é dos que fazem « de argueiro cavaleiro » e criam dificuldades só por mostrar o alcance telescopico do bestunto.

Ouçamol-o ainda uma vez, tratando da linguajen familiar :

Em cazos como o seguinte :

— Então Fulano é voluvel ?

— Oh ! *si é...*

Claro está que o *si* nada tem aí de condicional ; mas deve entender-se como o afirmativo *sim* na forma arcaica.

Ninguém ignora que a resposta (*oh, si é...*) é apenas a admiração pela duvida de quem pergunta, e equivale a-*oh, si é voluvel !* ou-*oh se o é !*

Isto é simples, e por isso mesmo não convem ao *Simplicio pimenta* (é um dos pseudominos do gramaturgo) que arde por arcaismos e resabe sempre a especies fossilizadas (1).

Ha nas suas gramatiquices certos sintomas que acuzam qualquer dezordem cerebral. Tal é esta que pelo pitoresco é digna de ser rejistrada :

De *fubá* e de *sapéca* é que se formou *fubéca*, no sentido de *sota* (!) palavra mestiça e corrente em frases como esta : — Tome *fubeca* que o trunfo é paus !

É perigozo ! Ha qualquer dezarranjo n'essa alma racional de gramatico, talvez a *espinhela caida* ou outro morbo pestilente.

Vou mandar-lhe o livro de São Cipriano.

(1) Mais tarde este mesmo vero *Simplicio*, a propozito de um livro de Julio Moreira, confessa que o *si* é conjunção, mas por não dar o braço a torcer, lembrado da antiga parvoice, ajunta : mas... ainda ha lugar para considerar o *si* das repostas como a conservação da forma arcaica de *sim*.

III

PRATA DA CAZA

Gosta este celeberrimo doutor Almeida de opor de vez em quando (se se lhe deparam etimolojias) objecções de *fonetica historica* como se de tal coiza entendesse ou divizasse se quer as primeiras linhas.

As suas etimolojias são estapafurdias, ridiculas e monstruozas, sem o menor senso científico ou pratico, ou antes, sem nenhum senso comum.

Apreciem, por exemplo, esta :

De *pax vobis* (que literalmente quer dizer *paz para vós* e por translação *idiota* (1) pronunciado assim *pac uobis* resultou *pacovis*.

Não posso medir nem avaliar o tamanho d'essa asnidade.

Do facto de antigamente adotar-se na escrita um só carater grafico para as duas letras *v* e *u* não se conclue que houvesse a pronuncia *uobis* por *vobis*, e em palavra corriqueira.

E ainda suposto que assim se pronunciasse, a frase seria *paks uobis* e não *pacuóbis*.

E como de *páquizuobis* havia de sair *pacovis*,

(1) Mcstrei nas *Frazes feitas* que eram palavras de saudação tomada ao Evangelho e uzadas por antigos poetas.

só este barbeiro podera arrancar com o seu boti-
cão dos diabos.

Para reduzir a coiza alguma essa moxinifada basta lembrar que *pacova* ou *pacoba* é o nome da banana.

Em S. Paulo (estou informado) toda a jente quazi morreu de rizo quando este filologo propoz sobre a fraze-tomar *calças de Villa Diogo*-a sua incomparavel emenda em espanhol da sua lavra : *calzas de huir luego!*

Caramba!

É sempre agradavel, por dezopilante, e como materia de folhetim, respigar outros exemplos d'essa filolojia picaresca.

Aqui vai o nosso doutor dizer donde se tirou a palavra *paspalhão*.

Paspalhão é augmentativo de *paspalho*.

Vamos pois ao *paspalho*. Depois de comparar o sentido de *paspalho* com o de *espantalho*, diz sentencioza e gravemente :

« Agora obviamente se explica *paspalho* como agglutinação de *spasmus paleus* : espantalho de palha.

« *Spasmus* deu *pasmo*, que não só designa *espanto* senão tambem o que nol-o (1) produz; e *pasmo* reduziu-se na composição á primeirã syllaba — *pas*, — de acordo com muitos outros exemplos, á maneira de *fidalgo* : fi (lho) d (e) algo. »

Aqui ha um verdadeiro cacho de disparates.

(1) La a elle, que a mim já não espanta.

Uma caza de marimbondos. O latim não tinha o adjectivo *paleus* que é de invenção deste latinista avariado. No latim *spasmus* é convulsão ou caimbras e não *espantalho* que é pura invenção deste doutor acomodaticio; de sorte que *paleus spasmus* ou *spasmus paleus* deve significar — *caimbras de palha!* — coiza que em verdade faz rir e faz chorar, ao mesmo tempo, tal qual a filolojia d'este impagavel gramatico e latinista.

É esta uma etimolojia que deve ser empalhada digna como é de uma posteridade mais longa que a de Sezostris.

Abstraindo do sentido da fraze (aceitando a tollice por momentos) sob o aspeto material dos sons, a parvoice continua a ser a mesma porque a queda da ultima sibaba de *spasmus* só seria admissivel se fosse *spasmus paleus* fraze de uzo habitual e constante o que se não verifica n'essa mera função sem existencia real, propozitada e erradamente imaginada por esse novo dispauterio (1).

Outro cazo.

Pelo seu irreprimivel pedantismo argúe a toda

(1) Como observa a este propozito, J. Cornu, *apud* Gröber (II, 747) a queda da silaba final só se realiza entre compostos sintacticos, isto é, frases ou talhos de frases, necessariamente muito repetidos: como os nomes de titulos *dom* (por dono) *dom Pedro*; *san* (por santo) *San Luiz*, etc. É o caso de *fi-d'algomas* não desse espurio *spasmus paleus*, parto e frioleira desse espirito enfermo.

A frioleira rezultou de, nas suas correrias pelo dicionario de Cortezão, tão expoliado, encontrar em seguida a *paspalhão* a palavra grega *paspalo* que nada tem de ver com este cazo, nem pelo sentido nem pela applicação.

a gente de faltas e de erros, com o sangue frio e a serenidade propria dos ignorantes. Aqui está o mestre escola de ferula em punho :

Tenda não veio de *tender* como quer Adolfo Coelho, mas antes de *teghenda*, « para cobrir », como *tenda* de *teghenda*.

Este simplalhão amator nem sequer procurou saber que ha *tente* no francez, *tenta* no latim barbaro, o que torna impossivel a derivação de *teghenda*.

Acrescente-se que o tema *teg* literario e clasico, não deixou formas verbaes nas linguas romanas (1) e essa palavra *teghenda* ou qualquer sobrevivencia, *teghenda*, são puros mitos dessa fantazia morbida ou inepta.

N'este ponto podia servir-lhe de mentor o seu camarada Nobiling.

A verdadeira origem do verbo *tendere* já podia ser deduzida do verso de Vergilio, como está já em pratinho feito no Quicherat : « *Hic tendebat Achilles* — ici étaient les tentes d'Achille (2).

Mas o nosso Silvio corrigirá Vergilio e fará o poeta dizer : *hic tegebat Achilles*.

E sai assim um grammaticão todo tosquiado só

(1) Apenas derivados mediatos, *telha*, *tecto*.

(2) O mesmo exemplo no Bluteau : « *Tendere* é em Virgilio, armar uma tenda (*Hic sœvus tendebat Achilles* : ahi tinha o valeroso Achilles a sua tenda. » O S. de Almeida tem o Bluteau, mas desta vez lá não foi; e é tão *caipora* que até por lá não ir, saiu tosquiado. A isto é que os francezes dizem cair de costas e quebrar o nariz.

pelo gosto de ir buscar lã... e até pelo de não na ir buscar.

De outra feita, e só para mostrar a falta de probidade d'esse torvo rabiscador, inventou que o adjectivo *chué*, alem do sentido normal, tem (coiza que ninguem jamais percebeu) o de *vagaroso*.

Esta acepção foi adrede arranjada para embasbacar a galeria, com alguma erudição de pacotilha que não tardou, tomada ás frases incluidas no *Tezouro* da lingua guarani de Montoya :

Chué (vide Montoya) significava propriamente *tartaruga*; de maneira que, para dizerem, por exemplo, *tu andas devagar*, usavam os indios : *nde* (tu) *atá* (andas) *chué* (tartaruga), ou como tartaruga.

Ora, aqui como sempre se apinham varias parvoices.

Nunca, em portuguez, *andar xué* ou *chué* significou — andar de vagar

Na linguaagem do Brazil tambem não ha tartaruga terrestre ou aquatica conhecida com o nome de *chué*, e n'este cazo deve ser um vocabulo rejional, do Paraguai ou alhures, o que se confirma pela auzencia do nome no dialeto tupi.

O sentido de *xué* é lizo, escorrido (vestido *chué*, etc). e não *vagaroso*. E, o que mais agrava a situação lastimavel do gramatico, *xué* é boa palavra portugueza, não tem nada de brazilica, rejistrada desde Bluteau e é de orijem arabica, já esclarecida por Dozy, Engelmann, Eguilaz y Yangas e outros...

IV

PRATA DAS IGREJAS

Depois de vistas as toleimas, examinemos coisas mais serias... de lavra alheia.

É um *verdadeiro relógio de repetição*, automatico e todavia astuto, perspicaz e felino.

A verdade verdadeira é que o dr. Silvio de Almeida ás vezes escreve as suas *Palestras filológicas* pondo a saque alguns dicionarios, revistas e livros conhecidos com uma sem cerimonia espantosa.

Fora d'aí, é sempre o que já vimos.

A sua habilidade consiste em fazer um embrechado ou mozaico segundo o vezo a que com tanta falta de escrupulo se acostumou, contando com a indiferença do publico que em geral não se informa das fontes nem pesquisa a origem d'essas erudições *laroussianas* já de sobejo suspeitas.

Certifiquemo-nos :

Noitibó (diz elle) é um passaro. A palavra se originou de *notivolus* e não de *noctivagus* com quer Adolfo Coelho.

Aqui refutou o A. Coelho, mas a custa do Cor-tezão que diz :

Noitibó. Do lat. *noctivolu* » noitiboo (*Rev. lusit.* IV, 280 »).

Dir-se-á que houve ainda coincidência ou que o nosso filolego não conhecia o Cortezão.

Não creiam. Tão bem o conhecia que o cita mas lá muito longe e a proposito de outrapalavra, *sobrancelha* (1).

Sarilho (explica Silvio de Almeida) formou-se de *sericulum* e este de *sericum*, seda.

Diz o Cortezão mais concizamente :

Sarilho. Do latim *sericulum seric'lum*) de *sericum*.

Que original filologo! e que finorio! (2)

Eis outra pesquisa do sempre orijinalissimo grammatico.

BOLONIO. Como um homem sem valor se pode com-

(1) Ainda no mesmo lugar aproveita não sem habilidade o Cortezão tomando ao mesmo um vocabulo problematico (*phanda*, pança? (sic) sob o vocabulo (*pandorga* para explicar adiante *pantafaçudo*. De modo que o radicalque Cortezão utilizou para explicar *Pandorga*, de que tambem trata no mesmo artigo o nosso Silvio, transferiu este para o *pantafaçudo*.

É sua a especialidade em *moxaico* de pedacinhos de dicionario, refutando a *uns* que sempre nomeia a custa de *outros* que não convem nunca nomeiar.

(2) Uma das suas manhas consiste em tomar a indicação dos dicionaristas e completal-a como se fora achado seu. Assim a proposito de *Patára*, Cortezão indica, sem citar, o texto das *Mem. de Literatura* da Academia, e lá recorre o Silvio e copia o trecho na integra. A proposito de *Aseitar* ainda indica Cortezão os *Ineditos de Alcobaça*, 3ª e lá vai o homem buscar o texto integral mas sem dizer quem lhe marcou ou indicou o caminho e o lugar. Isto é em que se cifra a orijinalidade das suas *pesquisas*.

parar a uma *bola* que vae *rodando* segundo o declive, formou-se a palavra *bolonio* para designar o que não pensa por si.

Todo este achado precioso é uma amplificação do que em duas palavras diz Adolfo Coelho no seu *Diccionario etymologico* :

Bolonio, estúpido, etc. Deriv. de *Bola*, suf. *onio*. Cf. *Bolas*.

De modo que quando pilha o Adolfo Coelho não cita a pobre victima; lembra-se d'ella, porém, como já vimos, quando tenta corrigil-a, mas sempre á custa de outro mestre que propositadamente deixa na sombra e no tinteiro (1).

Eis um exemplo dos seus processos :

O substantivo *lazeira*, soffrimento, miseria, e o verbo *lazerar*, padecer, provieram do latim *lacerare*, despedaçar, torturar, etc. Adolfo Coelho pretendeu, sem razão, ligar esses vocabulos ao nome de *Lazaro*, personagem do Novo Testamento.

(1) Assim, por exemplo — tratando da expressão *boa pro!* *lhe faça* recusa o etymo « *pro*, como pensava Adolfo Coelho », e corrije-o indicando a « verdadeira orijem *prode*. » Essa verdadeira orijem tirou-a o Silvio do *Dict. des mots latins* de M. Bréal, mas com a precaução, já se sabe, de não aludir ao filologo francez.

Ha em tudo isto má fé?

Se são coizas sabidas para que reedital-as?

E se novas e ainda não conhecidas por que lhes não apontar os verdadeiros autores? mórmente, quando ouza emendar opiniões alheias?

Não é essa uma rabulice equivooca para passar por mestre ou autoridade?

A *sem razão* do Adolfo Coelho, só a notou o Silvio quando a encontrou no Cortezão que elle tem o cuidado como sempre de não citar quando aquelle diz que a etimolojia de *lazerar* — lat. *lacerare*. — Na mesma *Palestra* o Silvio nos ensina que

De *phaseolus* com deslocação do accentto proveio o nome proprio, *Feijó*.

Leia-se no Cortezão :

Feijó, appellido (e não *nome proprio*). Deriva de *fejoo* (*phaseolum*). Rev. Lusit I, 304.

N'esta mesma *Palestra* que é de 3 de outubro de 1907 e onde se depara o saque feito á obra de Cortezão sem que este nome seja *uma só vez* pronunciado, lê-se ainda o seguinte :

(S. ALMEIDA)

« Já houve quem fizesse provir *malandro* de *mau ladro*; porém no latim, como ensina Theil, havia *malandrium*, com o sentido de *leproso*. A conservação do *l* intervocalico accusa a origem hespanhola (*malondro*), ou a italiana *malandrino*). »

(CORTEZAO)

Querer derivar *malandro* de *mau-ladro* é talvez forçar muito. — A existencia do lat. *malandria* (Dic. lat. fr. de Theil)...

Malandria especie, de lepra...

São, como vê, varios trechos tomados aqui e alli excepto o ultimo sobre a conservação do *e* que por ser uma pequice deve ser do mesmo Silvio. Em rezumo, aqui temos o que é de fato este réles eru-

dito. Vive de careiar os dicionarios, apinhoando na mochila a migalha varia e numeroza das suas vitimas.

Quando copia, não nomeia, nunca jámais, o livro ou autor donde extrae todas a sua erudição de segunda ou terceira lavagem.

Suposto que se não queira dar o nome de plajios a essas reiteradas copias e esbulhos ridiculos, por que em verdade versam sobre insignificantes migalhas, mais enfadonhas que interessantes, o nome que lhe cabe ao seu autor com mais honra e justiça é o de — *relojio de repetição* (1).

V

EPILOGO

Agora, cazo mais grave.

Falta a ultima demão ao retrato. Uma deira-deira pincelada, e estará debuxado ao vivo.

(1) Seria um nunca acabar a rezenha das suas copias; (1). A primeira etimolojia de *Benguela* (francez *bée gueude* que estava nos *Estudos filolojicos* de certo autor e no *Dicion. grammatical*; a segunda etimolojia proposta, dada já por Alberto de Faria. 2. O « isso nos lembra o velho Plauto que escreveu *trium litterarum homo* para exprimir o mesmo que ladrão en latir *fur* » (o que parece ser uma reminiscencia da sua cachola muito lida em classicos latinos, mas é simplesmente a tradução do lexico de Quicherat « *Trium litterarum homo* — Plant. Voleur, mot à mot, homme de trois lettres d'après le mot *fur* ») 3. A « *pulla vestis* » caracteristica das affições de pobreza e de luto « da mesma voz *signe de pauvreté et de deuil* transferida estapafurdidamente do Quicherat a propozito de *calças pardas*! 4. O *chorar pitanga*, chorar vermelho ou sangue; explicação tambem já dada por Castro Lopes etc., etc.

Já lhe dezenhamos os traços orijinaes, a graça relamboria dos seus ditos e a voz fanhoza, mecnica e fonografica das suas repetições...

Papagaio de ferro e carnaúba,

como diz um poeta dos que ilustram o firmamento da nossa chancelaria diplomatica.

Aqui, ha tres ou quatro anos, o sr. dr. Silvio de Almeida deu uma bela explicação da fraze popular : — *dizer cobras e lagartos*.

A exejeze, por excepção d'esta vez, era excelente ; *cobras* chamavam-se as antigas *coplas* e o ditado aludia ás trovas e versos de maldizer e de escarneo do tempo dos trovadores. *Dizer cobras* (como no castelhano *echar coplas*) ficou proverbial, em quanto o sentido de *cobras* (coplas) se ia arcaizando até que dezapareceu. Na linguagem comum tinha ficado viva apenas a palavra *cobra* (serpente) de outra orijem. D'aí a amplificação : *dizer cobras e lagartos* quando já *cobras* só podia referir-se ao reptil.

Mas... infelizmente a explicação em todos os pormenores não era sua... Já havia sido dada, conforme eu disse já, anos antes por um filologo portuguez nas pajinas da *Revista luzitana*.

O facto veiu a divulgar-se muito mais tarde em 1908 quando publiquei o meu livro — *Frazes feitas*.

N'esse livro, dei a explicação e atribui — aos seus verdadeiros autores, Eujenio Pacheco e Ca-

rolina Michaëlis, segundo o que estava impresso no vol. VII da *Revista Lusitana*.

Não aludi, no livro, ao sr. dr. Silvio de Almeida que passava silenciosamente por autor d'aquella interpretação. A aluzão seria cruel, inconveniente ou mal inspirada.

O caso d'esta exejeze era demaziado complexo para ser admitida tão fantastica e difficil coincidência.

Iam as coizas assim em silencio, quando Alberto de Faria, em excellentes comentarios ao meu livro, topou com a lastimavel coincidência e de boa fé pediu... as datas das respectivas exejezes.

Verificou-se que a originalidade do sr. dr. Silvio de Almeida se fizera sentir e apparecer *tres anos* depois da dos seus precursosos.

Parece-me que não tendo eu comentado este cazonão havia que me reprimir. Atribuiu, porém, o homem o meu silencio a ma fé ou a habil perfidia.

Desde esse momento dezentou, enfureceu-se, perdeu a compostura e o senso das conveniencias, começou a descobrir os *meus plajios*, com o fim evidente, já se percebe, de achar um companheiro na sua desgraça.

A doença era a mesma que a pena imortal de Machado de Assis perpetuou nas pajinas do alienista, Simão Bacamarte.

Passei a ser plajiarario de tudo, de todos, inclusive das caraminholas desse falhado e esteril erudito de segunda mão.

Vingança ?

Ainda o não sei. Mas seria cazo para uma formidavel cachinada se eu me pudesse dezencadernar, como outr'ora em dias juvenis, em expansões de rizo com essas ridiculezas humanas.

O sr. dr. Silvio de Almeida, quando se divulgou o triste e fatidico encontro das *cobras e lagartos*, veiu titubeiante explicar a coincidencia.

Eugenio Pacheco e Carolina Michaëlis haviam explicado a fraze na *Revista luxitana* em 1902;) Silvio *explicitou-a* pelos fins de 1904, e quatro anos depois, agora se « encheu de justa ufania » pela concordancia que verificou pedindo de emprestimo aquella revista ao seu amigo, o dr. Nobiling (1).

Não ha historia tam inverosimil como esta. Os snr^{es} Silvio e Nobiling são amigos, estudam as mesmas materias, revolvem os mesmos livros, e levam tantos anos estes dois exejetas em descobrir uma *concordancia* d'aquella ordem que com certeza um d'elles teria revelado ao outro !

Demais percebe-se a palidez do sr. Silvio quando confessando a coincidencia diz *voltar ao assunto porque ha tambem alguns dissentimentos*.

E assim encobre o motivo real com esse esburacado farrapo das diverjencias ou dissentimentos.

São estes porem, todos elles, alem de insignificantes inteiramente falsos.

Assim que Eugenio Pacheco derivou a forma antiga *cobra* do latim *copula*, « unicamente, e eu

(1) Filologo, rezidente em S. Paulo.

sujeri (diz elle) alem de tal hipoteze a *influencia* provençal. » E' falsa a suposta diverjencia porque no mesmo artigo da *Revista Lusitana* em toda a pajina 234 se explica que é provençal, « foi transmitida por trovadores e jograes da Provença a trovadores e jograes da península » e ali mesmo se seguem os textos comprobativos.

Onde está o tal dissentimento ?

Outro dissentimento do Silvio é assaz famoso : diz que Eujenio Pacheco e elle Silvio consideram a fraze como popular, o Pacheco de *modo velado* e elle Silvio de *modo explicito*. E ainda : que Carolina considera-a forma erudita, fixada, até, em cerca de 1500.

Este até é muito caracteristico das crianças que tartamudeiam gagueijantes quando pilhadas com a boca na botija.

— Eu até nem estava lá !

Essa pequenina coiza é ainda falsidade d'esse taludo criançao.

Eujenio Pacheco não diz coiza alguma e até atribue a palavra *cobra* (copla) á « autores » nem Silvio assinala origem popular senão a que copiou de Pacheco, que diz vir *cobra* de *copla*, *cop'la*, latim *copula* ao passo que Silvio *diverje* (?) dizendo que « *cobra* é transformação organica de *copla* que por seu turno procedia do etimo romano *copula*. »

Na verdade diverjiram sem sair do lugar !

A unica diverjencia está em que o sr. Silvio, em vez de *latino* como devia ser, disse *romano*.

Ainda o homem alegou outro pequeno dissentimento :

« Eu (fala o sr. Silvio) caracterizei a *cobra* pelo encadeamento em *quadras*; Eugenio Pacheco pelo estribilho em *quintilhas* ». É outra falsidade, pois que quanto a este pormenor Eujenio Pacheco se refere ao uzo de *coplas* em « *quartetos* ou *quintilhas* ».

Silvio, tomando os *quartetos* acha que o filologo portuguez só tem direito ás *quintilhas*.

Em fim é alguma generozidade...

Estou *até* convencido do que o Pacheco foi aqui o copista...

É de muita força, o nosso homem. Todavia, alcança-se mais facilmente um coxo.

A explicação da fraze estava no volume VII da *Revista Lusitana* e o sr. dr. Silvio de Almeida conhecia e tinha lido perfeitamente esse volume.

Prova-se.

N'uma das suas *Palestras* citou, reparem bem, citou o artigo do dr. Julio Moreira sobre a confusão de *punir* e *pugnar* (1); ora esse artigo era do *mesmissimo volume setimo* da *Revista*, onde estava a explicação da fraze — *Dizer cobras e lagartos*.

Como é, pois, que este homem conhecia a *Revista* para citar a questão de *punir* e *pugnar* e já

(1) Não estavam ainda publicados em livro os *Estudos* de Julio Moreira, os quaes só apareceram em 1908, e o mesmo sr. Silvio deu noticia critica no *Estado de S. Paulo*, Abril do mesmo ano.

à não conhecia quando tratou da história das *Co-bras*?

Latet anguis.

Entretanto e apesar de tudo, não lhe atribuo indignidade alguma n'essa complicada coincidência.

O que lhe atribuo é a insignificancia de seu proprio ser, ôco, esteril e nulo. É a incapacidade propria que não tem outro remedio e refugio senão parазitar trabalhos alheios, esgaravunhar coizas conhecidas.

É certo que n'esse remendar de farrapos, é por compleição atrevido, ouzado, tanto quanto é louvaminheiro e humilde quando busca atrair alianças e camaradajens.

Quer ser ouvido ou acatado como autoridade, senão.. (1).

Não o odeio, e nem sequer o desprezo. É elle na minha filozofia uma consolação.

Acho-o engraçado e dezopilante quando assenta a sua barraca de feira. O zabumba altiloquo

(1) As *Frazes feitas* vinham sem nenhum preconcebido intento contraditar hipotezes do azedo gramaticão espalhadas por algumas gazetas como p. ex. as explicações de *tutú* derivado do guarani *taú*!) passaro *visnau* (avis — navis) os *ff* e *rr* (que veiu de algum mestre escola rabujento, diz elle) o *bispo* (esturro da comida; derivado das « delongas e complicações de processos que subiam ao bispo »!) *vivinho da silva* (« accessorio de superlatividade », e mais nada) *candeias ás avessas* (da que « virada a candeia lá se vai o azeite!) *agua no bico*, *thagalhé* (reproduzida do Castro Lopes) *arco da velha*, *vila diogo* (villa — casa, do Diabo!), etc., etc.

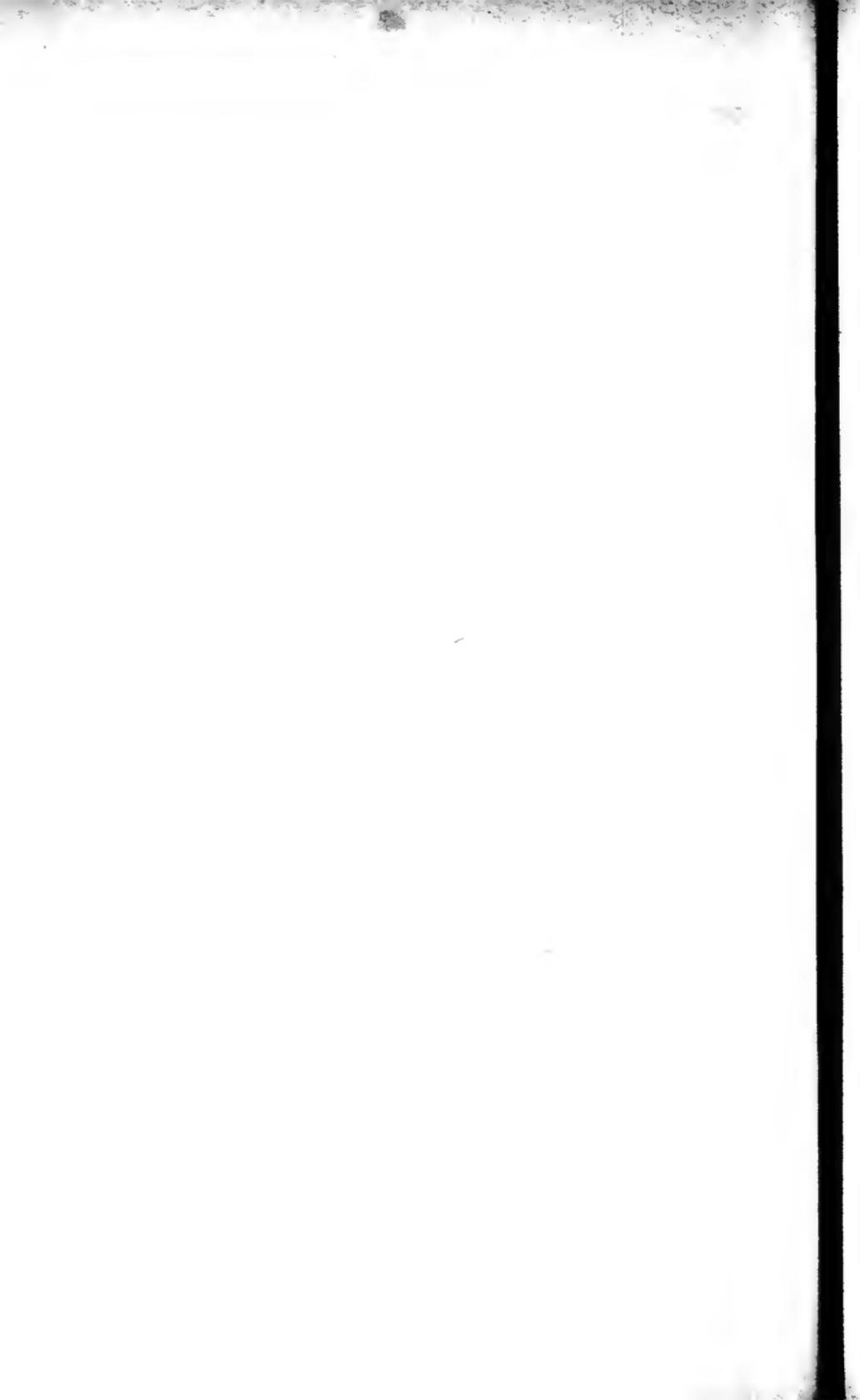
retumba e ensurdece ; a logração é grande, mas a patacoada é maior.

O homem brande rapido os pauzinhos ; forma-se a feira e aumenta o corrilho dos que lhe admiram os embelecocos e imposturas.

Aos lonjes do cenario vê-se o quadro do Tolentino :

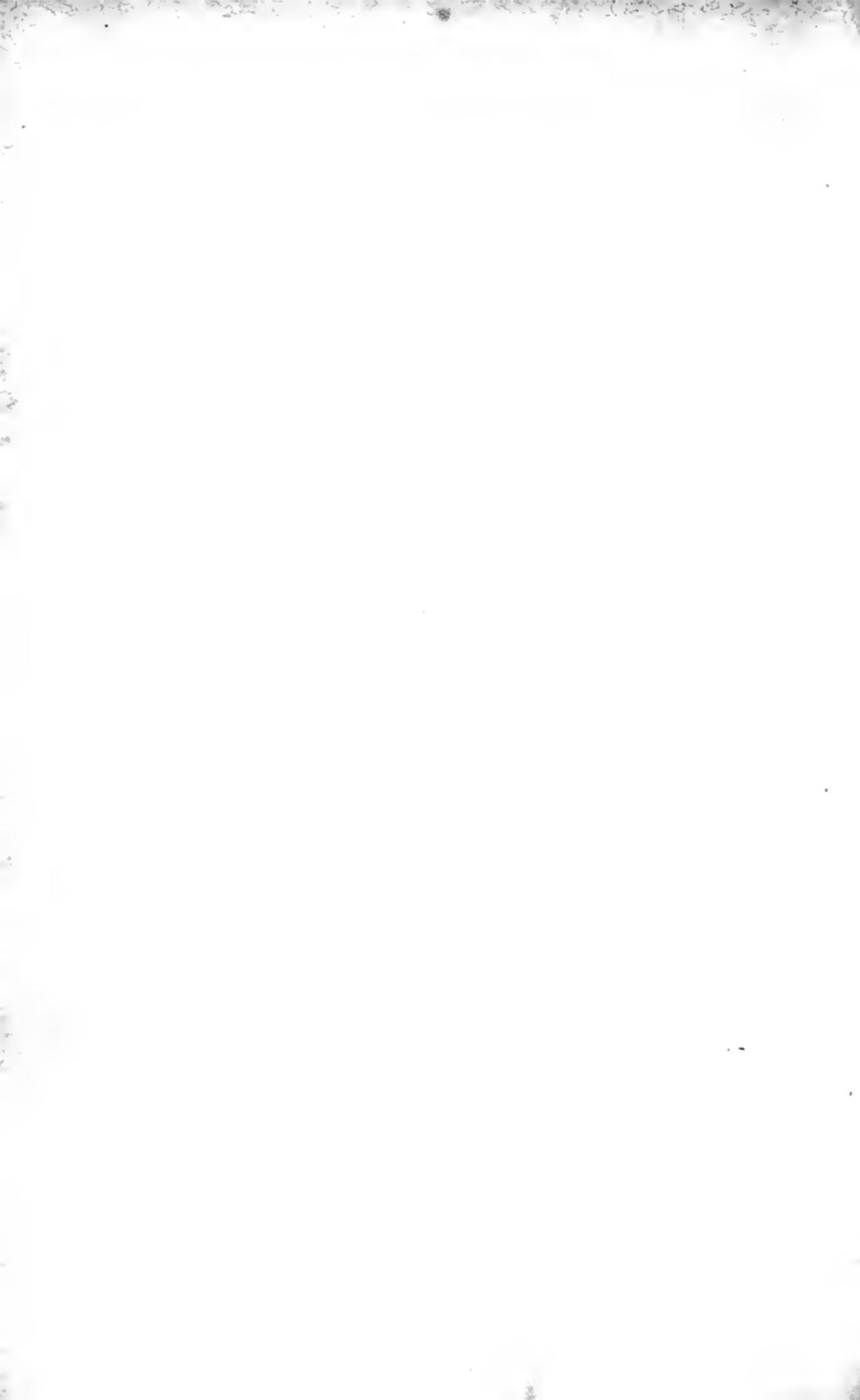
Teimozo gramaticão
Que em longo chambre embrulhado
Co' a douta pena na mão
Dá a luz grosso tratado
Sobre as leis de *conjunção*,

Que arranca o cabelo hirsuto
Lastimando a decadencia
Do novo mundo corruto
Que quer negar a existencia
Ao *ablativo absoluto*.



O DIALOGO DAS GRANDEZAS

Um livro anonimo de 1618 sobre
o Brazil. Porque ficou inédito ?



O DIALOGO DAS GRANDEZAS

O *Dialogo das Grandezas*, é uma das obras mais curiosas que temos sobre o Brazil antigo. Escrita em 1618, por uma pena habil, amenissima e sem a ferrujem do gongorismo que já despontava n'aquelle seculo, momentos antes de expandir a Holanda o seu imperio dos mares sobre as ruinas da grandeza universal da Espanha, foi talvez um d'esses livros de propaganda funesta mais proprios para acender a cupidez dos conquistadores do que servir aos interesses da colonia.

N'aquelle momento havia uma revulsão das ideas economicas a favor da America, e perdia o seu longo e falso credito sustentado pela mirajem sempre facinadora do Oriente, aquella empreza improficua e absurda da India portugueza.

O autor, ainda hoje desconhecido do *Dialogo das Grandezas* desde logo revela o argumento do livro quando o principal dos seus interlocutores

Brandonio ouza dizer que o Brazil vale, pelas riquezas, muito mais que todas as Indias.

Ao que retruca, *Alviano*: « A muito vos arrojaes e certamente parece desvario quererdes pôr semelhante coiza em pratica, pois o *poder-se provar está tão lonje como a terra dos céos.* »

Isto diz a personagem secundaria e pretextual do *Dialogo*.

Entra, pois, *Brandonio* a dar as provas da superioridade economica do Brazil; que digo? nem tanto do Brazil inteiro, mas de tres capitánias apenas e convizinhas, *Paraiba, Pernambuco e Tamaracá*.

Ora aquillo a que ainda se não deu atenção devida é que as pretendidas provas, são falsas estimativas, calculos a esmo sem nenhum fundamento na verdade das coizas, com a tendencia evidente de encarecer o valor da produção no Brazil. Parecia-se assim a esses folhetos optimistas da hodierna propaganda.

Não é inutil advertir que o descredito da India já não devia tanto espantar a *Alviano*. Era já convicção, entre portuguezes e escritores politicos, o dezastre cada vez mais incomportavel do imperio aziatico.

Um livro tambem em dialogos e que provavelmente foi uma das fontes, pela forma, do *Dialogo das Grandezas* (1) e impresso em 1608,

(1) Refiro-me ao *Sitio de Lisboa, sua grandezza, etc. Dialogos* de Luiz Mendes de Vasconcelos. *Lisboa*, 1608.

procura persuadir a mesma verdade, em varios lugares : « Não só a conquista da India *não foi util mas danosa* » porque deslocou a « gente que se emprega n'ella, fazendo falta á culturação das terras ». E ainda ao interlocutor que inquire « se as Ilhas e o Brazil fariam o mesmo dano ? » responde : « Não ; senão muito ao contrario » e desenvolve as razões da superioridade economica d'Africa e Brazil (pj 66, 67, 71, 73, etc.).

E foram essas palavras impressas dez anos antes de lançadas as do *Dialogo das Grandezas*.

As estatisticas de *Brandonio* são de mera fantazia. Para chegar a *um milhão de cruzados* (um conto de ouro) organiza uma receita sobre dados que se não conformam com a verdade. Temos documentadas em outro livro do tempo e igualmente em *Dialogos*, como era moda, as rendas, em geral e por menor, cobradas pela corôa no segundo decenio do seculo xvii, que é exactamente o momento preciso em que fala e escreve *Brandonio*.

Pelo *Livro das Grandezas de Lisboa composto por Fr. Nicolao de Oliveira* (impresso em 1620) conhecemos individualmente as rendas das conquistas e assim as suas despezas para a corôa.

« O Estado do Brazil, diz elle, rende um anno por outro *cincoenta e quatro contos* », isto é, 135.000 cruzados o que está *muitissimo* lonje dos « *trezentos mil* » na estimativa de *Brandonio*. Por outro lado, o rendimento do *pau do Brazil* é avaliado pelo fantazista em *quarenta mil cruzados*

quando era de *sessenta mil* (vinte e quatro contos) a renda do estanco do precioso lenho (1).

Mas o que havia de pior n'esse optimismo era que o autor acenava a qualquer povo cupido a excelencia da preza que eram essas *tres capitánias* para um SENHOR LIVRE E IZENTO que podesse cobrar aí nellas todos os direitos que se pagavam fóra, as entradas e as saídas, isto é, os dizimos da exportação e os quintos de importação.

Tudo isto e mais outras vantajens que alega, diz tranquilamente « devem de dar AO TAL SENHOR quando o fosse no modo que tenho dito, muito mais do milhão de ouro de que vos maravilhaste » isto é, « mais do que rende todo o reino de Portugal para os cofres publicos ».

Por essas palavras que me parecem ouzadas ou imprudentes, Brandonio advoga ou a separação e independencia do Brazil ou dezaflia temerariamente em tempos tão ensombrados, o apetite dos invazores.

É bem possivel que esse *prospecto de exploração comercial* que é o *Dialogo das Grandezas do Brazil*, escrito em 1618 fosse parar ás mãos dos Holandezes na época da conquista da Bahia, al-

(1) *Libro das Grandezas* paj. 330 e 339. Algumas das estimativas coniecturais de Brandonio teem a seu favor certas probabilidades: por exemplo, a renda de 150 mil cruzados por direitos de importação, 20 0/0 ou o *quinto*, que era a quota que em Portugal se pagava na *Caza dos Cinco*s pelas mercadorias extranjeiras, não acuzá exajeradamente o que havia de ser a realidade.

guns anos depois, realizada por uma companhia de Comercio.

Assim talvez se explique a preferencia dada mais tarde pelos comerciantes flamengos ás *tres capitánias* de Brandonio: Pernambuco, Tamaracá, e Paraíba que ellas sós « independentes e com um *senhor livre e izento* lhe renderiam anualmente mais de um conto de ouro (1) isto é mais do que rendia todo o Portugal » (2).

(1) Um milhão de cruzados.

(2) O trecho mais expressivo a que aludimos é o seguinte.

« Se as tres capitánias — de Pernambuco, de Itamaracá e de Parahyba fossem independentes e tivessem um senhor livre e isento, lhe renderiam anualmente mais de um conto de ouro, isto é, mais do que rendia todo reino de Portugal para os cofres publicos.

« BRAND. — Porque já vos mostrei, por conta, de como importavam os assucares, que se navegavão sómente destas tres capitánias pera o Reino, pera a fazenda de Sua Majestade, nos direitos que pagão as alfandegas, mais de trezentos mil cruzados, e tanto havia de colher o senhor livre dos mesmos direitos por sahido, quando deixasse navegar os taes assucares, cado um para a parte donde os quizesse levar; sessenta e tantos mil cruzados, dez que importa mais o dizimo delles; dez ou 12 mil das penções, que se pagão aos senhorios e capitães, e se havião de pagar a elle, pois o ficava sendo, e outro sim quarenta mil cruzados, que importão o rendimento do pao do Brazil, e da mesma maneira o que havião de pagar de direitos por entrada, a razão de 21 (?) por cento, as fazendas e mercadorias que viessem, e se navegassem de todas as partes pera as ditas tres capitánias, que conforme a minha estimação devião de importar ao redor de cento e cincoenta mil cruzados. E tudo isto é cousa que está já sabido no que não pode haver duvida; e o que ainda se não sabe, nem experimentou de que pode colher tambem muito rendimento, é a saber: pimenta da India, que pode fazer plantar e colher pelo modo que tenho dito, e outra diversidade de castas, que ha della, excellentes

Esta suspeita ainda se corroborava e fortalece com o facto sabido de que o manuscrito dos *Dialogos* foi achado na biblioteca de Leyde, nos Paizes Baixos. Foi, pois, muito provavelmente um dos materiais de instrução de que se haviam de prover os societarios da companhia holandeza das Indias.

O grande movel dos flamengos foi o commercio nas suas lutas do seculo XVII. A guerra de conquista do Brazil foi, para elles, literalmente uma repreciação contra os estorvadores do seu commercio maritimo. Já tive occasião de fazer entrar por aventura na historia do Brazil como impulso essencial das guerras holandezas a hipoteze economica do *mare liberum* que foi inicialmente uma doutrina flamenga contra os cazuistas ibericos do *mare clausum*.

O capitulo de nossa historia que é o Brazil holandez, tem esse significado mundial, e foi a primeira victoria brilhante do internacionalismo do mar.

assás estimadas dos estrangeiros, quantidade grande de malagueta a qual se dá e colhe pelos matos silvestres, sem beneficio nenhum, em abundancia; gengibre, que pode mandar cultivar por a terra ser muito caroavel de o dar o qual, navegado pera Frandes e outras terras de estrangeiros, deixará muito proveito; infinidade de anil que pode mandar lavrar, porque a herva, de que se faz (a qual na India e Indias se planta e grangea com cuidado e diligencia), aqui nasce pelos campos em tanta quantidade, sem nenhum beneficio, que se pode lavrar della grande somma de semelhante droga. Por maneira que todas estas cousas postas em uso, e juntas com as que já estão postas, devem dar de rendimento ao tal senhor, quando o fosse no modo que tenho dito, muito mais de milhão de ouro, de que vos maravillhaste. •

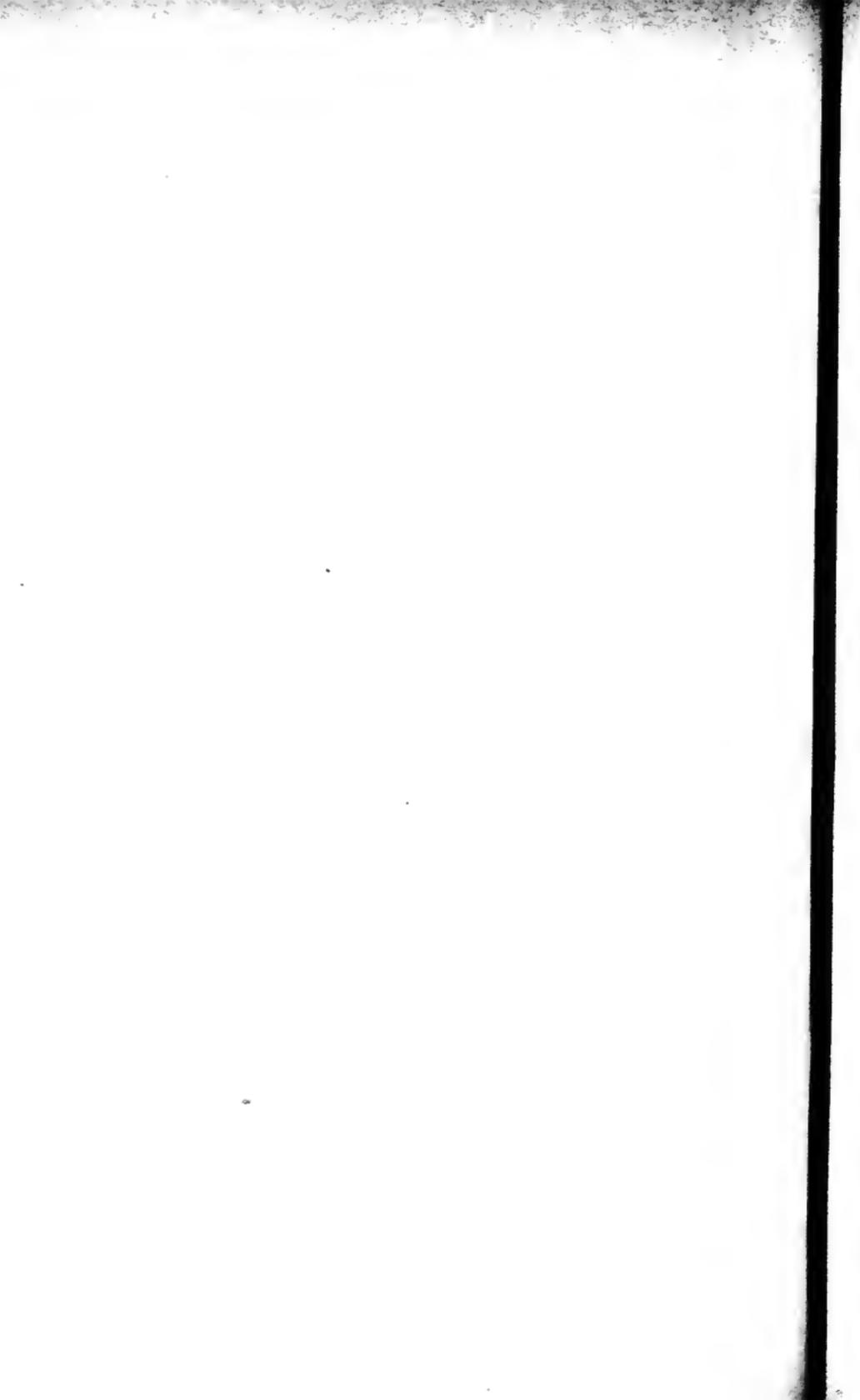
Não é menos certo que são os interesses grosseiros e economicos os que determinam quazi sempre a victoria de principios liberaes. Conta Duarte Ribeiro de Macedo (consta o cazo das suas *Obras ineditas*) que em num jantar entre diplomatas ouvira de um d'elles, decendente de Grotius, que os holandezes convieram em afrouxar a defeza do Brazil contra a insurreição portugueza, pois viam nesta colonia uma concorrência dezastrôza ao commercio das Indias de que já se haviam apossado. Era essa razão, ainda aqui, meramente economica e commercial.

É por isso que supponho ser o livro dos *Dialogos* um dos elementos de informação e de pesquisa que a especulação mercantil poude colher e arrecadar a todo preço.

E bem o sabiam os peninsulares e detentores do mar, pois que guardavam ciozamente da publicidade todos os informes, relações e noticias arriscadas das riquezas tranzoceanicas.

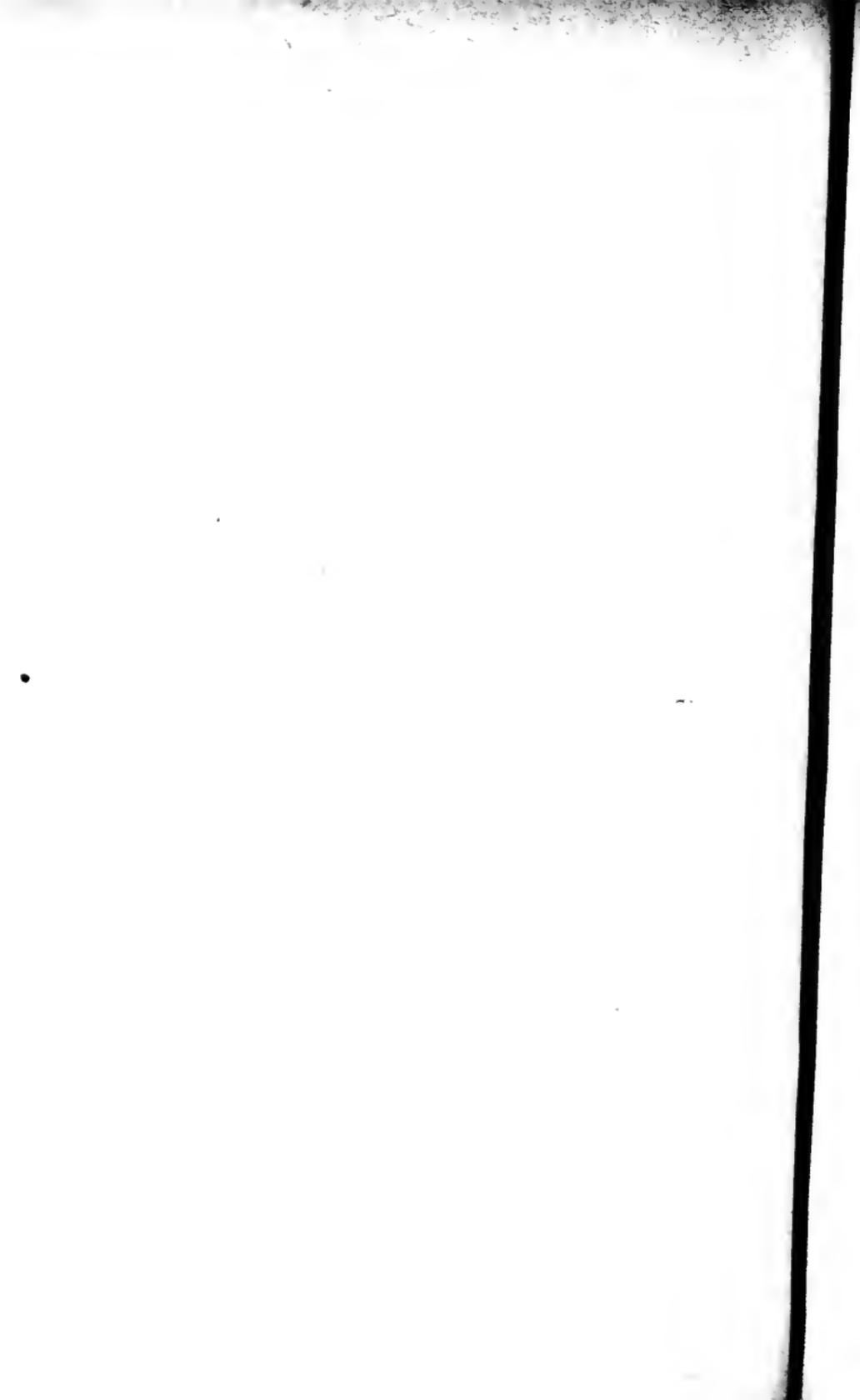
E foi o que succedeu áquelle livro.

Ainda não se fez, e é facto lastimavel, uma edição accessivel dos *Dialogos da Grandeza do Brazil*. Perdido pelas folhas volantes de jornaes ou de revistas esse documento curiozo da nossa historia ainda não mereceu o carinho que tantas vezes se dispensa a indijestos relatorios, estereis e inuteis, de funcionarios subalternos.



CARTA DE VAZ DE CAMINHA

O primeiro documento da historia do
Brazil. 1.º de maio de 1500. Introdução
critica. Leitura diplomatica. Anotações.



A CARTA DE VAZ DE CAMINHA

A *carta* do escrivão da frota de Cabral é o primeiro e um dos documentos mais importantes da nossa historia.

Conhecida a carta de Pero Vaz Caminha já muito tarde, pois jazia manuscrita (e provavelmente só vulgarizada por uma copia moderna a ella apensa) as versões que do inédito se fizeram foram sempre omissas ou desfiguradas, e em qualquer cazo não ofereciam um texto seguro e de inteira confiança aos estudiosos.

Foi pois idéa excelente a do *Instituto Geografico e Historico da Bahia* na occasião do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, fazendo a edição *fac-simile* do manuscrito com as leituras que a acompanham.

Reproduzindo aqui o texto diplomatico foi nossa intenção explical-o com as anotações necessarias de modo a conservar a fidelidade do texto e facili-

tar a leitura sem deturpal-a por uma versão do original.

A *carta* de Vaz Caminha diante dos progressos realizados pelos estudos historicos nos ultimos anos adquiriu nova importancia a certas luzes com que já ajora podemos examinal-a.

Não é possivel mais admitir que a descoberta do Brazil foi resultado accidental e de mero acazo, como por tantos seculos se repetiu.

Esse problema importantissimo, e nem se pode imaginar outro mais importante ainda considerado fora da nossa historia, na mesma historia do mundo, foi rezolvido principalmente pela publicação do *Esmeraldo de Situ Orbis*. Lá se verá mais de uma vez que o rei de Portugal havia cometido aos seus marinheiros a empreza de revelar o extremo ocidente, e d'ella Pedro Alvarez Cabral, o primeiro ou o segundo, recebeu essa incumbencia; e depois das proprias palavras de Caminha quando afirma que *seguiram a derrota pelo mar de longo*, a fraze ignorada, quando tardiamente foi lida nos arquivos, já não oferece duvida. O *mar de longo* é o do ocidente.

Duarte Pacheco, o heroe da India, companheiro de Cabral, e autor do *Esmeraldo*, falando das tres partes do antigo mundo, acrescenta :

e a quarta parte que Vossa Alteza
mandou descobrir alem do oceano...

I — Cap. III.

e anteriormente :

... bem aventurado Príncipe, temos sabido e visto como no terceiro anno do vosso reinado, anno do Senhor de *mil quatrocentos noventa e oito* donde nos vossa Alteza mandou descobrir ha parle oucidental passando alem ha grandeza do mar ociano honde he achada navegada uma tam grande terra firme com muitas grandes ilhas adjacentes a ella que se estende a setenta graos de ladeza da linha equinocial...

Ora, não é possível que o famoso capitão se dirigisse ao Rei, attribuindo a Alteza e a si próprio um embuste a esse tempo despropozitado. Ainda mais. O segundo trecho mostra que a grande terra achada foi a confirmação de exito da empreza anteriormente cometida.

Cabral veiu muito deliberadamente caminho das terras americanas, seguindo *alem da grandeza do mar oceano*.

Outros talvez o precederam; e agora já parecem menos exajeradas as alegações, sem duvida inverosimeis, de Gaspar Estaço (Antiguidades — cap. 84) e as do espanhol Gomara sobre a prioridade dos portuguezes.

Não é menos certo ainda, que com Gonçalo Velho descora a genialidade do genovez; o descobridor dos Açores, inicia o rumo de Oeste, e elle por sessenta anos é o precursor de Colombo.

E' util notar que o afastamento da frota de Cabral é excessivo ainda mesmo contando para isso uma *longa tempestade* (lugar comum já hoje sem credito em varias lendas dos descobrimentos) da qual é extremamente curiozo que não fale Vaz Ca-

minha na sua carta. O mesmo silencio a respeito da *tempestade* (n'essa conjuntura, acidente importante) guarda a outra relação anonima que conhecemos pela versão italiana de Ramuzio.

A rota do *sul* que continuou a ser a dos pilotos da *carreira* (1) torceu para oeste. Mas só para oeste vão as naus que vem arribadas ou impossibilitadas de alcançar o cabo extremo africano e n'este cazo se fazem na volta do Brazil, demandando Santo Agostinho, Bahia de todos os Santos ou Abrolhos. Nenhum acidente d'este valor se depára nas suas relações do descobrimento do Brazil.

As palavras de Caminha « seguimos *nosso* caminho por *esse mar de longo até que topamos sinaes de terra* » merecem mais detido comentario; para os antigos e ainda até os alvares da idade moderna, o rumo leste-oeste era considerado de *longo*, porque até então as maiores distancias extremas eram do oriente ao occidente ou vice-versa, atenta a configuração do mundo antigo que era apenas uma zona do planeta alongada, pois, n'aquelle sentido.

Hoje, na navegação atlantica poderia supor-se que a *navegação de longo* seria a de norte-sul. Outr'ora, a expressão equivalia ao *secundum mare* dos romanos. Sobre o meridiano contavam-se os grãos de *ladeira* como diziam os

(1) *Roteiro* de Vicente Rodrigues, 16; *Id.* de Aleixo da Mota 96-97, ed. de G. Pereira. — *Soc. Geogr. Lisboa*, 1898.

antigos cosmógrafos portuguezes e aliás a ciencia moderna conservou as mesmas expressões antigas *longitude* (leste-oeste) e *latitude* (norte-sul).

Até antes de D. Henrique os navegantes do sul não se animavam a prolongar a viagem a l'oeste além do cabo Bojador assim chamado por que *bojava* já para o ocidente umas quarenta leguas ainda aumentadas de parciais que *ferviavam* por uma restinga adiante por seis leguas.

Parecia então aos navegadores que o mar *fervia* e só a audacia da *navegação de longo* poudo contornar o Bojador e dissipar as antigas superstições. Quando a experiencia da *navegação costeira* mostrou que se podia mais tarde fazer a *volta do mar* (abandonando a costa) então começaram as grandes *navegações de longo* e o primeiro rasgo será sair de Lisboa no rumo S.S.O. até Forteventura das Canarias, isto é, a 28°.

Esta é a rota da India e tambem a do Brazil seguindo os rumos successivos das Canarias, Cabo Branco e Cabo Verde; d'ai por diante os que buscavam a India navegavam *para o sul* seiscentas leguas.

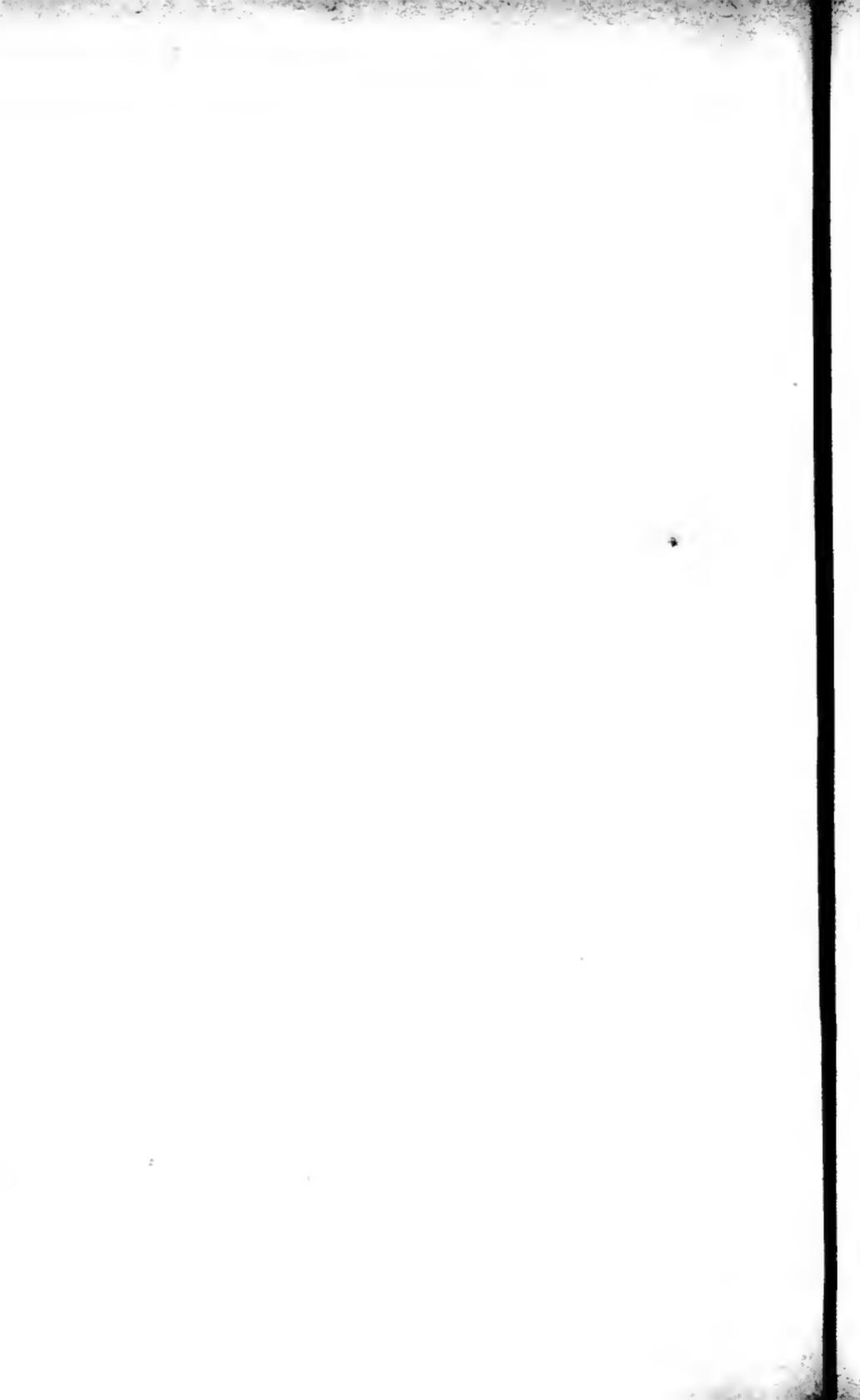
A *Carta de Caminha* indica successivamente as escalas *Canarias, Cabo Verde*.

Vê-se que o rumo de Cabral foi de S.O. e não S. e que a hipoteze explicativa d'esse afastamento — a de que os navegantes fugiam a tempestades ou iam *alcançar outras correntes* — é meramente gratuita, e é mesmo tendencioza pois aponta á conclusão de que o descobrimento devia ser *casual*;

ao contrario, o desvio para oeste era sempre um conselho por aproveitar os *geraes*.

Cabral abandonou o sul por oeste, no mesmo momento de navegação em que Vasco da Gama, pouco antes, abandonara o rumo do sul por leste demandando a terra africana até a angra de Santa Helena. Antes d'esse desvio, ambos, um com a certeza, outro com a fantazia e esperança, demandavam a terra firme.

Bem antes da prova experimental da redondeza da terra dada por Fernan de Magalhães já Dom Manoel fazia executar uma *poma* ou globo solido do mundo com as cartas de marear de Jorje de Vasconcelos; em Lisboa ou nenhures é que havia a intuição mais nitida do planeta qualo haviam revelado as navegações.



SENHOR

Posto que o capitam moor desta vossa frota, e asy os outros capitaãos screpvam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que se ora neesta navegaçom achou, nom leixarey tambem de dar d'isso minha comta a Vossa Alteza, asy como eu melhor poder ajmda que, pabem contar e falar, o saiba pior que todos fazer; tome Vossa Alteza minha inoramecia por bôa vontade; a qual bem certo crea, que por afremmo-sentar nem afear aja aquy de poer mais ca aquilo que vy e me pareceo (1). Da marinhajem e sim-graduras do caminho nom darey aquy conta a Vossa Alteza, porque o nom saberey fazer, e os pilotos devem teer ese cuidado; e portamto, senhor, do que ey de falar começo e diguo-:

(1) *Aquilla que vi e me pareceu.* A palavra *parecer* oferecia duplo sentido, o que tem hoje e mais o de *aparecer, antolhar-se á vista.* Assim, ler-se-á um pouco adiante que a nau perdida de V. de Ataide, não *pareceu mais*, isto é, não foi vista mais.

Que a partida de Belem, como Vossa Alteza sabe, foy segunda feira IX de Março e sabado XIIIJ (14) do dito mes, amtre as bIIJ (8) e ix oras, nos achamos amtre as Canareas, mais perto da Gram Canarea ; e aly amdamos todo aquele dia em calma, a vista d'elas, obra de tres ou quatro legoas ; e domingo XXIJ (22) do dito mes, aas X oras, pouco mais ou menos, ouvemos vista das jlhas de Cabo Verde : da jlha de Sam Njcolaaõ, segundo dito de Pero Escobar, piloto ; e, a nõite segujnte aa segunda feira, lhe amanheceo se perdeu da frota Vaasco d'Atayde com a sua naao, sem hy aver tempo forte, nem contrairo pera poder seer ; fez o Capitam suas deligencias pera o achar a huuãs e a outras partes, e nom pareceo majs ; é asy segujmos nosso caminho per este mar de lomgo (2) ataa terça feira d'oitavas de pascoa, que foram XXJ (21) dias d'Abril, que topamos alguuns sygnaaes de tera, seendo da dita jlha, segundo os pilotos deziam obra de bj^c LX (660) ou LXX

(2) *Por este mar de longo.* Na introdução a esta carta indiquei o sentido d'esta expressão que tem capital importancia na exejeze d'este documento. A navegação de *loeste* que tantas dissensões sucitara era realmente a mais difficil pela quazi impossibilidade de achar as differenças de meridiano. Os erros cometidos quanto á estimativa da longitude foram então muito grandes. A mesma avaliação da latitude só podia ser tomada com segurança em terra firme com o astrolabio. A viagem de Vasco da Gama e esta de Cabral que se lhe segue já utiliza os estudos, taboas e calculos realizados pelos cosmografos em Lisboa. Mais tarde, o rumo de sudoeste nas navegações para o Brazil é tomado na altura de um grau escasso ao norte da linha.

legoas, os quaaes heram mujta camtidade d'ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e asy outras, a que tambem chamam rabo d'asno; e aa quarta feira segujmte pola manhaã topamos aves, a que chamam fura buchos (3) eneeste dia, a oras de bespera, ouvemos vista de tera, saber: primeiramente d'huum gramde monte muy alto e redomdo, e d'outras terras mais baixas, ao sul

(3) *Sinaes de terra: botelho, rabos de asno* (plantas) *fura-buchos* (aves). Os antigos roteiros nunca deixavam de mencionar esses sinaes, no tempo em que a arte de orientar-se nos mares era ainda imperfeita, e as terras mal determinadas e conhecidas. Os roteiros portuguezes mencionam no Atlantico entre a linha e o Cabo da B. Esperança os *alcatrazes* (albatroz) os garções, o sargasso a que chamavam *goljão* (*Rot. de V. da Gama*, 3) e para o sul os patos que os antigos diziam *sotilicairos* e hoje *pinguins* (*Ibid.* 15). As ervas ou plantas mais comuns são as *camas de Bertão* (*Hist. trajico-marit.* III, 29) entre Tristão da Cunha e o cabo, tambem denominadas *mantas de Bretão* (*Rot. V. Rodrigues*, 73; *Pimentel-Arte de nav.*); passaros: *alcatrazes*, *rabisforcados*, *rabos de juncos* e *grajãos* (*Hist. traj. ibid.* 54) *antenaes* (no *Rot. de Vic. Rodrigues*, 18, 73, borrelhos, corvas, *calcamares*, *ibid.* 19) etc. Seria longa a lista.

Botelho ou *Botelha* de que fala Caminha é um nome geral d'essa balsa ou cipoal a que tambem chamam, como vimos, *manta de Bretão* e corrióla; tambem uma das plantas caracteristicas a *tromba* « pau com muitas raizes em uma das pontas » como esclarece o *Roteiro* de Aleixo da Mota, depara-se nas proximidades do Cabo da B. Esperança.

A palavra (*botelha* ou *botija*) é a mesma que se conhece no aparelho e cordoaria dos navios: *botija* um enchimento que se faz nos estais ou é o rabicho que fazem no chicote dos cabos e d'essa ultima circumstancia é que nace a outra expressão *rabo d'asno*; os marujos chamam *rabos de rapoza* á obra de fio de vela por ornato feita no chicote das escotas.

É escuzado acrecentar que, como sempre, os dictionarios da lingua não registram esses vocabulos.

d'ele, e de terra chaã, com grandes arvoredos, ao qual monte alto o Capitam pos nome o monte Pascoal, e aa terra a terra da Vera Cruz. Mandou lançar o prumo; acharam XXb (25) braças; e ao sol posto, obra bj (6) legoas de terra surgimos ancoras em XIX braças, ancorajem limpa. Aly jouvemos toda aquella noute; e aa quinta feira pola manhaã fizemos vella e seguimos direitos aa terra, e os navjos pequenos diante, himdo per XbIJ (17), XbJ (16), Xb (15), XIIIJ (14), XIII (13), XIIJ (12), X e IX braças ataa mea legoa de terra, omde todos lançamos ancoras em direito da boca de hum rio; e chegaríamos a esta ancorajem aas X oras pouco mais ou menos; e d'aly ouvemos vista de homeens que amdavam pela praya, obra de bIJ (7) ou bIII (8) segundo os navjos pequenos diiseram, por chegarem primeiro. Aly lançamos os batees e esquifes (4) fora; e vieram logo todos os capitães das naaos a esta naao do Capitam moor; e aly falaram, e o Capitam mandou no batel em terra Nicolao Coelho pera veer aquelle rio; e tanto que ele começou pera la d'hir acodiram pela praya homeens, quando dous, quando tres, de maneira que, quando o batel chegou aa boca do rio, heram aly XbIII (18) ou XX homeens,

(4) *Bateis esquifes.* O *esquife* é menor que o *batel*, e mais esguio ou comprido. Nas caravelas e naos os *bateis* iam atravessados de bordo a estibordo em toda a extensão e podiam, se havia nister, servir á navegação de alto mar. No trecho d'esta carta quando diz que os *bateis iam a popa* indica-se que iam *atoados* como era frequentemente o costume na navegação costeira.

pardos, nus, sem nenhuma cousa que lhes cobrisse suas vergonhas : traziam arcos nas mãos e suas setas ; vjnham todos rijos pera o batel ; e Nicolaa Coelho lhes fez sinal que posesem os arcos ; e elles os poseram. Aly nom pode d'elles aver falanem entendimento que aproveitasse, polo mar quebrar na costa ; soomente deu-lhes hum barete vermelho e huuã carapuça de linho que levava na cabeça e hum sombreiro (5) preto ; e hum d'elles lhe deu hum sombreiro de penas d'aves compridas com huuã copezinha pequena de penas vermelhas e pardas coma de papagayo ; e outro lhe deu hum ramal grande de continhas brancas meudas, que querem parecer d'aljaveira (6) ; as

(5) *Pardos*, isto é castanhos ou tirante ao vermelho de cobre. *Sombreiro* era qualquer chapeo de abas largas. Dos costumes do oriente é que veiu a distincão de *sombreiro de pé alto* (chapeo de sol) e o sombreiro comum que só se generalizou mais tarde depois do dezuzo das *carapuças*, *gorras*, *barretes* que dominam até o seculo xvii.

(6) « Lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miudas, que querem parecer aljaveira ». Contas de aljaveira, sementes da planta tambem chamada aljofareira (*Lithospermum* de Linneu. Esta forma *aljaveira*, ainda quenão rejistrada nos vocabularios, devia ter sido a mais antiga e popular por mais vizinha da orijem arabica *alchaulfara*, aljofar. Aqui as contas eram de buzio de que uzavam os tupinambás. Gabriel Soares-cap. clxiii.

Em geral a *manilha* era uzada nos braços e equivalia a pulseira. O ramal de que fala o texto é o colar ou roزاریo

De grandes bugalhos traga
Ao pescoço um bom ramal

diz una trova de Fernão da Silveira-Canc. Rez. 19 v.

Sá de Miranda empregou a fraze *tomar ramal* II, 175.

quaaes peças creio que o Capitam manda a Vossa Alteza ; e com jsto se volveo nas naaos, por seer tarde e nom poder d'elles aver mais fala, por aazo do mar (6 bis).

A noute segujnte ventou tamto sueste com chuvaceiros, que fez caçar as naaos, e especialmente a capitana ; e aa sexta pela manhã aas bIIJ (8) oras, pouco mais ou menos, per conselho dos pilotos, mandou o capitam levamtar amcoras, e fazer vela ; e fomos de lomgo da costa, com os batees e esquifes amarados per popa, contra o norte (7), para veer se achavamos alguuã abrigada e bõo pouso, omde jouvessesmos, para tomar agua e lenha, nom por nos já mjnguar, mas por nos acertarmos aquy ; e quando fizemos vela seriam ja ña praya, assentados jumto com o rio, obra de LX ou LXX homeens que se juntaram aly poucos e poucos ; fomos de lomgo, e mandou o Capitam aos navios pequenos que fossem mais chegados aa terra, e que, se achasem pouso seguro pera as naaos que amaynasem. E sendo nós pela costa obra de X legoas d'onde nos levantamos, acharam os ditos navios pequenos huum arrefife (8) com

(6 bis) Aazo, couza, ensejo ; no ital. *agio*, fr. *aise* do lat. *assum* de *ansa* (Koerting, s. v.).

(7) « Fomos... *contra* o Norte » isto é, com rumo ao norte, para o norte. Era uzo antigo : « E indo assi no batel *contra* a foz do rio, viu a porta de uma choça e disse *contra* os parceiros : Eu vi... » Azurara-Cron, 281.

(8) *Arrectfe* : para intelijencia d'este como de outros roteiros é bom lembrar que *recife* é sempre ao longo da praia e paralelo a ella ; ao passo que *restinga* é um recife que parte da terra para o mar, como prolongamento de cabo.

huum porto dentro muito boo, e muito seguro com huuã muy larga entrada, e meteram-se dentro e amaynaram; e as naaos arribaram sobr'eles e hum pouco antes sol posto amaynaram, obra de huuã legoa do arrefife, e ancoraram em XJ (11) braças. E seendo Affonso Lopez, nosso piloto, em hum d'aqueles navios pequenos per mandado do Capitam, por seer homem vyvo e deestro pera isso, meteo-se loguo no esquife a somdar o porto demtro, e tomou em huuã almaadia dous d'aquelles homeens da terra, mancebos e de boos corpos; e hum d'elles trazia hum arco e bj (6) ou bIJ (7) seetas; e na praya amdavam mujtos com seus arcos e seetas, e nom lhe aproveitaram; trouve os logo já de noute ao Capitam omde foram recebidos com muito prazer e festa.

A feiçam d'eles he seerem pardos, maneira d'avermelhados, de boos rostros e boos narizes bem feitos; amdam nuus, sem nenhuuã cobertura; nem estimam neuhuuã cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas, e estam aqerqua d'isso com tanta jnocencia como teem em mostrar o rostro; traziam ambos os beijos de baixo furados e metidos por eles senhos osos d'oso bramcos de compridam de huuã mão travessa (9) e de grosura de hum fuso d'algodam, e agudo na ponta coma furador; metem nos pela parte de dentro do beijo, e o que que lhe fica amtre o beijo e os demtes he feito

(9) *Mão travessa* é uma medida definida d'est'arte em Moraes: « a largura da mão desde a cabeça do dedo polegar até a costa da mão aberta, a *chave* d'ella. »

coma roque d' enxadrez ; e em tal maneira o trazem aly encaixado que lhes nom da paizam, nem lhes torva a fala, nem comer, nem beber ; os cabelos seus sam coredios, e andavam trosqujados de trosquya alta mais que de sobre pentem (10) de bôa gramdura, e rapados a ata per cyma das orelhas e huum de elles trazia per baixo da solapa (11) de fonte a fonte pera detraz huuã maneira de cabeleira de penas d'ave amarela, que seria de

(10) *Sobre pentem* ou *pente*. Quer dizer muito por alto. A locução *sobre pentem* foi muito uzada dos antigos classicos com o mesmo sentido de — por alto — de leve. Em sentido translato : « andaram assim *sobre pentem* até chegar á praia » Soropita, *Poesias e prozas*, 102, e em nota de Camilo, o trecho de um sermão do Padre Francisco de Mendonça : Deus se contentava com o castigar *sobre pentem* e senão era *sobre pentem*, pelo menos não passava da pele. *Ibid.*

(11) *Solapa*. « Por baixo de *solapa* e fonte a fonte » a parte ao redor do craneo logo acima das orelhas e a qual traziam estes indios tosquiada, conforme diz o texto.

A palavra *solapa* não é mais de uzo como exprimindo o corte ou tosquia por baixo da cabeleira, mas ha os derivados *solapar* etc. Com uzo figurado :

Anda el-Rei tão ocupado
Co' esta turco, co' este Papa,
Co' este França, co' este trapa,
Que não acho vão azado,
Porque tudo anda solapa.

GIL VICENTE, III, 211

O amor tem
Mil *solapas*...

PRESTES *Obras*, 221.

Este é o sentido proprio que foi aplicado ao uzo do cabelo, tosquiado em circulo acima das orelhas (Veja nota 39) Ainda d' este uzo dos tupinambás da Bahia tratam Gandavo (na ed. moderna, 414) e Gabriel Soares-cap. CLIII do *Tratado*.

compridam de huum couto (12) muy basta e muy garada, que lhe cobria o tontuço e as orelhas à qual andava pegada nos cabelos pena e pena com huuã comfeçam branda coma a cera, e nom no era de maneira que amdava a cabeleira muy redomda e muy basta e muy igual, que nom fazia mingoa mais lavajem pera a levantar. O Capitam, quando eles vieram, estava asentado em huuã cadeira, e huuã alcatifa aos pees por estrado, e bem vestido com huum colar d'ouro muy grande ao pescoço e Sancho de Toar, e Simam de Miranda, e Nicolao Coelho, e Aïres Coreã, e nos outros que aquy na naao com ele himos asentados no chaão por esa alcatifa. Acemderam tochas e entraram, e nom fizeram nenhuuã mençam de cortesia, nem de falar ao Capitam, nem a ninguem; pero huum d'elles pos olho no colar do Capitam, e começou d'acenar com a mão pera a terra, e depois pera o colar, com o que nos dezia que avia em tera ouro, e tambem viu huum castiçal de prata, e asy meesmo acenava pera a tera e entam pera o castiçal como que avia tambem prata. Mostraram lhes huum papagayo pardo que aquy o Capitam traz; tomaram no logo na mão, e acenaram pera a terra, como que os avia hy. Mostraram-lhes huum carneiro; nom fizeram d'ele mençam. Mostraram-lhes huuã galinha; casy

(12) « A compridão de um *couto* » Melhor prozodia e orthografia : *côto*, do cotovelo á mão. De *cubitus*, como *covado*. Era medida antiga como se vê de foraes antigos, o de Gravão e outros.

aviam medo d'ela, e nom lhe queriam poer a mão; e depois a tomaram coma espantados. Deram-lhes aly de comer pam e pescado cozido, confeitos, fartees, mel, e figos passados; nom quizeram; nom quizeram comer d'aquilo easy nada, e alguuã coussa, se a provavam, lamçavam-na logo fora. Trouveram-lhes vinho por huã taça; pozeram-lhe asy a boca tammalavês (13) e nom gostaram d'ele nada, nem o quizeram mais; trouveram-lhes agoa per huuã albarada (14); tomaram d'ela senhos bocados (15) e nom beberam; soamente lavaram as bocas e lamçaram fora. Vio huum d'eles huuãs contas de rosairo brancas; açenou

(13) « Pozeram assi a boca *tammalavez* e não gostavam d'elle (de vinho) ». *Tam mala vez* (e outros escrevem *tam-la-vez*), mal, e pouco; uma vez apenas, uma vez ou outra.

Lhe tiraram d'ai defronte
De alem d'Evora *tamalavez*.
PRESTES *Obvas*, 328.

« Beber sempre agua; vinho *tamalavez* ». Em Bento Pereira *tamalavez* traduz-se em latim por *tantum*.

(14) « Trouveram-lhe agua por uma *albarrada* ». No texto paleografico sempre vem *r* e *s* por *rr* e *ss*, o que por vezes pode dificultar a leitura: *oso* (osso) *tera* (*terra*) *albarada* ou *alvarrada*). A palavra tem dois sentidos o de parede ensossa (de pedras sem argamaça) e o de pucaro, ou jarro que é o que convem n'este lugar. Pela orijem, o vocabulo parece arabico, mas é discutivel que de lá proceda (V. *Yangas-Glosario*).

(15) *Senhos bocados* iste é, cada um um bocado. Mais adiante n'este mesmo texto: « aos quaes mandou dar *senhas* camizas » isto é, a cada um uma camiza. « Mandou por ás cabeças *senhos* eoxins » um para cada um. É um adjectivo distributivo (derivado de *singulus* que, sendo tão necessario a clareza do discurso, foi pena ter desaparecido.

que lh'as desem e folgou muito com elas ; e lançou as ao pescoço ; e depois tirou-as e embrulhou-as no braço ; e acenava pera a terra e entam pera as contas e pera o colar do Capitam, como que dariam ouro por aquillo. Isto tomavamo-nos asy polo desejarmos ; mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto nom querjarmos nos emtender porque lh'ó nom aviamos de dar ; e despois tornou as contas a quem lh'as deu, e entam estiraram-se asy de costas na alcalifa a dormir sem teer nenhuã maneira de cobrirem suas vergonhas, as quaaes nom heram fanadas, e as cabeleiras d'elas bem rrapadas e feitas. O Capitam lhes mandou poer aas cabeças senhos coxijs, e o da cabeleira procurava (15 bis) asaz polla nom quebrar, e lançaram-lhes huum manto em cjma e eles comsentiram e jouveram e dormiram.

Ao sabado pola manhã mandou o Capitam fazer vella e fomos demandar a entrada, a qual era muy larga e alta (16) de b j'(6) b i j (7) braças, e entraram todalas naaos dentro e amcoraram se em b (5) bj (6) braças, a qual amcorajem dentro he tam gramde e tam fremossa e tam segura, que podem jazer dentro nela mais de i j°

(15 bis) *Procurava* ; com o sentido = fazia dilijencia ou tinha todo o cuidado (em não quebrar ou desfazer a cabeleira de penas).

(16) « A entrada era mui larga e alta » isto é, funda ou profunda. Cf. o sentido de *mar alto* mar profundo, ao de *baixo* ou *baixio*, lugar razo.

(200) navjos e naaos. E tanto que as naaos foram pousadas e ancoradas vieram os capitães todos a esta naao do Capitam mor, e d'aquy mandou o d'aquy mandou o Capitam Nicolao Coelho e Bertolameo Dias que fosem em terra e levassem aqueles dous homeens e os leixassem hir com seu arco e seetas; aos quaes mandou dar senhas camisas novas e senhas carapuças vermelhas e dous rrosairos de contas brancas d'oso, que eles levavam nos braços e senhos cascavees e senhas compainhas (17). E mandou com eles pera ficar la hum mancebo degradado, creado de Dom Joham Tello, a que chamam Affonso Ribeiro, pera amdar la com eles, e saber de seu vjver e maneira, e a mym mandou que fose com Nicolao Coelho. Fomos asy de frecha direitos aa praya; aly acodiram logo obra de i j° (200) homeens todos nuus e com arcos e seetas nas mãos; aqueles que nos levavamos acenaram lhes que se afastassem e posessem os arcos (18); e eles os pose-ram e nom se afastaram muito; abasta que pose-ram seus arcos, e entam sairam os que nos levavamos e o mancebo degradado com eles; os quaaes, asy como sairam, nom pararam mais, nem esperava hum por outro, senom a quem mais coreria; e pasaram hum rio que per hy core d'agoa doce de muyta agoa que lhes dava pela braga (19), e outros muitos com eles; e foram asy

(17) *Cascaveis e compainhas*. Veja a nota 20.

(18) « Pôr os arcos » depol-os, deital-os ao chão.

(19) « Agua que l'hes dava pela braga ». A braga vêm dos

corendo aalem do rrio antre huuãs moutas de palmas, onde estavam outros; e aly pararam; e naquilo foy o degradado com huun homem, que logo ao sair do batel ho agasalhou; e levou o ataa la; e logo ho tornaram a nos; e com ele vieram os outros que nos levamos, os quaes vijnham ja nuus e sem carapuças. E entam se começaram de chegar muytos, e entravam pela beira do mar pera os batees que mais nom podiam; e traziam cabaços d'agoa e tomavam alguuns barris que nos levavamos, e enchiã nos d'agoa e traziã nos aos batees; nom que eles de todo chegasem a bordo do batel, mas, junto com ele, lançavam no da mão, e nós tomavamos los, e pediam que lhes desem alguuã cousa. Levava Nicolao Coelho cascavees e manjilhas (20) e huuns dava huun cascavel, e a outros huuã manjlha, de maneira que com aquella encarna (21) casy nos queriam dar a mão (22). Davam nos d'aqueles

celtas e era o roupão e calções curtos que só deciam até os joelhos. Uzavam-se no seculo XVI com saiote e capa.

(20) *Cascaveis* e *manilhas*. Os antigos navegantes portuguezes levavam sempre para negocio de *resgate* ou *troca*, varios objetos qu'impresionavam a vista ou o ouvido, certos de que seriam cubiçados pelos barbaros e selvajens. Conforme se depreende das relações, roteiros e historias antigas esses objetos eram. aqueles de que faz menção o texto, e outros: barretes sombreiros, carapuças, cascaveis, campainhas, manilhas (*monilia* e *manicula*, pulseira) aneis de estanho, manilhas de marfim da Africa (*Roteiro* V. Gama, 6, 10, 11 etc.).

(21) « Com aquella *encarna* » isca de carne e sangue; cevo para atrair a preza ou treinar e aguerrire os cães de caça. Equivale pois a engano, engodo.

(22) « Quazi nos queriam dar a mão » deve entender-se:

arcos e seelas por sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer cousa que lhes homem queria dar. D aly se partiram os outros dous mançebos, que nom os vimos mais.

Andava aly muytos d'elles ou easy a maior parte, que todos traziam aqueles bicos d'oso nos beiços, e alguuns que amdavam sem eles traziam os beiços furados, e nos buracos traziam huuns espelhos de pao que pareciam espelhos de borracha (23); e alguuns d'elles traziam tres daqueles bicos, saber, hum na metade e os dous nos cabos, e amdavam hy outros quartejados de cores, saber, d'elles ameeade da sua propria côr, e ameeade de tintura negra maneira de zulada, e outros quartejados d'escaques (24). Aly amdavam antr eles tres ou quatro moças bem moças e bem jentijs, com cabelos muito pretos comprjdos pelas espadoas, e suas vergonhas tão altas e tam çaradinhas (25) e tam limpas das cabeleiras, que de

queriam passar a diante de nós, isto é, exceder-nos em gentileza.

(23) « Espelhos de pau que pareciam *espelhos de borracha*. » *Borrachas* eram odres de couro que serviam de frascos, tais os de hoje de vidro então menos comuns. Pela parte de fora traziam a tampa ou fecho que tinha o nome de *espelho*. O *espelho* ou bocal da *borracha* era de pau e naturalmente semelhava aos que os indios punham nos beiços. A mesma observação fez Gabriel Soares no seu *Tratado* (p. 285, da ed. da *Rev. do Inst.*) e compara ao espelho de *borracha*

O labro de vis pedras embutido

Caramaru I, est 20.

(24) « *Quartejado de côres* » « *quartejado d'escaques* » dividido em quadros ou em enxadrez, quadriculado.

(25) « As indias... com suas vergonhas tam *altas* etam *çara-*

as nos⁷ muyto bem olharmos nom tijnhamos nenhuuã vergonha. Aly por emtam nam ouve mais fala nem entendimento com eles por a berberja d'elles seer tamanha que se nom emtendia nem ouvia njngem. Açenamos lhe que se fosem; e asy o fezeram e pasaran se aalem do rrio, e sahiram tres ou quatro homeensnossos dos batees, e emcheram nom sey quantos barrijs d'agoa que nos levavamos e tornamo-nos aas naaos; e em nos asy vyndo açenavam nos que tornasemos; tornamos e eles mandaram o degradado, e nom quiseram que ficase la com eles; o qual levava huuã bacía pequena e duas ou tres carapuças vermelhas para dar la ao senhor, se o hy ouvese. Nom curaram de lhe tomar nada, e asy o mandaram com tudo; e entam Bertolameu Dias o fez outra vez tornar que lhe dese aquilo; e ele tornou, e deu aquilo, em vista de nós, aaquelle que o da primeira agasalhou e entam veo sse e trouvemolo. Este que o agasalhou era já de dias e amdava todo per louçaynha, cheo de penas pegadas pelo corpo que parecia aseptado com' Sam Sebastiam; outros traziam carapuças de penas amarelas, e outros de vermelha e outros de verdes; e huuã d'aquellas moças era toda timita de fumdo a cima d'aquela timitura, a qual certo era tam bem feita e tam rredomda, e sua vergonha que ela nom tjnha,

dinhas ». Conforme já observei (a respeito do *s* e *r* por *ss* e *rr*) ha-se de ler *çarradinha* e *alta*, isto é, serradas ou fechadas e *diantearas*, muito a frente ou para cima. Tambem era costume e ainda o é dos indios e raças mestiças trazel-as rapadas.

tam graciosa, que a mujtas molheres de nossa terra, veendo lhe taaes feições fezera vergonha, por nom terem a sua como ella. Nenhuum d'elles nom era fanado, mas todos asy como nos; e com isto nos tornamos; e eles foram sse.

Aa tarde sayo o Capitam moor em seu batel com todos nos outros e com os outros capitaães das naaos em seus batees a folgar pela baya, a caram da praya (26); mas njnguem sayo em terra, polo Capitam nom querer, sem embargo de njnguem neella estar; soamente sayo ele com todos em ilheo grande que na baya está, que de baixamar fica muy vazio, pero he de todas partes cercado d'agoa, que nom pode njnguem hir a ele sem barco ou a nado. Aly folgou ele e todos nos outros bem huã ora e meya e pescaram hy amdando marrinheiros com huum chimcorro (27); e matarom pescado meudo nom mujto; e entam volvemo nos aas naaos ja bem noute. Ao domingo de pascoela pola manhaã detremjnou o Capitam d'hir ouvir missa e preegaçam naquele ilheo, e mandou a todos os capitaães que se correjesem (28) nos batees e

(26) « A *carão* da praia » em frente d'ella. Expressão outr'ora de uzo « Achavamos o estravo delles *acaram* da auguada onde elles vinham a beber » *Rot. de V. Gama*, 10. Foi frequentemente uzada por João de Barros nos suas *Decadas*, e Azurara nas suas *Cronicas*.

(27) « Com um *chincorro* ». Leia-se *chinchorro* rede de pescar. De *cingula*, cincha esp., cilha, port., derivados *cinchar*, *cinchorro* etc.

(28) « Mandou aos capitaães que se *corregessem*. » isto é que se preparassem e fizessem provizões das coizas necessarias. Veja-se adiante « altar bem *correjido* » ornado do necessario.

fossem com ele; e asy foi feito. Mandou naquêlle ilheo armar huum esperavel (29) e dentro neelle alevantar altar muy bem coregido; e aly com todos nos outros fez dizer missa, a qual disse o padre Frei Amrique em voz entoada, e officiada com aquella meesma voz pelos outros padres e sacerdotes que aly todos heram; a qual missa, segundo meu parecer, foy ouvjdo por todos com muito prazer e devaçom. Aly era com o Capitam a bandeira de Christo com que sayo de Belem, a qual esteve sempre alta aa parte do avamjelho. Acabada a missa, devestio se o padre e pose se em huuã cadeira alta, e nos todos lançados por esa area, e preegou huuã solene e preveitossa preegaçom da estoria do avamjelho, e em fim dela traudou de nossa vjnda, e do achamento desta terra conformando se com o sinal da cruza só cuja obediencia vijmos, a qual veo muyto a proposito e fez muyta devaçom.

Emquanto estevemos aa missa e aa preegaçom seriam na praya outra tanta jente pouco mais ou menos como os domtem (30) com seus arcos e setas, os quaes amdavam folgando e olhando nos; e asentaram se e, depois d'acabada a missa, aseem-

(29) *Esparavel* ou *asperavel* corresponde ao que hoje chama um palio fixo, caramanchão ou caramanchel. A palavra derivou de *esparavel* (gavião) por ser o nome que tinham ás redes com que era costume caçar aquella ave. No german. *sparwâri*, fr. *épervier*.

(30) « Os d'ontem » Hontem, aqui, tem o sentido de vespera sem referencia a *hoje*, mas a qualquer dia já passado. Equivale pois a d'*antes*. Formas antigas eram *ooite* e *irnoite* (ir-heri) *Hontem* derivat talvez de *anoite* com a difusão da nasal *nointe*, *nointen*, *lointen*, *ointen* *onten*.

tados nos aa pregaçom, alevatanran se mujtos d'elles, e tanjeram corno ou vozina, e começaram a saltar e dançar, huum pedaço; e alguus delles se meteram em almaadias duas ou tres que hy tijnham as quaes non sam feitas como as que eu já vy, soamente sam tres traves atadas juntas (30 *bis*), e aly se metiam iij (4) ou b (5) ou eses que queriam, nom se afastando casy nada da terra senom quanto podiam tomar pee. Acabada a pregaçom, moveu o Capitam, e todos pera os batees com nosa bandeira alta, e embarcamos, e fomos asy todos contra terra pera pasarmos ao longo per ond eles esavam, hjndo Bertolameu Dias em su esquife, per mandado do Capitam, diamte com huum paaõ d huuã almadia que lhes o mar levara, pera lh o dar, e nos todos obra de tiro de pedra tras ele. Como eles viram ho esquife de Bertolameu Dias, chegaram se logo todos a agoa, metendo se neela ataa onde mais podiam. Acenaram lhes que posesem os arcos e mujtos d eles os hiam logo poer em terra, e outros os nom punham. Amdava hy huum que falava mujto aos outros que se afastassem mas nom ja que m a mjm parecese que lhe tijnham acatamento, nem medo. Este que os asy amdava afastando trazia seu arco e seetas, e amdava timto de tintura vermelha pelos peitos e espadoas e pelos quadrijs, coxas e e pernas, ataa baixo; e os

(30 *bis*) É a primeira menção da *jangada*. Este nome, porem, veiu da Azia. Na linha adiante, *eses* no texto é erro provavel, deve ser : *sees* = seis.

vazios (31) com a bariga e estamego era da sua propria cor, e a tintura era asy vermelha, quæ a agoa lh a nom comya nem desfazia, ante, quando saya da agoa era mais vermelho. Sayo huum homem do esquife de Bertolameu Dias, e andava antr eles sem eles emtenderem nada neele quanta pera lhe fazerem mal, senom quanto lhe davam cabaços d'agoa, e acenavam aos do esquife que saisem em terra. Com isto se volveu Bertolameu Dias ao Capitam, e veemo nos nas naaos a comer, tanjendo tronbetas e gaitas, sem lhes dar mais apresam; e eles tornaram se a asentar na praya, e asy por entam ficaram. Neeste jlheo omde fomos ouvjr misa e pregaçam espraya mujto a agoa e descobre mujta area e mujto cascalhaao. Foram alguns, em nos hy estando, buscar marisco, e nom no acharom; e acharam alguus camarões grosos e curtos, antre os quaes vinha huum mujto grande camaram, e muito grosso, que em nenhum tempo o vj tamanho; tambem aeharom cascas de bergões, e d ameijeas (32), mas nom toparam com nenhuã peça inteira; e, tamto que comemos, vieram logo todolos capitaães a esta naao per mandado do Capitam moor, com os quaes se ele apartou, e eu na companhia, e perguntou asy a todos se nos parecia seer bem mandar a nova do achamento d esta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantijmentos, pera o mjlor mandar descobrjr, e

(31) Os *vazios*, as virilhas.

(32) « Bergões e ameijeas » berbigões e ameijoas. O *camarão grande* é o *pitú* dos indijenas.

saber d'ella mais do que agora nos podiamos saber, por hirmos de nosa viagem; e antre muitas falas que no caso se fizeram, foj per todos ou a mayor parte dito que seria muyto bem, e nisto comcrudiram; e, lamto que a comcrusam foy tomada, preguntou mais se seria boo tomar aquy per força huum par d'estes homeens pera os mandar a Vossa Alteza, leixar aquy por eles outros dous d'estes degradados. A esto acordaram que non era necesareo tomar per força homeens, porque jeeral costume era dos que asy levavom per força pera alguã parte dizerem que ha h todo o que lhe preguntam; o que mjlor e muyto melhor emformaçom da terra dariam dous homens, destes degradados, que aquy leixassem, do que eles dariam, se os levassem, por seer jente que njmguem emtende, nem eles tam cedo aprenderiam a falar pera o saberem tambem dizer, que muyto mjlor ho estoutros nom digam, quando ca Vossa Alteza mandar; e que portanto nom curassem aquy de per força tomar njmguem, nem fazer escandolo, pera os dé todo mais amansar e apaceficar, senom soamente leixar aquy os dous degradados, quando d'aquy partisemos; e asy por mylhor parecer a todos ficou detreminado; acabado isto, dise o Capitam que fossemos nos batees em terra e veersia bem o rrio quejando era, e tambem pera folgarmos. Fomos todos nos batees em terra armados, e a bandeira comnosco.

Eles andavam aly na praya na boca do rrio, onde nos hiamos, e ante que chegasemos, do em-

sino que d'antes tynham, pozeram todos os arcos, e acenavam que saisesmos; e, tanto que os batees pozeram as proas em terra, pasaram se logo todos aalem do rrio, o qual nom he mais ancho que huum jogo de manqual (33) e, tanto que desembarcamos, alguuns dos nossos pasaram logo o rrio e foram antr elles, e alguuns aguardavam, e outros se afastavam; pero era a cousa de maneira que todos amdavam mesturados. Eles davam d eses arcos com suas seetas por sonbreiros e carapuças de linho e por qualquer cousa que lhes davam. Pasaram aalem tantos dos nosos e amdavam asy mesturados com eles, que eles se esqujavavam, e afastavan se, e hian se d eles pera cima onde outros estavam; e entam o capitam feze se tomar ao colo de dous homeens, e pasou o rrio e fez tornar todos. A jente que aly era nom serja mais ca aquel a que soya; e, tanto que o Capitam fez tornar todos, vieram alguuns d eles a ele, nom polo conhecerem por senhor, ca me parece que nom entendem, nem tomavam d isso conhecimento, mas porque a jente nossa pasava já pera aquem do rrio. Aly falavam e traziam mujtos arcos e continhas daquelas já ditas, e resgatavam por qualquer cousa, em tal maneira, que trouveram d aly pera as naaos mujtos arcos e seetas e comtas; e entam tornou se o capitam aaquem do

(33) « O qual (rio) não é mais ancho que um jogo de *manqual* » não é mais largo que a linha de tiro no jogo da bola ou do fito que termina em um marco; jogo muito comum no tempo. V. Viterbo-*Eluc.*

rrio, e logo acodiram muitos aa beira d ele. Aly veriees galantes pintados de preto e vermelho, e quartejados, asy pelos corpos, como pelas pernas, que certo pareciam asy bem; tambem andavam antr eles i i i j (4) ou J (5) molheres moças asy nuas, que nom pareciam mal, antre as quaes andava huuã com huuã coxa do giolho ataa o quadril e a nadega toda tinta d aquella tintura preta, e o al todo da sua propria cor; outra trazia ambos giolhos com as curvas tintas, e tambem os collos dos pees, e suas vergonhas tam nuas e com tanta inoçemcia descubertas, que non avia hy nenhuaã vergonha. Tambem andava hy outra molher moça com hum menjno ou menjna no colo atado com hum pano nom sey de que aos peitos, que lhe nom parecia senom as pernjinhas, mas as pernas da may e o al nom trazia nenhum pano. E depois moveu o Capitam pera cima ao longo do rrio, que anda sempre a caram da praya (34) e aly esperou hum velho que trazia ne maõ huã paa d almadia; falou, e estando o Capitam com ele, perante nos todos, sem o nunca njnguem emtemder, nem ele a nos quant a cousas que lh' omem preguntava d ouro, que nos desejavamos saber se o avia na terra. Trazia este velho o beicho tam furado, que lhe caberia pelo furado huuma gram dedo polegar, e trazia metido no furado huuã pedra verde roim que çarava (35) per fora aquele buraco; e o capi-

(34) A *caram*-paralelo, fronteiro. Veja a nota 26.

(35) « Uma pedra verde que *çarava* o buraco ». A mesma observação da nota 25. *Çarava çarrava*, cerrava, fechava.

tam lh a fez tirar; e ele nom sey que diaabo falava, e hia com ela pera a boca do Capitam pera lh a meter; estevemos sobre iso hum pouco rijnado (36) (rijnando), e entam enfadou se o Capitam e leixou o; e hum dos nossos deu lhe pola pedra hum sonbreiro velho, nom por ela valer alguã coussa, mas por mostra; e depois a ouve o Capitam, creio pera com as outras cousas a mandar a Vossa Alteza.

Andamos per hy veendo a rribeira, aqual he de mujta agoa, e mujto bôa; ao longo d ela ha mujtas palmas, nom mujto altas, em que ha muito boos palmitos. Colhemos e comemos d eles muitos. Entam tornou se o Capitam pera baixo pera a boca do rrio, onde desembarcamos, e a alem do rrio andavam muitos d eles dançando e folgando huuns ante outros, sem se tomarem pelas mãos, e faziam no bem. Pasou se entam aalem do rrio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavem, que he homem gracioso e de prazer, e levou comsigo hum gayteiro noso com sua gaita, e meteo se com eles a dançar tomando os pelas mãos, e eles folgavam e riam, e andavam com ele muy bem ao soom da gaita. Depois de dançarem fez lhe aly andando no chaão muitas voltas ligeiras e salto real, de que se eles espantavam, e riam e folgavam mujto; e com quanto os, com aquilo, muito segurou e afaa-

(36) « Estivemos sobre isso um pouco *riinado* » — isto é, reinando, brincando. O povo ainda guarda este sentido especial da palavra. Talvez termo conjenere ao all. *reden*. Cf. fr. *radoter* e o inglez *dote*.

gou, tomavam logo huaã esquiviza coma montezes; e foran se pera cjma; e entam o Capitam pasou o rrio com todos nos outros; e fomos pela praia de longo, himdo os batees asy a caram de terra, e fomos ataa huuã lagoa grande de agoa doce, que esta junto com a praya, porque toda aquela rri-beira do mar he apaulada pea cjma e saay a agoa per mujtos logares; e, depois de pasarmos o rrio, foram huuns bij (7) ou biiij (8) d eles amdar antre os marinheiros que se recolhiam aos batees, e levaram d aly hum tubaram, que Bertolomeu Dias matou (36 bis) e levava lh o, e lançou o na praya. Abasta que ataa quy, como quer que se eles em alguuã parte amansasem, logo d'huuã mão pera a outra se esquivavam coma pardaaes de cevadoiro; e homem nom lhes ousa de falar rijo, por se mais nom esqujvarem; e todo se pasa como eles querem, polos bem amansar. Ao velho, com que o Capitam falou, deu huuã carapuça vermelha; e com toda a fala que com ele pasou, e con a carapuça que lhe deu, tanto que se espedio, que começou de pasar o rrio, foi se logo recatando, e nom quis mais tornar do rrio pera aquem; os outros dous, que o Capitam teve nas naaos, a que deu o que já dito he, nunca aqui mais pareceram; de que tiro seer jente bestial e de pouco saber; e por

(36 bis) Este parece ser o peixe que impressionou a outros cronistas que deviam ter noticia pela relação de Ramuzio que o descreve minuciozamente « do tamanho de um tonel, mas mais comprido e todo redondo, a cabeça do feitio da de um porco, com olhos pequenos » etc. (cap. II).

ysso sam asy esqujvos; eles porem comtudo andam muito bem curados e mujto limpos, e naquilo me parece ainda mais que som coma aves ou alimares monteses, que lhes faz ho aar mjlor pena e melhor cabelo, que aas mansas; porque os corpos seus sam tam limpos e tão gordos e tão fremosos, que nom pode mais seer; e isto me faz presumjr que nom teem casas, nem moradas em que se colham, e o aar, a que criam, os faz taaes nem nos ainda ataa gora nom vimos nenhuuãs casas nem maneira d'elas. Mandou o Capitam aaquello degradado Affonso Ribeiro que se fosse outra vez com eles; o qual se foy, e andou la huun boom pedaço; e aa tarde tornou se, que o fizeram eles vimjr, e nom o quizeram, la consentir; e deram lhe arcos e seetas, e nom lbe tomaram nehuuã cousa do seu; ante dise ele que lhe tomara huun d eles huãs continhas amarelas que ele levava, e fogia com elas; e elle se queixou, e os outros foram logo apos ele e lh as tornaram e tornaram lhes a dar; e emtam mandaram no vimjr; dise ele que nom vira la antre eles senom huuãs choupanjnhas de rama verde e de feeytos (37) muito grandes coma d amtre Doiro e Minho; e asy nos tornamos aas naaos ja casy noute adormjr. Aa segunda feira depois de comer saimos todos em terra a tomar agoa; aly vieram emtam mujtos, mas nom tantos coma as outras vezes; e traziam ja muito poucos arcos; e estiveram asy huun pouco afastados de nós; e des-

(37) « Feyto : féto ou fétam.

pois poucos e poucos mesturaram se conosco; e abraçavam nos e folgavam; e alguns d'elles se esquivavam logo; aly davam alguns arcos por folhas de papel, e por alguã carapucinha velha, e por qualquer cousa; e em al maneira se pasou a cousa, que bem XX ou XXX pessoas das nosas se foram com elles onde outros mujtos d'elles estavam, com moças e molheres, e trouveram de la muitos arcos e baretes de penas d'aves, d'elles verdes, e deles amarelos de que creio que o Capitam ha de mandar amostra a Vossa Alteza; e, segundo dezi- am eses que la foram folgavam com elles. Neeste dia os vimos de mais perto, e mais aa nosa vontade por andarmos todos casy mesturados; e aly d'elles andavam d'aquellas tinturas quartejados; outros de metades; outros de tanta feiçam coma em panos d'armar (38) e todos com os beijos furados; e mujtos com os osos neeles; e d'elles sem osos. Traziam alguns d'elles huuns ourjços verdes d'arvores que na cor querjam parecer de castinheiros, senom quanto heram mais e mais pequenos; e aquelles heram cheios de huuns grãos vermelhos pequenos, que, esmagando os antre os dedos fazia tintura muito vermelha, da que elles andavam tintos, e quanto se mais molhavam tanto mais vermelhos ficavam. Todos andam rapados ataa ejma das ore-

(38) « Panos de *armar* » refere-se a panos com o padrão vis- tozo, colorido, quartejado; por que *armar* é ornar, enfeitar templos, edificios ou quaes quer coizas : e *armarinho* ou loja de *armador* é a onde se encontram as fazendas, enfeites e ornatos de *armar*.

lhas (39), e asy as sobranceiras e pestanas; trazem todos as testas de fonte a fonte tintas da tintura preta que parece huuã fita preta ancha de dous dedos.

E o Capitam mandou aaquele degradado Affonso Ribeiro e a outros dous degradados que fosem andar la antr eles; e asy a Diogo Dias, por seer homem ledo, com que eles folgavam; e aos degradados mandou que ficasem lá esta noute. Foram se lá todos e andaram antr eles; e, segundo elles deziã, foram bem huuã legoa e mea a huã povoação de casas, em que averja IX ou X casas, as quaaes deziã que eram tam compridas cada huã com esta naao capitana; e eram de madeira, e das jlhargas de tavoas, e cubertas de palha de razoada altura, e todas em huuã soo casa, sem nehuum repartimento; tinham de dentro mujtos esteos, e d esteo a esteo huuã rede atada pelos cabos em cada esteo, altas, em que dormjam; e debaixo, pera se aquentarem, faziam seus fogos; e tinha cada casa duas portas pequenas, huuã em huum cabo, e outra no outro; e deziã que em cada casa se colhiam XXX ou R (40) pesoas, e que asy os achavam; e que lhes davam de comer d aquela vianda que elles tijham, saber mujto jnhame, (40) e outras sementes que na terra ha, que elles comem. E, como foi tarde fizeram nos logo todos tornar, e nom quizeram que la ficasse ne-

(39) « Todos andam rapados até acima das orelhas ». É esta a cinta, sem pêlo ou a *salapa*, da nota acima, em outro lugar.

(40) « Muito inhame » vê-se d'aqui já ser familiar ao menos

huum, e ajnda, segundo eles deziã, queriam se vimjr com eles. Resgataram la, por cascavees e por outras cousinhas de pouco valor que levavam, papagayos vermelhos mujto grandes e fremosos, e dous verdes pequenjnos, e carapuças de penas verdes, e huun pano de penas de mujtas cores, maneira de tecido, asaz fremoso, segundo Vossa Alteza tôdas estas cousas vera, porque o Capitam volas ha de mandar, segundo ele dise. E com isto vieram, e nos tornamo nos as naaos. Aa terça feira, depois de comer, fomos em terra dar guarda de lenha, e lavar roupa; estavam na praya, quando chegamos obra de LX ou LXX sem arcos e seu nada; tanto que chegamos, vieram se logo pera nos sem se esquivarem; e depois acodiram muitos que serãm bem I J° (200) todos sem arcos, e mesturaram se todos tanto comnosco, que nos ajudavam d eles a acaretar lenha e meter nos batees e lujtavam com os nosos, e tomavam muito prazer, e, emquanto nos faziamos a lenha, faziam dous carpenteiros huuã grande cruz de um paaõ que se omtem para yso cortou. Mujtos d eles viinham aly estar com os carpenteiros; e creõ que o faziam mais por veerem a faramenta de ferro com que a faziam, que por veerem a cruz, porque eles nom teem cousa que de fero seja; e cortam sua madeira e paaos com pedras feitas coma cu-

aos navegantes portuguezes esta palavra africana. *Inhame* ou *nhem* » significa « comer » e provavelmente é uma onomatopeia. A palavra brazilica é *cará*. Do *nhem* tambem fala a relação ancñima de Ramuzio.

nhas melidas em huum paaõ, antre duas talas muy bem atadas (40 bis), e per tal maneira que andam fortes, segundo os homeens que omtem as suas casas deziã, porque lh as viram la. Era ja a conversaçã d eles comnosco tanta, que easy nos torvavam ao que haviamos de fazer; e o Capitã mandou a dous degradados, e a Diogo Días que fossem la a aldea, e a outras, se ouvesem d elas novãs, e que em toda maneira nom se viesem a dormjr aas naaos, ainda que os eles mandasem; e asy se foram. Emquanto andavamos neesa mata a cortar a lenha, atravesavam alguuns papagayos per esas arvores, d eles verdes, e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece que avera neesta terra mujtos; pero eu não veria mais que ataa IX ou X; outras aves entã nom vimos, somente alguuãs ponbas seixas; e pareceram me majores em boa cantidade ca as de Portugal; alguuns deziã que viram rolas; mas eu nom as vy; mas, segundo os arvoredos sam muy mujtos e grandes, e d jmfindas maneiras, nom dovjdo que per ese sartaão ajã mujtas aves; e acerqua da noute nos volvemos pera as naaos com nossa lenha. Eu creõ, senhor, que nom dey ajnda aquy conta a Vossa Alteza da feiçã de seus arcos e seetas; os arcos sam pretos e compridas, e os feros d elas de canas aparadas, segundo Vossa

(40 bis) Descreve-se aqui, e é a primeira vez, o machado de silex polido armado em cabos de madeira, dos tupis. Algumas linhas adiante *pombas seixas*, hoje *seixoeiras* (que comem pedrinhas) as pombas-rolas.

Alteza vera per alguuns que creo que o Capitam a ela ha de emvyar.

Aa quarta feira nom fomos em terra, porque o Capitam andou todo o dia no navio dos mantjmentos a despejalo, e fazer levar aas naaos isso que cada huuã podia levar; eles acodiram aa praya mujtos, segundo das naaos vimos, que seriam, obra de IIJ° (300) segundo Sancho de Toar, que la foy, dise, Diogo Dias e Affonso Ribeiro, o degradado, a que o Capitam ontem mandou que em toda maneira la dormisem, volveram se ja de noute, por eles nom quererem que la dormisem, e trouveram papagayos verdes e outras aves pretas easy coma pegas, seom quanto tijnham o bico branco e os rabos curtos, e quando se Sancho de Toar recolheo aa naao querian se vimjr com ele alguuns, mas ele nom quis, senom dous mancebos despostos, e homeens de prol. Mandou os esa noute muy bem pemsar e curar, e comeram toda vianda que lhes deram; o mandou-lhes fazer cama de lençooes, segundo ele dise, e dormjram, e folgaram aquella noute; e asy nom foy mais este dia que pera screprever seja.

Aa quinta feira, deradeiro d Abril comemos logo easy pola manhãa, e fomos em terra por mais lenha e agoa; e, em querendo o Capitam sair d esta naao, chegou Sancho de Toar com seus dous ospedes, e por ele nom teer ajnda comjdo poseran lhe toalhas, e veo lhe vianda, e comeo; os ospedes asentaram nos em senhas cadeiras, e de todo o que lhes deram comeram muy bem, especialmente

lacam cozido frio e arroz; nom lhes deram vinho, por Sancho de Toar dizer que o nom bebiam bem; acabado o comer, metemo nos todos no batel, e eles connosco; deu huum gromete a huum eles huuã **armadura** (41) grande de porco montes bem revolta, e tanto que a tomou meteo a logo no beijo, e, porque selhe non queria teer, deram lhe huuã pequena de cera vermelha, e ele corejeulhe de traz seu aderenço pera teer, e meteo a no beijo asy revolta pera cjma, e vijnha tam contente com ela, como se tevera huuã grande joya; e, tanto que saymos em terra, foi se logo com ela, que nom pareceo hy mais.

Andariam na praya, quando saymos bHJ (8) ou X d eles, e d hy a pouco começaram de vimjr, e parece me que vimjriam este dia aa praya IIIJ^c (400) ou IIIJI^e (450). Traziam alguuns d eles arcos e setas, e todos deram por carapuças e por qualquer cousa que lhes davam; **comjam** connosco do que lhes davamos; e bebiam alguuns d eles vinho, e outros o nom podiam beber; mas parece me que, se lh o avezarem, que o beberam de boa vontade. Andavam todos tam despostos e tambem feitos e galantes com suas tinturas, que pareciam bem; acaretavam d esa lenha quanta podiam com muy boas vontades, e levavam na aos batees, e andavam ja mais mansos e seguros antre nos, do que nos andavamos antre eles. Foi o Capitam com alguuns de nos huum pedaço per este

(41) *Armadura*, presas, dentes. Adiante *pequeno* ou *pequena* = bccado ou um pouco.

arvoredo ataa huuã ribeira grande e de muito agoa, que a noso parecer era esta mesma que vem teer aa praya, em que nos tomamos agoa; ali jouvemos huum pedaço bebendo e folgando ao longo d ela antr ese arvoredo, que he tanto e tamanho e tam basto e de tamtas prumajeens, que lhe nom pode homem dar comto; ha antr ele muitas palmas, de que colhemos mujtos e boos palmjtos.

Quando saymos do batel dise o Capitam que seria boos hirmos dereitos aa cruz, que estava emcostada a huuã arvore junto com o rrio, pera se poer de manhaã, que he sexta feira, e que nos posesemos todos em giolhos e a beijassemos, pera eles verem ho acatamento que lhe tijnhamos; e asy o fezemos. E estes X ou XIJ (12) que hy estavam açenaram lhes que fezesem asy, e foram logo todos beijala. Parece me jente de tal inoçencia, que, se os homem emtendese, e eles a nos, que seriam logo christaãos, porque elles nom teem, nem emtendem em nehuuã creemça, segundo parece. E portanto, se os degradados que aquy am de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, nom dovido, segundo a santa tençam de Vossa Alteza fazerem se christaãos, e creerem na nossa samta fé, aa qual praza a nosso Senhor que os traga; porque çerto esta jente he boa e de boa synprezidade, e eu premarseá ligeiramente neeles qualquer crunho que lhes quiseren dar, e, logo lhes nosso Senhor deu boõs corpos e boõs rostros coma a boos homeens, e ele que nos per aquy trouve, creo que nom foy sem causa; e portanto Vosa Alteza, pois

tanto deseja acrescentar na santã fé catolica, deve emtender em sua salvaçam, e prazera a Deus que com pouco trabalho sera asy. Eles nom lavram, nem criam, nem ha aquy boy nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nehuã alimaria que costumada seja ao viver dos ho-meens, nem comem senom d ese jnhame que aquy ha mujto, e d esa semente e fruitos que a tera e as arvores de sy lançam; e com jsto andam tam e tan rijos, e tam nedeos, que o nom somonos tanto, com quanto trigo e legumes comemos. Em quanto aly este dia amdaram, sempre, ao soom de hum tanbory nosso, dançaram e bailharam com os nosos, em maneira que são muito mais nosos amigos que nós seus; se lhes homem acenava se queriam vimjr aas naaos, faziam se logo prestes pera iso, em tal maneira, que se os homem todos quizera comvidar, todos vieram; porem não trouvemos esta noute aas naaos senom iij (4) ou b (5), saber; o Capitam moor dous, e Simão de Miranda hum que trazia já por page, a Ayres Gomes outro, asy page; os que o Capitam trouxe era hum d eles hum dos seus ospedes que aa primeira, quando aquy chegamos lhe trouveram, o qual veo oje aquy vestido na sua camiza, e com ele hum seu irmão, os quaes foram esta noute muy bem agasalhados, asy de vianda, como de cama de colchoões e lençoes, polos mais amansar.

E oje, que he sexta feira, primeiro dia de Mayo, pola manhã saymos em terra com nossa bandeira,

e fomos desenbarcar acima do rio contra o sul, onde nos pareceo que seria melhor chantar a cruz (42), pera seer melhor vista; e aly asijnou o Capitam onde fezesem a cova pera a chantar; e emquanto a ficarem fazendo ele com todos nos outros fomos pola cruz, abaixo do rio, onde ela estava; trouvemola d'ahy com eses religiosos e sacerdotes diante cantando, maneira de precisam. Heram ja hy alguuns d' eles, obra de LXX ou LXXX; e quando nos asy viram vimjr, alguns d' eles se foram meter de baixo pela ajudarnos; pasamolo rio ao longo da praya e fomola poer onde avia de seer, que sera do rio obra de dous tiros de beesta aly andando nysto vimjriam bem CL (150) ou mais.

Chentada a cruz com as armas e devisa de Vosa Alteza que lhe primeiro pregarom, armaram altar ao pee d'ela. Aly dise missa o padre Frei Amrique, a qual foy cantada e ofeciada per eses já ditos; aly estiveram connosco a ela obra de I ou IX d' eles asentados todos em giolhos, asy coma nos, e quando veo ao avangelho, que nos erguemos todos em pee com as maaos levantadas, eles se levantaram connosco e alçaram as maaõs, estando asy ataa seer acabado; e entam tornaram-se a asentar coma nos. E quanpo levantaram a Deus, que nos posemos em giolhos, eles se poseram todos asy coma nos estavamos com as maaõs levanta-

(42) *Chantar* plantar. *Chantar estacas* ainda é uzual. O mesmo é *chentar*. Anteriormente: *contra o sul*-para o lado do sul. Cinco linhas adiante: *precisam* = procissão.

das, e em tal maneira assegados, que certifico a Vosa Alteza que nos fez muita devaçom. Esteve-ram asy connosco ataa acabada a comunham, e depois da comunham comungaram eses religiosos e sacerdotes e o Capitam com alguns de nos outros; alguns d' eles por o sol seer grande, em nos estando comungando, alevantaramse, e outros esteveram e ficaram; huum d' eles, homem de l ou lb (55) annos, ficou aly com aqueles que ficaram; aquele em nos asy estando ajuntava aqueles que aly ficaram, e ainda chamava outros; este andando asy antr' eles falando lhes acenou com o dedo pera o altar, e depois mostrou o dedo pera o ceo coma que lhes dizia alguuã cousa de bem; e asy o tomamos. Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de ejma e ficou na alva, e asy se sobio junto com ho altar em huuã cadeira; e aly nos pregou do avangelho e dos apostolos, cujo dia hoje he, trantando em fim da preegaçom d' este voso pressegui-mento tam santo e virtuoso, que nos causou mais devaçom; eses, que aa preegaçom sempre esteve-ram, estavam, asy coma nos,, olhando pera ele; e aquele que digo chamava alguns que viesem pera aly; alguns vijnham e outros hiam se; e, acabada a preegaçom, trazia Njcolao Coelho mujtas cruces d' estanho com crucuções que lhe ficarom ainda da outra vijnda; e ouveram por bem que lançasem a cada huum sua ao pescoço; pela qual cousa se asentou padre frey Amrique ao pee da cruz, e aly o hum e huum lançava sua atada em huum fio ao pescoço, fazendo lhe primeiro beijar e alevantar

as maaos ; vinham a isso mujtos e lançaram nas todas, que seriam obra de R (40) ou L ; e, isto acabado, era ja bem huuã ora depois do meo dja, viemos aas naaos a comer, onde o Capitam trouxe comsigo aquelle mesmo que fez aos outros aquella mostrança pera o altar e pera o ceo; e huum seu irmaão com elle ao qual fez mujta homrra; e deu lhe huuã camisa mourisca; e ao outro huuã camisa d estroutras; e, segundo o que a mim e a todos pareceo, esta jemte nom lhes faleçe outra cousa pera seer toda christãa ca entenderem nos; porque asy tornavam aquilo que nos viam fazer coma nos meesmos, por onde pareceo a todos que nenhuaã jdolatria nem adoraçom teem. E bem creio que, se Vosa Alteza aquy mandar quem mais antr eles de vagar ande, que todos seram tornados ao desejo de Vosa Alteza; e pera jssso, se alguem vier, nom leixe logo de vimjr cl-rigo pera os bautizar, porque já entam teeram mais conhecimento de nosa fe pelos dous degra-dados que aquy antr eles ficam; os quaes ambos hoje tambem comungaram. Antre todos estes que oje vieram, nom veo mais que huuã molher moça, a qual esteve sempre aa misa, aa qual deram huum pano com que se cobrise, e poseram lho d arredor de sy; pero ao assentar nom fazia memorea de o mujto estender pera se cobrir; asy, senhor, que a jnoçencia d esta jemte he tal, que a d Adam nom seria majs quanta em vergonha; ora veja Vosa Alteza quem em tal jnnocencia vive, ensinamdo-lhes o que pera sua salvaçom perteece, se se con-

verteram ou nom. Acabado isto, fomos asy perante eles beijar a cruz, e espedimo nos, e vjemos comer.

Creo, Senhor, que com estes dous degradados, que aquy ficam, ficam mais dous grometes, que esta noute se sairam desta naao no esquife em terra fogidos, os quaes nom vieram majs, e creemos que ficaram aquy, porque de manhaã, prazendo a Deos, fazemos d aquy nosa partida.

Esta terra, senhor, me parece que da ponta, que mais contra o sul vimos, ataa outra ponta, que contra o norte vem, de que nos d este porto ouvemos vista, sera tamanha, que avera neela XX ou XXo (25) legoas per costa. Traz ao longo do mar em alguuãs partes grandes bareiras, d elas vermelhas, e d elas bramcas; e a terra per cima toda chaã e mujto chea de grandes arvoredos. De ponta a ponta he toda praya parma (43) e mujto chaa e muito fremisa; pelo saartão nos pareceo do mar mujto grande, porque, a estender olhos, nom podiamos veer senom terra e arvoredos, que nos parecia muy longa tera. Neela ataa agora nom podemos saber que aja ouro nom prata, nem nehuaã

(43) « De ponta a ponta é toda a praia *parma* e muito chá. » Pareceu-me que em vez de *parma* se pudesse ler *praina* por plana ou chá. Mas acredito, ao contrario, que é uma forma antiga que se liga a *parmar* de *paramo*, como é certo que se formou *heremar* e *ermar* (de *eremos*). Talvez a Pero Vaz coubesse escrever « a praia é toda *parmo* ou *páramo* »; evidentemente disse *parma* como se dissera *erma* ou *herma*. Não conheço todavia, outro exemplo d'esta forma. É possivel admitir que o escrivão por engano pozesse *parma* por *herma* ou *herema* (êrma) como era da ortografia do tempo.

cousa de metal, nem de fero, nom lh o vimos; pero a terra em sy he de mujto boos aares asy frios e e temperados coma os d antre Doiro e Minho, porque neste tempo d agora asy os achavamos coma os de la; agoas sam mujtas infimdas; em tal maneira he graciosa que querendo a aproveitar darseá nela tudo per bem das agoas que tem; pero o melhor fruto que neela se pode fazer me parece que será salvar esta jemte; e esta deve seer a principal semente que Vosa Alteza em ela deve lamçar, e que hy nom ouvesse mais ca teer aquy esta pousada pera esta navegacom de Calecut abastaria, quanto majs desposiçam pera se neela conprir, e fazer o que Vosa Alteza tanto deseja, saber; acrecentamento da nossa santa fé.

E neesta maneira, senhor, dou aquy a Vosa Alteza do que neesta terra vy; e se a algum pouco alonguey, ela me perdoe; e ao desejo que tinha de vos tudo dizer mo fez asy poer pelo meudo. E pois que, senhor, he certo que asy neeste careguo que levo, coma em outra qualquer cousa que de vosso serviço for Vosa Alteza ha de seer de mym muito bem servida, a ela peço que por me fazer singular mercee mando vijr da jlha de Sam Thomé Jorge Dosoiro meu jenro, o que d ela receberey em mujta mercee. Beijo as mãos de Vosa Alteza. Deste Porto Seguro da vosa jlha da Vera Cruz (44)

. (44) *Vera Cruz* era o nome primitivo da terra e depois *Santa Cruz* : mas desde os primeiros anos da descoberta corre o nome de *Brazil*. Em 1510 já este nome havia prevalecido e

oje sexta feira primeira dia de Maio de 1500.

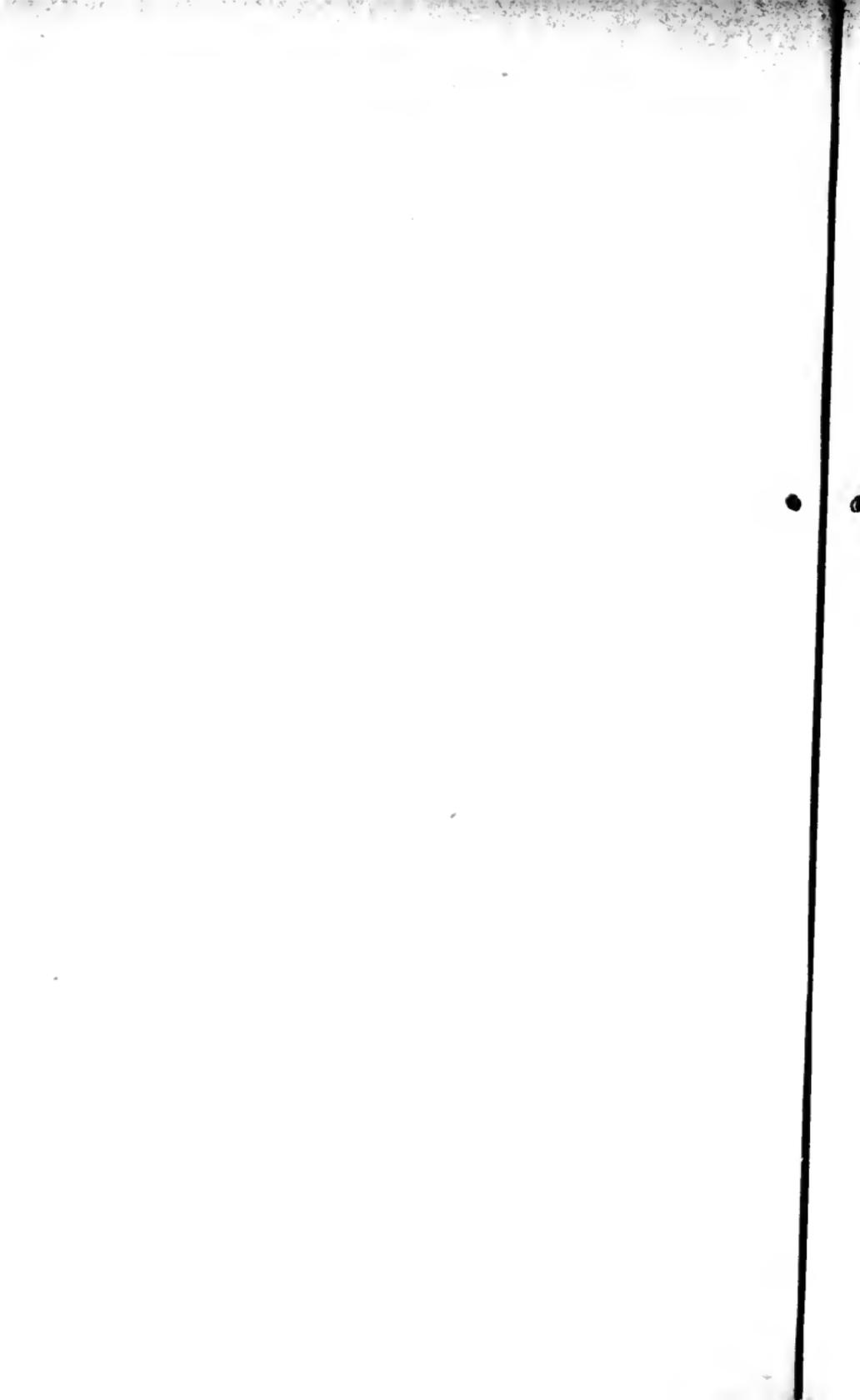
PERO VAAZ DE CAMINHA.

entrava em farças populares (Gil Vicente, *Auto da Fama*).

O epiteto de *Vera Cruz* era antigo e de uzo : « o caualeyro foy en busca da *uera cruz* » Livro de *Linhajens*, 187. Atribue João de Barros a artes do demo essa mudança de *Vera Cruz* para Brazil.

CAMONEANA

*Mares nunca d'antes navegados. A
metrica em Camões. Amor e amores.*



I

Em nota curioza a respeito do conhecido verso dos *Luziadas* :

Por mares nunca d'antes navegados

que ocorre logo na primeira estancia e ainda em outros lugares mais ou menos repetido ou parafraseado (1) buscou o erudito Foulché-Delbosc, determinar-lhe as fontes provaveis, aproximando-o de dizeres semelhantes :

a) De uma passagem das *Epistolas de sant Hieronimo* trasladadas por Juan de Molina e impressas em 1526, quarenta e seis anos antes dos *Luziadas* :

... avie de passar *por la mar* que se estava virgen y hasta aquel tiempo *jamais por nadie navegada* (2).

(1) I, est. 27; V, est. 4; VII, est. 25. *Subsidios para a leitura dos Luziadas*. Esqueceu-lhes entre outras a referencia mais importante, do Canto V, 37:

Por mares nunca d'outrem navegados.

Cf. *Revue hispanique* XVIII, — n. 53.

(2) No texto latino de S. Jeronimo não se empregam precisamente os mesmos epitetos:

per mare adhuc intactum, nec ullis devirginatum ratibus aut remis.

b) Um verso de Juan de Padilla, dos *Doze triumphos de los doze Apostoles*, de Sevilha, 1521 :

Alli do las perlas halló con el auro
Colón, por las ondas jamás navegadas.

IX, 1.

Apezar da importancia d'esses factos, não me parece que d'aquella fonte fluisse directamente a expressão camoneana. Os autores eram obscurissimos e sem voga e provavelmente não foram lidos do poeta.

Uma das fontes essenciaes dos *Luziadas* é a *Asia* de João de Barros em cujas primeiras decadas corria a versão mais acreditada da viagem de Vasco da Gama e da fundação do imperio no oriente. Todo o argumento historico dos *Luziadas* aí está, sem falar em algumas mesmas sugestões da fantazia (1).

Já por minha parte havia eu modestamente apontado a orijem imediata d'aquelle famoso verso (2).

Por mares nunca d'antes navegados

aproximando-o do texto de João de Barros quando este empresta a Vasco da Gama as palavras :

Que verdadeiramente elle não punha culpa em cuidarem d'elles muitas coizas por que grão novidade devia

(1) Por exemplo, a do velho do Restelo, nas superstições e *murmurações* do povo contra as navegações (*Dec. I, 1-c. 1*) e as fabulas que logo se recontaram a respeito do Temerozo Cabo onde o poeta figura Adamastor (*ibid. Dec. I-1, 4*).

(2) Na *Selecta Classica*, nota n. 147.

ser a todo los seus vassallos verem naquellas partes nova gente em relijião e costumes e mais *vindos por caminho nunca navegado...*

DECADA I, l. IV, cap. 9.

Não podia deixar de ser a *Ázia* de Barrós, cronica official dos acontecimentos, a præcipua fonte historica do poema.

Creio pois que os *mares nunca navegados* d'aí derivam.

A idéa, aliáz, de apontar o incognito das rejiões pela primeira vez reveladas ja havia tido outras expressões na literatura portugueza.

O primeiro poema allegorico das navegações foi o da *Caça real* de Diogo Velho, escrito em 1516 e incluído no *Cancioneiro geral*. Lá se depara, sob outra roupagem, aquelle mesmo orgulho patriotico dos descobridores de

*Gentes novas escondidas
Que nunca foram sabidas. (1)*

Essa lejitima vaidade ainda se corrobora com as palavras de Castanheda (1551) na prefação da sua *Historia do Descobrimento*:

... navegando (os portuguezes) até oriente *sem verem mais que agua e céu*, rodeando toda a esfera, *coiza nunca cometida dos mortaes...*

Só um dos grandes escritores de quinhentos an-

(1) Tambem o diz o Camões :

Da gente nunca dantes della vista.
VII, est. 59.

tes de Camões, ouzou, não sem pedantismo e falsidade, a negar esta gloria aos portuguezes, e foi Damião de Goes, que se julgou obrigado a refutar o que supunha um erro dos seus conterraneos (1).

A frase a que Camões deu **novo** lustre foi incessantemente repetida, mas sem o mesmo brilho cada vez que a desfiguravam como na *Ulisséa* de Castro :

Mares não sendo navegados d'antes.

Canto I, — est. 7.

Ou no insulso *Oriente* do ultimo detractor de Camões :

Ilhas do vasto *mar nunca sulcado*.

Canto II, — est 36.

Em 1561 naufragou a não *São Paulo* na ilha de Sumatra e um dos naufragos Henrique Dias escreveu a *Relação* deste dezastre; na sua narrativa lê-se :

Que fariam as (trovoados) da banda de fora não sabidas nem experimentadas nunca de ninguem e em *mares nunca navegados* ?

Hist. Traj. Marit. III, 58.

(Da ed. moderna).

Se esta *Relação* foi escrita logo depois do acontecimento, a frase precede a dos *Luziadas*.

(1) Veja-se a sua *Cronica* de d. Manoel (ed. 1619 — fol. 13). A cronica é de 1556. A de Castanheda é de 1551 e consequentemente precede de um ano a primeira *Decada* de Barros.

II

A metrica em Camões.

Em alguns estudos sobre os *Luziadas* de Camões um dos nossos *filologos* (se tal nome lhe cabe sem ironia), o dr. Silvio de Almeida, muito mal preparado no assunto, sem ciencia nem consciencia, procura *emendar* o texto do poema que por aí anda viciado.....

Não escreveria eu aqui a respeito das suas toleimas, se não oferecessem ellas um ensejo de dissipar alguns erros correntes e de punir a leviandade com que n'esta terra se parvoejam necedades graças a auzencia de qualquer critica que mereça o nome.

E' assim que aquelle estulto camonista, Silvio de Almeida, propõe ao verso :

Que em tanta antiguidade não ha certeza

a estapafurdia emenda :

Que em tanta antiguidade, *ula* certeza?

Ula = u la, onde a.

Assim, pois, a um verso que não nos parece *agora* admisivivel applica a sua disparatada rabulice de leigo simplorio.

Uma das questões **mais** intrincadas e dificeis é a antiga metrica, variavel sempre com a varia prozodia dos tempos.

Não é assunto de folhetim.

Não é licito, e isto é elementarissimo, adulterar um texto poetico sem primeiramente, verificar *se estava realmente errado*.

O parecer-nos *errado* é apenas uma indicação para ultteriores pesquisas.

Não se emenda, pois, um verso que, embora não seja exemplar, comtudo não saiu das regras ou do uzo do tempo.

Um dos raros estudos que temos da metrica quinhentista foi o que fez Epifanio Dias, na excelente edição critica dos versos do *Crisfal*.

Com quanto Camões contribuisse mais que ninguem, para a perfeição da metrica moderna, entretanto nas suas obras perduram alguns vicios da sua epoca.

E entre esses uzos defeituozos dois pelo menos corriam que podem justificar o malsinado verso.

Um, era, segundo Epifanio, o de reunir duas silabas em uma só, juntando :

« A vogal ou *ditongo nazal* do fim de uma dicção e a vogal ou ditongo inicial seguinte :

E pois mester me *nam* aveis.

Canc. Rezende, III, 530 (1).

Quando eu *ontem* aqui cheguei.

Bern. Ribeiro, *ecl.* II.

Ou *duas tonicás* em uma só silaba :

E se agora *la há* donzela.

Canc. Rez. I, 464.

(1) A leitura do verso de Camões em Faria e Souza é — *nã ha*.

Isto só bastaria para explicar a razão d'aquelle verso do nosso epico.

Era do tempo essa metrificacão romana medieval. Não ha que emendar; e muito menos caluniar os editores e impresores dos *Luziadas* o que parece rizo do esfarrapado contra a gente bem vestida.

Compreende-se que um sandeu queira *modernizar* o texto de uma obra antiga; mas não *restituir* onde não havia materia de deturpacão ou estrago.

E ainda ha outra razão que, a meu ver, é a mais importante; é a que cabe melhor a este cazo.

Outra das contrações violentas apontadas por Epifanio era a que se fundava na « pronuncia descurada familiar » e aponta o cazo e da « *absorpção em uma só silaba* de duas de consoantes iguaes ».

Ainda é hoje comum na linguajem popular : corpo *delito* (*de delito*) essa supressão (1).

(1) *Idoltra* por *idololatra* no mesmo Camões. Na poesia popular, no auto dos *Mouros*.

Que esta tua ferida
Corpo *delito* ha de ter.

SILVIO ROMERO — *Cantos* II, 163.

Analogia supressão ha na occurrencia do plural seguido de artigos — *os* :

Houve de haver por tão pouco
Uma de *todo' os* diabos.

GRÉG. MATOS — *Obras*, 228.

A este cazo teremos que fazer referencia adiante.

E Epifanio exemplifica :

Namorado dos namorados.

Canc. Rez. I, 319.

Por isso faze por *te ter*.

B. RIBEIRO, *ect. 4.*

em cuja leitura se ha de suprimir uma das sílabas, *do* e *te* em cada verso.

Todos percebem que a boa exejze de um verso reclama o conhecimento da metrica no tempo em que foi elle escrito.

O verso pois soava :

Que em tanta antiguidá (de) não ha certeza.

Quazi com o mesmo soido do castelhano, que teve pouco mais tarde n'uma das mais antigas versões do poema, a de Henrique Garcez (em 1591).

Que em tanta antigüedad no ay cosa cierta

Los Lusíadas — fol. 42 v.

Para o *douto* camonista, que nem sequer por alto cojita da metrica antiga, o mais facil, moderno e rapido é meter a catana, pôr em postas os *Lusíadas* e aljebrizal-o de novo.

Mas o que contrista não é a ignorancia do dezalmado exéjeta, coiza sanavel com algum estudo, mas é a sua enorme, ilimitada e inconfundivel audacia.

O homem da-se por entendido na « versificação camoneana. »

A essa crassa ignorancia da metrica e da cultura do tempo é que elle chama (falando de si mesmo!) « o conhecimento intrinseco que a respeito de qualquer autor só se obtem por diuturno trato ».

Retórico e tolo!

Pela mesma razão da sinizéze da nazal, ao verso :

Sem aproveitar dos homens força e arte.

(*Sé* aproveitar)

VII — 73

não cabe a « *emenda* de Manoel Lopes Ferreira, em 1721 » aceita pelo amator folhetinista :

Sem aproveitar *de* homens força e arte.

Aqui ha uma serie de disparates : os Lopes Ferreras (José e Manoel) foram meros impressores do texto... comentado por Manoel Correa, contemporaneo e amigo de Camões; o impressor é do seculo XVIII e o livro saiu das suas oficinas em 1720 (e não em 1721). Perdoadas estas inadvertencias, o que se não pode perdoar é que ao contrario não houve *emenda alguma*; o editor adotou o texto verdadeiro e antigo :

Sem aproveitar dos homens força e arte

Lá está, á pag. 184 — 2ª col. — da edição de Ferreira. Vê-se, pois, que esse *camonista* nem sequer está no cazo de verificar uma ou outra cita, naturalmente, alheia, de que se serve.

III

O mesmo assunto

Esta questão da nasal na metrificação de quinhentos era um dos pontos que antes de tudo convinha estabelcer : por que não é licito inventar leituras imaginarias e deturpar um texto sob especiozos motivos quaes os de que se não conforma com o chamado *uso* moderno (1).

(1) Com o intuito de fixar a prozodia metrica do tempo é que n'este lugar reunimos numerozos exemplos de absorção da vogal que se segue á terminação nasal nos escritores da epoca de Camões. Assim, evitarem s talvez a filaucia dos que pretendem *corrijir* e deturpar os textos antigos.

Exemplos de Andrade Caminha :

| | |
|---|------------------------------|
| Estavam os ventos todos recolhidos. | |
| | <i>Ed. da acad.</i> paj. 13. |
| Por todo o mundo correm em toda idade. | |
| | paj. 14. |
| Mais, que onde mais as querem : ellas presente. | |
| | paj. 15. |
| Que vencem entendimentos. Que direi? | |
| | paj. 17. |
| | E arremedando. |
| Os iam os focas que Proteu guiava. | |
| | paj. 19. |

Estão nas primeiras vinte pajinas das suas poezias. Passemos a Antonio Ferreira ; tomamos os exemplos á primeira edição dos *Poemas luxitanos*, 1598.

| | |
|--|-------------|
| Onde poderei eu de <i>mim</i> esconder-me. | . |
| | fol. 3. |
| As estradas e os campos mostram as dores. | |
| | fol. 12. |
| Por ti se <i>morem</i> os céos, por ti o dia | |
| | fol. 24, v. |

D'aí a serie de disparates que desluzem e destroem as supostas novidades apresentadas pelo sr. Silvio de Almeida, com as suas riziveis contor-

| | |
|---|-------------|
| Estavam as brandas ninfas ascuitando. | fol. 51. |
| Uns s'ouvem, uns nos troncos ficam escritos | fol. 52, v. |
| Em <i>mim</i> o desarma : em <i>mim</i> na viva fragoa. | fol. 60. V. |
| Mais que <i>homem</i> o confessava e descobria. | fol. 61. |

Parece que bastam. Passemos, todavia, ainda a Sá de Miranda (I. vol. ed. 1784) :

| | |
|--|-----------|
| Partem o tempo entre si, que era devido. | paj. 78. |
| Não tenham aqui poder horas minguadas. | paj. 84. |
| E deixaram o paço as cegas. | paj. 230. |
| Escolheram hora segura. | paj. 241. |

Em rezumo, essa elizão da vogal *á romana* como lhe chama Carolina Michaëlis de Vasconcelos na sua magnifica edição do Sá de Miranda CXVI é para nós hoje um defeito (*), mas bem se vê, não é materia para absolvendo de culpa os velhos poetas intentar uma *correção* em todos os cazos onde ocorre, e muito menos será ocazião para malsinar os editores do Camões, que não « entendiam » a versificação do poeta.

Vejam que entendedor!

Poder-se lhe-ia aplicar aquele epiteto do romance de Daudet; *vir ineptissimus*.

Esses pretendidos estudos do Sr. Silvio d'Almeida que elle realizou sem antecedentes (são palavras filauciozas suas!) dão um atestado deploravel de ignorancia e falta de escrupulo, e vão fazer companhia a outras tentativas frustras como a da miseravel brochurazinha do *Antigo Vernaculo*, trabalho de folhetinista, *pour rire*.

(*) Que persiste, todavia, na metrica popular dos proverbios e cantigas.

sões ridiculas de que que ha mister para *justificar* a pobre vítima.

Assim, vejamos um exemplo.

Ignorando este uzo da antiga metrica, toca o nosso camonista a emendar todo o poema. Para esse novo zoilo o verso :

Passaram ainda alem da Taprobana
I, 1.

está errado em todas as edições e deve ler-se—*passaram inda...*

Est'outro verso :

Ha de ser dom *Christovão* o nome seu

tambem é um verso errado (sempre na formula do camonista, entenda-se) deve-se dizer — *Christovão nome seu*.

E assim por diante.

Vê-se pois a que mentiras estrondozas leva coxeante uma mentira inicial.

A mesma incompreensão leva-o a disparates d'outro genero. Dou apenas um exemplo. Ao verso

Não faltam ali os raios de artificio

onde o principio da absorpção pela nazal é palpavel e evidente (*faltã ali* = *falt'ali*), applica o monstrozo exéjela o seu infeliz expediente dizendo que « — *ali os* — formam apenas duas silabas. » D'esta arte a leitura é

Não faltam álhús raios de artificio

ou, então desgraçadamente

Não faltam *alhos* raios de artificio

pois não ha por onde fugir á cezura do endecassilabo.

— Que *alho*!

Eis outra corrijenda do famoso interprete quando se lhe deparou outro cazo identico :

E assim um pela infamia que recea
E o outro pelas honras que pretende
Debatem e na porfia *permanecem*.

I, est. 34.

Errado, exclamou o camonista! Não pode ser, que esta gente (ajunta com topete) « não sabe contar as silabas metricas; nem orelhas, nem dedos lhe valem ».

Na verdade, escasseiam orelhas; quantas havia, alguém as monopolizou, e não é difficil descobri-lhes o paradeiro.

Vejamos. Aqui o camonista não quiz suprimir o *e* (depois de *debatem*; como já havia feito com o verso « Christovão o nome seu »); fertil em expedientes, descobriu que havia de ser *debate* e não *debatem*, ficando um verbo no singular e outro no plural :

Debate, e na porfia *permanecem*

D'est'arte *um* (ou outro) *debate* sozinho e (ambos) *permanecem* na porfia. A explicação é bem d'elle e é textual.

Ganhou Camões esse solecismo e Silvio descobriu uma verdade nunca achada. Ainda é o mesmo cazo da nazal que o exejeta não percebeu :

Debaté e na porfia *permanecem*

O seu erro é pois o de colocar-se no ponto de vista de hoje (que equivale ao da pura ignorancia) para mirar coizas antigas, e isto por ouzada ineptia, por não informar-se das fontes, e nem estudar a arte e a estetica do outro tempo, invertendo valores e subvertendo-os no abismo do seu pedantismo, e sendo obrigado a enjenhar mil hipotезes, *con-torsões* como eu disse, para cazos que todos se reduzem a um só, visto á luz de mais segura critica (1).

(1) Ficam assim inutilizadas as explicações do camonista, relativas a outros dois cazos que seria enfadonho dezenvolver : I, 60; IV, 38.

Deixo tambem de examinar as etimolojias de *a segundo* e outras que não merecem o menor credito.

Muito menos direi aqui das trivialidades costumeiras.

Da determinação das fontes historicas e literarias não trata felizmente o nosso camonista; pelo que, merece francos elogios. O assunto fica muito acima dos seus pobres recursos.

O trabalho está sendo, aliáz, feito com erudição e concien-ciozo estudo pelo sabio Dr. José Maria Rodrigues, nas paji-nas do *Instituto*, de Coimbra desde o ano de 1904.

Só uma vez o nosso camonista indijena se abalança a pes-quizar a orijem da *Ilha dos Amores* é diz « *Encontramos* em João de Barros o que sujeriu a Camões a idea da fluctuancia da ilha de *Venus...* »

Apenas aquele dubio *encontramos* deve ser substituido por — *Faria e Souza encontrou*.

O criticastro cita Faria e Souza, mas conforme o seu costumado artificio, lonje do lugar e de modo capciozo. Leia-se :

« João de Barros (*Decadas* I, Liv. IV, Cap. XI) escrevê *Ar*

As linhas que acabo de escrever não pertencem exclusivamente ao genero da polemica esteril e pessoal.

Quem quer que as leu até aqui, pode acazo ter aproveitado alguma informação util e necessaria á comprehensão da obra prima da nossa literatura.

O encontro da nazal e vogal seguinte era já antiquissima ocazião de se contrairem, como se vê em Verjilio :

Monstr (um) horrend (um) informe.....

IV

Amor e amores.

Sob o influxo da poezia italiana, nem só a litteratura peninsular ganhou a nova formula do endecassilabo, desde Boscan.

A poesia petrarquiana alterou o sentido de algu-

chediva, e explica que « *anche* quer dizer cinco, *diva*, Ilhas, por serem (aquelles ilheos) cinco, posto que o notavel he hum. » NESTE MESMO CHRONISTA, ENCONTRAMOS o que suggeriu a Camões a idéa da *fluctuancia* da ilha de *Venus* : Chegando os navegantes defronte de *Archediva*, o *cossairo* Timoja, a fim de roubal-os, compoz oito navios cobertos de rama, para fingir uma balsa, em que entrou com sua gente, e vendo o Gama mover-se o simulado bosque, perguntou aos indios que alli andavam familiares: — Que visão é aquella ? ao que elles responderam que eram invenções de um fraco *cossairo*. E os barcos foram postos em fugida, conseguindo Nicolau Coelho tomar um delles. LEMBRA AQUI Manuel de Faria e Sousa que aos poetas qualquer minudencia serve de motivo para uma estupenda fabrica. »

mas ideas e vozes idiomáticas. Uma d'estas alterações que quero aqui estudar e fixar foi a do conceito do *Amor*, personalizado, o antigo Cupido que se veiu juntar a de *amor* ou *amores* puro sentimento (e não divindade) que imperava e continuou a predominar nas cantigas peninsulares de estilo mais popular.

O filho de Venus, com a sua maiuscula inicial *Amor*, foi assim importação estrangeira, sob o influxo do cantor de Laura.

E' um ponto que dezejamos assentar porque contribue para a perfeita intelligencia dos antigos poetas e do mesmo passo põe embargos á critica inepta que por ligeireza, leviandade ou descuido andam por aí fazendo alguns camonistas de meia tijela.

O Dr. Silvio de Almeida, sempre o mesmo, atrevidissimo, meteu-se a comentador do Camões. Já vimos a exejeze do mesmo amator quanto á versificação; vejamos o que sabe quanto a intelligencia dos textos. A propozito dos versos :

Taes contra Inez os brutos matadores
 No colo de alabastro que sustinha
 As *obras* com que *Amor* matou de *amores*
 Aquelle que depois a fez rainha,
 As espadas banhando e as brancas flores
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarniçavam fervidos, irosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.

III, est. 132.

entende o apoucado filologo que *obras* são os seios.
 As *obras* são as perfeições do rosto que é onde

essas se ajuntam e se compõem, e só assim é que se pode entender o texto d'aquella estancia.

O *colo* sustenta o rosto e não os seios, da mesma sorte que a coluna sustenta o tecto e não o pedestal ou qualquer parte inferior. Assim o confirma o trecho da ecloga II :

E' esta a alva coluna, o lindo esteio,
Sustentador das *obras* mais que humanas ?

O falso exejeta ainda alega esse texto como favoravel á sua tolice.

Erudito sem livros, vira enfermigo como um catavento ao primeiro miasma da sua estulta pre-zunção.

Se conhecesse o Faria e Souza que cita de ou-vida ou se conhecesse o ambiente literario do tempo, veria que o poeta disse aqui o mesmo que Garcilasso e quazi pelas mesmas palavras :

Do la coluna que al dorado techo
Con prezuncion graciosa sostenia ?
Ecl. I.

Por igual, o torvo mestre escola não entendeu a estancia camoneana por incapacidade de respirar no ambiente do poeta. Hoje que o romantismo des-terrou o Olimpo ja se não faz a distincção que ou-tr'ora faziam os poetas entre *amor* e *Amor*. E' sub-tilidade para gramaticões, mas o mizero mestre escola aqui não lobrigou o menino Amor, a despedir as suas setas e estas são as suas *obras* com as quaes matou de amor a D. Pedro. E esta ferramenta de

Cupido figuravam-n'a os poetas nas perfeições do rosto, nos olhos ou na boca e até nos cabelos se são de fogo abrazador...

Exemplos do mesmo Camões :

As setas traz nos *olhos* com que tira...

Soneto 14.

Que o vivo *lume* e o *rosto* delicado
Imajens são adonde *Amor* se adora.

Soneto 55.

Amor...

Vivas faiscas me mostrou um dia
Donde um *puro cristal* se derretia
Por entre vivas rosas e alva neve (1).

Soneto 71.

Entre rubis e perlas *doce rizo*
Debaixo de *ouro e neve côr de rosa*
Presença...

Fala... rara e suave...

Estas as armas são com que me rende
E me cativa *Amor*.

Soneto 81.

O *resplendor dos olhos*
Donde *Amor* a ninguem quiz ter respeito.

Soneto 93.

Esses cabelos louros...

Este ar imenso...

Estes furtados olhos...

... São laços que *Amor* tece na vida.

Soneto 155.

(O *Amor*)

Com olhos *pelos olhos* nos dá morte,
Os *vossos* escolheu...

Soneto 181.

(1) Explicação para o mestre-escola : *Vivas faiscas* são olhares e *puro cristal* são lagrimas.

Os olhos onde o casto Amor ardia...

Soneto 239.

Amor, de uns bellos olhos sempre armado
Me combate...

Soneto 250.

E aqui devo repouzar. Não citei mais que alguns exemplos tomados ao livro dos *Sonetos*. Mas não ha *um se quer* em todo o Camões em que *dos seios* o Amor dispare as suas setas. Só em paiz de erotomanos ou de certos felicismos que a psiquiatria conhece, poderam ser os *seios* as armas de Cupido (salvo para os meninos de teta).

Não é provavel que o grande e imortal amor de D. Pedro, muito lonje da epoca do nu e do decôte, tivesse aquellas oriens pendentes.

Os poetas do tempo, pouco propensos ás liberdades do sensualismo moderno da cintura e do pézinho chinéz, sentiam como o Camões (1).

- (1) No desvies de mi tu *lindo gesto*
Tus *verdaes ojos y cabelos d'oro*
Dó tiene Amor su *arco y fuego* puesto.

DIOGO BERNARDES

Rimas varias, ed. 1780 — 115.

Os teus *olhos*, de Amor tiros dourados.

Ibid — 117.

Em Ferreira as *obras* de Amor são especialmente os *louros cabellos* da amada.

D'ouros tomou Amor oiro tão fino,

Soneto 19.

O' cabelos, d'Amor rico tezouro

De que se arma, guerreia, vence e mata,

Soneto 26.

Tem-me Amor prezo em úas redes de ouro,

Soneto 40.

Ainda aqui os *seios* de envergonhados não ouzam aparecer. Em outro poeta contemporaneo de Luiz de Camões, notamos

O filologo curioso que se atreve a comentar o grande epico sem conhecer o meio literario e as ideas daquella epoca de intensos reflexos da literatura europea, dá triste e mesquinha prova das suas veleidades de critico.

Garcilasso com Boscan e Petrarca são os poetas favoritos do grande epico.

uniformemente a mesma imagem ; os cabelos e os olhos são as armas de Amor.

Nas *Poezias* de Caminha, edição de Priebisch :

A esses olhos...

Onde as Graças estão, onde Amor, mora, 54.

(O Amor)

Dos vossos olhos faz sua branda guerra, 72.

Com vossos olhos ia Amor vencendo, 80.

Dos fíos d'ouro que Amor mais estima

O mesmo Amor uma sutil rede tece, 102,

Sempre Amor em teus olhos está armado, 141.

Em rezumo, nas poezias *não da escola velha* mas da nova, e de *influxo italiano* aparece o Amor personalizado. de aljava e setas, escondido na languidez do olhar ou nas redes d'ouro dos cabelos como o havia imaginado Petrarca do qual deriva toda essa maquina poetica dos quinhentistas :

Le *trece d'or...*

Ove i raggi d'Amor si caldi sono.

Rime (ed. Bibl. romanica), 55.

Occhi

Ne' quali Amore e la mia morte alberga, 57.

Fra le *chiome* de lor nascose il laccio

Al qual mi strinse Amore, 72.

Occhi leggiadri dov' Amor fa nido, 80.

E não necessito, creio, multiplicar as citações. Em Petrarca, em todos os poetas camoneanos, não, se vê se quer UMA UNICA

Dê-se-lhe esta indicação para que o dr. Silvio de Almeida reforme a pauperrima biblioteca.

A *coluna e lindo esteio* de Camões é *la* mesma *coluna* de Garcilasso.

E o colo é essa coluna « sustento de maquinas hermosas » e entende-se a cabeça que « contiene los miembros mas soberanos de la hermosura » comenta Faria e Souza.

A leitura de Garcilasso convenceu-me que muito lhe deve o Camões e do melhor. Para não ir mais lonje n'esse mesmo episodio de Inez de Castro basta colejar os versos :

Cuya vida...

Antes de tiempo y casi en flor cortada

que em Camões se repetem :

Assim como a bonina que *cortada*

Antes do tempo foi...

vez Amor a servir-se da sedução dos seios. Essa invenção modernizante e erotica pertence ao Silvio de Almeida, segundo o qual, foram as *maminhas* de Inez de Castro que engalanaram ao Infante, ou ao poeta.

E todo este erro rezulta da sua incapacidade de interpretar os textos fora do ambiente proprio que desconhece, ignorando, as fontes e as regras comezinhas de qualquer exejeze.

O homem examinaria Petrarca com o erotismo tropico dos nossos sertanejos :

Mulatinha de papôco

Peito em pé no cabeção.

Agora (indicadas as fontes e o metodo que lhe convinha) lá vai o gramaticãozinho atirar-se aos livros, remexer o bestunto, temperar a guéla e... refutar (!)

Que, estas linhas aproveitem ao seu vezo parазitario, é o que sinceramente dezejo.

e ainda outros :

... las silvestres diosas...

En el semblante tristes y traíam

Cestillos blancos de purpúreas rosas

Las cuales esparciendo derramabam

Sobre uma ninfa muerta que llorabam...

En torno del sus Ninfas desmaiadas

Llorando en tierra están

parafrazeados pelo poeta :

As filhas do Mondego... etc.

E ainda :

De los pasados casos la memoria...

Que del funesto y triste caso había.

é o que se depara em Camões.

O caso triste e digno de memoria.

Ainda outro exemplo :

Y tú tendiendo la piadosa mano...

A cotejar com.

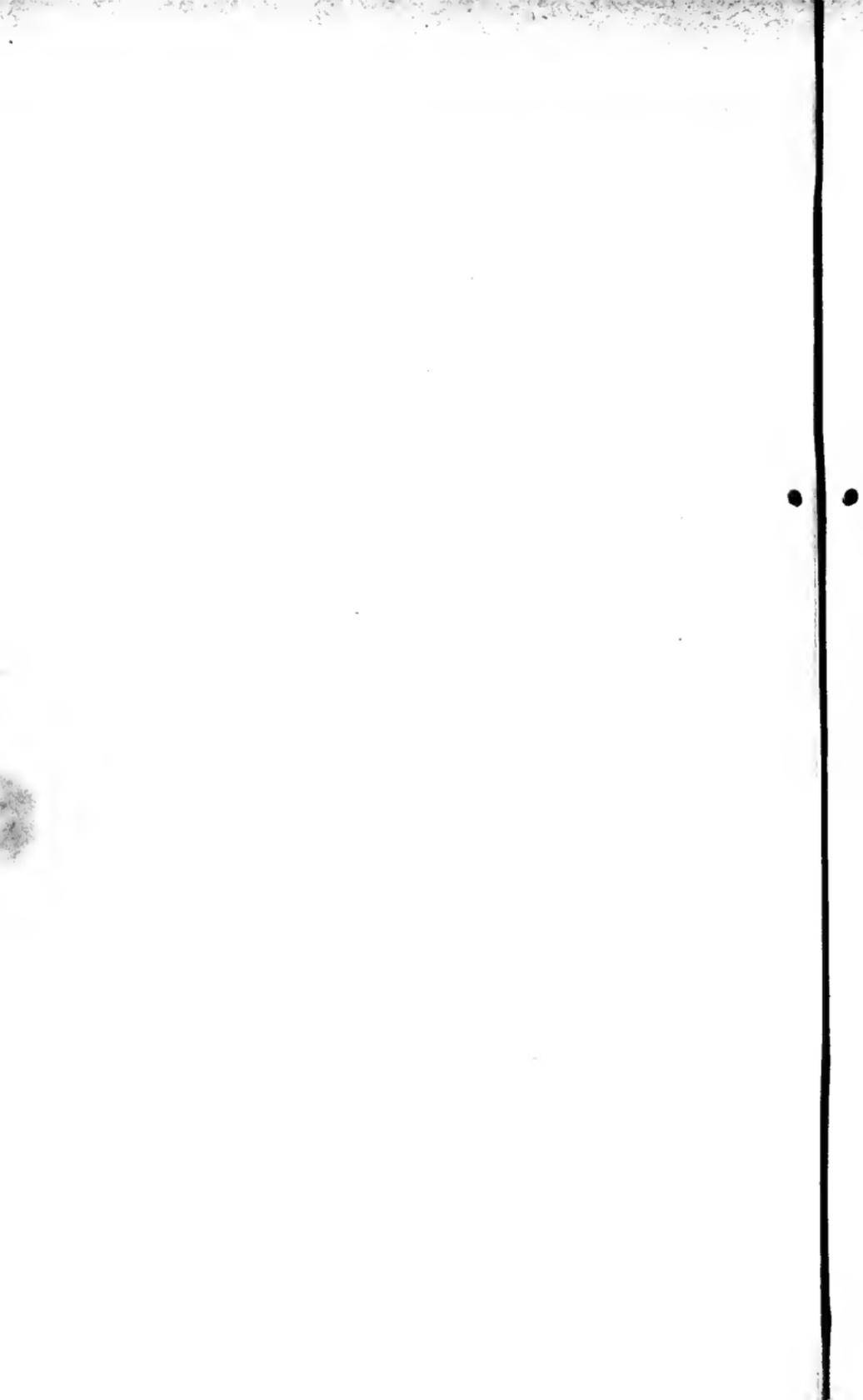
... alevantando

Com lagrimas os olhos piedosos.

A ecloga III de Garcilasso quanto á forma e numero é uma das fontes de sugestão do epizodio.

PARALELISMOS LITERARIOS

Bocaje. Castilho. Gregorio
de Matos. Gongora. Gonzaga
e Anacreonte.



I

Uma anedota de Bocaje.

Nos autores que recontam a vida de Bocaje, não falta, quazi nunca, a tradição de uns versos que em vivo e agudo improvisou dissera o poeta uma noite, a deshoras, quando recolhia de um botequim para caza.

Eram versos em resposta dada a uma patrulha do intendente Manique, a qual de armas embaçadas e chamando o poeta á fala, inquiriu :

— *Quem é? donde vem? para onde vai?*

Disse Elmano :

*É o poeta Bocage.
Vem da loja do Nicola,
E vai para o outro mundo
Se lhe dispara a pistola.*

Jozé Feliciano de Castilho como outros, relata o cazo (1) e ainda refere a variante de outra anedota do mesmo genero.

Aquella pergunta sacramental é mais do *folk-*

(1) No vol. da *Livreria classica*, VII da ed. Garnier, Bocage II, 233. E. tambem nas *Obras* do poeta ed. Porto — 1876 — vol. VIII, biogr. por Teofilo Braga — paj. 227 — 228.

lore que da historia. Era aliás o triplice problema da metafizica escolastica a indagação das cauzas finaes, a orijem, a essencia actual e a teleolojia do Ser.

Das escolas passou naturalmente á vida comum, como rezumo brevissimo de todas as inquirições pessoaes. *Quem é? Donde veiu? e aonde vae* (ou o que quer)? se tornou por excellencia uma formula policial talvez ainda antes do terrivel Sherlock Holmes da Lisboa absolutista.

O certo é que ja corriam no anedotario popular muitas facecias tomadas áquelle fonte.

Ainda pelos começos do seculo xvii contava Soares Toscano nos seus *Paralelos de Principes* (1) a anedota de um Simão Palha, criado de D. Sebastião, o qual sendo visto por um correjedor em ocazião em que ia apressado, este fez detel-o e, com o fim de gracejar, ou de embaraçar o tranzeunte « lhe fez quatro perguntas juntamente : *Donde vindes? para ondes his? como vos chamam? cujo sois?* Ao que Simão Palha respondeu a todas quatro mui acordadamente e com muita agudeza dizendo : *Venho de Lisboa, vou para Santarem, chamam-me Simão Palha, sou criado d'el Rei.* E passou seu caminho deixando todos mui satisfeitos e contentes na resposta bem semelhante a Dante. »

O classico dá a fonte *Ex Cod. dict. Lusitan* (2),

(1) Primeira ed. *Evora*, 1623. A historia é relatada no cap. CXL, e a paj. 302 da 2ª ed.

(2) Isto é — *Ex codice dictorum lusitanorum* — Não é certa-

donde colheu a anedota. O paralelo ao Dante é tomado de tres respostas a inopinadas perguntas que lhe fizeram em caminho certos inimigos seus para o afrontar. *Donde vindes? onde vos deu a agua? quantos são da lua?* E foi essa laconica resposta a do poeta florentino: *Da vila, nas ancas, cinco* (1).

Só pelo original que desconheço poder-se-ia estimar a vivacidade da resposta.

Analoga anedota se depara em um passo da vida de Ignacio de Loyola, quando o santo ainda estudava em Paris: *Quem és tu? donde vens, ou para onde váis com esta pedra ás costas?* (2)

Temos, pois, tocado á idade media onde se elaborou toda a seiva do mundo e da cultura moderna.

A formula filozofica pela sua mesma concizão e brevidade dejenerou em proloquial como tantos *exemplos* (conforme os nomes que lhes davam) da sabedoria popular.

Entre os muitos paralelismos que se acham desta eterna duvida quanto á orijem e finalidade das

mente nenhum manuscrito, mas uma formula pessoal do autor para indicar qualquer *anedota colhida da tradição*. É o que supponho.

(1) Luiz Gracian de Antisco no *Galateo español*, XI-22. Não parece concordar com essa viveza o traço fisionomico do poeta segundo Leonardo Aretino: *Fu parlatore rado e tardo* embora ajunte: *ma nelle sue riposte molto sottile*). Na *Vita di Dante*, 33.

(2) Vejam-se os por menores do conto na *I Centuria*, 54-55 da *Hora de Recreio* de Jezam Barata.

coizas apenas aponto um que me parece interessante, por menos conhecido.

Ultimamente Karl Euling em notavel estudo de cultur-historia alemã reduziu o classico *Priamel* ás suas orijens medievais populares que existiam silvestres e bravias até que Rosenplüt lhe deu uma redação literaria no século xv (1).

O *Priamel* é um genero popular afim com o dos proverbios, sentenças e *quodlibets*. Eis um dos mais notaveis :

Ich leb vnd weis nicht wie lang

Ich sterb vnd weis nicht wan...

u. s. w.

que R. Priebisch aproxima da formula latina de um manuscrito do seculo xv :

| | | | | |
|--------|---|-----------|---|---------|
| Vivo | } | et nescio | { | quomodo |
| Morior | | | | quando |
| Ambulo | | | | quô |

Esses *mótos* pois da indagação da orijem, ou razão e fim da vida ou da nossa ignorancia a este respeito, se tornaram n'uma metafizica popular das escolas e da vida quotidiana.

A anedota que enflora a legenda bocajiana, não tem outra orijem (2).

(1) K. Euling — *Das Priamel bis Hans Rosenplüt; Studien zur Volkspoesie*, Breslau. Cf. a recensão de R. Priebisch, *Mod. Lang. Review*, III, 2. Segundo Euling parece ser *Priamel* um termo tecnico da muzica — *proœambula*.

(2) Como curiozidade do *folk lore* brasileiro, n'este ensaio lembramos aqui uma equivocação popular.

Nas terras do norte (e não sei se do sul) do Brazil conhece

II

Na tradução do *Fausto* de Goethe conveyiu a Castilho, que possuía grande copia de riquezas vernaculas, a portuguezar, a seu modo, o seguinte passo :

Castilho.

- MEFISTOFELES : — Repare : é a Lilita.
 FAUSTO : — Hein! que Lilita?
 MEFISTOFELES : — A Lilita da *Costa*, não te lembras?
 « A primeira mulher de *Adão de Barros* ».
 paj. 352.

Ha aqui trocadilho faceto quanto ás oriens dos primeiros homens : o varão que foi feito de *barro* e a mulher tirada de um *costela*. Pouco antes e em outro lugar diz Mefistofeles :

- Que seria de ti, *filho do barro*,
 Se não fosse eu...

paj. 274.

Aquele equivoco, todavia não se podia estribar nas tradições hebraicas a respeito d'esta primeira

o povo anedotas eroticas e torpes que atribue a *Camões* ou em que este é a personajem essencial. Algumas d'ellas são as mesmas que comumente falam de Bocaje. O grande epico não tinha essa leijenda que começou no seculo XVIII com o pílherico e jocozo correjedor J. S. Souto Mayor, alcunhado o *Camões do Rocío*, autor da *Martinhada*, poema cujo heroe é certo frei Martinho, grande luziada d'aquelles tempos freiraticos. E' desse Camões e não do verdadeiro que falam as lendas populares.

mulher *Lilit*, inimiga do homem e como elle formada do limo terrestre. *Eva*, sim é que foi tirada da costela de Adam.

Já o havia mostrado, aliás, em critica afiadissima (e algumas vezes injusta, por excessiva) o snr. Joaquim de Vasconcelos.

Apelidando os primeiros padres de Adão de *Barros* e Eva da *Costa* confessa Castilho que esse disparate lhe lembrava ter encontrado nas facecias do cabelereiro Antonio Joaquim de Carvalho, poeta obscurissimo e esquecido.

Efetivamente lá está nos *Toiros*, poema heroi-comico, livro hoje raro, impresso em Lisboa, 1796; obra não de todo inferior, pois ainda lograra uma reimpressão no seculo seguinte.

No prefacio ao poema é que se encontram os versos :

Eu porque filho sou de *Adão de Barros*
Feito da frajil massa das panelas,
Pequei, mas venho delatar-me humilde.

IV.

A tradução de Castilho é tezouro de expressões idiomáticas, onde a par do ouro ha o cobre e alquime de amplificações que desvaliam a letra e o espirito do poema de Goethe. É escuzado quazi dizer que no orijinal nenhuma palavra poderia sugerir aquella facecia :

MEPH. — Betrachte sie genau!
Lilith ist das.

FAUST. — Wer?

MEPH. — Adams erste Frau.

GREGORIO DE MATOS E LUIS
DE GONZAGA (1)

O tempo é apenas um rumo vertical na historia humana; dá-nos a altura dos successos ou a sua profundez, mas não nos dá a superficie. O verdadeiro metodo deve perfazer uma dimensão pela outra e juntar ás camadas sucessivas da historia a juxtaposição superficial dos povos e em sua largueza o horizonte da cultura geral.

Quer dizer que não basta examinar os periodos *historicos* das literaturas, convem ainda comparal-os em sua expansão e interpenetrações mutuas. Cada idéa nos grandes povos tem sempre um centro de irradiação que expira muito alem das fronteiras. Una literatura nacional é quazi antinomia paradoxica e absurda, porque não ha patriotismo intelectual.

Saindo um pouco d'essas generalidades doutrinarias, quando estudamos *in anima vili* a nossa pequenina literatura podemos relacionar todos os fenomenos que lhe parecem proprios a ordem cosmica muito mais vasta de cujo equilibrio ella participa.

As individualidades, ainda as mais fortes, di-

(1) E' escoreço de capitulo de livro inédito, *Literatura comparada* (brazileira) do autor. Ainda ao mesmo livro pertence o artigo seguinte.

luem-se na familia que as comprehende; e ainda aí se entrevê o *Unico* que é afinal o universo.

Pode quazi afirmar-se que o mais acentuado traço de orijinalidade consiste apenas na *côr local*; a differença de *meio* é, sem duvida, a unica excentricidade humana.

Examinemos rapidamente, a essa luz, dois dos nossos poetas de maior reputação, Gregorio de Matos e Gonzaga, os dois maiores nomes do seculo xvii e do seculo xviii.

Um derivou da moda *culterana* do seu seculo, o outro da remota fonte helenica.

Só por só, cada um d'elles parece unico, mas não passam como os demais todos, de unidades de sua tribu. A critica já os *diferenciou* assaz, *conven integral-os* agora.

A fama extraordinaria de Luiz de Gongora chamado o Homero espanhol, empalidecera com o descredito do *cultismo* e da linguagem artificioza da sua escola ou do abuzo dos seus dicipulos; todavia ainda o sustenta no primeiro lugar entre os poetas spanhoes.

Era natural que o fanatismo culterano como doença contajiasse todo o seculo que se abriu com a seita dos *cultos* e da nova poezia que triunfara entre doestos, apolojias e satiras dos estetas do tempo.

Em Portugal, o seicentismo na poezia é todo gongorico e a mesma proza com Vieira ou Jacinto Freire não escapa aos lugares comuns ou ao artificio do preciozismo europeu.

Gregorio de Matos é um gongorico na especie jocoza, obcena ou burlesca, e quando se destrava a carpenta de suas construções, das que mais espontaneas parecem, lá se deparam os mesmos materiaes achados pelo poeta espanhol.

Algumas poezias mesmas de Gregorio de Matos não merecem mais que o nome de parafrases e se os nossos criticos ainda o não lembraram é porque lhes esquece o metodo de paralelismo e da comparação que sempre completa o da historia.

Não só no *tempo*, quer dizer, na historia vivem as idéas, mas tambem no *espaço* e nas varias rejiões que fertilizam com as suas correntes fecundas.

De Gongora são certas formulas de condenação com que dá fecho a algumas das suas *letrillas* — e vemol-as repetidas no poeta seicentista brasileiro.

Sirva de exemplo a *letrilla* refraneada com o verso :

Milagres de corte son.

que aparece em Gregorio de Matos quazi por palavras identicas :

Milagres do Brazil são.

Obras, I, 126 (1).

(1) Em ambos os poetas a composição é em decimas .

Que no vean mil maridos
Cosas que las viera un ciego
Y que á las voces del fuego, etc.
.....

Milagros de corte son.

Outra formula final *Dios me guarde* com a variante *Dios me libre* aparece no poeta baiano com duplo refran *Deus me guarde* e *Anjo bento* :

Destes beatos finjidos
 Cabisbaixos, encolhidos,
 Por dentro fataes maganos
 Sendo nas caras uns *Janos*
 Que fazem do vicio alarde :
Deus me guarde.

No poeta cordovez idea e expressão identica :

Y de amigo cortesano
 Con las insignias de *Jano*
 Desvelado en la cautela
 Cuyo soplo á veces hiela
 Y á veces abrasa y arde
Dios me guarde.

A sua especie correspondem numerozos estribilhos repetidos pelo poeta brasileiro (1).

Outras vezes o poeta brasileiro retoma a idéa de Gongora ao revez ou procura outras equivalencias a que se acomode não raro decendo à obce-
 nidade.

Em Gregorio de Mattos a maneira de Gongora reaparece com a mesma fidelidade de ritmo :

Que ha de pregar o cachorro
 Sendo uma vil creatura
 Que não sabe de escritura..., etc.

Milagros do Brazil são.

(1) Ainda é exemplo *Verdades* (I, 53) correspondente a *letrilla IV* (Verdad y mentira).

Um das *letrillas burlescas* mais engraçadas é a distribuição desproporcionada das *figas*; o poeta toma para si apenas uma e vai concedendo *duas, tres, quatro...* e quantas, a outras vitimas da sua veia comica e satirica. Eis como :

Un buhonero ha empleado
 En *higas* hoy su caudal,
 Y aunque no son de cristal,
 Todas las ha despachado,
 Para *mi* le he demandado
 Cuando verdades no diga
Una higa.

Seguem-se, por ordem, a quem cabem, *duas, tres, quatro figas* :

Al marido que es ya llano
 Sin dar un maravedí,
 Que le hinche el alholí
 Su mujer cada verano
 Se piensa que grano á grano
 Se lo llevan las hormigas... (1).

Cuatro higas!

Gregorio de Matos aproveitando a forma, ritmo, pensamento e chiste dessa letrilha compoz outra que por ainda até agora inédita reproduzimos adiante.

A composição do nosso poeta não cede em graça

(1) D'este verso ha varias leituras nas impressões (todas foram postumas) de Gongora, a saber — *Se lo allegan...* ou tambem *Se lo llegan.*

ao do espanhol, ainda que muito mais rude na linguagem ás vees obscena, defeito de que proprio Gongora tambem não escapa em muitas das suas poezias menos accessiveis (1).

Eis a de Gregorio de Matos.

DISTRIBUIÇÃO DE C...

I

Um vendilhão baixo o e vil
 De c... poz uma tenda,
 E confiado em que os venda
 Discorre todo o Brazil.
 Para *mim* em tantos mil
 Lhe mandei que me guardasse
 Se verdade não falasse,
 Sem lizonja e sem suborno :
Um c...!

II

Para o alcaide, ladrão
 Com despejo e sem temor
 Que na mão leva o doutor,
 Na barriga a Relação :
 Indo a caza de infansão
 Entra audaz e confiado
 E faz penhóra no estrado
 Da mulher e seus adornos :
Dois c...

(1) As que entraram no *Cancionero de Burlas provocantes à risa* (110 e segu. da ed. espanhola).

III

E para o escrivão falsario
Que sem chegar a pouzada,
Dá a parte por citada,
Dá fé e cobra o salario :
E sendo o feito ordinario,
Como corre a revelia,
Sai a sentença n'um dia
Mais amarga que piornos :
Tres c...

IV

Para o julgador orate
Ignorante e fanfarrão,
Que sem ser Conde de Unhão
Já quer ser Marquez de Unhate,
E por qualquer tir-te ou dá-te
Resolve do envez um feito,
E assola a torto e a direito
A cidade e os seus contornos :
Quatro c...

V

Para o Judas Macabeo
Que porque no tribo estriba
Foi de capitão a escriba
E de escriba a farizeu ;
Pois no officio se meteu
Só a efeitos de comer
Sufrajios, que em vez de os ter,
Quer antes arder em fornos :
Cinco c...

VI

Para o bebedo mestiço
E fidalgo atravessado
Que tendo o pernil tostado
Cuida que é branco castiço,
E de flatos enfermigo
Se ataca de jeribita,
Crendo que os flatos lhe quita,
Quando... os retornos :

Seis c...

VII

Para as damas da cidade
Branças, mulatas e pretas
Que com sutilicas tretas
Roubam toda liberdade
Equivocando a verdade,
Dizem que são um feitiço,
Não o tendo em o cortiço
Tanto como caldos mornos :

Sete c...

VIII

Para o conego observante
Todo o dia e toda hora,
Cuja carne é pecadora
Das completas por diante,
Cara de diciplinante
Queixadas de penitente,
E qualquer gimbo corrente
Serve para seus adornos :

Oito c...

IX

Para o frade confessor
Que ouvindo um pecado horrendo
Se vai pasmado e benzendo,
Fujindo do pecador;
E sendo tal vez pior
Do que eu, não quer absolver-me
Talvez porque inveja o ver-me
Com tam torpes dezadornos :
Nove c...

X

Para o prégador horrendo
Que a igreja estrujindo a gritos,
Nem elle entende seus ditos
Nem eu tampouco os entendo,
E a vida... que está vivendo
É lá por outra medida,
E a mim me guiza **uma vida**
Mais amarga que piornos...
Dex c...

XI

Para o tonto da Bahia
Que murmura do meu verso,
Sendo elle tam perverso
Que a saber fazer faria,
E quando a minha Talia
Lhe chega ás mãos e ouvidos
Faz na cidade alaridos,
E vai gastal-a aos contornos...
Mil c...

Não se distinguem Gregorio e Gongora senão pelo brutesco e pela evidente inferioridade do primeiro. E não acabaria mais se tivesse eu de conjugar em paralelos as varias feições burlescas das duas muzas. Quevedo continuou a Gongora e foi, como Gregorio de Matos, um dicipulo do criador do estilo culto; algumas vezes pode ser a fonte immediata do nosso seicentista, mas ambos derivam do genial cordovez.

Entretanto, Quevedo forneceu diretamente a Gregorio de Matos certo numero de assuntos na mesma especie. Tal é o cazo da letrilha (da *Musa V*) *Punto en boca* que é o mesmo *Ponto em boca* de Gregorio de Matos (*Obras I*, 117) e igualmente em decimas octosilabicas. Ambas as composições terminam, a de Quevedo com os versos :

*Mas pues á mucho les toca
Punto en boca ;*

e a de Gregorio de Matos com est'outros :

*Mas se a saude lhes toca
Ponto em boca.*

Não excluem essas equações flagrantes o dom da orijinalidade, o qual não consiste apenas na auzencia da imitação. A mesma noção de *escola* literaria ou a de *moda* envolve em si mesma essa conformidade de traços fizionomicos que lhe dão o ar de familia.

Os gongoricos, em qualquer maneira, atrai-

çoam a concordancia do crédo comum e todos se compoem n'um só espirito literario.

Se isto é verdade para qualquer epoca das literaturas hispanicas muito maior havia de ser no tempo em que o imperio dos Felipes havia quebrado as raias do particularismo portuguez. O mesmo uzo da lingua castelhana desde o seculo xvi o que era já a penumbra com que havia de começar o eclipse da nacionalidade, levava a esse epiquerema fatal, cerradamente lojico, em todas as suas junturas.

GONZAGA E ANACREONTE

De todos os arcades foi Gonzaga o que melhor compreendeu e sentiu o suave canto do cisne de Teos. Lhano, simples e bucolico, era n'elle dom natural essa eterna formozura da simplicidade rural e agreste. Inumeros poetas traduziram nas linguas modernas a poezia delicada e mimoza de Anacreonte, desde que Henri Estienne no seculo xvi descobriu o manuscrito provavelmente apocrifo das suas odes; mas nem todos tinham a graça idilica que aquelle mister requestava.

Os poucos fragmentos que sabemos autenticos do poeta grego, parafraseados em Horacio, não correspondem á ementa anacreontica que foi pro-

vavelmente composta na extrema decadencia grega, na epoca romana imperial.

Houve, pois, um falso Anacreonte ainda mais apurado que o verdadeiro. Nada se lhe iguala a esse genio tardio, no exquizado e capitulo perfume e na eterea subtileza d'aquella pequenina lira harmonioza.

Gonzaga, incapaz da fanfarra heroica das odes do seu tempo, ali achou o jardim, onde colhia aquellas aerides como flores proprias da sua poezia. Muitas das suas liras são lindas parafrases da anacreontea vulgar, e a qual mais bela e inspirada das desnudas arvores de cuja semente outras se recriaram.

Tomemos, para exemplo, o *Eis Eróta* do poeta helenico. A meia noite perdido bate á porta do poeta tranzido da chuva o Amor, dizendo : abreme, não temas :

βρέφος εἴμι, μὴ φόβησαι

O menino que timidamente se diz inocuo, chega irrejelado e molhado da chuva; e é acolhido. Mas logo do calor hospitaleiro ingratamente se paga cravando uma seta no coração do incauto que lhe abrirea a porta.

E não é mais do que isto toda a breve ode do poeta grego.

Imitou-a La Fontaine :

— Pauvre camarade !
 Mon arc est en bon état,
 Mais ton cœur est bien malade.

Ou na tradução de Castilho :

Meu caro hospedeiro
(Me diz prazenteiro)
 Agora é folgar.
Permite me ausente,
 Meu arco está são...
 Quem fica doente
 É teu coração (1).

A versão (deixamos em italico as demazias) é o seu tanto prolixa para a brevidade dos tres versos de Anacreonte :

— ξένε (δ' εἶπε) συγγάρηθι
 Κέρασ ἀβλαβὲσ μὲν ἡμῶν,
 σὺ δὲ καρδίην πονήσεις

A linguaagem forte e opulenta de Castilho não podia entretecer aquella tenue filigrana. Ha demaziado sopro para um halito apenas. A vaporosa concizão resfria-se em torrente liquida e excessiva. O poeta Malhão que tambem desconhecia o texto grego, e traduziu segundo a versão de Math. André (embora tambem prolixo), por excepção foi muito mais feliz quanto aos dois ultimos versos :

O meu arco ilezo está,
 Mas teu pobre coração
 Que dores não sentirá (2) ?

(1) *A Lirica de Anacreonte* por A. F. Castilho, paj. 32 (texto 29).

(2) F. M. G. da Silveira Malhão — *As Odes de Anacreonte*

Ha sentimento, mas falta-lhe a medida de Cendrillon. Outro poeta, *Elpino Duriense* na Arcadia (Antonio Ribeiro dos Santos, mais versificador que poeta) tambem verteu em linguagem aquella anacreontica e assim traslada os ultimos versos :

Salta logo o cruel em grande rizo,
Folga, me diz, o hospede comigo
Não se danou meu arco, todo o dano
No coração te fica.

(*Poesias* — 1812 — I, paj. 332.)

Isto e proza chilre é tudo a mesma coiza. Mais uma vez, fidelidade e fealdade aparecem juntas.

A todos precede Antonio Ferreira, o primeiro dos nossos tradutores de Anacreonte n'esta unica odezinha. Traduziu-a em endecasilabos sob o titulo *Amor perdido* :

Era alta noite quando descansava
Dos trabalhos do dia a humana gente
E já a mão de Boóte ursa virava.
Amor me bate a porta : eu impaciente
Quem é, digo, o que bate a tam más horas ?...

O endecasilabo é o menos proprio que se podera imajinar para a brevidade dos iambicos.

A tradução é prolixa e atormentada e o tom

(Lisboa, 1804), paj. 7.) Ainda inspiradas n'esta são algumas odes do poeta incluídas na *Vida e feitos* do mesmo — Vol. I, 223, 231 *sequin.* (ed. Lisboa, 1824).

aereo e fugaz do orijinal contrasta com a rude torrente do quinhentista.

Eis aí uma turba de poetas que deliquescem na incontinencia da prolixidade, quando lhes havia mister a *cristalização*. Espedacem os moldes, ou inundam o alveo que só dava para um fio tenue.

Em Anacreonte tudo é melindre e é fujitivo tudo. O pequeno ramilhete de suas poezias é como a colmêa por onde adejam, entre inviziveis e silenciozas, as abelhas...

Só uma alma consabedora da sua, só uma compleição enamorada das coizas fugazes e efemerias, podera cultivar essa arte delicada que é como o eco com que as decadencias das epocas se despedem do mundo.

Quem, dos nosos poetas podia ser o seu interprete senão o doce e delicado Dirceu?

N'aquella pequenina ode que acabamos de analizar achariamos prova sobeja.

Gonzaga, mais do que a traduziu, assimilou-a e d'ella fez uma nova criação, na lira XII do seu primeiro livro. Vejamos em cotejo e confronto, os dois tão parecidos poetas.

Em Gonzaga, a parafrase toma outro e diverso rumo.

Em Anacreonte, o *Amor* é acolhido em noite chuvoza; e retemperado no lar do estrangeiro contra este ensaia o arco e despede uma seta.

Em *Dirceu* a fabula complica-se com outros incidentes. O poeta encontra *Amor* descuidado,

sem as setas na *impia mão* e logo o acomete.
dezarma-o e trava-lhe do leve corpo :

Morre, tirano!
Morre, inimigo!

Subjugado e vencido varado com as suas próprias armas (1), o *Amor*, desfalece e morre.

Intervem *Marília* que chora a morte da divindade :

Chega-se a elle
Compadecida...

E ao seu calor e carinho o pequenino *monstro*, como diz o poeta :

Ressussitou.

É o mesmo cenario de Anacreonte em que um monologo se biparte agora em um dialogo. Acresce uma personajem que é Marília. O poeta arrepende-se de quanto havia feito contra o filho de Venus e conclue tristemente :

Que louca idea
Foi a que tive!
Em quanto vive
Marília bela,
Não morre Amor.

Cá e lá o triumpho do Amor é eterno. Quando se medita a lira do nosso grande poeta, bem se

(1) Esta cena foi toda imitada por Malhão que sem duvida seguiu a Gonzaga, substituindo *Dirceu* por *Marcia* — na *Vida e Feitos*, 230.

vê que a idea essencial da composição é a fabula anacreontica do *Amor molhado* e desfalecido que volta á vida, trazendo com ella outra vez a tortura e o veneno da paixão.

A intervenção de Marilia é o mais interessante elemento accrescido á fabula anacreontica. A meu ver, ainda tem a mesma fonte e foi tirada a outra Ode do poeta grego (n. XL) a do *Amor que colhia rosas* (1) em que Venus intervem ; composição que é evidente imitação do *Kériokleptes* (O ladrão de mel), o mais breve idilio de Teocrito. Esse idilio já havia sido posto em linguagem em varias versões (tomadas a Auzonio?) ; algumas d'ellas figuram nas *Poesias inéditas* de Caminha :

a) De uma abelha na mão Amor mordido....
(Paj. 303.)

b) Ferido de uma abelha Amor fujia.
(Paj. 304.)

c) Lastimado da abelha e com grão pena... (2)
(Paj. 304.)

Outro pormenor, que Dirceu interpolou na lira

(1) Ou o *Amor picado pela abelha* (Castilho — *op. cit.* 103) que é o titulo comum das traduções modernas.

(2) A primeira versão que começa « De uma abelha na mão Amor mordido » dal-a Caminha, como de Teocrito. Segue-se outra versão dada como de Auzonio, o que se pode explicar por engano ou erro do autor ou do copista. Não ha nenhum epigrama ou composição poetica de Auzonio que fosse tomado a aquella ode de Anacreonte ou a de Teocrito. O castigo de Amor constitue um topico do Edilio VI, *Amor cruci affixus* que teve mais tarde feliz parafrase de Modestino : *Forte ja-*

anacreontica, foi a da luta do proprio poeta contra o *Amor* no encontro fatal quando, diz elle,

Topei um dia
Ao Deus vendado...

A aggressão era natural; subito irrompeu-lhe ao maltratado Macias o impeto de vingança que já tomara o Camões em uma das suas redondilhas :

Só porque é rapaz ruim
Dei-lhe um bofete zombando...
(*Redond. Venceu-me Amor.*)

Não diremos mais. A Lira XII é uma parafrase feliz da ode apocrifa, com elementos senão orijinaes ao menos coloridos com a mesma luz lunar e suave da poezia helenica da decadencia. A Anacreõtea greco-romana, Teocrito e talvez outro poeta menor, ali, se fundem no doce estilo que a poezia de Petrarca verteu para sempre nas literaturas peninsulares.

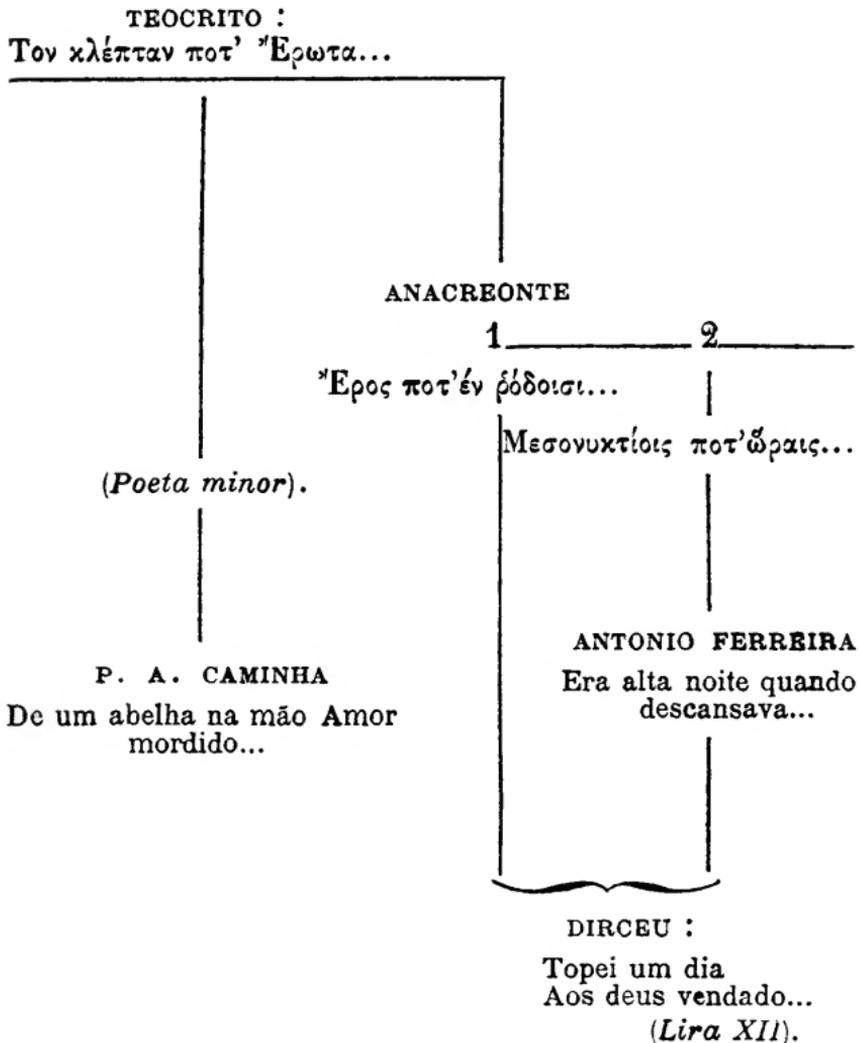
O estudo comparativo descobre facilmente essas afinidades que a preguiçosa ciencia de *mera opinião* pessoal sobre os criticados a toda a hora supõe coiza de nonada. Seja. As literaturas são menos nacionaes do que levianamente se prezumm : tem um fundo comum que é a unidade psicologica da civilização.

cebat Amor... segundo se lê nas edições comentadas de Auzonio.

Houve, pois, erro de copia ou de mera disposição das folhas no manuscrito de Caminha, e onde se lê-do *mesmo*-ha-se de referir a indicação a Teocrito e não a Auzonio.

Não é o mero interesse da pesquisa historica e comparativa o estímulo verdadeiro e substancial da critica. É o proprio interesse humano que dilue as fisionomias diferentes na alma sempre egual da cultura.

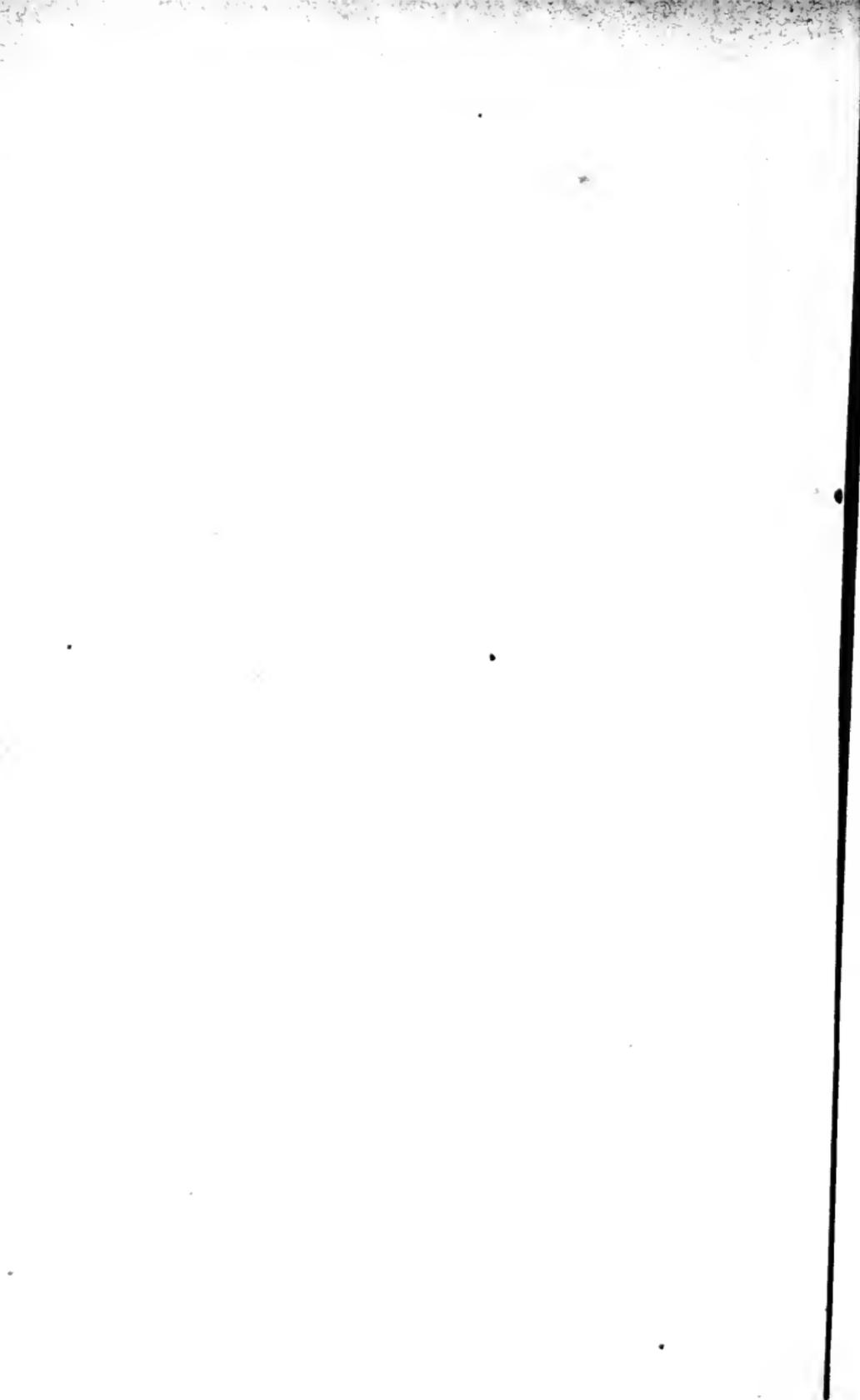
O seguinte quadro genealogico determina em momentos essenciaes a corrente provocada pelo idilio de Teocrito :



O epigrama de Andrade Caminha foi tomado a Teocrito talvez em segunda mão, em parafrase da decadencia ou talvez ainda de Sanazzaro. A lira XII do Dirceu provem da (n. 1) de Anacreonte que é uma imitação feliz da mesma fonte de Teocrito e mais de outra ode (n. 2) do poeta de Teos. Esta ultima teve na lingua portugueza por seu primeiro traductor Antonio Ferreira, não muitos anos depois que a Europa conheceu as *Anacreonticas* vulgarizadas em 1554 por Henrico Stephano.

HISTORIA E ETIMOLOGIA DE TRES VOCABULOS

1. Chesmininés. 2. Chanfana.
3. Trama ou tramo.



I

CHESMININÉS

Com a apparencia de palavra franceza depara-se nos poetas e escritores dos seculos xvii e xviii o raro vocabulo *chemininés* ou *chesmininés* cujo sentido não pude nunca alcançar.

Os documentos que o abonam e que pude achar são os seguintes.

N'um romance da *Fenis* parece indicar alfine-tada ou golpe, navalhada, quando diz o poeta irado contra certo velhaco :

E quando na capitanea
Te colhi em o convéz
Um dia que nessa calva
Te fiz o *ches meninés*...

Fenis renac. — V, 238.

O romance é de Dom Tomaz de Noronha.

Já o sentido parece obscuro em Gregorio de Matos no soneto que principia :

Confessou-se Madama de Jezus
Qual ficou d'ua só *chemininez*

Que indo-se os mezes e chegando o mez
Parira emfim d'um conego Abestruz

(*Manuscrito-6 v.*) (1)

Em F. Elizio parece, indicar coizas de valor de feitiço, ou objetos de toucador ou mimos de preço, brincos, alfinetes ou talvez talismans :

Aqui, alem reluzem perendengues
Diches, anéis. Encerram bocetinhas
Chesmininez d'alto primor...

Filinto (ed. de Lisboa), VI, 32-33.

Não logrei decifrar o enigma, com inteira satisfação.

Temos que entre as vozes do argot peninsular *chisme* é *navaja*, *cuchilo* (tambem p. gen. de *la mujer*, Luis Besses *Dicc. de argot.* s. v.) e parece que no exemplo de Gregorio de Matos o sentido equivoco é de *estocada*, *canivetada*; talvez o sentido de *canivete* cabe ao trecho apontado de Filinto Elizio. (2)

(1) No apografo que tenho os erros são frequentes; o texto diz no primeiro verso *Confesso Soror* que corriji para *confessou-se*; e no segundo *chaminez* por *chesmininéz* segundo supponho. Este exemplo necessita conferido com o texto de outras copias.

(2) Candido de Figueiredo notou apenas, certa applicação popular do vocabulo, pois regista no seu *Dicion.*, como interjectiva : « « *Chesminés* » atinei, dei no vinte, já sei a razão » Infelizmente, não documentou o vocabulo.

Domingos Vieira regista « *chesmininés-t.* familiar; trilha » e nada mais. O mesmo diz Adolfo Coelho.

Chemiminez lembra o francez *chemin*, e tambem uma forma antiga *cemininés* que ocorre no *Lapidario* attribuido a Alfonso o Sabio.

II

A CHANFANA

(*Nos escritores do seculo XVIII*)

Nos poetas e escritores do ultimo quarto do seculo xviii encontramos frequentemente a alusão a uma iguaria ou petisco chamado la *chanfana*.

Era o prato especial de baiuca, caza de pasto, ou coiza que o valha de um famoso Izidro, em Lisboa.

A este famoso hoteleiro *Izidro* referi-me uma vez nas *Frazes feitas* ao tratar do modismo *Me fecit*. Era uma dessas minusculas notabilidades não raras nas grandes capitaes.

Comia-se a *chanfana* no Izidro, que como descreve um poeta do tempo :

D'alto barrete, a laia de turbante,
Os braços nús, a faca na cintura
Co' um pano por timão á dependura
Trabalha o Izidro a turco semelhante (1)

(1) *Poesias joviais e satiricas* de Lobo de Carvalho — na edição de Cadix (lugar suposto) paj. 51, a primeira que se fez sobre os manuscritos do poeta. Ha ainda na mesma coleção outras referencias a este Izidro, paj. 1 e paj. 53, etc.

Não lhe faltava, pois, o físico d'essa reputação plebeia de que gozava. Parece que ali iam todos os peraltas e tafuis do tempo, a julgarmos pelos documentos literarios da epoca.

Convem definir o que era esta

Chanfana santa, assaz famigerada (1)

A acreditar a descrição que da baiuca do Izidro faz o mesmo poeta não era mais nem menos que uma espelunca dessas que no Rio de Janeiro se chamam *freje moscas* ou abreviadamente *frejes* aonde por vezes se acolhiam muitas das elegancias letradas :

... caza terra com dois bancos sujos,
Meza de pinho a quem um dos pés falha,
D'estopa em cima sordida toalha,
E de roda fumando alguns marujos.

... e sobre o fogareiro

Da *chanfana* o banquete costumado.

Parece que o nome de *chanfana* excitou a curiosidade do principe do Brazil Dom Jozé, filho do rei D. Jozé I, o qual perguntou que coiza vinha a ser esta famigerada *chanfana*.

Ao principe responderam em verso quatro poetas Nicolau Tolentino, Pedro Caetano Pinto, Luiz Joaquim da Frota e o obscuro Lobo de Carvalho e talvez outros. Aqui registramos as respostas.

(1) *Ibid.*, 51.

Eil-a, a do Tolentino :

Comprada em ascoroso matadouro
Sanguinoza *fressura* quente e inteira,
E cortada por gorda taberneira,
Cujo cachaço adorna um cordão d'ouro :

Cabeças d'alho, com vinagre e louro,
E alguns carvões que saltam da fogueira,
Fervendo tudo em vasta frijideira
Co' os indijestós figados do touro :

Suavissimo cheiro o qual augura
Grato manjar, mas que por cauza justa
Dá um sabor que nem o demo atura,

Isto é *chanfana* : e sei quanto ella custa;
Deu-me o berço, dar-me-ia a sepultura,
A não valer-me a vossa mão augusta (1)

O poeta Luiz Frota parece que teve presente essa resposta do Tolentino, porque a ella se refere quando a seu turno define a *chanfana* :

Tolentino, Senhor, foi quem traçou
Da *chanfana* o retrato natural,
Bem que sem pimentão, toicinho e sal
Muito mal o guizado temperou :

Lobo apenas o Izidro nos pintou
De turbante adornado e de avental;
Posto que uma imajem tal igual
Da mais fina *chanfana* nos mostrou

(1) Nas varias edições do poeta. Na ed. Torres, 39. Essas lamurias serviam sempre de capa á adulação do poeta. Tolentino foi dos poucos e muito raros que não conheceram a miseria. N'esta como em outras ocaziões, faltava-lhe a sinceridade.

Pinto toma os pinceis da fantazia
E subindo ao sentido figurado
Foi colorir as fezes da ucharia :

Seu quadro é bom : seria consumado
Se a sua tão creança fidalguia
Não tivera no quadro respirado.

Resta-nos a definição de P. Caetano Pinto a que se alude no soneto precedente :

Não é esta, Senhor, a de que fala,
A *chanfana* do figado do touro,
Nem se aduba com alhos nem com louro
Como tal tolentino a quiz pintal-a :

Uma carne que deixam de sangra-la,
Mais ascoroza que a do matadouro,
Com o toicinho que o ranço faz côr de ouro
E pedregozo arroz que o dente estala :

Carneiro resequido e não assado,
Galinha que mais conta que ano e dia,
Com os secos pasteis sem ter picado :

Eis aqui de que fala a fidalguia :
Isto é *chanfana*, insipido bocado
Que forjam os ciclôpes da ucharia.

Não só Izidro vendia a *chanfana*; vendiam-n'a
as moças « enlabuzadas, da Ribeira,

« Sócos nos pés e as pernas sem ter nada »

de par com a canada, o feijão e a isca procurada
pelo apetite de suarentos galegos.

A *chanfana* era um prato tradicional da península e já muito conhecido da turba dos ciganos e das *hampas* espanholas no seu vocabulário jergal. Foi comtudo pelos fins do século XVIII e graças á popularidade do Izidro que tomou a importancia que acabamos de notar.

Recordou-a ainda Filinto Elizio em varios lugares. No Conto do *Esturdio* :

Só lhe falta, Senhor, um pintainho
Que a *chanfana* gramou e o Lava-guélas.
Obras (ed. Lisboa) VIII, 121.

Dobradas, badulaque, sarrabulho, miúdos são ainda expressões de uzo que não mereceram todavia essa alegre glorificação no Parnazo comico (1)

A palavra « *chanfaina* » rejistrada como igual á « *rufianesca* » por Salillas (2) na linguagem dos criminozos ja havia muito tempo era de uzo, como se vê do trecho da *Picara Justina* :

No hay cosa criada sin *chanfaina* de malo y bueno
Paj. 163.

donde se depreende que o sentido primitivo era de *mistura*.

(1) *Badulaque* depara-se no *Hissope* :

... Ali se encontram
Do gordo *badulaque* ex-cozinheiros.
(Ed. Garnier. — paj. 55).

(2) R. Salillas. — *El delincuente español — El Lenguaje* — 281.

Essa consideração leva-nos á verdadeira etimologia da palavra: *chanfaina* deriva de *symphonia* = concerto de vozes, e temos assim hoje tres formas de orijem unica: *sinfonia*, *çanfona* ou *çanfonha*, e *chanfana* ou *chanfaina*, cada uma com o seu sentido especial.

III

TRAMA

Desde o seculo xiv rejistram os documentos literarios da lingua portugueza a existencia dessa terrivel doença a *trama* ou a *trama* da peste, que é indubitavelmente a *peste bubonica* ou *levantina*, como lhe chamaram mais tarde, e que tantas vezes contajiou o ocidente.

A *peste* de Atenas no tempo de Pericles e Hipocrates, lugubrememente descrita por Tucidides, parece que foi antes a variola, que não o mal levantino.

Na idade media e na epoca das cruzadas é que podemos achar a prezença autentica d'esse flajelo na Europa.

Conheceram-n'o cedo os portuguezes, muito antes das navegações e do seu imperio aziatico.

Dizia já um antigo anexim — *Sara a trama e mata a má fama* (1).

(1) No seculo xviii o adajiaro de Roland já consigna outra redação moderna: « *A má chaga sara, a má fama mata* » (paj. 103).

A doença pestilente grassou em outros tempos e foi sempre rememorada pelos escritores antigos. Passou a servir de imprecação, como se depreende de inumeros lugares.

Em Gil Vicente ocorre muitas vezes :

Má trama que lhes naça!
II, 13.

Trama a quem o dezeja,
Nem espera dezejar.
III, 22.

Antes me leve uma *trama*.
III, 46.

Dize, má *trama* te naça,
Que dizes que não te entenda?
III, 96.

Trama te dê na garganta!
III, 125.

Nunca de má *trama* moura.
III, 264.

Peior cem vezes que peste,
Quando era o *trão* e o *tramo*.
III, 370.

Acha-se igualmente nos *Autos* de Antonio Prestes :

Meu Orlando, *minha trama*!
Obras., 445.

Andae, má *trama* vos naça!
Ibid, 488.

Na Comedia *Ulizipo* ainda lemos :

Não somente o farão vir a furo, mas seringal-o-ão

de tantos arrependimentos que sem outro dialter lhe encourarão as entradas desses colericos humores; e, dando á bomba, sairá essa trãma por que tudo o tempo cura.

V, cena VII.

Cada momento sai com uma *trama*.

Ibid., ibidem.

No *Anfitrião* de Camões :

Mã trama venha por ti,
D'umã feiticeira má.

A. I, cena III.

Pouco e pouco, foi rareiando o vocabulo, como o foi talvez a doença.

Pesquizando a origem e a natureza da *trama*, eis o que foi possivel apurar.

Um dos nossos distintos medicos a pedido meu mandou-me a seguinte informação :

Ahi vae o que me parece referir-se a *trama* ; pelos modos, isso era designação para *ulceras malignas*, de causa especifica ou commum.

« Therioma — (therioein, to make wild). — A rare name for malignant ulcer; a tumour.

(The New Sydenhan Society Lexicon of Medicine).

« Theriama se diz chaga terribel, tanto de seu nascimento, como de que venha de outra qualquer causa, e he de côr livida, negra, fedorenta, chea de muito humor mucoso, com febre, inflammação, prurido e dor, da qual as vezes sahe sangue, e vay serpendo e gastando as partes vizinhas; alguns lhe chamam herpes exedense outros lhe chamam carcinomate; e se faz em qualque parte do corpo. »

(Castello Forte contra todas as infirmidados, de João Lopes Corrêa, 1723, I volume, p. 754.)

« De un género de llaga corrosiva, que Cornelio Celso llama therioma.

« Acerca destas llagas corrosivas se considera que ay una especie dellas que Celso, seguindo a los griegos, llama therioma... Dize pues que se haze de suyo, aunque a vez es sobreviene hecha de otro causa. Tiene el color livido o negro; huele muy mal, haze una materia como mocos... « etc.

(Cirugia Universal, por Juan Fragoso, Madrid, 1586, p. 203.)

Esta explicação ainda que contribua com valiozo subsidio não parece indicar a etimolojia imediata e verdadeira. O vocabulo *trama* é o *struma* dos romanos, inchaço, alporcas, boubões, e esse é o sentido no trecho de Gil Vicente :

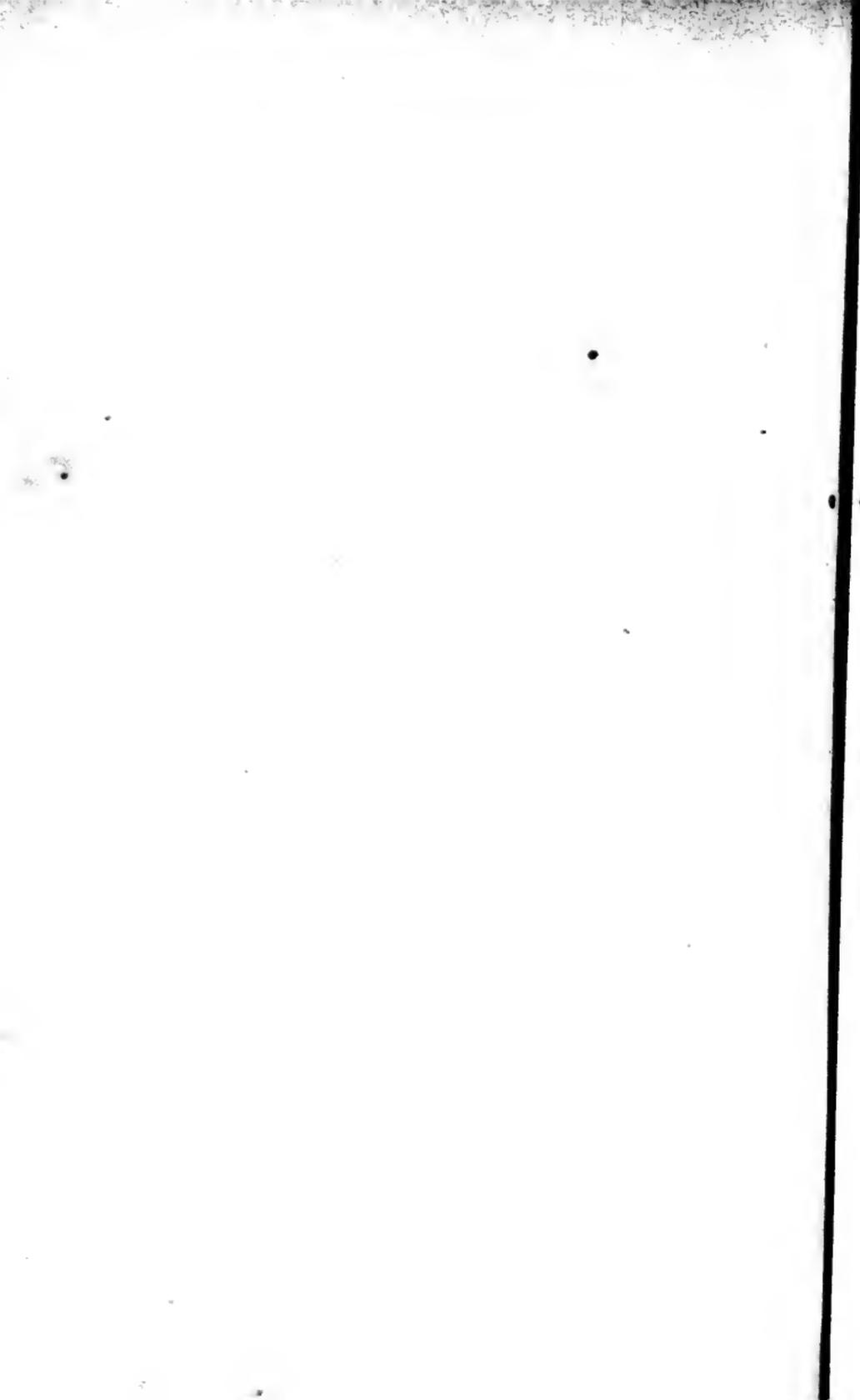
Trama te dê na garganta.

e ainda é a idéa que se depreende do uzo constante da palavra *peste* sempre associada ao vocabulo.

Dizia-se *trama de peste*, boubões (1).

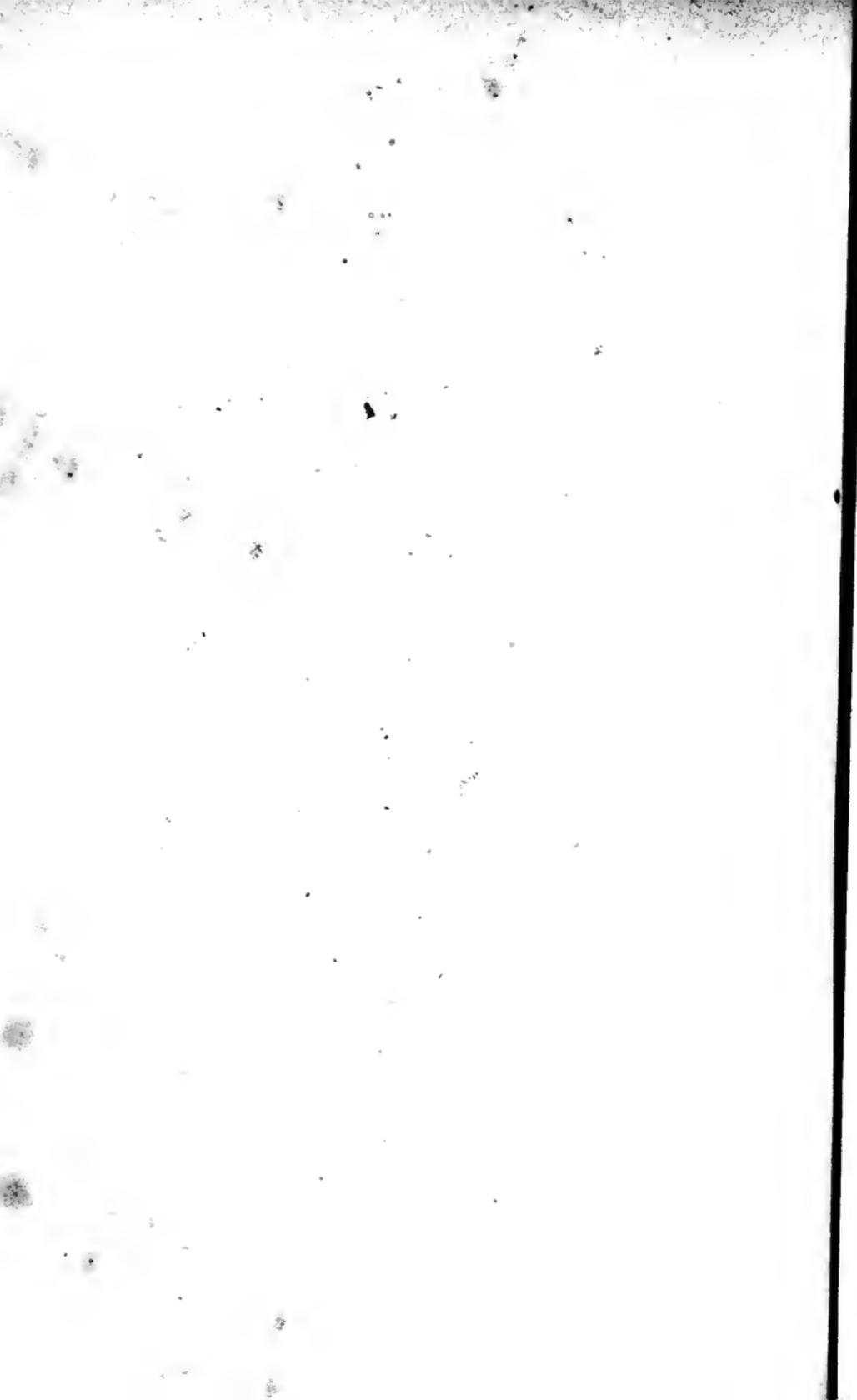
Evidentemente *struma* foi (com a perda do s inicial, como *pasmo* de *spasmus*) corrompido em *truma*, *troma* (*trão*) em um lugar já mencionado Gil Vicente) ou *tramo* e afinal *trama* que se tornou prozodia definitiva.

(1) Já era essa equivalencia de trama e *struma* notada por Bento Pereira na sua Prozodia e Vocabulario, e foi mais tarde aceita como derivação pelo Visconde de Santarem *apud* Cortezão, a propozito da palavra e com o exemplo do *Leal Conselheiro* (paj. 60) : « Poucos dias passavam que me não falassem em pessoas conhecidas que de *trama* adoeciam e morriam. » É um dos exemplos mais antigos (sec. XIV).



SE O CÉO FOSSE PAPEL...

Uma formula poetica .



UMA FORMULA POETICA

(*Wenn der Himmel wär Papier*).

Não ha infinita riqueza na imaginação dos povos. As ideas essenciaes são pouco numerozas. Um inventario cuidadoso de todos os contos e novelas redul-os a alguns tipos fundamentais, a mau grado da infinita variedade que se antolha na litteratura. Não menos restritas são as formulas poeticas, os tropos retóricos e as imajens.

Uma d'estas e, das mais interessantes, é a da comparação desde o grande R. Köhler representada pela formula — *Se o céu fosse papel...* — em que todos os poetas e namorados, desde o remoto evo dos velhos poemas orientaes moldam o incomensuravel das lagrimas, do amor e da desdita.

Migrada das velhas fontes aziaticas, atravessou a Europa e transpoz o oceano, até ás plagas do novo mundo, na bagagem dos conquistadores.

Temol-as sob diferentes variantes, como esta :

Se o mar fosse tinteiro
E o céu fosse de papel,
Não chegava p'ra escrever
Como é falsa uma mulher (1).

Nos dialetos peninsulares aparecem os mesmos versos e a mesma formula se repete :

Si la mar fuera de tinta
Y de papel fuera el cielo,
No te pudiera escribir
Lo mucho que yo te quiero.

LAFUENTE, *Canc. pop.*, II, 140.

Seria talvez enfadonho apresentar aqui as multiplicas variantes, paralelas, em todos os cancioneiros europeus. Bastaria indicar as fontes de critica e etnoljia onde foram reunidas e apontadas como formula ainda vivaz na alma coletiva (2). Da litteratura talmudica parece ter corrido para todo occi-

(1) De um fragmento d'esta quadra, tomado ao segundo verso é que se formou a outra comparação — *falso como papel* — na quadrinha popular :

Dizem que a mulher é falsa,
Tão falsa como o papel;
Mas quem vendeu Jesus Christo
Foi homem, não foi mulher.

N'uma e outra ha toantes e não rimas, salvo, com a corruptela popular *muié e papé*, formas dialectaes brazileiras.

(2) Aparece no *Libro de los enganos*, nas *Poesias pop.* de Segarra, nos *Cantos* colhidos por Marin (IV-91) já indicados por J. Bolte — *Zeitschr. f. Volkskunde* — e Theodor Zacharias — namesma publicação (respect. XI-331, e XII-170), com

dente essa formula poetica com quazi a mesma feição metrica dos seus antecedentes, e ainda no seculo xvii° podia notal-a na mesma India oriental Philipp Baldaeus nas suas relações de viagens.

O certo é que tambem a encerra o novo Testamento quando, com aproximada comparação conclue São João a historia de Christo recordando que não podia contar todas as inumeras coizas que Jesus fez e tantas que o mundo não seria cabal para conter os livros que as relatassem (no texto : οὐδὲ αὐτὸν οἶμαι τὸν κόσμον χωρῆσαι τὰ γραφόμενα Βιβλία. — nec ipsum arbitror mundum capere posse eos, qui scribendi sunt, libros.

variantes suissas, ungaras, neogregas e aziaticas. Notamos por mais accessiveis aos nossos leitores este topicos :

VENEZIANO.

L'acqua che gh' è nel mar la fosse inghiostro
La terra fusse carta...

DE VENEZUELA.

Si la mar fuera de tinta
Y las olas de papel,
 Te escribiría una carta
 Para enseñarte querer.

Mais bela e forte embora prolixa é a de Trueba nos *Cuentos campesinos*, 252 :

Si la mar fuera de tinta
Y el cielo fuera papel,
 Y los peces escribanos
 Y escribieran á dos manos,
 No escribieran en cien años
 La maldad de una mujer.

As mais antigas e interessantes versões deparam-se na obra postuma de Köhler — *Kleinere Schriften* (3 vol.).

De formula indiana primitiva é que se desprende a vária prole de outras imagens em que o traço fizionómico essencial é utilizar-se de seres e coizas naturaes em lugar do *Tinteiro* e *papel*, como n'esta quadrinha do *folk-lore* pernambucano e já afastada do tipo normal :

Da boca fazei tinteiro,
Da lingua pena aparada,
Dos dentes letra miúda,
Dos olhos carta fechada...

Folk-lore pern., 616 (1)

ou ainda :

Quando te fores embora
Me escrevas do caminho,
Se não tiveres *papel*
Nas azas de um passarinho.

Ibid., 616.

Em poeta, como Gil Vicente, em que tanto brilha a psicologia popular que é a sua grande fonte de inspiração, podemos sempre rastrear os vestígios da formula tradicional como em a *Nau de Amores* :

La mar será mi pasión
Y las *ondas* mi dolor...

II, 301.

ou no trocadilho do *Amadis* :

Llámome *mar* en *amar*.

II, 267.

(1) D.^r Pereira da Costa. — *Folk-lore pernambucano*, publ. na *Rev. do Inst. Hist.* — LXX, p. II. — p. 1-640.

em que pinta a vastidão do amor e o indefinível e alongado do sentimento. Às vezes é uma idea latente que transparece sob a sugestão das palavras; assim é compreensível no *Auto da Luzitania* que, sob o influxo do verso,

Nessotro no gastes tinta;

logo se depare um complemento de ideas como este que, d'aí se segue :

... se eu fora castiço
Ja hi houvera mais estrellas.

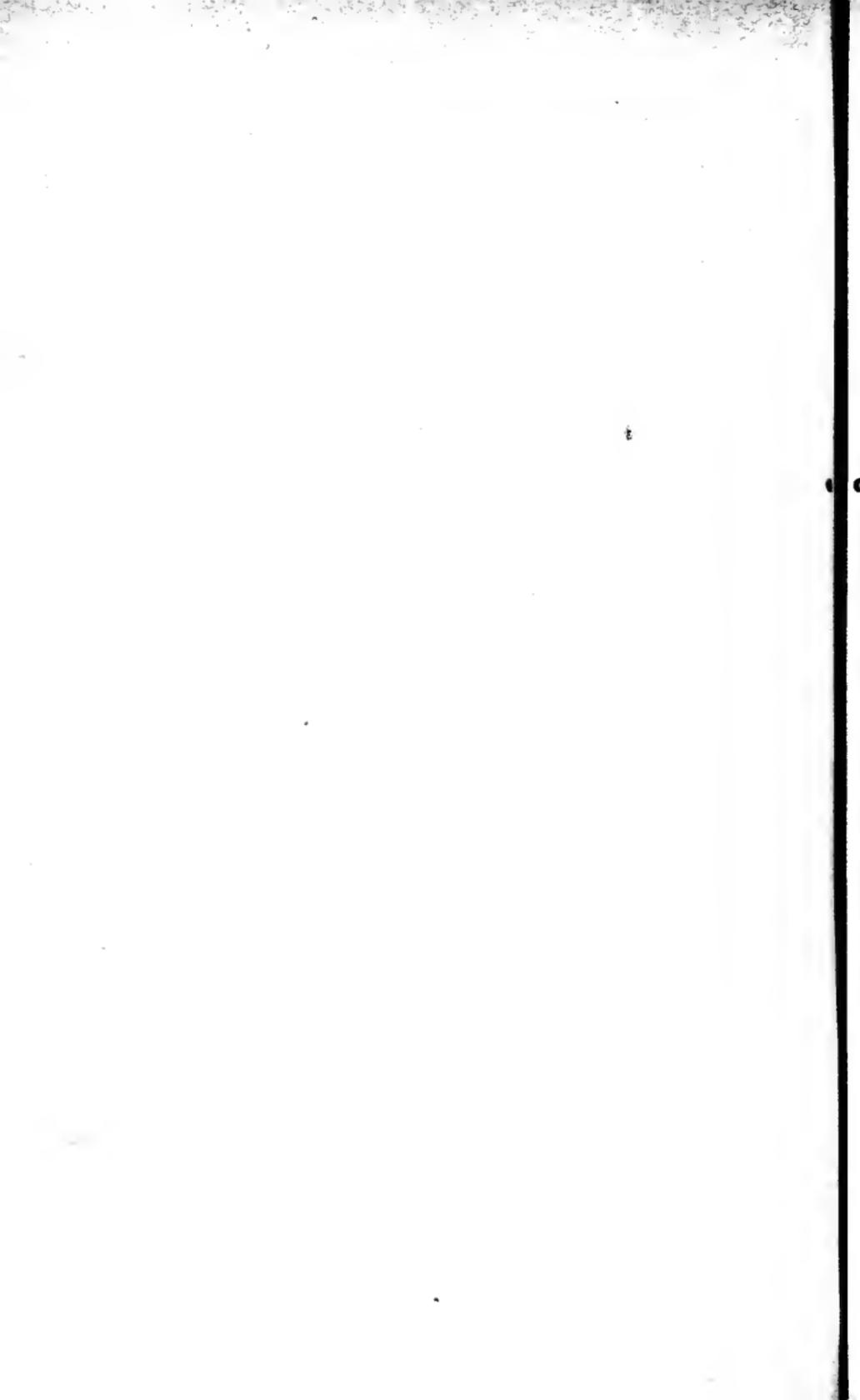
III, 295.

A mesma sugestão foi que inspirou os versos de Castro Alves ao nome de *Dalila* :

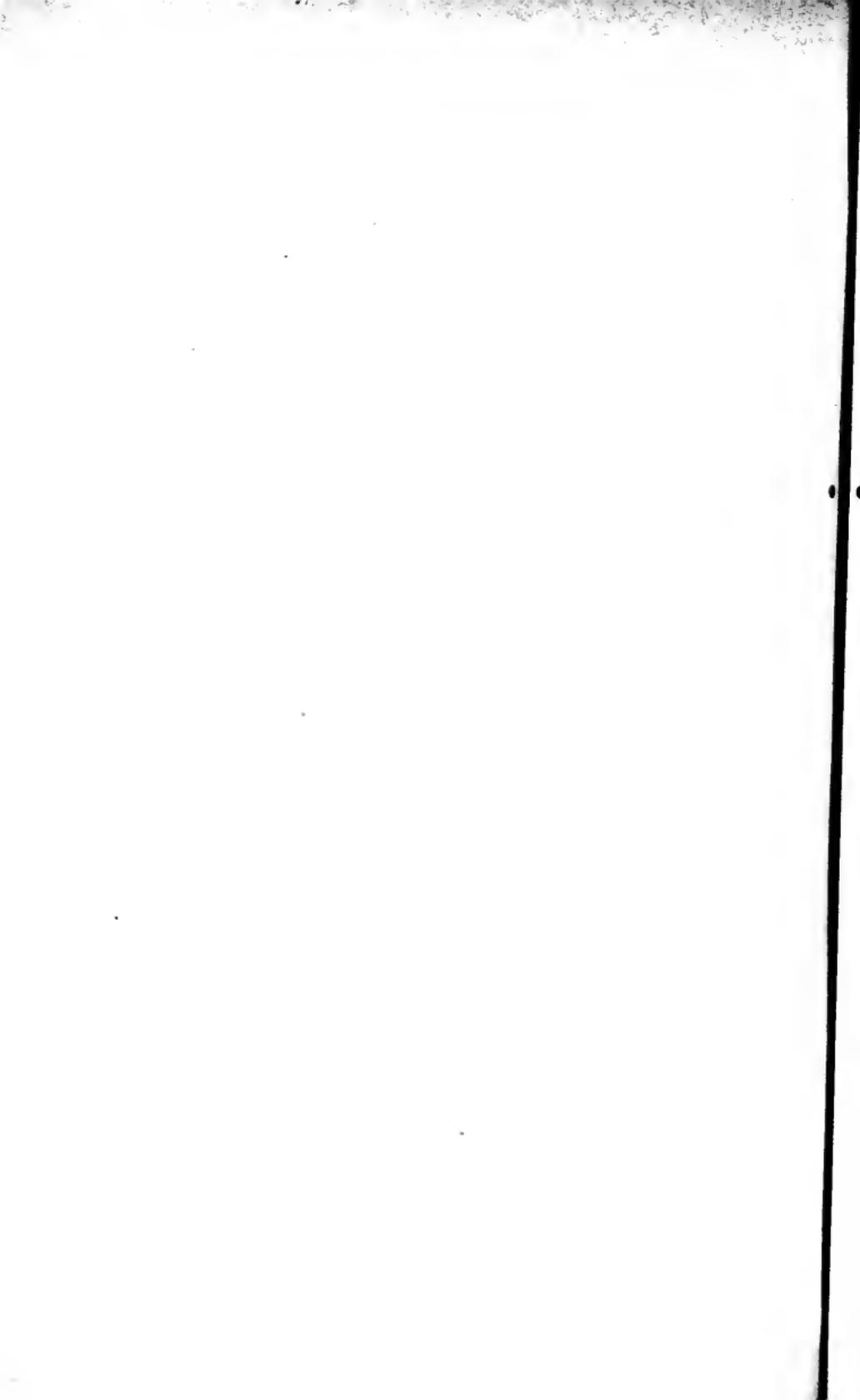
Que com o sol — pena d'oiro — eu escrevia
Nas laminas do céo.

A verdade é que ha uma *alma do povo*, como ha a de uma raça segundo ensinaram Lazarus e Bastian e n'esses fragmentos colhidos em tão diferentes recantos, se espélha integral e limpida a mesma e eterna fizionomia da nossa cultura.

Porque não havia de o céo estrelado ser o confidente dos desditozos? E porque não haviam estes de soletrar os hieroglifos de luz como se foram ideas esparsas na escuridão infinita?



APENDICE



A QUESTAO DA ORTOGRAFIA

(*Voto de Silvio Romero.*)

Reproduzimos em seguida a exposição de Silvio Romero que não foi lida na Academia de Letras por ter já sido aprovado o projeto Medeiros e Albuquerque, com algumas emendas apresentadas.

Outros escritores combateram a reforma; não temos, porém, nenhum tão fundamentalmente bem informado da questão.

O de Silvio Romero saiu na revista didatica, a *Educação Nacional*, (I n. 1. — Julho de 1907); ainda que me não pareçam aceitaveis todos os seus argumentos, escuzado é encarecer o valor do grande adversario e o primor das palavras que traduzem a sua alta cultura.

Eis a sua exposição :

Peço mil perdões á Academia, por só agóra vir dizer algumas palavras em justificação de haver assi-

nado o projeto substitutivo ao do nosso ilustrado confrade Medeiros e Albuquerque.

Motivos de ordem particular privaram-me de cumprir esse grato dever. E ainda maior dóze de perdões tenho obrigação de pedir a esta douta assembléa, por ouzar abrir a boca em assunto no qual a minha incompetencia tem sido proclamada, por terriveis aristarcos, algumas duzias de vezes.

Mas a Academia sabe que isto de *estilo e linguaagem* é como *valentia e honradez*. Sujeitos poltrões, covardes, mofinos, mas espertos, entram tanto a blazonar, a propozito de tudo, de sua corajem, seu ardor para a luta, sua força, suas proezas de valentões, que quazi toda a gente acaba por consideral-os tais.

Individuos sem dignidade, almas gafadas de vicios e incorreções trazem, não raro, a boca cheia de honra, moralidade, nobreza de sentimentos, dignidade... e são quazi sempre, acreditados...

É muitas vezes, o que se dá na rejião das letras, pelo que toca a essas coizas, algum tanto enigmaticas, de *estilo, linguaagem, gramatica...* Escritorezinhos, quazi colejiaes em ciencias e letras, surjem a miudo a atroar os ouvidos burguezes com os majicos palavrões traja-dos de maiusculo : — *Forma, Arte, Estilo, Ritmo, Colorido, Desenho, Harmonia, Melodia do Periodo, da Frase*, que chegam a iludir os incautos de curta vista — nesse lusco-fusco de coizas indefinidas, de noções vagas e sem firmeza.

Na doce iluzão de serem alguns de meus censores, lá de fóra já se vê, pertencentes a esse numero dos *fanfarrões de grande estilo*, é que tenho a ouzadia de apresentar-me neste logar rezervado aos cultores da boa linguaagem.

Tive a desfortuna de não assistir a todos os debates havidos no seio da Academia.

Esta desventura foi, porém, em parte resarcida pelo unico torneio em que estive presente e ouvi a bela

lição de nosso illustre colega — o Sr. João Ribeiro, pro-
 vecto mestre no assunto.

Houve tempo em que não se poderia, com razão,
 avançar uma propozição destas.

O Sr. João Ribeiro..... (1)

O que vou lêr, não é, pois, de fórma alguma, res-
 posta ao que ele disse em materia em que, em relação
 a mim, occupa a pozição de mestre.

Vou dar apenas, no debate, a minha impressão, meu
 modo de sentir e só porque, a convite do nosso pre-
 claro e querido amigo Salvador de Mendonça, assinei
 o substitutivo.

Por uma dessas contradicções, aliáz de pouca monta,
 a que não se furtam ainda os espiritos mais cultos, as
 inteliencias mais seletas, o autor das *Paginas de Este-
 tica* aparece-nos aqui a defender a chamada ortografia
 fonetica...

Não era de esperar, não seria mais lojico vermos um
 tão assiduo e competente cultor dos classicos amparar
 o modo de escrever destes?

Com *unguibus et rostris* quizera notal-o na peleja do
 lado dos conservadores. Estas coizas teem tambem a
 sua dialetica, que é sempre algum tanto chocante pos-
 tergar. Chegemos mais de perto ao assunto.

A primeira notação que me atrevo a fazer é a de ser
 erroneo o titulo, a denominação do partido em que se
 filiam os propugnadores da reforma : dão-se por secta-
 rios da *grafia fonetica* — em lingua portugueza...

E que tal foi ella sempre sinão *fonetica* em portuguez,
 em latim, em grego, em celtico e em todas as linguas
 da chamada familia indo-européa?

Que eu saiba, desde os mais remotos tempos, as
 inguas arianas estiveram no uzo e gozo da escriturá
 fonetica.

(1) Af se depara uma duzia de linhas de S. Romero acerca
 de J. R. de cujo merito tratou com vizivel exajero. Suprimi-
 as.

Que os Chins quebrem lanças por obter 'essa admiravel e facilima escrita, comprehende-se. Que nós, porém, com a pratica duma grafia simplissima, e que todos os dias, sem se sentir, se simplifica mais, venhamos a levantar questões bizantinas em materia alfabetica e tenhamos a injenuidade de transportar para esse dominio a nossa mania de tudo querer regulamentar, e de supôr que estas coizas se decidem a golpes de decretos, é gostar de perder palavras e tempo...

O mal unico que anda a perturbar a ortografia portugueza não é a sua *dificuldade*, a superabundancia de letras inuteis, o excesso de letras com sons diversos, não.

O seu grande defeito é a *anarquia*; é não haver um *canon*, um *paradigma* por assim dizer, por todos os escriptores respeitado.

Embaraço seria este facilmente removivel, si os que fazem livros, revistas, jornais para o publico, os autores, editores, revizores... acordassem em adotar a ortografia, por exemplo, de Alexandre Herculano, nome este que no Brazil dispensa quaesquer elojios.

A escrita do grande mestre, simplificada, nos cazos em que já o não estiver, no sentido do projeto do Sr. Salvador de Mendonça que tive a honra de assinar é mais que apta para contentar os mais radicais inovadores. Qualquer pôde fazer a experiencia : um trecho de nossa lingua, escrito com todos os exageros chamados *etimologicos*, é, por certo, displicente á vista.

Tudo, porém, se reduz a alguns *hh* que parecem parasitarios e já cairam em desuzo, como em : — *hum*, *hé*, *charta*, *character*, *aghora*... e mais uma ou outra letra duplicada dispensavel : *c*, *t*, *m*, *n*... etc.

A impressão hoje não é agradavel; mas está infinitamente lonje de produzir o efeito de desgosto e repulsa cauzado pelo mesmo trecho escrito com as exagerações *soi-disant* foneticas. Chega até a parecer outra lingua...

Houve em Pernambuco, ha bons quarenta anos,

tentativas do genero nos jornais dirigidos por dois agitadores : o tribuno Borges da Fonseca e o irrequieto Padre Falcão. Escreviam para o povo que era o primeiro a refugar a droga. Mais tarde, aqui no Rio de Janeiro, o grave e proecto majistrado Conselheiro Tristão de Araripe e os famosos apóstolos da *Religião da Humanidade*, cheios de inegavel illustração, tentaram, sem vantagem, igual reforma.

E' que só o tempo é o fator maximo nestas coizas ; vai lentamente modificando a *prozodia* da lingua, o *significado* das palavras, a *estrutura* da fraze, o que vale dizer, a *fonetica*, a *semantica*, a *sintaxe* da lingua.

Teremos nós jámais a ouzadia de decretar reformas neste terreno? Não, certo.

Por que se ha de abrir uma exceção para a pobre ortografia? Não será mais sensato deixal-a seguir seu curso pacifico e fazer suas reformas insensiveis?

E, porém, seria uma descortezia, si não tomasse em consideração os argumentos de um sabedor, como é o Sr. João Ribeiro. No que se vai rapidamente seguir, terei o mais das vezes de apelar d'elle para elle mesmo. Tive de relêr pajinas de sua *Gramatica*, de sua *Seleta Classica*, de seus *Autores Contempoaneos* que abonam mais, sem duvida, as ideias por elle agora combatidas do que as por elle advogadas no seu erudito discurso da Academia.

Disse o nosso confrade (1). « O portuguez primitivo foi *sordido*. Não foi uma rezultante do latim correto e urbano, uzado na filosofia ou na eloquencia por Cicero e na poezia por Horacio. Foi a *lingua vulgaris* ou *rustica* trazida á peninsula pelos *ladrões e aventureiros*. Era

(1) Estas citas, fal-as S. Romero de memoria. O meu discurso da Academia não foi publicado e apenas existem rezumos, pouco fieis, da impensa. Faço restrições ao texto ai seguido. (J. R.)

uma lingua *vil*; e as próprias palavras que a compunham revelam seu *baixo nascimento*. E' tão outra esta linguagem, que é impossivel reconhecê-la em escritores latinos, sem exceção dos proprios comicos, que mais se avizinham do falar vulgar.

Apenas em Plauto se pôde vislumbiar. O seu vocabulario é *grosseiro*; apropria nomes de animaes a nomes de molestias, deturpa a significação das palavras, faz, por exemplo, de *rostrum*, bico de ave, *rosto*; porque desconhece as fórmãs puras latinas que deram as concurrentes *face*, *vulto*, etc.

São estas as orijens e não se pôde absolutamente apelar para o seculo aureo, em que aparece o influxo do latim tuliano.

O nosso linguista, que é tambem historiador, exaggerou evidentemente. Não é verdade que a colonização romana da península se tivesse feito com *ladrões* e *aventureiros*.

Para ali, como para todas as outras colonias, tiveram de seguir, é bem provavel, *ladrões* e *aventureiros*; mas não haviam elles de tomar a frente de tudo e constituir a nova provincia á sua imajem e semelhança.

Nas coórtes romanas contavam-se filhos das melhores familias e a complicação da administração publica, desde os fins da Republica e durante todo o Imperio, exijia numerozissimo concurso de empregados saídos das classes mais cultas.

A serem exatas as palavras de João Ribeiro, teriamos de enfrentar um insolúvel problema historico: « *De como de bandos de aventureiros e ladrões da mais baixa estirpe saiu a Espanha Romana, prospera e culta.* » Não deve tambem passar sem reparo a affirmativa de haver sido o latim levado á península *uma lingua vil*, a lingua *rustica* e *vulgaris*, donde saiu mais tarde o primitivo *portuguez sordido*.

Toda a gente conhece a serie enorme de absurdos exhibidos á conta do famoso *latim popular*...

As teorias mais extravagantes apareceram, desde fins do seculo xvii até começos do xix, á conta do enigmático falar.

Houve até quem afirmasse que o latim popular não era outra coiza sinão os *atuaes idiomas novo-latinos*, coevos, desta arte, da lingua dos classicos, nas respectivas provincias do Imperio...

Os *chauvinistas* entraram na liça e um raclamou para o *italiano* a grande gloria, outro para o *provençal*; este para o *portuguez*, aquelle para o *francez*.

Absurdos de linguistas... Como quer que seja, a tal *lingua vulgaris*, nesta hipoteze não devia ser tão desprezível, como se afigura ao nosso consocio.

Entretanto, aceitemos as coizas como ellas se deviam ter passado.

Não resta duvida que o grosso dos colonos Romanos não teria levado á Espanha o latim classico, a lingua de Cicero e Horacio...

E qual foi o povo que já colonizou levando para as conquistas os seus oradores e poetas?

Foi o portuguez de Camões e Souza que passou ao Brazil?

Foi o grego de Tucidides e Platão que passou ás colonias helenicas? Foi o inglez de Milton e Adison que emigrou para os Estados-Unidos?...

Foi, sim, a lingua do povo que passou á peninsula; mas essa lingua não podia ser tão diversa da lingua dos chefes, a ponto de serem entre si antitéticas; não poderia ser a negação da que era falada pelos generaes que dirigiram as coortes, os Scipiões, os Cezares, e tantos outros de igual prestijio e saber. Por outra forma seria impossivel explicar a romanização completa da Iberia sob esse aspeto, vindo ela a encher-se de escolas e a produzir grande numero de escritores dos mais celebrados entre os latinos. Essa questão de lingua *popular*, lingua *vulgar*, lingua *da plebe*, do *vulgo*, ha de ser reduzida ás suas lejitimas proporções.

Acontece com a linguagem o mesmo que se dá com a *ciencia* e com a *lojica*.

A velha metafizica tinha conferido a estas duas creações do espirito uns fóros de coizas raras, quasi sobrenaturais.

A *ciencia* era predicado de privilejiadas intelijencias, a *lojica* um artefato produzido por genios raros...

Tudo isto é hoje sonho e mirajem. A decantada *ciencia* não passa do mesmo conhecimento *vulgar*, um pouco mais metodizado e desenvolvido; a encantada *lojica* não é mais do que a sistematização dos procesos ordinarios, espontaneos do raciocinio. E' o que se dá com a linguagem. A tão gabada lingua dos escritores é a mesma lingua do povo, mais polida apenas.

Nem podia ser por outro modo entre os Romanos.

Pode-se lá compreender que os altos espiritos daquela gente pratica, de tão seguro genio politico, entrassem na extravagancia de falar lingua diversa, radicalmente diverjente da que andava na boca da nação?

Para quem faria Cezar as suas proclamações, si os seus soldados não as entendiam?

Para quem falaria Cicero, si o povo não o comprehendia?

Deixemo-nos de exajeros: dava-se em Roma o que se dá hoje no Brazil e em toda a parte. Tome qualquer a mais extravagante quadra popular; seja, *verbi-gratia*, esta:

« Em cima daquele morro,
 Ai! siá dona,
 Tem um pé de jatobá,
 Ai! siá dona,
 Não ha nada mais pió,
 Ai! siá dona,
 Do que um home se casá... »

Ou esta outra:

« Travessei o Parnaiba
 Embarcado numa barsa;

Os pecados veem da saia,
Mas não pôde vir da carsa. »

Ou ainda :

« Dizem que a muié é farsa.
Tão farsa cumo papé;
Mas quem vendeu Jesus Cristo,
Foi home, não foi muié. »

Eis aí : não ha quem não entenda; é a mesma lingua com pequenas incorreções.

E si os eruditos e elegantes escritores — percebem, ás maravilhas, o falar popular, as chamadas classes plebeias apreciam enormemente os nossos melhores oradores e cantam as modinhas dos nossos mais elegantes poetas.

Deixemo-nos de aristocracias linguisticas...

O grande sabedor que é João Ribeiro bem comprehende que a suposta *sordidez* primitiva da lingua não a privou de produzir a linguagem de um Camões, de um Souza, um Vieira.

E nem se pôde explicar que o grande épico e o não menos insigne Gil Vicente escrevessem autos e comedias para o recreio do povo, e Vieira, no Brazil ou em Portugal, subisse ao pulpito nas aldeias, si não fossem entendidos pelas gentes plebeias.

Os cantos e contos populares no Brazil e em Portugal aí estão para provar o fato. •

O mesmo se dava em Roma.

Existem, felizmente, duas ordens de documentos para demonstração de não ser demaziado extensa a separação entre o latim denominado *classico* e o apelidado *vulgar* : as leis e fragmentos de canções populares, não falando nas inscrições tumulares.

Pelo que tóca ás leis, desde as mais antigas, as das *Doze Taboas*, até ás mais novas, são vazadas em bom

latim, entendido pelo povo, falado por todos os individuos de mediana cultura.

Seria absurdo esperar o contrario duma gente do carater positivo dos Romanos.

Quanto aos cantos populares, referindo-se ao mais antigo deles que nos foi conservado, escreveu Momm-sen :

« O latim deste canto e de fragmentos semelhantes de cantos latinos, que eram considerados pelos proprios filologos do seculo de Augusto como os mais antigos monumentos da lingua nacional, está para o latim das *Doze Taboas* pouco mais ou menos como a linguagem dos *Nibelungen* está para a de Luthero, e podemos, talvez, comparar estas veneraveis litanias, pelo que é concernente á lingua e ao sentido, aos *Vedas* da India ». Claro é, pois, que mesmo nos mais remotos tempos o latim do povo não podia ser essa *lingua vil* de que fala João Ribeiro. Mas, oriunda ou não a lingua portugueza do méro latim vulgar ou modificada mais tarde pelo influxo dos classicos, em ambos os cazos a consequencia a tirar não é a que se antolha mais lojica ao escritor brasileiro.

No primeiro cazo, não vejo motivo para que na escrita não mostre a nossa lingua sua orijem; no segundo, razão de mais para a revelar, ostentando o lustre e apuro que lhe deram, oportunamente, grandes escritores.

O sentido mais fundo da argumentação de João Ribeiro é que a questão das orijens dos vocabulos portuguezes é confuza e quazi insolúvel.

A fonte primitiva latina é obscurissima; os acrescimos posteriores são incalculaveis; a apparencia latina posterior foi apenas um produto artificial dos humanistas.

Eis as suas palavras (1) :

(1) Em nota anterior, já disse que não são textuais (J. R.).

« Si observarmos as palavras da lingua, ellas se nos afiguram, a principio, em suas complicações de acrecimos e partes supervenientes, de uma orijem que muita vez engana...

A apparencia de latim, nas fórmãs portuguezas, foi apenas um produto dos humanistas, que se apegaram á linguaagem ductil e pura do Lacio, porque era a que mais servia ao Renascimento. »

Tudo isto está exajerado, por amor á defeza das novas tendencias ortograficas. Não é, já se viu, contestavel a latinização do falar hespanico durante os seis seculos do dominio romano.

Não se podem negar as feições latinas do portuguez desde o seu aparecimento no seculo XII.

O testemunho do fato tem-o nos *Autores Contemporaneos* de João Ribeiro, no fragmento que ali ocorre traduzido de C. v. Reinhardstoettner.

Eis aqui alguns trechos decizivos: « Aindã mais e com inteira razão della disse Delius (*Romanische Sprachfamilie*, pag. 31) que havia conservado um ar mais antigo no seu todo, mais que o espanhol e já L. Diefenbach (*Ueber die jetzigen romanischen Schriftsprachen*, pag. 39) lhe concedia que é nela maior a copia de vocabulos latinos, e, por ter-se mais cedo que Espanha emancipado do jugo mourisco, poude melhor *guardar a fidelidade á lingua mãi...* »

O portuguez não só conservou melhor do que o espanhol a *coloração latina*, mais ainda foi menos perturbado pela ação de outras linguas que mais largamente exerceram influxo no castelhano e por isso deixaram ali parcos vestijios. »

Téze é esta largamente desenvolvida em todo o correr do escrito do famoso romanista alemão.

Igual demonstração ocorre na *Introdução* posta por João Ribeiro á sua excelente *Gramatica Portugueza*. (Curso superior).

Não faço citações por brevidade; mas quem quizer, pôde verificar.

O novo impulso latinizante que recebeu a lingua na faze do Renascimento já achou o terreno preparado havia seculos.

Não foi uma inovação inesperada nem foi capricho por *separal-a do castelhana*, como ao nosso colega aprouve dizer á Academia. Essa evolução na arte da palavra escrita não foi peculiar a Portugal. Espalhou-se por toda a Europa latina. Foi uma consequencia do renovamento das letras e artes em geral que constituiu a essencia daquele periodo historico. O influxo partiu até da Italia. Datam daí as chamadas *fórmãs diverjentes na linguaem*. A renovação, com ser até certo ponto consideravel, não alterou a estrutura intima da lingua. O Sr. João Ribeiro é o primeiro a reconhecel-o, quando na sua *Seleta Classica* — escreve estas palavras: « Os poetas renovaram com maior amplitude o vocabulario e a syntaxe latina e nisto foram singularmente ajudados pelo exemplo dos mestres italianos, que já então dispunham de uma linguaem polida e mais rica de latinismos, de imitações, e reminiscencias classicas. Si o influxo dos *quinhentistas pouco se exerce na proza*, é razão principal que as obras daquele tempo em regra tinham pequeno e escolhido numero de leitores, corriam manuscritas e muitas (quazi todas) houve que vieram a lume dez, vinte, trinta anos depois de compostas, e não em pequeno numero foram publicações postumas, como as de Ferreira, Sá de Miranda e outros. Esta circumstancia *diminuiu o influxo geral que na linguaem comum deviam exercer os primeiros classicos* e por isso os prozadores até metade de quinhentos *pouco se diferenciam dos que os precederam na era arcaica.* »

Ora, o Renascimento, em rigor, é periodo historico que vai da segunda metade do seculo XV a fins da primeira metade do seculo XVI.

Conceda-se que alcance o final deste ultimo seculo. De então em diante *fôrma-se o espirito genuinamente moderno*, que, aqui e ali sob apparentes fôrmas classicas reaje contra as intuições antigas.

O seculo XVII é, neste sentido, decizivo na historia do espirito humano. Os nomes de Descartes, Leibnitz, Spinosa, Locke, Hobbes, Newton, Milton, Calderon, — são suficientes para proval-o.

O classicismo intrinseco, genuino, real no espirito e nas ideias, no pensamento e na fôrma, recúa desde então.

O proprio estilo toma outra coloração. A literatura franceza do seculo aureo, do tempo de Lafontaine, Racine e Molière, apontada como modelo de classismo, é classica apenas na apparencia. Fundo e fôrma traem o espirito novo. — Por isso, é claro, o Sr. João Ribeiro não esteve livre de injustiça, quando afirmou á Academia que : « No seculo xvii foi que, com o humanismo exagerado, appareceu a ortografia etimolojica. »

Póde ser que alguns caturras em Portugal tenham então assim procedido. Mas a estilistica do tempo em geral, em toda a Europa, comparada á do seculo anterior, constitue um progresso no sentido do *afastamento do latinismo*. — « Foram os Francezes, escreve autor competentissimo, que formaram o estilo moderno da proza; e este é o merito historico de sua literatura. Antes de Descartes, antes de Pascal, os prozadores latinizavam; e porque as linguas romanicas não podiam soster e edificio da antiga periodica, um Cervantes e um Boccaccio, por exemplo, são de uma prolixidade que desagrada e enfastia. » Não houve, pois, esse *humanismo exajorado* no grande seculo de Vieira.

No seu discurso o ilustrado professor teve em mira combater azezamente o chamado sistema etimolojico em a ortografia da lingua e no fogo da refrega desnaturou algum tanto certos fatos.

Na calma, porém, de seus escritos é muito mais

ponderado. Assim, na citada *Seleta Classica*, traz estes dizeres :

« ...Foi o seculo (o xvii) em que chegou á perfeição a polidez da proza e da linguaem portugueza, e sem duvida nelle floresceram os maiores classicos e os mais completos prozadores de todos os tempos da lingua. Frei Luiz de Souza, Antonio Vieira, Manoel Bernardes, F. Manoel de Mello...

« São oradores que persuadem ou maravilham o auditorio, escritores que recontam com graça e louçania as historias do presente ou do outro tempo. Nem antes, nem depois, houve tanta largueza e tanta humanidade na alma e no sentimento dos escritores portuguezes. »

Palavras são estas indicadoras de que a reacção contra a mofineza critica que ouzara durante tanto tempo desconhecer o valor do grande seculo, penetrou tambem na lucida intelligencia do escritor serjipano.

Em todo cazo, afinal, a questão não é de teoria, de doutrina, de ciencia ; é de pratica, de habito, de costume.

Toda a gente sabe o que se pôde dizer pró ou contra o chamado sistema *etimologico*, pró ou contra o denominado *sonico*.

Não estamos mais no tempo de andar a repetir essas velharias. — Proponho a adoção da ortografia de Herculano, acordando-a com a indicação do Sr. Salvador de Mendonça. »

II

CAMONEANA

A cerca da malamanhada interpretação do Sr. Silvio de Almeida que diz ser o *colo de alabastro* (releia-se para melhor compreensão a

estancia do poeta transcrita no texto) o que *sostinha as brancas flores dos seios*, escreveu excellentemente Candido de Figueirêdo em resposta a arguições do inepto exejeta :

Então, em que ficamos? *Branças flores* é complemento de *sostinha* ou de *banhando*?

No primeiro caso, temos o tal *atravancamento* de periodos, condemnado pelo Sr. Sylvio de Almeida, com a aggravante de as *obras* e as *brancas flores* ficarem significando a mesma cousa, isto é, *seios*; e isto para quem, como o Sr. Dr. Sylvio, « não acha crível que Camões representasse aqui por *brancas flores* as mesmas faces, que logo adiante indicou pelas *rosas do rosto* (estancia CXXXIV). »

E, no segundo caso, temos os algozes matando Ignez com os proprios seios della! Realmente, se elles « banharão (embeberam) no collo de Iguez » as *espadas* e as *brancas flores*, que para o Sr. Almeida representam os seios, conclue-se, se ha logica no mundo, que os algozes *embeberam* os *seios* e as *espadas*...

Por qual dos pontos deste inelutavel dilemma optará o douto publicista, elle o sabe.

O que eu sei é que elle escreveu isto :

— « Engana-se Candido de Figueiredo quando attribue a Camões a imagem constante de *flores* para a designação poetica de umas faces mimosas. »

Isso agora mais devagar. Eu não respondo pelo que me attribua a imaginação alheia, por mais rica e respeitavel que ella seja.

A verdade é que eu não disse nem diria aquillo.

O que eu escrevi (*Jornal do Commercio*, de 4 de Agosto), foi isto :

— « Para mim, é fóra de duvida que as *brancas flores* designam as faces da bella Ignez; e este parecer é abonado por varios outros passos dos *Lusiadas*, em que o poeta se serve da mesma expressão para desi-

gnar as faces : Canto III, estancia 134; canto IV, estancia 42; canto IX, estancia 61, etc. »

E, depois disto, declara o Sr. Dr. Sylvio que eu attribuo a Camões a *imagem constante* de *flores* para designar *faces*, quando todos veem que em me referi a *varios passos*.

E é facillimo demonstrar o meu asserto — que o poeta, muitissimas vezes designa por *flores* ou *rosas* as faces da mulher formosa.

« Já no soneto, transcrito no meu artigo anterior, se lê :

« ...em branca neve nascem *rosas*,
Que crespos fios de otro vão cercando. »

« No soneto LXXVI (edição de 1852), tambem se lê :

« Debaixo de oiro e neve, côr de *rosa*. »

« E no soneto LXXXIV :

Ondados fios de otro reluzentes.

.....

Agora sobre as *rosas* esparzidos.

« E no soneto CXXXI :

Pôr na boca os rubis, e na pureza.

Do bello rosto as *rosas*...

« E no soneto CXXXVIII :

Gesto alegre, de *rosas* semeado.

« E na canção VIII :

Os olhos rutilando lume vivo,

As *rosas* entre a neve semeadas ».

ÍNDICE GERAL

| | |
|---|-----|
| I. — A ciencia da literatura..... | 2 |
| II. — Frederico Nietzsche..... | 15 |
| III. — Intervalo de repouzo..... | 28 |
| IV. — Discurso de recepção na Academia Brazileira..... | 37 |
| V. — Bagatelas literarias. O poeta Chiado. Gregorio de Matos a Manoel Bernar- des..... | 51 |
| VI. — Sobre a intelijencia de algumas frases classicas — <i>Não ha mais Flandres</i> — <i>Ram-ram</i> — <i>Victor, amigos</i> | 65 |
| VII. — Gustavo Freytag..... | 89 |
| VIII. — Ortografia da Academia..... | 101 |
| IX. — Tecnologia medica..... | 125 |
| X. — Vida de jornalismo..... | 139 |
| XI. — <i>Folk Lore</i> . 1. Nanita. 2. Contos de aposta..... | 147 |
| XII. — Metros barbaros. Hexametros..... | 171 |
| XIII. — Gramatiquices (<i>Polemica</i>)..... | 185 |
| XIV. — <i>Dialogo das Grandezas</i> | 213 |
| XV. — Carta de Vaz de Caminha..... | 223 |
| XVI. — Camoneana. <i>Mares nunca navegados</i> . Metrica. <i>Amor e amores</i> | 273 |

| | |
|---|-----|
| XVII. — Paralelismos literarios. Bocaje. Castilho. G. de Matos e Gongora. Gonzaga e Anacreonte..... | 297 |
| XVIII. — Historia e etimolojia de tres vocabulos... | 325 |
| XIX. — " Se o céo fosse papel "..... | 339 |
| <i>Apendice</i> | 347 |

